

HANNAH HOWELL

# A Intuitiva

*Ela queria apenas protegê-lo...  
Mas como acreditar naquela mulher  
com um estranho dom?*



luz de  
papel

# *A Intuitiva*



# *A Intuitiva*

HANNAH HOWELL

*Tradução*  
Silvia Rezende



© Hannah Howell/Kensington Books

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa: *Copyright* © 2011, Texto Editores Ltda.

Titulo original: *If he's Wild*

*Diretor editorial:* Pascoal Soto

*Editor:* Pedro Almeida

*Editora assistente:* Gabriela Ghettis

*Revisão:* Leila dos Santos Silvaa

*Diagramação:* S4 Editorial

*Capa:* Osmane Garcia Filho

*Tradução:* Trevililon Images

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP-BRASIL)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil )

---

Howell, Hannah

A Intuitiva / Hannah Howell ; tradução: Sílvia Rezende. – São Paulo :

Lua de Papel, 2011.

Título Original: *If he's Wild*.

ISBN 978-85-63066-

1.Ficção norte-americana. I.Título. II. Série

11-02693

---

INDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1.Ficção : Literatura norte-americana 813

2011

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do grupo Leya]

Av. Angélica, 2163 - Conj. 175/178

01227-200 - Santa Cecília - São Paulo - SP

[www.leya.com](http://www.leya.com)



## *UM BEIJO SELVAGEM*

APESAR DE TER DITO PARA SI MESMO QUE DEVERIA SE AFASTAR, QUE NÃO DEVERIA ceder à crescente atração que sentia por ela, ele estendeu a mão livre e tocou aquele rosto delicado. A pele era macia, quente e dava prazer em tocar... Ele ansiou por acariciá-la ainda mais. O azul dos olhos dela se intensificou, o que mostrava que ela sentia o mesmo desejo ardente. Deixando de lado todas as possíveis conseqüências e ignorando as resoluções tomadas minutos antes, ele abaixou a boca até a dela, pois precisava prová-la mais uma vez.

Ela tinha um sabor doce, quente e sedutor, ele pensou enquanto deslizava o braço ao redor da cintura fina e a puxava para mais perto. Exatamente como temia, ela tinha gosto de quero mais — mais do que beijos e carícias suaves. O modo como ela se encaixou ao seu corpo despertou seus desejos mais selvagens. Ele lutou contra o impulso de deitá-la no tapete. Alethea era viúva, mas seus instintos, afiados pelos anos de jogos de amor, mostravam que ela estava longe de ser uma mulher experiente. O modo como mais uma vez ela pareceu surpresa quando ele invadiu sua boca com a língua só confirmou o palpite. O sabor de inocência atçou ainda mais o desejo que sentia por ela. Ele queria poder mostrar todo o prazer que um homem e uma mulher podiam compartilhar...



## *CAPÍTULO I*

ALETHEA VAUGHN CHANNING ERGUEU OS OLHOS DO LIVRO QUE ESTAVA tentando ler, olhou fixamente para as chamas coloridas que flamejavam dentro da grande lareira e imediatamente ficou tensa. Lá estava o homem outra vez, ganhando forma entre as chamas dançantes e a fumaça que se retorcia. Ela tentou desviar o olhar, ignorá-lo e voltar à atenção para o livro, mas a visão a atraiu, ignorando seus desejos e roubando suas opções.

Era como se ele fizesse parte da família, pois não havia como negar que tinham crescido juntos. Ela tinha começado a ter visões ligeiras dele desde os seus cinco anos de idade. Na época, ele também era um menino. Quinze longos anos espreitando, vez ou outra, cenas da vida dele tinham a transformado de certa forma em dona daquele homem, apesar de não fazer a menor idéia de quem ele era. Ela o vira desde os tempos em que era um jovem alto e desengonçado até se transformar em um homem. Vira-o em seus sonhos, em visões e até sentira a presença dele ao seu lado. Como uma testemunha a contragosto, observou-o sentindo dor, chorando...Tinha sentido sua tristeza, alegria e muito mais. Vira-o até mesmo na noite do seu casamento, o que de certa forma tinha sido um estranho conforto, uma vez que seu falecido marido estava, obviamente, ausente. Ela não gostava de invadir a privacidade dele; mesmo assim, nunca conseguira bani-lo.

Essa era uma visão forte, ela pensou, conforme as imagens foram se tornando cada vez mais nítidas: era como se ele estivesse na mesma sala com ela. Alethea pousou o livro e avançou para se ajoelhar diante do fogo, pois uma pontinha de preocupação cutucava-a por dentro. De repente, ela soube que não se tratava apenas de outra intromissão na vida do homem, mas de um aviso. Talvez, refletiu enquanto se concentrava, por isso tivera todas as outras visões. Ela sabia, sem sombra de dúvida, que o que via neste momento não era o que *estava* acontecendo ou que já *tinha* acontecido, mas o que ainda iria acontecer.

Ele estava parado diante dos degraus da entrada de uma casa muito elegante, ajeitando distraidamente suas roupas. Ela sentiu até mesmo o perfume de rosas e então sorriu envergonhada. O safado obviamente acabava de vir dos braços de alguma mulher. Se estivesse julgando corretamente a fisionomia, ele estampava aquele sorriso malicioso que a criada Kate afirmava que os homens costumam mostrar logo depois de terem satisfeito as necessidades viris. Alethea desconfiava que o homem da sua visão tivesse acabado de satisfazer, e muito, tais necessidades.

Uma enorme carruagem preta encostou no meio-fio. Ela quase enfiou a mão no fogo ao sentir percorrer seu corpo uma súbita necessidade de resgatá-lo quando ele entrou no veículo. Então, abruptamente e sem aviso, a visão se transformou em uma seqüência estonteante de imagens breves e aterrorizantes invadindo sua mente uma após a outra. Ela soltou um grito ao sentir a dor que ele sentia, uma dor constante e horrível. Eles queriam os segredos dele, mas ele não podia contar. Um grito rompeu sua garganta e ela caiu com a mão no pescoço, enquanto uma dor aguda e torturante rasgava de

lado a lado. O seu homem-visão morreu daquela dor. Não fazia diferença se ela não o vira morto de fato, pois agora na lareira só havia chamas e uma fumaça fina novamente.

Ela tinha sentido a dor e o frio dentro do corpo dele enquanto o sangue jorrava do corpo. Por um momento apavorante, ela foi tomada por uma tristeza profunda e absoluta por aquela perda.

O som dos criados entrando correndo na sala quebrou o momento de choque enquanto ela engatinhava em direção à mesa onde guardava seus blocos de rascunho e material de desenho.

— Ajude-me a sentar, Kate — ela pediu à sua jovem e robusta criada.

— Oh, milady, a senhora teve uma visão forte desta vez, como estou imaginando? — Kate indagou enquanto ajudava Alethea a se sentar. — A senhora deveria tomar uma boa xícara de chá adoçado, isso sim, e descansar um pouco também. Alfred, vá buscar um pouco de chá — ela pediu ao alto e muito magro mordomo que nem se dava mais ao trabalho de tentar explicar para Kate a hierarquia da criadagem.

— Ainda não. Preciso colocar tudo isto no papel antes que eu me esqueça.

Alethea ainda estava muito fraca quando finalmente conseguiu terminar de desenhar o que ela tinha visto e escrito tudo o que conseguia se lembrar. Ela tomou um gole do chá que o preocupado Alfred serviu a ela e analisou o que tinha feito. Apesar de temer o que precisava fazer agora, ela sabia que não tinha escolha.

— Partiremos para Londres dentro de três dias — ela anunciou e quase

sorriu diante das fisionomias de espanto nos rostos dos criados.

— Mas por quê? — perguntou Kate.

— Preciso.

— Onde vamos ficar? Seu tio está ocupando a casa da cidade.

— A casa é espaçosa o suficiente para nos acomodar enquanto faço o que a visão está me ordenando.

— E o que a visão está mandando, milady? — perguntou Alfred.

— Impedir um assassinato.

— Você *não pode* se encontrar com Lorde Hartley Greville.

Alethea franziu a testa para o tio que era apenas sete anos mais velho. Após três dias de estrada, ela estava muito cansada para conversar com ele quando chegara a Londres, no dia anterior. Depois de dormir muito, perdeu a hora para tomar o café da manhã com ele. Ela se deu por satisfeita por poderem almoçar juntos e rapidamente aproveitou a oportunidade para contar sobre a visão. Ele ficara intrigado e ansioso por ajudar até ela lhe mostrar o desenho que tinha feito do homem da visão. No mesmo instante, o belo rosto do seu tio se tornou carregado.

— Por que não? — ela perguntou enquanto cortava um pedaço de presunto e levava à boca.

— Ele é um conquistador. Se ele não fosse tão rico, não tivesse um título e viesse de uma família muito tradicional, duvido que seu nome fosse incluído em tantas listas de convidados. Se o homem faz uma marquinha na cabeceira da cama para cada conquista, já deve estar na terceira cabeceira.

— Minha nossa! Ele é casado?

— Ah, não. Mas é considerado um partidão. Com todo aquele dinheiro e sangue azul. E as pretendentes não teriam do que reclamar, pois ele é jovem e muito bonito.

— Então ele não pode ser tão ruim assim, pode? Digo, se as mães o vêem como um possível partido para suas filhas...

IagoVaughn balançou a cabeça, sua vasta cabeleira preta pendeu sobre a testa.

— Mesmo assim ele ainda é um conquistador oportunista. Inflexível, frio, perigoso e sujeito a uma carrada de boatos sombrios. Ele só não cruzou ainda aquela linha tênue que o tornaria completamente inaceitável. — Iago franziu a testa. — Apesar de às vezes eu me perguntar se aquela linha não é um pouco, digamos, flexível no que diz respeito a homens como ele. Se tivesse uma filha, certamente eu hesitaria em empurrá-la para ele. E, certamente, não desejo atrair a atenção dele para você. Apresentar uma bela e jovem viúva para Greville? As pessoas iriam pensar que estou completamente louco.

— Tio, se não me apresentar a ele, então encontrarei alguém que o faça.

— Allie...

— Você acha que ele pode ter feito algo que justifique seu assassinato?

— Desconfio que existam vários maridos que pensem que sim — murmurou Iago ao voltar à atenção à sua refeição, surpreendendo-se por se dar conta de que já tinha terminado de comer.

Alethea sorriu agradecida ao criado que retirou seu prato e colocou várias tigelas com frutas entre ela e Iago. No momento que Iago acenou discretamente para que o criado se retirasse da sala, ela relaxou, repousando os braços sobre a mesa e pegando algumas amoras para colocar no seu pratinho de sobremesa. Enquanto cobria as frutas com chantili, calculou cuidadosamente o que deveria dizer em seguida. Ela precisava fazer o que fosse necessário para impedir que sua visão se tornasse uma profecia de verdade, mas ao mesmo tempo não queria despertar a ira do tio ao fazer o que precisava ser feito.

— Se as esposas estão quebrando seus juramentos de casada, acredito que seja por algo mais do que um rostinho bonito — ela disse. — Um homem não deveria cometer tal delito, mas duvido que ele seja o único culpado pelo pecado. — Ela deu uma olhada de canto de olho para o tio e soltou um sorrisinho. — Pode me dizer, por acaso, que nunca cometeu tal delito?

Iago fez uma careta para ela enquanto empurrava o prato para o lado, apanhava uma maçã e começava cortá-la exatamente ao meio.

— Isso não vem ao caso e você sabe muito bem. O ponto é se vou ou não apresentar minha sobrinha para um famoso sedutor, especialmente sendo ela uma viúva, o que, portanto, é considerado aceitável. Um conquistador como ele seria capaz de mastigá-la e cuspi-la sem que você nem percebesse o que aconteceu. Dizem que ele é capaz de seduzir até uma pedra.

— Isso daria uma união intrigante — ela murmurou e saboreou uma colherada da sobremesa.

— Droga. — Ele deu um leve sorriso e, em seguida, recuperou a

seriedade outra vez.—Você nunca lidou com um homem como aquele.

— Nunca lidei com nenhum outro homem a não ser Edward, e se levarmos em consideração o pouco tempo que ele passou ao meu lado, suponho que ter lidado com meu falecido marido por um ano não conta muito.

— Ah, não mesmo. Pobre alma.

— A minha ou a dele? — Ela sorriu quando o tio riu. — Compreendo as suas preocupações, tio, mas elas não têm importância alguma. Não — ela se apressou em dizer assim que ele iniciou um protesto —, nenhuma delas tem importância. Estamos falando de uma questão de vida ou morte. Como disse, sou uma jovem viúva. Se ele me seduzir, então que seja. Isso é apenas da minha conta e um problema só meu. Depois que tudo for resolvido, poderei retornar para Coulthurst. Na verdade, se o homem tiver mesmo realizado todas as conquistas que dizem, então simplesmente serei mais uma entre tantas e ninguém nem irá notar a minha passagem.

— Por que está insistindo tanto? Você pode ter entendido errado sua visão.

Alethea negou com um aceno de cabeça.

— Não. É difícil descrever, mas *senti* a dor dele, senti a sua luta para não fraquejar e acabar contando o que eles queriam saber. Senti a morte dele. Tem mais uma coisa que você precisa saber. Essa não foi a primeira vez que tive uma visão com esse homem. A primeira aconteceu quando eu tinha apenas cinco anos de idade. Ele tem me visitado há quinze anos.

— Meu Deus. Constantemente?

— Não, mas pelo menos uma vez por ano... Às vezes mais do que isso. São pequenas espiadelas na vida dele, na maioria das vezes são visões rápidas, algumas mais claras que outras. Houve muitas um tanto inquietantes, quando ele estava em perigo, mas neste caso eu via o que ele estava vendo ou algo que já tinha acontecido. Às vezes eram sonhos também. Ou até mesmo, digamos, sensações, como se de repente tivéssemos nos tocado de algum modo.

— Como pode ter certeza de que essa visão não era algo que estava acontecendo ou que já tinha acontecido?

— Pois entre a nauseante avalanche de imagens surgiu a de um jornal com a data daquele dia. E, é claro, o fato de o homem ainda estar vivo. — Alethea pôde perceber pela expressão no rosto do tio que ele iria ajudá-la, mas que gostaria muito de pensar em outra maneira que não fosse ter de apresentá-la ao homem. — Eu o vi até mesmo na minha noite de núpcias — ela acrescentou baixinho.

Iago arregalou os olhos.

— Posso lhe perguntar o que ele estava fazendo?

— Estava olhando fixamente para uma lareira, assim como eu, apesar de ele ter uma bebida na mão. Por uma fração de segundo, senti como se estivéssemos compartilhando um momento de contemplação, de solidão ou desapontamento, até uma tristeza. Não foi uma visão inspiradora, mas, mesmo estranha como foi, de alguma maneira me senti consolada por ela. — Alethea espantou a lembrança. — Realmente acredito que tudo aquilo que aconteceu antes foi para conduzir a este momento.

— Quinze anos de preparação me parece um tanto excessivo — Iago resmungou.

Alethea riu, mas seu momento de humor durou pouco, e ela logo suspirou.

— Foi a única explicação que encontrei para justificar a longa ligação que tenho com esse homem que nunca conheci. Só queria saber por que alguém iria querer prendê-lo e torturá-lo antes de matá-lo... Por que aquelas pessoas querem os segredos dele?

— Bem, correm alguns boatos por aí que ele pode estar trabalhando para o Ministério dos Negócios Interiores, ou para os militares, contra a França.

— Claro! Faz muito mais sentido do que um ato de pura vingança de algum marido traído ou amante ciumento.

— E significa também que muito mais do que a sua virtude pode ser colocada em risco.

— É verdade, mas isso torna ainda mais importante ajudá-lo.

— Droga. Suponho que sim.

— Então, você irá me ajudar? Iago assentiu.

— Você tem noção do quão difícil será explicar as coisas para ele? As pessoas não entendem gente como nós, não acreditam nos nossos dons ou ficam assustadas com eles. Imagine a reação se, da próxima vez que estiver jogando baralho com meus amigos, eu disser para um deles que seu tio, que

morreu há mais de dez anos, está espiando sobre o seu ombro? — Iago sorriu quando Alethea riu.

Apesar de o exemplo ter graça, a realidade dura e fria que ilustrou não era nada engraçada. As pessoas temiam os dons que tantos membros da sua família possuíam. Ela sabia que seus sonhos e visões poderiam levar algumas pessoas a pensarem que ela tinha enlouquecido. Este era um dos motivos pelo qual ela tinha se afastado da sociedade. Às vezes, apenas o toque em alguma coisa podia despertar uma visão. Iago via com toda nitidez todos aqueles que tinham morrido e que ainda não tinham viajado para o destino final. Era comum ele saber dizer quando ou por que uma pessoa tinha morrido simplesmente tocando em algo ou estando no lugar onde ela tinha falecido. A única coisa que ela achava perturbadora sobre o dom de Iago era que, ocasionalmente, ele era capaz de dizer quando alguém estava prestes a morrer. Ela desconfiava que, em muitos sentidos, ele era muito sozinho. Tão solitário quanto ela.

— Isso torna a vida mais difícil — ela murmurou. — Costumo me consolar com a ideia de que poderia ser pior.

— Como?

— Poderíamos ter nascido com o dom do primo Modred. — Ela meneou a cabeça quando Iago franziu a testa. — Ele se transformou em um eremita, tem medo de tocar em qualquer um, até mesmo de se aproximar das pessoas por receio do que possa sentir, ouvir ou ver. Poder ver com tanta clareza dentro da mente e do coração de todos? Acho que isso logo me levaria à loucura.

— Costumo sempre me perguntar se o pobre Modred já não está, ao menos um pouco, louco.

— Você o viu recentemente?

— Cerca de um mês atrás. Ele trocou os criados por outros cuja mente ele não pode ler, com a ajuda da tia Dob. — Iago franziu a testa. — Ele acha que está conseguindo adquirir os escudos protetores que tanto necessita, mas ainda precisa criar coragem para testar. Mas, então, em que aspecto nossa situação é melhor do que a dele? Você se esconde em Coulthurst, e eu me escondo aqui.

— É verdade. — Alethea olhou ao redor da elegante sala de jantar enquanto tomava um gole de vinho. — Ainda estou surpresa que tia Leona tenha deixado este lugar para mim, e não para você. Ela certamente sabia que você se sentiria confortável aqui.

— Ela estava brava por eu não ter me casado com a sobrinha do marido dela.

— Meu Deus!

— Pois é. Acho que ela mudou o testamento quando ainda estava brava comigo e depois morreu antes que tivéssemos tempo de fazer as pazes.

— Você deveria permitir que eu passasse a casa para o seu nome.

— Não. Eu me contento em alugar de você. Estou sempre à procura de outro lugar e, se um dia esse acordo se tornar inconveniente, então podemos discutir a questão. Agora, vamos planejar como podemos nos encontrar com

Lorde Greville e fazê-lo entender o perigo que está correndo sem que nós dois sejamos mandados para o hospício.

Duas noites depois, enquanto ela e Iago adentravam no salão de baile lotado, Alethea ainda necessitava de um bom plano, e seu tio também não tinha nenhum para oferecer. Alethea se agarrou ao braço do tio enquanto eles circulavam pelas laterais do imenso salão. Olhando ao redor para todas as pessoas elegantes, ela se sentiu como se fosse um passarinho preso no centro de um bando de pavões. Havia tantas mulheres bonitas e elegantes que ela se perguntou por que o tio tinha imaginado que ela precisaria se preocupar com a sua virtude. Um famoso conquistador como Lorde Hartley Greville nunca iria considerá-la digna do seu tempo e esforço com tanta abundância à disposição.

— Você está nervosa? — perguntou Iago.

— Apavorada — ela respondeu. — Isso é sempre assim?

— Na maioria das vezes. As festas oferecidas por Lady Barnelby são sempre cheias.

— E você acha que Lorde Greville pode estar no meio desta multidão?

Iago assentiu.

— Ela é prima dele, um dos últimos membros que restou na família. Mas precisamos procurar com atenção. Ele virá, mas não ficará por muito tempo. Tem muitas jovens caçando um marido por aqui.

— Estou surpresa que você tenha se aventurado a se expor a todo esse perigo.

— Ah, mas não passo de um humilde barão. Greville é um marquês.

Alethea balançou a cabeça.

— Você faz isso tudo parecer um simples mercado sórdido.

— De certo modo é. Ah, que bom, estou vendo Aldus e Gifford.

— São seus amigos? — Iago saiu andando, conduzindo-a ao outro extremo do salão, mas ela não conseguia ver os homens de quem ele tinha falado entre a multidão.

— Não, são amigos do marquês. Certamente ele se juntará a eles assim que chegar.

— Os iguais se procuram?

— Mais ou menos isso. Oh, droga.

Antes que Alethea tivesse tempo de perguntar o que tinha deixado seu tio tão tenso, uma ruiva adorável e opulenta surgiu ao lado dele. E, se tinha julgado corretamente a expressão do tio, ele não parecia estar nada satisfeito em ver a mulher, o que aguçou a curiosidade de Alethea. Ao olhar mais de perto a beleza clássica do rosto da dama, Alethea viu algumas linhas de expressão ao redor dos olhos e da boca e desconfiou que ela fosse mais velha do que Iago. A mulher, por sua vez, fitou-a com um olhar severo e avaliador. Um momento depois, algo sobre o comportamento dela indicou a Alethea que ela não tinha sido bem avaliada aos olhos da outra, que ela tinha sido considerada um casinho sem importância.

— Por onde você andou, Iago, querido? — a ruiva perguntou. — Não o vejo há duas semanas.

— Tenho andando ocupado, Margarite — Iago respondeu num tom frio e distante.

— Você trabalha muito, meu querido. E quem é a sua companheirazinha?

— Esta é a minha prima, Lady Alethea Channing — Iago disse com uma clara relutância em fazer as apresentações. — Alethea, está é a senhora Margarite Dellingsforth.

Alethea fez uma discreta reverência. E o cumprimento que a senhorita Dellingsforth lhe deu em resposta foi tão sutil que ela duvidou que a mulher tivesse dobrado os joelhos um pouquinho sequer. Mas, por sorte, seu primo tinha desviado o olhar no momento exato e não viu o insulto à sua parenta. A tensão incitada pelo cada vez mais embaraçoso confronto estava começando a pesar sobre os ânimos já alterados de Alethea. Fosse em qualquer outro momento, ela teria se divertido com as nuances sutis, e nem tão sutis, da conversa entre o tio e a senhora Dellingsforth, mas agora tudo que ela queria era que a mulher de olhar frio fosse embora. Ela se inclinou próxima a Iago e começou abanar o rosto com o leque.

— Tio, estou sentindo muito calor — disse, no que esperava ter sido um tom de voz extremamente enjoado.

— Você gostaria de se sentar, minha querida? — ele perguntou.

— Você não deveria tê-la trazido para cá se ela não está bem — disse a senhora Dellingsforth.

— Oh, não estou passando mal — disse Alethea. — Só estou um pouco sufocada.

— Se nos der licença, Margarite, preciso atender minha sobrinha — disse Iago ao mesmo tempo em que já conduzia Alethea na direção de algumas cadeiras dispostas contra a parede.

— Não foi uma retirada muito sutil, tio — murmurou Alethea, apressando o passo para conseguir acompanhar as passadas longas do tio.

— Não me importo.

— O romance morreu, é isso?

— Completamente, mas ela se recusa a deixá-lo decentemente enterrado.

— Ela é muito bonita. — Alethea se sentou na cadeira e ajeitou a saia.

— Eu sei, foi por isso que me deixei seduzir. — Ele apanhou duas taças de vinho da bandeja de um criado e entregou uma a Alethea. — Foi uma aventura passageira. Para ser curto e grosso, meu desejo foi rapidamente satisfeito e, uma vez saciado, descobri algo quase repulsivo sobre a mulher.

Ao perceber o quanto os pensamentos incômodos tinham escurecido os olhos esverdeados do tio, Alethea fez um leve afago na mão dele.

— Se servir de consolo, eu também me senti desconfortável perto dela. Achei que ela é muito fria.

— Foi exatamente o que senti. — Ele franziu a testa e tomou um gole do vinho. — Tive algumas das sensações que costumo ter quando estou perto de uma pessoa que está prestes a morrer, mas sei que este não é o caso dela.

— Que tipo de sensações?

Ele sorriu.

— É difícil explicar, mas é como se estivessem faltando alguns pedaços, como se tivessem sido deixados para trás ou levados.

— Da alma?

— Um tanto fantástica, mas talvez seja uma explicação tão boa como qualquer outra. Uma vez que meu desejo cego desapareceu, eu não suportava nem tocá-la, pois podia sentir aquele vazio arrepiante. Inventei algumas desculpas patéticas e a abandonei. Ela parece incapaz de acreditar que não quero mais nada com ela. Acho que deve estar acostumada a ser adorada.

— Que bom para ela. — Alethea tomou um gole do vinho enquanto observava à senhora Dellingforth conversar com uma loira. — Quem é aquela que está com ela agora?

— É a irmã dela, madame Claudete des Rouches.

— Elas são francesas?

— Exiladas. O marido de Claudete foi morto por estar do lado errado em mais uma disputa por poder, e Margarite se casou com um inglês pouco tempo depois de terem se mudado.

— Que vergonha, seu safadinho. Uma dama casada? *Tsc, tsc.*

— Uma viúva, sua peste. O marido dela morreu seis meses depois do casamento.

— Que conveniente. Ah, bem, pelo menos Margarite não estava fedendo a rosas. Pois se ela estivesse, acho que eu poderia ser forçada a me encontrar com ela novamente.

Iago coçou a bochecha enquanto franzia a testa, pensando.

— Não, Margarite não usa perfume de rosas. Claudete, sim.

Alethea fitou as duas mulheres e por um momento desejou ter ao menos um pouquinho do dom do seu primo Modred. Se ela conseguisse simplesmente arrancar a verdade das mentes dos inimigos, iria ajudar muito a resolver a confusão em que tinha se metido. Mas ela desconfiava que logo quisesse se ver livre de tal dom. Se ela e Iago já tinham captado sentimentos perturbadores das duas mulheres, ela não queria nem pensar no que o pobre Modred iria sofrer com a sua sensibilidade acurada. Apesar de preferir evitar as duas mulheres, ela sabia que ainda teria de se aproximar da irmã que, em algum momento, tinha concedido determinados favores que uma dama de boa reputação não concederia. Havia uma grande possibilidade de que pudesse chegar a alguma conclusão, talvez até ter uma visão. Uma vez que a vida de um homem estava em jogo, ela não poderia permitir que o medo pelas verdades repulsivas que eventualmente viesse descobrir a detivesse.

— Creio que deveríamos investigá-las um pouco — ela disse.

— Por elas serem francesas e Claudete cheirar a rosas?

— É um motivo tão bom quanto qualquer outro. Assim como pode ser um meio de nos ajudar a resolver o problema sem que tenhamos que nos expor muito.

Iago concordou com um aceno de cabeça.

— É verdade. Uma simples investigação. Até conheço algumas pessoas que podem me ajudar a fazer isso. — Ele arregalou os olhos discretamente. — Se levarmos em conta alguns dos amantes que aquelas mulheres já tiveram é de surpreender que ainda não tenham sido investigadas. Pensando melhor,

elas parecem gostar muito de homens que poderiam saber de coisas úteis ao inimigo.

— E ninguém as vê como uma ameaça porque elas são mulheres bonitas.

— É irritante assumir, mas acho que você pode estar certa. Claro, tudo não passa de mera especulação. Mesmo assim, acho que elas devem ser investigadas e vigiadas simplesmente porque são francesas e conhecem, intimamente, vários homens importantes.

De repente, Alethea ficou tensa, mas, por um momento, não soube ao certo porque ficara tão abrupta e intensamente alerta. Bebendo seu vinho, ela se esforçou para recuperar a calma e se concentrar no que estava sentindo exatamente. Para sua surpresa, percebeu que estava sentindo *ele*. Ele estava irritado, mas ao mesmo tempo havia uma pitada de prazer. Ela desconfiou que aquela pitada de prazer tivesse vindo por ter avistado sua prima.

— Allie!

Ela piscou lentamente, fixando o olhar no tio.

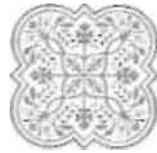
— Desculpe. O que estávamos falando mesmo?

— Eu estava pensando se você teve uma visão — ele respondeu num tom de voz baixo. — Você estava distante.

— Ah, não. Não foi uma visão. Foi só uma sensação.

— Uma sensação?

— Sim. Ele está aqui.



## *CAPÍTULO II*

HARTLEY GREVILLE, O SÉTIMO MARQUÊS DE REDGRAVE, CUMPRIMENTOU SUA prima, uma mulher de formas um tanto arredondadas, Lady Beatrice Bartley, com todo seu charme. Ela era uma mulher de bom coração, embora fosse um pouco tola. Dez anos mais velha do que ele, em vários sentidos, ela era muito mais como uma tia carinhosa e meiga do que uma prima. Quando ele ainda era criança, ela fora, em várias ocasiões, sua única fonte de conforto. Gratidão por aqueles tempos foi o que o trouxe até a festa, o que o fez entrar, quase de bom grado, na balbúrdia de uma festa da alta sociedade. Não fosse pelas eventuais tentativas da prima de tentar arrumar uma esposa para ele, ele lhe era muito grato.

Ele cumprimentou o excessivamente alegre marido da prima, que, por sinal, sabia muito mais sobre a vida secreta de Hartley do que Beatrice. A aparência enganadora de homem interiorano de William escondia uma mente brilhante que selecionava de maneira eficiente homens da inteligência de Hartley para juntar-se ao governo. O sorriso de Hartley alargou discretamente quando William lhe deu uma discreta piscadela. Os dois sabiam que ele não iria conseguir continuar fugindo das mães casamenteiras e de suas filhas assim que o momento de cortejar fosse liberado.

— Oh, Hartley tivemos muitas surpresas agradáveis esta noite — disse Beatrice. — Uma dessas estava perguntando por você.

Apesar de ter ficado um pouco tenso, uma vez que havia várias pessoas que não desejava ver, Hartley perguntou agradavelmente:

— E quem seria essa pessoa, prima?

— Outra que raramente costuma comparecer a festas. Um tanto reclusa, mas toda a família dela é assim. O que é uma pena, pois se trata de um jovem adorável. E ele está acompanhado da sobrinha.

— Ele?

Beatrice assentiu.

— Iago Vaughn, Barão de Uppington. Eu não sabia que você conhecia o homem.

— Na verdade, não o conheço. De passagem, no máximo. Ele disse que estava a minha procura? — Uma vez que William não tinha lhe dado nenhum sinal de alerta, Hartley relaxou um pouco.

— Não, ele só perguntou se você viria. Talvez queira apresentá-lo à sobrinha. Ela é uma jovem encantadora. É viúva, judiação. Como não deve ter mais do que vinte anos, a pobre provavelmente perdeu o marido pouco depois de terem se casado. Tão triste.

Hartley concordou com um aceno de cabeça, pensando que Bea talvez fosse a única pessoa em toda a Inglaterra capaz de considerar aceitável que alguém o apresentasse a uma jovem viúva. Ele só conhecia o Barão Uppington de vista e de ouvir falar, mas não podia acreditar que o homem estivesse

disposto a colocar diante dele a sobrinha. Eram poucos os que sabiam que sua fama de conquistador era mais boato do que fato, e se fossem descontadas às vezes em que a sedução tinha sido usada mais como uma ferramenta para conseguir informações para o rei e o país, isso era ainda mais verdadeiro. Mas o Barão Uppington não era um desses poucos privilegiados.

Ele também não acreditava que o plano do barão fosse arrumar um marido para a sobrinha. A curiosidade o aticou, e ele não pôde resistir, apesar de saber muito bem quais os perigos acarretados. Então, mais uma vez, ele refletiu enquanto pedia licença aos primos e seguia na direção dos seus amigos Aldus e Gifford, pois Hartley conhecia muito bem todas as armadilhas que as casamenteiras podiam armar para um homem solteiro. Vinha escapando delas há anos. Poderia escapar facilmente mais uma vez.

Quando estava a apenas um passo dos amigos, Hartley captou pelo canto dos olhos uma rápida movimentação e viu o Barão Uppington se levantar da cadeira encostada à parede onde ele estava sentado. Em seguida, Hartley deu uma olhada na companheira do lorde e teve um sobressalto. A brusca tomada de consciência que perpassou todo seu corpo assustou Hartley. A mulher que estava se levantando e olhando para ele tão intensamente não era do tipo que costumava despertar seu interesse.

Bastou uma rápida olhada de especialista para registrar e avaliar todos os atributos da moça. Ela era miúda, delicada e morena. Os fartos cabelos pretos que refletiam um tom azulado sob as luzes das velas estavam presos ao alto num penteado discreto, com apenas alguns cachos pendendo para suavizar o conjunto, um estilo que combinava com o rostinho que tinha o formato parecido com o de coração. As sobrancelhas escuras eram

suavemente arqueadas, e mesmo de longe pôde perceber os cílios compridos. O pescoço era longo, uma garganta alva e macia que implorava por ser acariciada por um homem. Ela empinou o queixo quando percebeu que estava sendo observada, mostrando um toque de força no semblante delicado. Uma pitada de cor iluminou a linha perfeita das maçãs do rosto, e ela abaixou os olhos para o narizinho fino e delicado de um modo que quase fez com que ele deixasse escapar um sorriso. A única coisa que não combinava muito com o rosto meigo e inocente era a boca. Era levemente grande, com lábios fartos que acenavam pecaminosamente.

O corpo era esbelto, até demais, mas a elevação da pele sedutoramente pálida sobre o decote discreto do vestido indicou que ela tinha maciez o suficiente para agradar a qualquer homem. De repente, ele foi tomado pelo desejo de tocar naqueles quadris para verificar se eles eram tão femininos quanto aparentavam, mas tratou de expulsar logo o pensamento da mente. Hartley disse a si mesmo que não precisava verificar se a viuvinha estava usando roupas que escondiam suas formas, mas uma voz, lá no fundo, o chamou de *mentiroso*.

Então seus olhos se encontraram com o olhar fixo e curioso dela, e seus batimentos cardíacos dispararam um pouco. Os olhos da mulher tinham um tamanho que fazia com que parecessem um pouco grandes para o rosto delicado e eram de um tom de azul prateado intrigante. Deu para enxergar perfeitamente a cor, pois ela o encarou com a mesma intensidade com que ele a encarava. A impressão de que já a conhecia de algum lugar, apesar de estar certo de que nunca tinha visto a mulher, deixou-o um pouco desconfortável. Assim como tinha certeza de que nunca tinha visto olhos como aqueles.

Hartley tinha certeza de que iria se lembrar se tivesse visto, mas mesmo assim não foi fácil se livrar da sensação de que já a conhecia.

— Milorde, poderia nos dar um minuto do seu tempo? — Lorde Uppington perguntou.

— Claro — Hartley respondeu, aproximando-se do casal.

— Permita que eu lhe apresente a minha sobrinha, Alethea Channing, Lady de Coulthurst. Alethea, este é Hartley Greville, Marquês de Redgrave.

— Encantado — Hartley murmurou.

Alethea quase sorriu quando ele se inclinou e beijou delicadamente as costas da sua mão. Fugindo às regras da boa educação, para um homem da sua posição, os lábios se demoraram um pouco. Ela pôde sentir o calor da boca sensual através do tecido da luva. Um arrepio subiu-lhe pelo braço, e sua mente sussurrou a palavra *perigo*. Ele despertou algo dentro dela, algo que ela não reconhecia, mas que ficou com vontade de experimentar. Mas não era para isso que ela tinha vindo a Londres.

O marquês possuía o tipo de beleza capaz de levar uma mulher a cometer uma loucura, mas isso não surpreendeu Alethea. Ela já tinha visto passagens suficientes da vida dele ao longo dos anos para desconfiar disso. Ainda bem que estava acostumada com homens altos, pois o elegante Redgrave era uns trinta centímetros mais alto do que ela, ultrapassando em até mesmo o impressionante um metro e oitenta de Iago.

Ela permitiu que seu olhar passeasse pelo homem e ficou encantada com cada traço de perfeição que encontrou. Os cabelos eram de um tom castanho escuro, que sob a luz das velas ganhavam nuances avermelhadas que

lhe conferiam vida. Alethea ficou feliz por ele ser um dos que abandonaram o uso de pó de arroz. Os dedos da sua mão curvaram de vontade de se enterrarem no farto cabelo castanho avermelhado. O rosto era uma obra-prima da natureza, cada traço parecia ter sido talhado pela mão de um hábil escultor. Todas as linhas eram limpas, desde os ossos da face até o queixo anguloso. Até mesmo o nariz era perfeito: atrevido, reto e fino o suficiente para que não parecesse muito grande e saliente. A bela cor dos cabelos combinava com as sobrancelhas, e os cílios eram espessos e longos o bastante para causar inveja às mulheres, mas não tão viçosos a ponto de destoar do rosto aristocrático. A boca seduziu-a de um modo que ela nunca tinha experimentado antes, pois os lábios fartos prometiam uma tepidez suave e pecaminosa.

Ele era, ela concluiu, muito perfeito para que qualquer uma fosse capaz de lidar racionalmente com o conjunto. Apesar do seu dom, ela se orgulhava de ser uma mulher lógica, de ser capaz de olhar sob a superfície encantadora e bela. Mas o que mais a incomodava era que ela sabia, de algum modo, no fundo do coração e da mente, que ela poderia almejar o que havia sob a superfície deste homem.

Percebendo que ele ainda segurava a sua mão, ela gentilmente soltou-a e ficou um tanto irritada quando notou que as luvas caras que ele vestia também eram perfeitas. Dedos longos e elegantes fizeram com que ela imaginasse se ele possuía algum talento artístico. Quando Alethea se deu conta de que estava ponderando quão habilmente aquelas mãos masculina poderiam acariciar a pele de uma mulher, ela tratou de trazer a mente de volta aos problemas que a tinham trazido para Londres.

— Prazer em conhecê-lo, milorde — ela murmurou, espalmando as mãos sobre a saia e rezando para que essa fosse uma pose de serenidade capaz de ocultar o estranho, mas forte desejo de tocá-lo.

— Sua sobrinha? — Hartley perguntou com um tom de surpresa na voz.

— É filha do meu irmão mais velho — explicou Iago, sorrindo em seguida. — Também tenho um sobrinho um ano mais velho que eu. — Subitamente, Iago se virou e olhou feio para Alethea. — Por que você não procurou por Gethin para ajudá-la com este problema?

— Ele não se encontra em Londres — Alethea respondeu.

— Onde ele está?

— Nos Estados Unidos. A última notícia que recebi foi que ele planejava viajar para o sul daquele país, pois tinha ouvido falar que os escravos de lá possuem algumas crenças e práticas interessantes. Estou esperando para saber do que se trata.

— Vocês têm algo que precisavam discutir comigo? — perguntou Hartley, interrompendo o que ele desconfiou que fosse uma conversa que ainda iria render muito. — Tem algum problema que acham que eu possa ajudá-los a resolver?

— Sim e não — respondeu Iago, voltando as atenções para Hartley. — Na verdade, Alethea pode explicar melhor por que procuramos pelo senhor. — Iago cocou o rosto. — Acho que se trata de algo um tanto difícil de explicar.

— Bom, ruim, fácil ou difícil, a pura verdade costuma funcionar.

— Nem sempre — Iago murmurou e logo em seguida deixou escapar um palavrão quando percebeu Claudete se aproximando por trás de Hartley. — Madame — ele disse, movendo-se para se colocar entre ela e Hartley —, por acaso veio me convidar para nossa dança? Que ser desprezível sou por forçá-la a tamanha inconveniência. — Ele continuou falando enquanto a tomava pelo braço e a levava para longe.

Alethea permaneceu parada ao lado de Hartley, observando o tio que rodopiava, cheio de graça e crueldade, na pista de dança com a emburrada Claudete, que ela foi obrigada a admirar.

— Foi uma atitude muito eficaz, não acha? — ela perguntou após alguns momentos tensos de silêncio e então sorriu para Lorde Redgrave quando ele desviou o olhar severo de Iago e Claudete para fitá-la.

— Foi um ato que certamente chamou a atenção de muitos — Hartley disse, ciente dos olhares curiosos lançados em sua direção. Tal tipo de curiosidade não era algo que interessava a um homem da sua posição.

— Ah! E foi uma tremenda gafe social da parte do meu tio dançar com a sua amante, não foi?

Hartley franziu ainda mais a testa num esforço de ocultar a surpresa diante da afirmação direta. Na verdade, várias pessoas desconfiavam que Claudete fosse sua amante, mas ele ainda não tinha dado aquele passo final para oficializar a situação. A dança da sedução entre ele e a loira adorável tinha apenas começado. Ele não era do tipo de homem que fazia as coisas às pressas, pois muita impaciência poderia despertar suspeitas. Mas onde, ele se perguntou, e como esta mulher tinha conseguido tal informação? Ele tinha

certeza de que ela freqüentava as rodas sociais menos ainda que o recluso Iago. E era incomum, até mesmo espantoso, que uma mulher falasse tão abertamente sobre tais assuntos.

— E o que a levou a pensar que Claudete é minha amante? — ele perguntou.

— Ela exala um forte perfume de rosas.

— Bem, isso é verdade. — Hartley estava começando a pensar que a sobrinha de Iago tinha sido afastada do convívio social por não bater muito bem da cabeça.

Alethea sorriu quando percebeu a expressão que Redgrave tentava esconder. Era dolorosamente familiar e indicava que ela sem dúvida estava a um passo de ganhar um lugarzinho no hospício. O que antes parecera tão simples — vir para Londres e alertar o homem — agora já não parecia mais tão simples assim. Ela deveria ter prestado atenção às palavras de Iago. Como dizer para um homem que ele deve evitar uma bela mulher que cheira a rosas, porque, na próxima lua cheia, ela poderá enviá-lo para uma morte demorada e dolorida?

— Milorde, estou certa de que já deve ter ouvido uma ou duas histórias sobre a minha família, sobre os Vaughn — ela iniciou.

— Não costumo dar atenção a boatos. — De repente, Hartley percebeu que essa mulher não estava fazendo nenhuma tentativa de flertar com ele e então se perguntou por que isso causou certa irritação. Seu dever no momento era seduzir Claudete, não se interessar por uma viúva interiorana de cabelos negros.

— Muito louvável da sua parte, mas não foi exatamente isso que perguntei, foi? Nós, os Vaughn, e nossos parentes próximos, os Wherlocke, há muito tempo somos considerados incomuns, eu diria. Incomuns de um modo que custou a vida de muito de nossos ancestrais, pois eles foram julgados, condenados e executados por prática de bruxaria.

— Ah, é claro. — Hartley relaxou. Agora ele sabia com o que estava lidando. A sobrinha de Iago era apenas uma jovem que acreditava nos rumores sobre a sua família que provavelmente acreditava possuir algum dom mágico. Tudo bobagem, mas não muito alarmante.

Alethea não gostou nada do pesado ar de superioridade que ouviu por trás daquelas palavras. O tom da voz de Hartley fez com que ela cerrasse os dentes, irritada

— Não tenho nenhum problema em aceitar a descrença dos outros, milorde, mas ar de superioridade costuma me irritar.

— Peço desculpas, milady.

— Ótimo. Desculpas aceitas apesar de não haver nenhum pingão de sinceridade nelas. — Ela ignorou o discreto arquear de sobrancelha que ele deu em resposta. — Se sincero, milorde, o senhor não questionaria a intuição de um homem sobre algo, não é? Se aquele soldado que estava ao seu lado no campo de batalha subitamente lhe dissesse que estava com uma *sensação* de que havia uma armadilha adiante, o senhor teria lhe dado ouvidos, não teria?

— Pode ser — ele murmurou.

— Obrigada.

— Então, a senhora teve uma intuição que diz respeito à minha pessoa? Como isto pode ser possível? Nunca nos conhecemos.

— É verdade que o *senhor* nunca *me* conheceu. — Ela quase riu da fisionomia confusa que surgiu no belo rosto, mas sua atenção foi roubada pelo tio. — Oh, não. Droga, droga.

Iago não parecia nada bem quando passou por eles. Ela foi atrás, mas ele apenas murmurou algo sobre os jardins e continuou se movendo. Havia um brilho em seus olhos que lhe causou arrepio, fez com que ela temesse pela sanidade do tio. Algo muito pior do que a visita de algum fantasma tinha colocado aquele olhar ali. Alethea amaldiçoou: eles não estavam precisando de mais confusão.

— Preciso ver o meu tio, milorde — Alethea disse.

— Ele não parecia estar muito bem — Hartley concordou.

— Não mesmo. Ele não estava passando bem. Por favor, milorde, ouvi dizer que o senhor não costuma ficar muito tempo neste tipo de evento social, mas eu lhe peço que espere por mim. Eu realmente *preciso* falar com o senhor.

Antes que Hartley tivesse tempo de prometer qualquer coisa, Lady Alethea o deixou. Ela parou na perseguição ao tio apenas uma vez, para alívio de um garçom com olhos arregalados, que carregava uma bandeja cheia de taças. Alethea rezou para que Lorde Redgrave esperasse pelo seu retorno, que a curiosidade o segurasse no baile, ao menos para descobrir que coisas estranhas ela tinha para lhe dizer. Se ele se fosse, entretanto, ela iria atrás

dele outra vez, prometeu a si mesma. Mas agora seu interesse estava voltado somente para o seu tio.

Hartley franziu a testa às costas da senhora Vaughn, dividido entre ficar e descobrir o que estava acontecendo ou fugir da mulher esquisita antes que caísse em uma armadilha que ele não fazia idéia do que pudesse ser. Mas então ele avistou Claudete, cortando caminho entre a multidão e vindo diretamente na sua direção, com um brilho de caçadora nos olhos. A sua breve estada no baile da prima estava começando a se mostrar muito complicada. O fato de Claudete ter tentado se aproximar dele duas vezes nesta noite era um bom sinal, do qual ele deveria tomar proveito o quanto antes. Entretanto, no exato momento, ele estava mais inclinado a ir atrás dos dois Vaughn. Quando se deu conta abruptamente de que não conseguia pensar em Lady Alethea como sendo uma Channing, sua curiosidade aumentou ainda mais. Qualquer um capaz de causar um efeito tão estranho nele definitivamente merecia ser investigado.

O flerte de um jovem rapaz distraiu Claudete do seu objetivo. Hartley amaldiçoou a indecisão e então cedeu ao surpreendentemente forte desejo de ir atrás dos Vaughn. Foi preciso muito esforço para não passar direto pelos seus amigos quando eles acenaram. Ele parou para trocar uma palavrinha com Aldus e Gifford, homens que compreendiam as mentiras e os segredos da sua vida, pois eles também compartilhavam destes.

— Quem era a bela morena que estava com Vaughn? — perguntou Aldus, com um brilho de curiosidade em seus olhos azul-escuros.

— É a sobrinha de Vaughn, Lady Alethea Vaughn-Channing — Hartley

respondeu, rapidamente acrescentado um hífen ao último sobrenome quando se deu conta de que mais uma vez ia ignorar o sobrenome de casada da mulher, mas acabou rindo dos olhares de surpresa e dúvidas que havia nos rostos dos seus amigos. — Ela é filha do irmão mais velho do barão. Ficou viúva há pouco tempo, do infeliz do Edward Channing de Coulthurst. — Por que pronunciar o nome do homem tinha lhe dado um gosto amargo na boca, ele não fazia a menor idéia.

— Droga — murmurou Gifford, fazendo uma careta na direção onde os Vaughn tinham ido. — Aquele era um homem que nunca deveria ter se casado com ninguém, muito menos com uma mulher tão jovem e bela quanto aquela.

— Por que não? — Hartley se lembrava vagamente de algo que deve ter sido despertado quando ele ouviu o nome Channing de Coulthurst, mas a memória ainda lhe escapava.

— O sujeito não era muito chegado a mulheres. Nunca foi. Nem sei se podia ser, apesar de não saber ao certo o por que. Assim como também nunca houve nenhum indício de que ele gostasse de homens ou de qualquer outra coisa.

— Que desperdício.

— Total. A sua presa atual pelo jeito virou a mesa e agora estava à sua caça, meu amigo — sussurrou Aldus enquanto observava Claudete se livrando de um homem para logo em seguida ser parada por outro na sua nova perseguição a Hartley. — Ela está facilitando o seu trabalho.

— Muito suspeito — disse Hartley. — O dever me obriga a ficar e

permitir que ela me seduza, mas meus instintos dizem que devo ir atrás dos Vaughn.

— Então vá. Seus instintos normalmente estão certos. Ouvi dizer que os Vaughn são um tanto estranhos, mas que são honrados e que se pode confiar na palavra deles. Vamos esperar aqui para impedir, se for preciso, que a bela Claudete vá atrás de você.

"Isso é reconfortante", Hartley pensou, enquanto seguia rumo aos jardins. Mas ficou curioso em como Aldus podia saber tantas coisas sobre os reclusos Vaughn. Na verdade, Aldus e Gifford sempre o surpreendiam com o vasto conhecimento que sempre mostravam ter acerca de vários membros da sociedade. Ele não tinha dúvida de que, se eles já não sabiam dos seus segredos, logo iriam acabar escarafunchando-os. Se um dia a dupla resolvesse aderir à prática da chantagem, eles poderiam se tornar homens muito ricos.

Depois de procurar pelos jardins da sua prima durante alguns minutos, Hartley estava começando a temer que os Vaughn já tivessem ido embora. Ele seguiu o barulho da fonte e finalmente avistou o casal. A luz do luar e as tochas que circundavam a área ao redor da fonte iluminavam com clareza a dupla. Lorde Uppington estava sentado sobre um banco de pedra, com os cotovelos apoiados sobre os joelhos e a cabeça apoiada nas mãos. Lady Channing estava ao lado, esfregando delicadamente os ombros do tio. Hartley sentiu os ombros aquecidos só de imaginá-la fazendo o mesmo com ele e rapidamente espantou o ousado pensamento.

Quando Lorde Uppington lentamente se endireitou, Hartley contraiu a testa. O homem parecia muito mal, e Hartley imaginou se Claudete tinha

algo a ver com o estado de Vaughn. Apesar de não conseguir imaginar nada que a mulher pudesse ter dito ou feito em um salão de baile lotado para deixar o homem tão prostrado, Hartley não podia ignorar o fato de que Lorde Uppington estava com a mulher quando sofreu a estranha reviravolta. Escondendo-se na proteção das sombras, Hartley esperava que o casal dissesse algo que pudesse absolvê-lo de dar as costas para o seu dever e se afastar de Claudete, ao menos um pouquinho.

— Tome. Beba — mandou Alethea, estendendo a Iago uma taça de vinho. — Você parece estar à beira da morte.

— Uma descrição apropriada — Iago murmurou e então ingeriu a bebida. — Você não precisava ter trazido tanto vinho. Acho que só esse gole será o suficiente.

— O restante é para mim. Bastou dar uma olhada na sua cara e pensei que eu também ia precisar de um gole.

Alethea ficou satisfeita em vê-lo sorrindo novamente com a brincadeirinha. Ver Iago tão abatido preocupava-a. Ele estava acostumado a ver as sombras e mais ou menos acostumado a ver coisas que ela desconfia que a fariam desmaiar. Para Iago sair correndo, tão trêmulo e abalado, era porque ele tinha visto algo realmente muito assustador. Ela não estava certa se queria saber o que era, mas então disse a si mesma para não ser tão covarde. Iago precisava de uma companhia calma e segura e de um ouvido disposto a escutar. Ele precisava de alguém com quem pudesse falar abertamente, honestamente, sem temer que o ouvinte saísse correndo e gritando noite afora. A necessidade de alguém que pudesse entender, que

fosse capaz de aceitar tais dons sem zombar deles ou temê-los, era uma das coisas que mantinham os Vaughn e os Wherlocke tão unidos como um clã. Às vezes, um ao outro era tudo que eles tinham.

Ela sentiu uma antiga dor circulando-a e sufocando-a. A culpa pela fuga da sua mãe não era sua, ela disse para si mesma pela milionésima vez e se perguntou se um dia iria conseguir superar aquele abandono. Seu pai tentara esconder a herança, e, embora duvidasse do seu sucesso, o resto da família ajudou em obediência. Mas uma criancinha não sabe como esconder tais coisas. A expressão no rosto da sua mãe ao ouvir sobre a morte de um vizinho, uma morte que tinha ocorrido exatamente como, onde e quando Alethea tinha contado a ela, só que dois dias antes, ainda tinha o poder de partir o coração de Alethea quatorze anos depois. A partir daquele dia, sua mãe começou a ter medo da filha, assim como pouco tempo depois veio temer o filho mais velho. Quando o dom de Gethin surgiu, Henrietta Vaughn não esperou para ver se seus outros dois filhos poderiam também tê-los, mas simplesmente confiou o filho mais novo, ainda bebê, aos braços do pai e partiu. Seu pai também nunca conseguiu se recuperar do abandono.

Enquanto compilava as tristes lembranças, Alethea notou que a cor de Iago tinha melhorado um pouco e perguntou:

— A casa de Lady Bartleby não está limpa?

— Oh, não, não como a sua está — respondeu Iago. — Nada perigoso ou apavorante, porém. Já vi outros em tais eventos. Juro, acho que a música e a multidão os atraem.

— Sim... acho que também acabaria me sentindo atraída se estivesse

vagando em algum lugar.

— Ainda vai demorar muitos, muitos anos para o seu dia chegar e você não terá arrependimentos ou negócios inacabados. Você não ficará vagando.

— Aquilo soou como uma ordem, então Alethea assentiu.

— Não foi uma aparição comum que o deixou tão perturbado, foi?

— Não. — Iago encolheu os ombros e bebeu o resto do vinho.

— Se preferir não falar a respeito... — ela iniciou.

— Se fosse possível, eu *preferia* esquecer aquilo tudo. Mas não posso. Acho que está tudo ligado ao motivo que a trouxe para Londres.

— Madame Claudete? A que exala um forte odor de rosas?

— E de morte — sussurrou Iago. Alethea sentiu um calafrio.

— Ela vai morrer em breve? Com certeza não será antes da lua cheia, não é mesmo? Ainda acho que ela está lá quando ele morre.

— Não. Não foi a morte dela que vi, apesar de o dia de pagar pelos seus crimes estar próximo. — Iago balançou a cabeça lentamente. — Acho que acabei de descobrir mais uma faceta do meu dom. Madame arrasta um grande grupo. Um grupo de seres enfurecidos que querem vingança, justiça. Ela parece ignorar completamente a presença deles — ele disse de um modo pensativo.

— Seres cuja morte ela causou, você acha? Iago franziu a testa contemplativo.

— Talvez sim, talvez não. Ela é uma exilada, uma fugitiva da batalha sangrenta em que a Revolução Francesa se transformou. Podem ser almas

tristes de pessoas que morreram quando ela estava próxima. Talvez ela tenha sido apanhada em algum massacre furioso, mas conseguiu sobreviver.

— Se fosse isso, você já teria visto almas tristes como essas antes. Você conhece muitos homens que foram soldados, que estiveram em batalhas. Eles devem ter estado próximos a mortes abruptas e brutais. Mesmo assim você diz que nunca viu nada assim antes.

— Não, não vi, realmente nunca. Com certeza não deste gênero. Não essa massa se contorcendo de fúria e ódio. Uma ou duas almas tristes e confusas, sim. E também eu já sabia quem elas eram, pois tinha ouvido a história de um amigo de infância ou de um companheiro amado que morrera em seus braços. Já vi até um francês, mas ele estava apenas triste e confuso, como tantos outros.

— Porque aquilo era uma guerra, a morte no campo de batalha, soldado contra soldado, não assassinato, engodo ou armadilha. E eles tinham morrido rapidamente, sem nem mesmo saber quem tinha dado o tiro fatal ou enfiado a espada que os derrubou.

— Oh, maldição, você tem razão. Aí reside à causa de toda aquela raiva e ódio, os sussurros exigindo um castigo. Ela teve algum envolvimento com as mortes daquelas pobres almas. Eu não os vi a princípio. Eles apareceram quando estávamos no meio do salão de baile, o que foi assustador, eu diria.

— Eles sentiram que você podia vê-los, compreendê-los talvez. Quem sabe há quanto tempo não esperam por uma oportunidade assim. Isso pode explicar por que a aparição foi tão forte, violenta e perturbadora. Eles estavam desesperados por alguém, qualquer um, que pudesse ouvir suas súplicas e por

isso avançaram para cima de você daquele modo tão opressor.

— Você parece compreender essas coisas melhor do que eu.

— Esse não é o meu dom. Por isso posso sentar e analisar com tanta calma. — Alethea tomou um gole do seu vinho. — E você tem razão. Está tudo ligado ao que eu vi. Ela é uma das pessoas que o ameaça.

— Se o que acabei de ver é a reunião daqueles cujas mortes ela causou, então a mulher é uma vadia perigosa — Iago rompeu — e você não vai mais se aproximar dela.

— Como você foi enfático — ela murmurou. — Mas sinto informar que não vou obedecer nem ouvir.

— Claro que não. — Iago soltou um palavrão e passou os dedos entre os cabelos, desfazendo sua trança apertada. — Se eu tentasse mandá-la de volta para Coulthurst, provavelmente você daria meia-volta e voltaria para cá na primeira oportunidade que tivesse. A pé se fosse preciso.

— Sei ser teimosa.

— Mas por quê? Você não conhece esse homem, nunca tinha se encontrado com Lorde Redgrave antes desta noite. Esse perigo não é seu ou de sua responsabilidade. Você poderia me dizer tudo que necessito para alertar o homem e voltar para casa.

— Tio, já passamos por isso — ela disse carinhosamente. — De um modo um tanto estranho, conheço esse homem desde que eu era criança. Ele está em perigo. No momento em que vi aquilo, tudo se tornou minha responsabilidade. Depois do que você viu, acredito que podemos assumir que

Madame Claudete não é uma exilada honesta, apenas alguém que estava fugindo da sua vida. Lembre-se do que mais concluímos a respeito dela, sobre a sua escolha de amantes, e verá que a nossa responsabilidade se torna ainda maior. Não apenas para com o homem, mas, talvez, para com a Inglaterra também.

— O que diabos vocês dois sabem?!

Alethea olhou para Lorde Redgrave, surpresa com a súbita intromissão no que ela pensava ser uma conversa privada. Ele estava um pouco pálido, e os punhos estavam cerrados nas laterais do corpo. Ele tinha-os seguido, algo que ela não imaginara, e obviamente tinha ouvido ao menos parte da sua conversa com Iago. O olhar desconfiado e irado que ele lançava na direção deles provavelmente era justificável. Quando ela abriu a boca para responder, o som de uma risada alertou-a de que alguém estava se aproximando e que logo haveriam muitos ouvidos por perto para escutarem o que os três pudessem dizer entres eles.

Redgrave olhou na direção do som que se aproximava.

— Mais tarde. Encontrem-me dentro de uma hora na minha casa. — Ele encarou Iago. — Se não estiver lá, pode ter certeza de que sairei à sua procura até encontrá-lo.

— Minha nossa — murmurou Alethea enquanto observava Lorde Redgrave indo embora. — Vamos obedecer?

— Acho que devemos — respondeu Iago. — Afinal, ele não perguntou sobre que diabos estávamos falando ou o que quisemos dizer?

— Ah, não para mim. Ele perguntou o que nós sabíamos. Talvez o perigo do qual preciso alertá-lo não seja uma surpresa para ele. Será só uma questão de fazer com que ele acredite em mim.

— Minha querida sobrinha, se aquele homem escutou toda a nossa conversa, ou estará nos esperando para nos levar direto para um hospício, ou irá ver o que temos para dizer de um modo positivo e razoável.



### *CAPÍTULO III*

— QUERO SABER TUDO QUE VOCÊS SABEM SOBRE OS VAUGHN — HARTLEY pediu a Aldus e Gifford enquanto servia uma dose de conhaque para cada um. — E rápido, pois logo eles estarão aqui.

Hartley sentou-se em uma poltrona luxuosa de frente para os dois amigos. Eles haviam trocado poucas palavras desde que ele os arrastara do baile da sua prima, levara-os para a sua casa e pedira para que se sentassem na sua melhor sala. Não tinham nem comentado ainda sobre o modo quase rude com que ele tinha dispensado Madame Claudete, a mulher que supostamente ele deveria seduzir pelo bem do rei e do país. Ele sabia também que eles continuariam jogando de acordo com as suas regras por mais um tempo, confiando que depois poderia explicar tudo. Hartley só não tinha certeza se poderia explicar, se seus amigos conseguiriam entender se ele tentasse ou mesmo se os Vaughn conseguiriam esclarecer tudo.

Ele tomou um bom gole do conhaque para acalmar os ânimos, mas não obteve muito sucesso. Tudo que tinha escutado no jardim fervilhava dentro da sua mente, apesar das suas tentativas de se esquecer de tudo, menos de uma coisa: eles sabiam sobre Claudete. Ele se considerava um homem que acreditava na lógica e nos fatos, totalmente livre de superstições, mas as coisas que os Vaughn tinham dito despertaram algumas das suas superstições

esquecidas. Pior, ele se dera conta de que estava escutando toda a conversa como se tudo que eles estavam dizendo não passasse de pura bobagem.

— Como eu disse —Aldus iniciou — os Vaughn são conhecidos por serem honrados e por terem palavra. Eles possuem vários títulos, começando pelo patriarca do clã, o Duque de Elderwood. A sede da família fica no Castelo Chantiloup, em Cheshire, mas nenhum coloca os pés para fora do País de Gales. O atual duque é um jovem chamado Modred, se puder acreditar em tal nome. Filhos, primos, sobrinhos e todos os demais acabaram conquistando seus próprios títulos, desde os mais insignificantes aos mais importantes. Alguns foram concedidos pela Coroa por serviços prestados, mas muitos foram conquistados por meio de casamentos, especialmente com mulheres, oriundas de famílias com títulos, que não tinham filhos varões para herdar tudo. Nem todos os títulos foram passados apenas por meio dos filhos, e com um pouco de suborno pode-se obter muitas coisas ou impor muitas mudanças. Eles também têm muito dinheiro, o suficiente para fazer tais mudanças. Se não fossem tão reclusos e famosos por serem estranhos, aquela família provavelmente poderia exercer uma boa dose de poder. Assim como o outro ramo da família, os Wherlocke.

— Mas por que eles são reclusos e considerados estranhos? — interpelou Hartley.

— Bem, dizem que eles podem fazer e ver coisas que nós, reles mortais, não podemos. Tais coisas fizeram com que vários dos ancestrais deles fossem julgados e executados como bruxos. Eles foram perseguidos durante muito tempo. Esse pode ser o motivo para a tendência que eles têm de se esconder do mundo. Os dois lados da família têm histórias tristes de esposas e maridos

que se foram e nunca mais voltaram. A última que fez isso foi Lady Henrietta Vaughn, que era, creio eu, a mãe de Lady Alethea. Ela abandonou o marido e quatro filhos cerca de quatorze ou quinze anos atrás. A mulher se recolheu em uma pequena propriedade em Sussex com uma tia solteirona e se recusa a falar do casamento.

— Vez ou outra ela deixa escapar que achava que o marido era mancomunado com o demônio — completou Gifford. — Eu me lembro de ouvi-la contando para a minha tia que os Vaughn são amaldiçoados, que aquela maldição assinalou seus filhos com a marca do demônio e que por isso ela teve que fugir para salvar a própria alma. Minha tia disse que a mulher era temente a Deus. Minha tia ainda a visita vez ou outra quando ela vai até Sussex para ver o filho que mora lá, mas ela disse que a mulher está piorando a cada ano. Na última primavera, ela falou dos filhos, mas tia Lily disse que foram apenas coisas sem sentido e ela acha que a mulher está perdendo a sanidade.

— Ela disse que coisas foram essas? — perguntou Hartley.

— Um pouco — respondeu Gifford. — Apesar de a tia Lily achar que tudo não passe de ilusões advindas da culpa por ter abandonado os filhos. A mulher contou para a minha tia que a filha era capaz de prever a morte, que com apenas seis anos de idade a menininha tinha descrito em detalhes a morte de um vizinho dois dias antes de acontecer. Tia Lily disse que quase acreditou, mas que então a mulher contou que o filho mais velho era capaz de mover objetos sem erguer um dedo.

— Nada sobre ver fantasmas?

— Não, apesar de ela ter dito algumas coisas sobre o marido e espíritos. Mas eu insisto tudo isso é de acordo com o que tia Lily me contou. — Gifford encolheu os ombros, fitando Hartley com atenção. — E o tipo de coisa que dizem sobre os Vaughn e os Wherlocke. Que eles podem fazer mágica, ler mentes, prever o futuro, falar com os mortos e assim por diante. Sempre achei que é assim que as pessoas justificam a reclusão da família.

— Vocês dois acreditam nessas coisas?

— Não *desacredito*. Mas ao mesmo tempo nunca vi nada que prove ou desminta tais coisas. Olhe para Lorde Iago. Jovem, bonito, com um título, rico e parece ser um bom homem. Por que ele foge da sociedade então? — Gifford perguntou, e Aldus concordou com um aceno de cabeça.

— Para evitar as mães casamenteiras?

— Possivelmente, mas por que ele não vai a nenhum dos lugares freqüentados pelos solteiros? Ele é sócio de todos os clubes, mas raramente é visto em qualquer um deles. Ele tem alguns amigos mais íntimos, isso é verdade, mas é muito recluso, e não consigo ver nenhum motivo para isso. Não é gago, não possui nenhuma deformidade, nenhum segredo maléfico e, não, seu comportamento não é estranho como o do falecido Channing, assim como não possui nenhum traço de timidez extrema, insanidade ou algum medo irracional. Todos os Vaughn, de algum modo, são como Lorde Uppington. E então, você descobriu o segredo sombrio deles? É por isso que estamos esperando aqui para confrontá-los? Por que você subitamente se interessou por eles?

— Eles sabem sobre Claudete.

— Impossível — disse Aldus. — Começamos a suspeitar da mulher há pouco tempo. Como dois reclusos poderiam saber sobre ela?

— Foi exatamente o que pensei — disse Hartley —, mas eles sabem. Supostamente, e se interpretei corretamente o que foi dito, Lady Alethea veio para Londres para me alertar sobre Madame Claudete e a minha vida pode estar em perigo. Eles sabem sobre os amantes dela e estão desconfiados pelos homens que ela escolhe para levar para a cama, que ela não é a exilada inocente e assustada que diz ser e que tem as mãos sujas de sangue.

— Maldição, mas como?

— Aí que está o problema. Pelo que ouvi, tudo o que levamos meses para descobrir veio para eles através das visões dela e dos fantasmas dele. Seja lá o que eu pense ou se acredito em tudo o mais que ouvi naquele jardim, uma coisa é certa,..

— ... Eles sabem muito.

— Exatamente. — Hartley ouviu alguém batendo na porta da frente e ficou tenso. — Mas agora eles poderão explicar tudo. Só espero que não venham com aquela conversa de visitas espirituais.

Alethea abraçava com força seu bloco de desenho enquanto ela e Iago eram conduzidos à elegante sala para encarar Hartley e seus dois amigos. Foram trocados cumprimentos e apresentações, e o tempo todo ela observou os dois amigos de Lorde Redgrave. Aldus Covington era um simples barão, com grandes chances de se tornar um visconde. Era quase da mesma altura de Iago e quase tão magro, mesmo assim ela desconfiou que ele fosse um homem muito forte. Era muito belo também, com olhos azuis, cabelos loiros e um

estilo clássico. Já Gifford Banning era um marquês, da mesma idade e estatura de Lorde Covington, mas tinha os ombros mais largos, era mais musculoso e dono de uma beleza surpreendente, com seus cabelos ruivos e olhos verdes profundos.

Em suma, ela estava no meio de uma variada abundância de beleza masculina, rica e de berço, refletiu sorrindo por dentro ao ocupar o assento que Lorde Redgrave lhe ofereceu. As mães casamenteiras seriam capazes de fazer picadinho dela se descobrissem. Ela ficou um pouco tensa quando Lorde Redgrave ocupou o lugar ao seu lado, deixando para Iago a poltrona ao lado.

— Pelo menos não há homens com correntes, cordas ou coisa do tipo — ela murmurou para Iago enquanto o mordomo e um criado serviam chá, bolos e sucos, que obviamente estavam prontos, só esperando pela chegada deles.

— Eles podem estar à espreita em outra sala — respondeu Iago no mesmo tom.

— Só estamos nós aqui — disse Hartley assim que os criados se retiraram. — Vocês gostariam de algo mais forte do que chá? — Quando Alethea balançou a cabeça, ele olhou para Iago.

— Não, obrigado. Faz pouco tempo que bebi algo no jardim. — Iago assentiu quando Alethea silenciosamente se ofereceu para lhe servir um pouco de chá, e então riu da expressão confusa dos outros três homens. — Se ouviu toda a conversa no jardim, Redgrave, então irá entender por que prefiro evitar a bebida. Não me ajudaria em nada perder a minha, digamos, discrição.

— Por que você pode começar a falar em público sobre os espíritos que diz ver? — Hartley perguntou, amaldiçoando-se intimamente pela pergunta direta, advinda da curiosidade, da dúvida e, pior, da estranha necessidade de ser convencido.

— Milorde, nunca insisti que ninguém acreditasse, somente que me desse o direito de acreditar — respondeu Iago.

Hartley aquiesceu com um aceno de cabeça para a educada colocação, muito parecida com uma que Alethea tinha lhe dado. Isso o levou a desconfiar que eles costumassem fazer muito aquilo.

— Você realmente vê os mortos? — perguntou Aldus, ignorando totalmente o olhar penetrante de Hartley — Pode falar com eles?

— Desde a mais tenra idade — respondeu Iago. — Acho que comecei a vê-los desde o momento em que nasci, mas quem sabe? Eu não estaria confessando tais coisas a menos que meu segredo obviamente já tivesse sido revelado, pelo menos entre os presentes nesta sala.

— Tem algum aqui? Na casa de Redgrave?

— Sim, mas não nesta sala, e nenhum deles é mau.

— Você pode fazer com que eles apareçam ou que mostrem de algum modo que estão aqui? — Não.

— Maldição, Aldus, não os trouxemos aqui para que você peça que façam truques de salão — Hartley rompeu.

— Sempre tive curiosidade sobre tais assuntos — disse Aldus —, apesar de nunca ter visto uma prova.

— Se visse uma prova, logo acabaria se arrependendo da curiosidade — Iago disse num tom de voz sóbrio e sereno e então voltou às atenções para o chá. — Na verdade, nem estaríamos tendo esta discussão se a conversa entre eu e Alethea não tivesse sido ouvida. Eu estava muito transtornado para tomar as precauções de costume. Creio que vocês entendem porque tentamos guardar o máximo segredo possível sobre tais coisas. A história dos nossos ancestrais nos ensinou o valor de um segredo.

Hartley franziu a testa, fitando os Vaughn, e então seus amigos, que não pareciam duvidar tanto quanto ele tinha imaginado. Ele nunca imaginara que dois homens estudados e inteligentes pudessem ter uma veia supersticiosa. Em seguida, repensou seus conceitos e chegou à conclusão de que talvez eles não tivessem tal veia, pois não demonstravam nenhum traço de inquietude, não como ele. Os dois simplesmente pareciam intrigados. Hartley odiou a ideia de que ele pudesse ser o único que tivesse acabado de descobrir que tinha um lado supersticioso. No mesmo instante, sufocou seus anseios e voltou às atenções para os Vaughn.

— Por enquanto, vamos dizer que todos nós aceitamos os seus, digamos, dons como um fato — Hartley disse, irritado pelo brilho de diversão que havia nos olhos dos Vaughn. — Apenas conte como e quando vocês ficaram sabendo tanto sobre Madame Claudete des Rouches.

— Eu devo começar — disse Alethea —, pois fui quem iniciou tudo e arrastei Iago comigo, milorde.

— Só uma sugestão antes de continuarmos. Creio que teremos uma longa conversa, portanto, vamos deixar de lado cerimônias e esqueçamos os títulos?

Estamos em quatro lordes aqui. Acredito que o uso dos nossos nomes de batismo facilitará muito.

— Como desejar — Alethea disse, após um leve menear de cabeça de Iago e dos outros. — Tive uma visão, quatro dias atrás. — Ela notou que Hartley pareceu aborrecido, mas seus amigos simplesmente pareciam curiosos. — E na visão notei o senhor saindo de uma casa elegante. Havia grifos malfeitos na base dos degraus da entrada. Pude sentir o perfume de rosas, e o senhor parecia, bem, satisfeito. — Hartley pareceu ainda mais irritado, mas seus amigos apenas sorriram. — Então o senhor foi abordado e carregado para dentro de uma enorme carruagem preta. O que se seguiu foi um tanto alarmante. Uma avalanche de imagens rápidas e intensas. Havia muita dor. Tortura, eu acho. Cinco homens tentavam fazer com que o senhor contasse a eles seus segredos. Então uma pressa súbita surgiu entre eles, seguida pela sua morte. Cortaram a sua garganta — ela sussurrou e então respirou fundo para se acalmar. — A princípio não consegui entender por que eles o mataram se o senhor ainda não tinha contado o que eles queriam saber, mas agora acredito que a pressa que senti significava que eles estavam com medo de serem descobertos.

— Isso faz sentido — disse Aldus.

— Nada disso faz sentido — crispou Hartley. — Como pôde ter uma visão sobre mim, Alethea? Nunca nos vimos antes desta noite.

— É verdade, mas eu o conheço de um modo peculiar.

— Por que será que isso não me surpreende?

Ela ignorou o comentário e entregou a ele o seu bloco de desenho onde estavam registradas todas as visões que tivera com ele. Havia outros desenhos lá, pois, vez ou outra, ela acabava apanhando o caderno errado enquanto ainda estava presa nas garras da agitação e da confusão, como muitas vezes ficava após uma de suas visões. Esta era, no entanto, a única coisa que ela poderia mostrar para ele na esperança de que aquilo fosse o suficiente para fazer com que ele levasse o seu alerta a sério.

— Venho tendo visões com o senhor há muito tempo, desde os meus cinco anos de idade. — Ela observou os amigos de Hartley aproximando-se para dar uma olhada nos desenhos quando Hartley murmurou um palavrão e ficou pálido. — É por isso que eu lhe entreguei o meu bloco de desenhos. Bem, a maioria são desenhos seus. Algumas vezes apanhei o bloco errado enquanto ainda estava confusa após uma visão. Não o vejo o tempo todo, mas o vi pelo menos uma vez ao ano, ao longo dos últimos quinze anos. Às vezes era uma visão forte ou simplesmente uma espiada. Ocasionalmente foram sonhos. Houve algumas ocasiões em que simplesmente, bem, tive sensações. Não invadi a sua privacidade de propósito, Hartley. Sinceramente, não. Ocorreu-me que, talvez, todas essas visões ligeiras do senhor aconteceram para me conduzir a este alerta em específico. — Ela esperou por uma reação; estava tão tensa que ficou surpresa por não ter ouvido um ou dois ossos estalando sob a pressão.

Hartley fitou os desenhos enquanto folheava o bloco, lendo as anotações que ela tinha feito em cada uma das páginas. Ela tinha um verdadeiro talento: seus desenhos eram claros, precisos e repletos de emoção. Foi fácil perceber como o talento nato foi se aperfeiçoando com o tempo. As

anotações revelavam que ela tinha um raciocínio lógico e preciso. Ele desconfiou que mais tarde fosse capaz de apreciar melhor aquilo, pois, naquele momento, seu sangue corria frio nas veias.

Ele se lembrou com facilidade de cada uma das passagens representadas nos desenhos. Lá estava ele diante do túmulo da sua mãe, do seu pai, do seu irmão, da sua irmã e de seu melhor amigo. Lá estava ele no duelo que tinha enfrentado por aquela mulherzinha infiel, Cynthia. Alethea tinha dado uma espiada nos momentos mais importantes da sua vida, e ele não sabia se sentia invadido ou apavorado. Depois de dar uma olhada em toda a coleção, ele voltou para o desenho que mais tinha chamado atenção em meio ao seu estado de torpor e analisou-o. Quando se deu conta de por que o simples desenho dele olhando para o fogo tinha chamado tanto a sua atenção, ele fechou abruptamente o bloco e olhou para ela.

— Seus olhos — ele sussurrou, sentindo-se tão hesitante que, por uma fração de segundo, ele temeu que fosse desmaiar como se fosse uma donzela.

— Como? — ela perguntou, desejando que ele não aparentasse estar tão mal. Não era um bom agouro e indicou que as suas chances de fazer com que ele a escutasse não eram muitas.

— O desenho onde estou parado olhando para a lareira, com um copo de bebida na mão. Agora sei por que tive a sensação de que a conhecia quando fomos apresentados, ou, pelo menos, acho que entendi. Vi seus olhos naquela noite. Mas achei que tivesse bebido muito. — Ele devolveu o bloco para ela. — Gostaria de poder usar a mesma desculpa agora. Eu me considero um homem que acredita na lógica e na ciência. Este tipo de coisa não faz

parte da lógica. Fantasmas não existem.

— Não? O senhor por acaso não acredita na alma, no espírito que deixa o corpo para ir para o céu ou para o inferno depois que uma pessoa morre?

— Bem, sim, mas...

— Então, se existe uma alma ou espírito, por que não ele não pode vagar perdido quando a morte chega inesperadamente, muito cedo ou de uma maneira muito violenta? Por que ele não pode ficar confuso ou talvez precisando terminar algo ou em busca de justiça por algo que foi feito de errado contra ele? E, uma vez que aceita que existe uma alma ou um espírito, por que seria tão absurdo que alguma pessoa pudesse vê-lo?

— Você já deve ter usado este mesmo argumento várias vezes.

— Muitas, muitas vezes.

— Mas como consegue fazer com que as visões soem tão lógicas?

— Simplesmente possuo uma intuição mais afiada do que a da maioria.

— Ela quase sorriu diante do olhar sarcástico que ele lançou. — Não tenho nenhuma explicação lógica ou científica para o meu dom. Ele é como é. Tem estado comigo por toda a minha vida. Não consigo me livrar dele e, às vezes, não consigo nem mesmo controlá-lo. Prefiro vê-lo como um dom, inconveniente, às vezes irritante, e ocasionalmente assustador, mas, mesmo assim, um dom. Uma vez que me foi concedido, sinto que é meu dever prestar atenção a ele. E ele me disse que o senhor será raptado, torturado e assassinado. Pelo pouco que descobri nesta noite, ainda acredito no que eu vi. Uma vez que, desconfio, o senhor deve saber muito mais do que nós, imagino que devesse, ao menos, considerar a possibilidade de que estou certa. Se não

acreditar, não importa. Se não fizer nada, mesmo assim ainda é minha responsabilidade tentar assegurar que a minha visão não se torne uma profecia correta.

— Faz sentido para mim — disse Aldus enquanto ele e Gifford retomavam seus assentos.

— Vocês acreditam em tudo isso? — perguntou Hartley, surpreso com a facilidade com que seus amigos aceitaram as visões.

— Sim. E, mesmo que eu duvide, ela tem razão. Tudo que sabemos adiciona ainda mais peso ao aviso dado, independentemente de como ela tenha ficado sabendo da ameaça.

— Os fantasmas?

— Ah, eu acredito... e não. Na verdade, não quero acreditar. Mas, mais uma vez, tenho de concordar com o que Alethea disse sobre almas e espíritos. Existem muitas coisas em que acreditamos, mas das quais não temos provas, coisas que podem desafiar a lógica. Deus, Satanás, anjos, alma, céu e inferno. Nunca vi nenhuma prova disso tudo, mas acredito. E, como foi dito por Shakespeare em *Heinilet*: "Há mais coisas entre o céu e a Terra, Horácio, do que sonha a tua vã filosofia". — Aldus franziu a testa para Iago. — Ouvi dizer que a alma das pessoas costuma permanecer no lugar onde ela morreu.

Iago assentiu.

— É verdade para a maioria, por isso existem tantos castelos e masmorras assombrados. Alguns, porém, se apegam a uma pessoa em vez de a um lugar. Alguns parecem surgir apenas para uma visita, quando os laços do afeto são muito fortes para que a morte consiga rompê-los completamente.

Apesar de Hartley não estar disposto a ter esse tipo de discussão, ele não pôde resistir e perguntou:

— Você não viu entes queridos ao redor de Claudete, viu?

— Não. Vi fúria, ódio e uma necessidade de justiça — respondeu Iago.  
— Na verdade, ouvi sussurros exigindo punição. Imaginei que ela simplesmente estava muito próxima quando aquelas pessoas morreram, mas, não, ela tinha as mãos sujas de sangue. Do sangue deles.

— Você acha que ela é culpada de assassinato?

— Não com as próprias mãos, mas ela teve uma grande participação no ato. Ela pode até ter estado perto quando isso foi feito. — Iago olhou para Alethea. — Apesar de você não ter mencionado uma mulher na sua visão.

— Não, eu não *vi* nenhuma mulher — respondeu Alethea —, mas no final senti o perfume de rosas.

— Mas você não a *viu* entrando na carruagem, viu? — perguntou Hartley, em parte surpreso por estar falando com ela como se a conversa sobre visões fosse perfeitamente aceitável, confiável, até mesmo razoável.

— Não, mas isso não significa que ela não foi ao lugar para onde o senhor foi levado — Alethea respondeu. — Não me foi mostrado que ela estava lá, não ouvi a voz dela, mas havia um forte odor de rosas. Isso pode significar muitas coisas. Para mim significa que ela participou do crime que foi cometido contra a sua pessoa, e, depois do que Iago viu, realmente acredito que ela esteja envolvida. No entanto, isso poderia significar apenas que havia rosas próximas ao lugar para onde o senhor foi levado, ou que pode ser um aviso duplo de que a sua presença na casa dela pode conduzi-lo ao

perigo. Pode também significar somente que o odor de rosas que surgiu no começo era muito forte e que ficou pairando no ar durante toda a visão. — Ela olhou para cada um dos três homens. — Mas creio que os senhores acreditem que ela seja capaz de cometer um assassinato.

— Desconfiamos que ela não seja quem diz ser — respondeu Hartley. Em seguida, hesitou por um momento e então concluiu que, entre as garantias de Aldus de que os Vaughn eram dignos de confiança e tudo que eles já tinham descoberto, não fazia muito sentido continuar hesitante ou reticente. — Ela escolhe os amantes a dedo, são sempre homens que podem lhe dar informações que o governo preferiria manter em segredo. Homens têm morrido, homens que imaginávamos estarem em segurança e não fossem conhecidos pelo inimigo. E apenas um palpite, mas ela pode ser a responsável por algumas mortes na França de pessoas que deveriam estar em segurança ou que deveriam ter escapado. Vários planos de fuga muito bem planejados foram frustrados, pessoas foram mortas, e ela sempre estava por perto.

— Os espíritos raivosos, Iago — Alethea disse para o tio.

— Sim, sem sombra de dúvida — Iago respondeu. — E a irmã de Claudete também não é inocente.

— Você viu espíritos ao redor dela também? — perguntou Aldus.

— Não, mas — Iago sorriu — ela é muito fria, fria até os ossos. Tive um romance passageiro com aquela mulher. Depois que meu desejo cego foi saciado, senti a frieza, o vazio, e não pude mais continuar ao lado dela. — Ele soltou um leve sorriso diante das fisionomias confusas e de dúvida que surgiram nos rostos dos outros três homens. — Não tenho o dom de ver ou

saber o que uma pessoa pensa ou sente, mas posso sentir a proximidade da morte. Margerite não está prestes a morrer, mesmo assim sinto algo parecido nela, um vazio arrepiante, como se parte dela tivesse morrido ou seu espírito tivesse a abandonado.

— A consciência, por exemplo?

— Possivelmente. Se ela foi responsável por alguma morte, àqueles que morrem podem não ter desconfiado dela. Ela pode ter simplesmente ajudado a irmã de algum modo. O que sinto, porém, é a crueldade arrepiante de um assassino. Ela pode até não ter matado com as próprias mãos, mas ela não hesitou nem hesitará para fazer o que tiver de ser feito nem se importará com quem é morto. Ou como...

Alethea pôde perceber que Hartley estava ficando desconfortável com a conversa, e uma pontada de tristeza atingiu seu coração. Depois de vê-lo em suas visões e sonhos por tantos anos, ela obviamente nutria a esperança de que ele seria aquele que entenderia, que iria acreditar nela, e não a temer, como seu falecido marido. Apesar do fato de ter visto os olhos dela na mesma noite em que ela o vira parado diante da lareira, ele ainda teimava em não acreditar. O encontro se estendeu por meia hora mais apenas, e, depois de combinarem outra reunião, ela se foi com Iago.

— Acho que eles começaram a acreditar em nós — Alethea disse enquanto a carruagem de Iago seguia pelas movimentadas ruas de Londres.

— Aparentemente — concordou Iago —, mas Hartley não quis acreditar. Não havia como negar as provas que você tinha naquele bloco de desenho, mas Hartley lutou com todas as forças para negar. Aldus e Gifford

acreditam, disso tenho certeza.

— Os dois são muito curiosos, e isso provavelmente os torna mais abertos para aceitarem novas ideias, mais preparados para aceitarem coisas estranhas sem medo ou receios. Tenho a sensação de que o seu dom e o meu há muito intrigam Aldus.

— É verdade. É claro, nenhum deles conheceu Modred. A tolerância com que nos deparamos nesta noite poderia ter desaparecido facilmente diante de alguém com um dom como aquele.

— Infelizmente isso ocorre até mesmo entre os membros da nossa própria família. O dom dele tende a deixar as pessoas desconfortáveis. O que você acha que eles farão em seguida?

— Não faço ideia. A única certeza que tenho é que eles não pensam mais que estamos do lado do inimigo.

— Por enquanto, suponho que seja o suficiente — Alethea murmurou e sufocou com afincos a parte de si que queria mais, muito mais, daquele certo homem com olhar dourado.

— Vocês acreditaram naquilo tudo? — Hartley perguntou aos amigos assim que teve certeza de que os Vaughn tinham partido.

— Sim — respondeu Gifford, e Aldus concordou com um aceno de cabeça.

— Maldição, não podemos aceitar aquela conversa sobre espíritos e visões. Afinal somos ou não homens cultos e que acreditam na lógica e na ciência?

— Claro que somos, mas que diferença faz? — perguntou Aldus. — Você não viu nenhuma lógica no que Lady Alethea disse quando ela explicou, defendeu até, tais dons? E quanto ao fato de você ter visto os olhos dela na sua lareira na mesma noite em que ela o viu na lareira dela?

— Ela simplesmente tem prática em arrumar explicações lógicas para coisas que *não* tem lógica. Quanto ao fogo, aos olhos e tudo o mais, tenho certeza de que deve haver uma explicação lógica para aquilo também.

— Que é essa, Hartley: há muitas coisas que aceitamos como verdadeiras e que não têm nenhuma lógica. Todos nós acreditamos na intuição de um companheiro soldado, até mesmo na crença profética quando o soldado diz que não acredita que vai conseguir sobreviver à determinada batalha.

— Ela disse a mesma coisa — Hartley murmurou. Aldus ignorou e continuou.

— Todos nós já tivemos nossos momentos de intuição cega, uma sensação sobre algo ou alguém, e aceitamos sem questionar, ou quase. E quem de nós, em algum momento, já não sentiu um calafrio, uma sensação de desconfiança, até mesmo medo, de que de repente não estávamos sozinhos? Por que é tão difícil acreditar que algumas pessoas podem ter os sentidos mais aguçados para tais coisas, um verdadeiro dom de ver ou saber de algo que não podemos?

— Por isso ser estranho, talvez? — Hartley falou de modo arrastado e se deu conta de que concordava com a opinião dos amigos.

— Muito estranho mesmo. No entanto, não se pode negar a verdade do bloco de desenhos dela. Nem se pode dizer que os Vaughn estão interessados

em arrancar dinheiro de alguém. Eu certamente teria cautela em ir a certos lugares ou aceitar certas pessoas como amigo se tivesse sido sobrecarregado com um dom.

— Vocês não veem o valor que tais dons teriam no nosso mundo? — indagou Gifford.

Os três se entreolharam e então ficaram pensativos. Era muito fácil reconhecer o valor de tais dons. Mas Hartley desconfiava que eles seriam tomados como loucos caso apresentassem a idéia para seus superiores.

— Iago disse que ele não tinha o dom de saber o que alguém estava pensando ou sentindo — murmurou Gifford. — O que me faz pensar se alguém daquele clã possui tal habilidade.

— Maldição, imagine o que poderíamos fazer com esse dom! — Aldus balançou a cabeça e então olhou para Hartley. — É isso que você pretende fazer? Usá-los? É por isso que vamos nos encontrar com eles novamente?

— Sim. — Hartley passou os dedos entre os cabelos, desarrumando a trança. — Posso estar indeciso quanto ao modo como eles ficaram sabendo tanto sobre aquelas duas irmãs malditas, mas o fato é que eles sabem muito. E podem descobrir mais. Neste exato momento, eu aceitaria qualquer coisa, até mesmo um ritual pagão sob a lua cheia, se isso impedisse o assassinato.



## CAPÍTULO IV

— Foi DESAGRADÁVEL — IAGO DISSE AO TERMINAR O CONHAQUE QUE ALETHEA tinha lhe servido.

Alethea sentou-se ao lado do tio no confortável canapé onde ele tinha se jogado depois que Margarite e Claudete saíram. Ele usara o bloco de desenho dela, mas ela ainda não tivera coragem de ver o que fora desenhado. Depois do que ele tinha visto pairando ao redor de Claudete, ela sabia que as imagens seriam tristes, até mesmo sombrias. Em vez disso, ela se ocupou em servir uma bebida para ele, na esperança de trazer um pouco de cor de volta às faces do tio. A sua aventura em Londres podia ter sido impulsionada pela melhor das intenções, mas estava se mostrando cheia de armadilhas que ela não tinha previsto.

— Talvez devêssemos nos afastar — ela disse. — O aviso já foi dado. Acho que chega, não acha?

— Não, e no seu coração, você sabe. Você tinha razão em dizer que agora é sua responsabilidade. — Iago soltou um meio sorriso e fez um afago nas mãos dela, que jaziam cruzadas sobre o colo. — Eu estava preparado desta vez, mas você precisa me dar alguns momentos para suportar a fraqueza causada pela provação. E as duas juntas foi uma provação muito dura. — Ele balançou a cabeça. — É um pecado ter tanta beleza encobrendo tanta maldade. A perversidade que está encerrada dentro daquelas duas deveria dar

algum sinal da sua presença, e não apenas para pessoas como nós.

— Como uma verruga enorme, talvez — ela murmurou e ficou feliz ao ver Iago rindo. — Por que elas estiveram aqui?

— Não quero parecer convencido, mas Margaritha me quer.

— Ah, claro, e ela não é do tipo que gosta de ouvir não ou de ser ignorada. Por um momento, fiquei com medo de que elas soubessem sobre nós.

— Não, pois, se soubessem, não correriam o risco de se aproximar tanto.

— É verdade. Você acha que Margaritha poderia representar algum perigo para você?

— Ela está com raiva, portanto é bem possível, mas estou ciente da ameaça que ela representa para mim e para os outros. Temos que seguir nisso até o fim, Alethea. Você sabe disso tanto quanto eu. Você mesma disse. As suas visões lhe pediram isso, e o que vi com relação a essas duas mulheres me leva ao mesmo caminho. Qual a utilidade de tais dons se eles nunca forem usados para algo que valha?

— E usá-los contra os inimigos do país certamente vale a pena. Sei disso. Só não imaginei que o perigo que vi atingindo Lorde Redgrave poderia tentar atingir você também. E a mim.

— Não estou tranquilo em saber que você também está em perigo, mas farei o possível para minimizar tal risco. Creio que nós dois estaremos bem preparados. Apesar do desconforto, aqueles lordes acreditaram em nós, e eles são espertos o suficiente para perceberem que nossos talentos especiais podem

ser úteis. — Iago se levantou. — Logo nossos aliados relutantes chegarão, e quero mostrar a eles uma lista que fiz na noite passada.

— Uma lista do quê?

— Dos homens que sei que compartilharam as camas de Margarite e ou de Claudete. Desconfio que eles já devam ter tal informação, mas nunca se sabe.

Antes que Alethea pudesse perguntar como Iago tinha descoberto tudo aquilo, ele já tinha se retirado. Ela suspirou e se largou no sofá. Era ingenuidade ter imaginado que bastaria avisar Lorde Redgrave e que ele simplesmente iria lhe dar atenção e então a sua parte nisso tudo estaria encerrada. Seu tio parecia satisfeito por poder participar da batalha secreta contra os inimigos da Inglaterra, mas ela se arrependia amargamente por tê-lo envolvido na confusão.

Se fosse honesta consigo mesma, ela assumiria que também tinha sentido uma dose de prazer, até mesmo excitação, pela chance de ajudar o país. Assim como sentira o mesmo pela oportunidade de se aproximar do Marquês de Redgrave. Havia uma grande possibilidade, no entanto, de que ele acabasse provando ser um perigo bem maior para ela do que para os espiões franceses.

Na primeira vez que colocara os olhos na forma viva e respirando do homem que assombrara seus sonhos por tanto tempo, ela ficou encantada. Não fosse pela importância do assunto sobre o qual viera tratar com ele em Londres, ela desconfiava que talvez tivesse se desmanchando diante da figura máscula como se fosse uma colegial apaixonada. Quanto mais pensava sobre a

sua reação diante do homem, mais começava temer que todos aqueles anos de visões e sonhos tinham sido apenas para conduzi-la a este importante aviso. Havia, no entanto, uma boa possibilidade de que tivesse passado tantos anos ligada a ele, conectada a um homem que nunca tinha visto pessoalmente e não sabia nada a respeito, porque ele era aquele ao qual ela estava predestinada.

— E esta é uma guinada cruel do destino, se é que existe um — ela murmurou, endireitando a postura e esfregando as têmporas numa tentativa de acabar com uma dorzinha de cabeça que começava a incomodar.

O homem estava muito além do seu alcance. Mulheres muito magras, morenas e com um olhar estranho raramente costumam atrair homens como Lorde Redgrave. Bem, ela tinha seios fartos, capazes de atrair a atenção de qualquer homem, e quadris largos, mas o conjunto da obra era comum como o da maioria das mulheres. Homens como ele eram para as Claudetes da vida, para mulheres belas e vividas. Além disso, ele era um conquistador, um sofisticado sedutor de mulheres. Ela não fazia a menor idéia de como jogar aquele jogo, isso se, por algum milagre, ele quisesse jogar com ela. Se Hartley por acaso mostrasse algum interesse por ela, uma porção sua estava mais do que disposta a ignorar todas as cautelas e permitir que ele a conduzisse pelo caminho do prazer. O problema era que, com seu corpo, poderia ir seu coração. E quando Hartley fosse embora, coisa que um homem como ele certamente acabaria fazendo, ele levaria junto seu coração.

Então, mais uma vez ela refletiu e chegou à conclusão de que, se o destino tinha escolhido esse homem para ela, não havia muito que pudesse fazer a respeito. Só lhe restava fazer o possível para não fazer papel de boba,

mas ela desconfiava que isso fosse tudo que iria controlar com relação àquele homem. Podia parecer fraqueza de sua parte se colocar diante do destino com tanta resignação, ela concluiu ao ver um lenço de renda caído no chão, mas por outro lado ela não tinha certeza se restava outra opção senão se resignar. O destino era algo muito forte para se lutar contra.

Esquecendo o problema por um momento, Alethea apanhou o lenço. Uma voz lá no fundo a alertou que era melhor não tocar naquilo, mas a curiosidade falou mais alto. No momento em que segurou o lencinho caro, ela se arrependeu de não ter ouvido a voz lá do fundo. Alethea soltou um grito enquanto era arrastada para um redemoinho de imagens assustadoras, visões sombrias de morte e ódio. Sem conseguir se livrar, ela chamou pelo tio antes que perdesse a habilidade de fazê-lo e então se tornasse uma prisioneira do seu próprio dom.

Iago entrou no vestíbulo justamente quando seu mordomo estava recebendo os lordes Hartley, Aldus e Gifford. "Tão pontuais", ele pensou, sorrindo por dentro ao cumprimentá-los. E foi difícil esconder o sorriso ao olhar para o carrancudo Hartley. "O único relutante entre os três", ele pensou, apesar de não poder condenar a relutância. O confronto e as revelações tinham corrido muito melhor do que ele esperara.

— Sejam bem-vindos, milordes — ele disse e então rapidamente instruiu ao mordomo que mandasse servir algo para os visitantes na sala. — Vocês são muito bem-vindos — ele continuou enquanto o mordomo se retirava, de acordo com a ordem —, apesar de eu não estar muito certo em que ainda poderei ajudá-los.

— Nem eu — murmurou Hartley e ignorou os olhares de reprovação que seus amigos lançaram.

— Na verdade, recebemos algumas visitas interessantes hoje — Iago iniciou.

— Iago!

Hartley sentiu um calafrio descendo pela espinha quando ouviu o grito. O instinto lhe disse que tinha sido Alethea. Ele ficou surpreso com a rápida reação de Iago, que se virou e saiu correndo pelo corredor sem hesitar. Hartley correu logo atrás, seus amigos logo em seguida. Ele ouviu os passos ligeiros de outros que se aproximavam e desconfiou que logo fossem se deparar com criados ansiosos ou alarmados.

Ele parou de repente na sala onde Iago entrara correndo, seus amigos lado a lado. Alethea estava ajoelhada no chão, balançando o corpo lentamente para frente e para trás. Ela segurava firmemente um lençinho. Sua tez estava cinza, lágrimas escorriam por sua face, e ela olhava fixamente para algo que a apavorava profundamente, algo que eles não conseguiam ver. Justamente quando Iago tentou pegar o lençinho que Alethea segurava com firmeza, uma criada robusta, o mordomo de Iago e outro homem que se parecia muito com o mordomo entraram na sala.

— Não, milorde — gritou a criada. — Não toque! — A mulher se aproximou de Alethea e se ajoelhou ao lado.

— Mas, Kate, é isso que está causando todo o transtorno — disse Iago.

— Posso perceber, mas ela está tendo uma visão muito poderosa. Pode não ser bom arrancá-la disso bruscamente. — Kate fez um afago nos cabelos

de Alethea. — Acho melhor esperar por um sinal de que ela sabe onde está.

Hartley observou o criado que se parecia muito com o mordomo de Iago se ajoelhando logo atrás de Alethea. Ele ouviu uma movimentação na entrada da sala, e, depois de uma olhada de relance sobre o ombro para se certificar de que ninguém estava lá, Hartley fechou a porta para os criados curiosos que espiavam. Quando olhou de volta para Alethea, Kate estava enxugando com o avental as lágrimas do rosto da patroa e murmurando algo em seu ouvido. Hartley pôde perceber que havia compreensão nos rostos dos criados que estavam atendendo Alethea. O sinal de compreensão indicava que eles estavam acostumados àquilo, que só estavam preocupados com o bem-estar de Alethea.

"Isto é real", ele pensou, fitando a delicada mulher presa em um tipo de pesadelo. Não se tratava de um jogo, um truque ou um espetáculo. Ninguém era capaz de interpretar tão bem, disso ele tinha certeza. E, se Alethea tinha *visões*, como a criada chamara aquilo, então isso significava que Lorde IagoVaughn via fantasmas. Hartley se perguntou no que tinha se metido. Aquilo tudo era muito estranho. Estava além da sua capacidade de compreensão e lhe causava incerteza, desconforto. Na verdade, Hartley só tinha uma certeza: não estava gostando daquilo tudo.

— Kate — Alethea sussurrou quando a visão começou a perder forças.

— Estou aqui, milady — disse Kate, e em seguida perguntou: — A senhora poderia soltar o lenço?

— Não. Tire-o da minha mão. Por favor.

Iago arrancou o lenço da mão dela. No mesmo instante, Alethea caiu, mas Alfred a amparou, impedindo que ela fosse ao chão. A fisionomia de Iago se tornou estranha, e Alethea tentou dizer a ele para largar o lenço. Kate soltou um xingamento, arrancou o lenço da mão de Iago e atirou-o na lareira.

— Ninguém mais toca naquilo — Kate ordenou. — Está amaldiçoado! — Ela olhou para o mordomo de Iago. — Chá quente adoçado, Ethelred. Alfred, me ajude — pediu ao homem que estava amparando Alethea.

— Meu bloco de desenho — Alethea disse numa voz rouca enquanto engatinhava em direção à mesinha que ficava entre duas poltronas.

Hartley se aproximou cautelosamente e seus amigos o seguiram, enquanto uma pálida Alethea rascunhava de modo frenético no bloco. Os dois criados amparavam seu corpo trêmulo com todo cuidado. Iago, ainda muito pálido, se levantou do chão e jogou-se sobre uma cadeira. No momento em que Alethea terminou de desenhar, Kate e Alfred a ajudaram a se sentar em um dos sofás. Rapidamente, Hartley ocupou o assento ao lado dela; Aldus e Gifford se sentaram de frente para eles.

O mordomo de Iago chegou com o chá para Alethea, e Kate permaneceu ao lado enquanto ela bebia. Logo atrás de Ethelred entraram dois criados com duas bandejas carregadas de comida, vinho e mais chá. Kate mandou que os dois criados se retirassem, deu ordens a Alfred que servisse as bebidas e tentou em vão convencer Alethea a ir se deitar. Após alguns minutos, Iago disse a Alfred e Kate que eles já podiam se retirar. Hartley tomou de um só gole o vinho que tinha servido e rapidamente encheu a sua taça outra vez.

— Pode confiar que os Merdow não dirão nada — Iago disse enquanto se servia de um pouco de torta de limão.

— Merdas? Você chamou seus criados de merdas? — Hartley ainda tentava se livrar do efeito atordoante de todo o choque que acabara de sofrer.

— Não. — Iago deu um sorrisinho. — Eu disse Merdow. M-E-R-D-O-W. Os Merdow, os Davy e os Jone. São três famílias que servem aos Vaughn e aos Wherlocke há séculos. Nenhuma palavra de tudo que aconteceu nesta sala sairá daqui.

— Então a ligação com os galeses é muito forte.

— Muito. Ela se estende desde as muralhas de Chantiloup e vai até o País de Gales. Temos algumas propriedades no País de Gales também. — Ele olhou para Alethea. — Está se sentindo melhor?

— Sim — ela respondeu. — Aquilo foi um tanto — ela hesitou enquanto buscava pela palavra certa, mas não encontrou nenhuma — desagradável. Eu sabia, quando estava me aproximando do lenço, que era um erro. O perfume de rosas me alertou, mas depois que eu já o estava segurando.

— Posso dar uma olhada? — Iago esticou as mãos para pegar o bloco de desenho.

— Por favor. — Alethea olhou de relance para os outros três homens. — Talvez fosse bom que todos dessem uma olhada. Quem sabe alguém consiga entender o que eu vi. Creio que as imagens invadiram a minha mente de um modo tão rápido e tão intenso que ainda vai levar um tempo até que eu consiga entender. E os rostos... — Ela estremeceu um pouco e rapidamente se inclinou para se servir de um pouco mais de chá. — Não reconheci nenhum

deles.

Hartley se aproximou dos seus amigos que analisavam o desenho com Lorde Iago, e ficou atordoado com o que viu. Lady Alethea tinha enchido uma página com traçadas rápidas, mas muito bem desenhadas. Se a mente dela tinha sido de fato invadida por imagens tão sombrias, não era para menos que tivesse ficado tão transtornada.

— Estou vendo Peterson aqui — Aldus disse num tom de voz suave e quase sussurrado.

— E Rogers — disse Gifford num tom parecido.

— E o Conde de Lacey e a sua esposa — sussurrou Hartley.

— Eles devem ser os mais fortes. — Iago apontou para o desenho que ele mesmo tinha feito na página ao lado. — Eu os vi antes, vi seus rostos no miasma que rodeava Madame Claudete.

Lorde Uppington também tinha muito talento para o desenho, Hartley concluiu enquanto observava seu desenho, apesar de o trabalho não causar o mesmo impacto emocional que o de Alethea. Mesmo assim era arrepiante pensar que esse homem era capaz de ver tais coisas. Ainda mais assustador era pensar que Iago tinha visto tudo aquilo ao redor da mulher que Hartley planejara levar para a cama. Ele ia ter que mudar seus planos. Seria impossível sentir qualquer tipo de desejo por Madame Claudete naquele momento. Apesar da necessidade que tinha de negar tudo que estava vendo, ele sabia que de agora em diante sempre iria se lembrar daquelas imagens todas as vezes que olhasse para Claudete. O fato de ter se sentido aliviado com relação à possibilidade de não ter mais de seduzir Claudete era outro ponto que ele ia

deixar para pensar a respeito, mais tarde.

Voltando as atenções para as palavras que Alethea tinha escrito ao lado de cada desenho, Hartley franziu a testa discretamente. A palavra *rosas* era a mais fácil de compreender. Alethea já tinha deixado claro que o perfume era a assinatura de Claudete. Mas as outras palavras confundiram-no. Enquanto retomava o assento ao lado dela, ele ficou aliviado ao perceber que ela já não estava mais tão pálida.

— Por que você escreveu a palavra *láudano* ao lado de Peterson? — ele perguntou-lhe. — Ele não morreu por causa do uso de láudano.

— Creio que, de certo modo, sim — respondeu Alethea. — Eu o vi sendo arrastado para fora de um jardim de rosas. Ele sabia o que ia acontecer. Havia fúria e medo, mas a mente dele estava confusa, e o corpo não obedecia aos seus comandos. Ele não conseguia salvar a si mesmo e estava enfurecido.

— Peterson era exatamente assim — murmurou Aldus enquanto ele e Gifford retomavam os assentos.

— E a palavra *ódio* escrita abaixo dos desenhos? — Hartley perguntou.

— A palavra vinha de muitos deles. A Rosa estava toda infectada disso. E havia ganância, também. Mas esta vinha apenas da Rosa. — Ela respirou fundo para se acalmar, ainda tentando se afastar de todas as emoções horríveis e latentes que a visão carregava. — Derramamento de sangue e poder. A Rosa apreciava a ambos, um alimentava o outro. A matança fazia com que ela se sentisse mais forte.

— O casal, o conde e a esposa, foi traído? Essa é a palavra que você escreveu abaixo do desenho deles.

— Sim. Traição, desespero profundo, e depois senti que os dois emanavam uma necessidade de vingança. — Ela franziu a testa discretamente. — Havia algo mais. Não, mais alguém. Mais duas pessoas escondidas atrás deles, mas não pude vê-las.

Iago assentiu.

— Senti o mesmo. O conde e a esposa agora estão muito claros para mim, mas eles não estão sozinhos. Há duas almas junto deles, agarradas e protegidas.

— Os filhos — sussurrou Hartley, a ponta de tristeza que perpassava seu corpo dizia que ele já não duvidava mais dos dons dos Vaughn. — Mas eles tinham quatro filhos.

— Somente dois estavam com eles — disse Iago.

Ignorando o horror causado pela revelação de que Madame Claudete tinha enviado os filhos do casal para a morte, Alethea reviu em sua mente a visão e concordou.

— Sim, havia somente duas crianças com eles. — Ela lutou para se lembrar exatamente do que tinha visto e sentido com relação ao casal francês. — Jovem. Muito jovem. Um ainda era muito jovem para lutar com as próprias palavras. As palavras deles? Ah, ainda era muito pequeno, então. — Ela balançou a cabeça. — Não pude ver ou sentir o suficiente para ter certeza de quem eram as crianças que estavam lá.

— Mas eram jovens?

— Sim. Disso tenho certeza.

— Assim como eu — disse Iago.

— Eles tinham quatro filhos — explicou Hartley. — André, que tinha não mais que dois anos de idade, Blanche, que tinha cinco, Bayard, o herdeiro, que tinha onze anos e Germaine, que estava com quinze. Os mais velhos eram do primeiro casamento do conde. Com a minha irmã Margaret.

Alethea suspirou, ciente de que não havia nada que pudesse dizer para atenuar a dor de tal perda.

— Sinto muito, Hartley. Não vi ou senti as crianças mais velhas. Elas eram crianças muito caladas?

— Não. Bayard era muito espirituoso, e Germaine era muito levada.

Iago franziu a testa.

— Não senti nada... Mesmo assim, uma menina tão próxima da adolescência? E tão espirituosa? Não acho que ela estaria se escondendo. — Iago meneou a cabeça. — Se está em busca de alguma pista de que ela ainda esteja viva, sinto informar que não temos nenhuma. Não senti a presença deles, e Alethea também não os viu na sua visão. Isso pode significar que eles ainda estão vivos. Assim como também pode ser um indício de que eles, digamos, seguiram adiante.

— E não existe uma maneira de vocês os encontrarem? — Hartley perguntou.

— Na verdade, não. Alethea não consegue controlar suas visões. Você viu como ela caiu vítima delas só por apanhar um lenço. Se eu vir os espíritos que pairam ao redor de Claudete outra vez, posso tentar procurar por eles e

pode até ser que consiga descobrir alguma informação mais precisa. Mas não posso prometer nada. Os espíritos nem sempre são cooperativos. Os que estavam ao redor de Claudete tinham um objetivo muito específico, mas talvez eles não saibam com muita clareza o porquê, ou até mesmo quem são. Há quanto tempo eles morreram?

— Há quase três anos. Foi quando a fuga foi planejada, mas nunca chegou a ser concluída. — Hartley murmurou uma maldição e passou os dedos entre os cabelos. — Não posso aceitar que estou acreditando nisso, nem mesmo que estou dando sugestões, e mesmo assim... — Ele apontou para o bloco de desenho.

— Exatamente — disse Aldus. — E mesmo assim. É uma pena que tudo não possa ser controlado e usado de acordo com as nossas vontades, quando desejarmos. — Ele olhou para Hartley. — Dêem um pouco mais de tempo, vejam se conseguem ver algo mais, e então vou colocar o nosso pessoal nisso.

— Mas eles já estão à procura dos Lceaux há três anos.

— Sim, em busca da família, do conde, da senhora e dos *quatro* filhos. Isso pode tê-los confundido. Depois que pudermos dar informações além, bem, das visões, para explicar como ficamos sabendo que os dois filhos podem ter sobrevivido, vamos fazer isso.

Hartley assentiu e se serviu de uma fatia de torta de limão.

— Bayard estaria com quatorze anos agora, e Germaine uma jovem de dezoito, o que poderia, de fato, alterar as buscas que estão em andamento. — Ele lutou para conter a esperança que brotava dentro dele, mas foi difícil.

Apesar de toda a relutância, ele sabia que estava começando a acreditar no que os Vaughn podiam fazer.

— Se você tiver qualquer coisa daquela época — explicou Alethea. — Algum objeto pessoal, algo que estava lá quando as mortes ocorreram ou quando o perigo estava presente. — Ela olhou para lenço que ainda jazia no chão próximo à lareira. — Eu poderia tentar ver se aquilo poderia atizar outra visão.

— Não hoje — Iago disse com firmeza. — É melhor deixarmos isso para amanhã, em um momento mais oportuno. É bem possível que Claudete estivesse presente e com o mesmo lenço no momento em que a família Laceaux foi atacada. Assim como também pode ser possível que o lenço guarde algumas lembranças das almas que a rondam. Fico com a última opção, pois que mulher iria guardar um lenço por três anos?

— Uma mulher que foi muito pobre — Alethea disse enquanto se servia de mais chá. Quanto mais difícil à visão, mais sede ela sentia. — Uma mulher que sofreu as dores da pobreza e o desprezo que a acompanha. O lenço é feito do mais fino Unho e da mais cara renda. Coisas que ela nunca teve dinheiro para comprar. Ela não irá se livrar do lenço até que não seja mais possível limpar as manchas ou que esteja muito esfarrapado. — Ela notou que os quatro homens encaravam-na, por causa de tudo que ela tinha acabado de dizer, e contraiu a testa. — Gostaria de saber como sei disso tudo. Ah, e ela foi criada numa casinha de um pobre agricultor.

— Como você sabe *disso*? — perguntou Hartley.

— Não faço ideia. Algo sobre galinhas. É estranho que isso continue

indo e vindo.

— Provavelmente esses outros dados foram obscurecidos pelas outras imagens mais perturbadoras — sugeriu Iago.

— Pode ser. Talvez acabem voltando. — Ela lançou um meio sorriso para Hartley, com o coração condoído por não poder dizer mais nada que ele pudesse usar de imediato. — Nada disso ajuda muito, não é mesmo?

— Isso confirma muitas das nossas suspeitas — ele respondeu.

— E fornece algumas informações que não tínhamos sobre as mortes — completou Aldus. — O tipo de informação que poderia ser muito útil, caso colocássemos as mãos em um dos envolvidos. A menção de tais detalhes, do tipo que somente os envolvidos saberiam, pode levar um prisioneiro a pensar que sabemos de tudo, que um dos seus aliados está o traindo ou já o traiu.

— O que pode assegurar que estamos no caminho certo, que não estamos perdendo tempo — disse Gifford. — Costumamos fazer muitas vezes algo parecido neste tipo de jogo.

Alethea sorriu, aliviada e satisfeita.

— Sei que vocês não podem dizer para as pessoas *como* obtiveram as informações, pois isso as invalidaria por completo. É bom saber que posso ser útil de algum modo, que posso ajudá-los. Como Iago disse mais cedo, de que valem tais dons se eles não forem bem aproveitados?

— Por mim, eu gostaria muito de poder tirar grande proveito deles — disse Aldus. — As possibilidades são infinitas, e assim poderíamos poupar tanto tempo quanto trabalho, canalizar as nossas energias em outras coisas. E

vidas poderiam ser salvas também, muitas vidas. Infelizmente, a aceitação dos seus dons ainda não é muito ampla, como vocês bem sabem.

— Até mesmo aqueles que acreditam às vezes têm dificuldades de lidar com tais dons.

— Ou poderiam começar a desejar que uma fogueira ainda pudesse ser armada aos nossos pés — resmungou Iago.

Todos estremeeceram, e a conversa voltou ao pouco que eles tinham descoberto. Sentindo que os Vaughn precisavam de um tempo para se recuperarem da provação, logo Hartley colocou um fim à visita. Ele ainda achava aquilo tudo muito perturbador, mas já não podia mais negar a verdade. Alethea Vaughn tinha visões, e Iago Vaughn via os mortos. Parte do nascimento da sua nova crença surgiu por causa dos próprios Vaughn. Ele percebeu que confiava neles de modo incondicional, e eram poucas as pessoas das quais ele podia dizer o mesmo.

— Maldição, mas eu gostaria muito que pudéssemos usar as informações abertamente, sem medo de sermos ridicularizados pelo modo como elas foram obtidas — disse Aldus quando a carruagem que os levava pegou o caminho da casa de Hartley.

— Precisamos apenas pensar em uma boa história para explicar como ficamos sabendo de tudo. — Hartley pensou na possibilidade de que os filhos da sua irmã ainda estivessem vivos e lutou contra a ponta de esperança que mais uma vez tentou ganhar força dentro dele. — E logo.

— Você acha que seus sobrinhos ainda estão vivos? — perguntou Aldus. O homem sempre fora capaz de sentir o que se passava na sua mente, Hartley pensou e suspirou.

— Existe uma possibilidade, mas bem pequena. Eles não passavam de crianças. Embora Germaine fosse uma menina forte e inteligente. Se há uma garota capaz de sobreviver a uma tragédia como aquela, sobreviver ao manicômio em que se transformaram as ruas da França, esta garota seria Germaine.

— Mesmo com um menino mais novo para cuidar e proteger?

Hartley assentiu, absolutamente confiante sobre a opinião que tinha a respeito da sua sobrinha.

— Mesmo assim. Na verdade, acredito que isso lhe daria ainda mais forças e determinação para lutar pela sobrevivência. Temo que as minhas esperanças tenham se renovado, mas não posso evitar.

— Talvez se seduzisse Claudete...

— Não. Uma mulher capaz de matar com tanta facilidade não irá se entregar por uma sedução ou uma conversa de alcova. — Hartley sorriu. — Além do mais, acho que eu não conseguiria mais seduzi-la. Nunca mais poderei olhar para ela, tocá-la, sem ver os rostos de Peterson, Rogers, do conde e a esposa e daquelas criancinhas inocentes. — E silenciosamente ele admitiu consigo mesmo que até mesmo seu vil desejo tinha esfriado no momento em que ele fitou aquele par de olhos azuis cintilantes. — Gifford concordou.

— Só não diga isso aos nossos superiores.

— Por que não? — Hartley perguntou. —Terei de explicar porque estou desistindo dela.

— Oh não, você ainda pode fazer isso. Mas acho que podemos dizer que tudo que você descobriu acabou escapando dos lábios de uma descuidada Claudete enquanto você exercia a sua magia sobre ela.

Hartley hesitou por um momento apenas, e então concordou com um aceno de cabeça. O plano era bom. Entretanto, certo mal-estar o incomodou, e de repente ele percebeu que era porque não queria que Alethea ouvisse que ele ainda estava atrás de Claudete. Ele tentou ignorar o pensamento assim que se deu conta de que a única mulher que ele desejava agora era Alethea Vaughn, uma mulher cujo dom lhe causava arrepios na espinha.



## CAPÍTULO V

MORDENDO A PARTE INTERNA DA BOCHECHA PARA CONTER A VONTADE DE rir, Alethea saudou Hartley enquanto ele era anunciado na pequena sala azul. Ele parecia nervoso, estampava uma feição que não combinava com seu rosto belo e forte. Ela duvidou que fosse por ele estar sozinho em sua companhia. Ele andou de um lado para o outro até Ethelred trazer chá, vinho e bolos. No momento em que o mordomo se retirou, Hartley ocupou a poltrona de frente para ela.

— Iago está em casa? — ele perguntou, assentindo quando ela apontou silenciosamente na direção do bule de chá.

— Não — Alethea respondeu enquanto servia um pouco de chá em cada uma das xícaras. — Esta é à noite em que ele costuma sair com os amigos. Se precisar muito falar com ele, creio que Ethelred poderá lhe dizer onde ele se encontra ou enviar um recado.

— Ah, não. Não é preciso. — Ele sorriu, um pouco surpreso ao perceber que, de repente, estava preocupado com o decoro. Já tinha estado sozinho com várias mulheres antes e nunca se preocupava com isso. No entanto, aquelas mulheres não eram Alethea. — Eu não esperava que você estivesse sozinha.

— Não sou mais uma jovem donzela, Hartley. Uma criada será

companhia o suficiente.

— Mas não tem nenhuma criada aqui.

— Tem, se alguém tiver a temeridade de perguntar ou insinuar o contrário. — Ela soltou um leve sorriso. — Não se preocupe. Se precisar de ajuda, Ethelred e Alfred virão correndo no mesmo instante. — Ela ignorou o olhar de desgosto que ele lançou. — Por que está aqui afinal?

Hartley tomou um bom gole do chá forte.

— Depois do que você nos contou, há duas noites, e de ouvir tudo que você descobriu ao segurar aquele pedaço de linho e renda, comecei a pensar no que você poderia desvendar se pudesse tocar em algo mais, algo que pertencesse à presa em vez de ao predador. — Ele lutou para afastar da mente a imagem de Alethea pálida e com o rosto umedecido de lágrimas, pois ele precisava que ela fizesse isso, precisava descobrir a verdade.

— Como eu lhe disse, não posso prometer nada.

Alethea entendia o motivo de tal pedido. Ele precisava saber o que tinha acontecido com o seu sobrinho e a sua sobrinha. Ela podia ver a vontade de saber refletida nos olhos dele. Mas considerando o que podia ter acontecido aos dois, ela não estava com nenhuma vontade de tocar em nada que pudesse ter estado com as crianças naquele dia. Por outro lado, não tinha coragem de negar. Afinal, era para isso que seu dom servia. Se aquelas crianças ainda estavam vivas, ela poderia ser um caminho, ainda que pequeno, para encontrá-las. Então, valeria a pena — independente de qualquer desconforto que viesse enfrentar.

Quando Hartley percebeu o discreto mal-estar no rosto de Alethea, a lembrança perturbadora dela segurando aquele lenço e as imagens horríveis que ela tinha sido forçada a ver, todas as conjecturas que ele tinha colocado nesta possibilidade lhe escaparam. Ele hesitou, por um momento, em correr o risco de lhe dar novas imagens, ainda mais perturbadoras. Por três longos anos, ele se perguntou o que teria acontecido com seus sobrinhos, tinha procurado e se preocupado. Apesar de também ter se preocupado com o conde, a sua esposa e as outras duas crianças, foi Bayard e Germaine que ele ficou mais desesperado em encontrar. Tirando alguns primos distantes, eles eram tudo que tinha restado da sua família. E agora ele não podia descartar o que tinha visto duas noites atrás, não podia contestar as declarações de Alethea e Iago de que o conde, a esposa e seus dois filhos estavam mortos. Desde então, a necessidade de saber o destino dos filhos da sua irmã vinha crescendo. Hartley tirou o medalhão de Germaine do bolso do colete e olhou para o objeto por um momento antes de erguer os olhos para Alethea.

— Comprei isto para Germaine quando ela tinha dez anos — ele disse. — Ele estava entre os poucos pertences encontrados no local onde toda a família deveria ter se encontrado comigo e meus homens. — Ele franziu a testa e olhou então na direção da porta. — Não seria melhor chamarmos a sua criada caso você precise de socorro?

Depois de considerar a possibilidade, Alethea balançou a cabeça. — Você estava aqui naquela noite e viu o que ela fez.

— Ela acariciou seus cabelos e falou baixinho até que você percebesse que ela estava ao seu lado. Só então ela retirou o lenço da sua mão. Em seguida, você desenhou aquelas imagens arrepiantes, e, depois, ela a fez beber

um pouco de chá.

— Chá com açúcar. Pelo menos dois torrões. — Preparando-se para o que estava prestes a encarar, ela estendeu a mão para apanhar o medalhão.

— Preciso saber — ele murmurou enquanto ainda hesitava, tanto para se desculpar como para criar coragem, e, então, depositou o medalhão na mão estendida.

Por uma fração de segundo, Alethea pensou que nada ia acontecer. Ficou ao mesmo tempo aliviada e profundamente desapontada, pois realmente desejava ajudar Lorde Redgrave a encontrar aquelas crianças. Contudo, ela não gostava muito daquelas visões, especialmente quando eram tão sombrias e assustadoras. Mas quando percebeu a esperança que Hartley tentava ocultar começando a se desfazer, ela foi apanhada por um turbilhão estonteante de imagens e emoções. Todo seu corpo se projetou para frente com a força da chegada. E então ela viu tudo, como se fosse uma das pessoas que estava junto da moça que usava o medalhão enquanto todo o seu mundo era dizimado pela violência. Ela vivenciou o terror, a dor e a ira. Então, muito lentamente, a bruma começou a se dissipar. Alethea sentiu um par de braços fortes amparando seu corpo e uma voz profunda e melodiosa, sussurrando ao longe. Seus sentidos retornaram, atraídos de volta pelo cheiro dele. Ela sentiu uma vontade imensa de se deixar envolver naquele conforto por um momento, de absorver o calor do corpo grande e forte que estava tão próximo ao seu. Mas a necessidade de relatar tudo que tinha visto prevaleceu.

Ela se esquivou dos braços de Hartley, ignorando a ponta de arrependimento que sentiu logo em seguida, e se ajoelhou ao lado da mesa.

Um segundo depois estava desenhando a sua visão com um forte toque de desespero, como se pudesse arrancá-la da sua mente ao transpô-la para o papel. Mas havia muitas coisas para ser retratada, por isso ela se restringiu aos detalhes que estava certa de que reavivariam a sua memória todas as vezes que olhasse para cada um deles.

Tocou seu coração quando Hartley primeiro se preocupou em atendê-la. Ela sabia que ele estava desesperado para saber o que ela tinha visto, mas a ajudou a se sentar quando ela terminou e esperou ao seu lado enquanto ela bebia o chá quente com açúcar que ele mesmo tinha servido. Quando ele apanhou o medalhão que caíra no chão e olhou ansioso na direção do bloco de desenho, ela pousou sua mão sobre a dele, pois não sabia ao certo por onde começar.

— Foi ruim? — ele perguntou baixinho e então deixou escapar um xingamento e balançou a cabeça. — Claro que deve ter sido. Pude ver no seu rosto. Eles estão mortos?

— Não posso afirmar isso com segurança. Enquanto a sua sobrinha estava usando o medalhão ela não morreu. Já nos anos que seguiram... — Ela estremeceu e então apertou a mão dele antes que ele pudesse alcançar os desenhos. — Espere. Deixe-me contar tudo que vi primeiro.

— Não é preciso. Posso apenas olhar os seus desenhos. Não se atormente em falar tudo que viu.

— Creio que essa visão vai continuar fixa na minha mente independente do que eu fizer. Os desenhos não contam tudo que vi. Tem muito mais. Foi como se eu estivesse vendo tudo que ela viu, sofrendo como ela sofreu. —

Quando ele pousou o braço ao redor do seu corpo, ela não hesitou em recostar contra o aconchego, aproveitando o calor, pois estava sentindo frio até os ossos. — Só posso lhe contar o que aconteceu até o momento em que a sua sobrinha perdeu o medalhão.

— Já será muito mais do que sei agora.

Alethea meneou a cabeça e respirou fundo para se acalmar.

— Eles estavam esperando por você na praia, como planejado. Não traziam muita bagagem, somente algumas roupas, todo o dinheiro que puderam pegar e todas as jóias da família. Bayard precisou ir, bem, ao marinho, e Germaine foi junto para cuidar do irmão, quando então ouviu tiros. A marquesa gritou. Germaine recuou, movendo-se devagar para se esconder. Ela viu seis homens. As duas crianças menores já tinham sido mortas, a marquesa estava de joelhos, chorando sobre os corpos. O marquês gritou que eles tinham matado seus únicos filhos, e Germaine entendeu o sinal para que ela fugisse com Bayard. Ela segurou no irmão e saiu correndo, puxando-o junto. Enquanto empurrava Bayard declive acima, ela ouviu o pranto da marquesa cessar repentinamente. Em seguida, ela ouviu o pai xingar os homens antes que também fosse abruptamente silenciado. No topo da elevação, ela avistou uma carruagem. Quando viu alguém saindo de dentro do veículo, ela empurrou o irmão para o chão e se deitou ao lado dele. Foi quando estava rastejando, puxando Bayard e tentando mantê-los fora de vista, até que pudessem sair daquela parte da estrada, que ela perdeu o medalhão.

Hartley suspirou, entristecido pela morte brutal de um homem bom e a sua família inocente, ao mesmo tempo esperando que seus sobrinhos tivessem sobrevivido. Cautelosamente, ele se moveu para ver o que Alethea tinha desenhado. As imagens eram estarrecedoras, e ele ficou horrorizado por tudo que a sua sobrinha tinha visto e sofrido. Um desenho do rosto de Germaine o deixou entorpecido, a expressão da menina era ao mesmo tempo fascinante e alarmante. Aquela não era a garota engraçada e risonha que ele conhecera.

— Parece que Germaine deseja matar alguém — ele murmurou.

— Ela quer. Foi à última coisa clara que vi e senti, e então o medalhão se perdeu. Germaine reconheceu a pessoa que estava saindo da carruagem. — Alethea apontou para a rosa desenhada.

Olhando fixamente para aquilo e ciente de quem ela representava, Hartley sentiu náusea. Ele tinha tocado naquela mulher, beijado-a, teria ido para a cama com ela caso os Vaughn não tivessem interferido. Já tinha sido ruim o bastante saber que ela tivera algo a ver com a morte dos seus compatriotas, mas a prova disso era tão superficial que foi fácil duvidar. Mas Germaine tinha visto a mulher ao lado dos mortos da sua família. Isso ainda não valia como uma prova que pudesse ser usada, e ele não entendia como Alethea era capaz de ver tudo aquilo, mas mesmo assim acreditou.

— Eles escaparam — ele sussurrou ao retomar o assento ao lado de Alethea, aceitando o chá que ela lhe serviu. — Eles não morreram com os outros.

— Não. Eles fugiram — disse Alethea. — Infelizmente, o medalhão se perdeu antes que a sua sobrinha tivesse algum plano de ação, exceto pela

intenção de proteger o irmão. Oh, e matar aquela mulher.

— Se ela tivesse tentado matar a mulher, teria morrido lá mesmo, com a sua família.

— É verdade, e não vejo sentido em tal plano. A sua sobrinha estava raciocinando com frieza e só pensava em salvar Bayard. Acredito que ela deve ter escolhido o dever acima da emoção. Não havia sinais nos pensamentos dela de matar aquela mulher ali mesmo. Tudo não passou de uma ideia apenas.

Hartley soltou um palavrão, esfregou as mãos sobre o rosto, e então tomou o chá para se acalmar. Preferia algo mais forte, mas concluiu que era melhor ficar com o chá mesmo.

— Germaine tinha apenas quinze anos, era mais criança do que mulher, e Bayard não passava de um garoto. Tão jovens. Muito pequenos para sobreviverem aos ares furiosos da França, sozinhos, e por três anos.

Alethea suspirou.

— É o que parece, mas mesmo assim tudo pareceu muito real, como se eu estivesse lá com ela, Hartley. Ou melhor junto dela, vendo e sentindo tudo que ela sentiu. Sua sobrinha mostrou ter muita força, Hartley. Pense nisso. Ela viu os parentes serem mortos, ouviu a madrasta morrendo e, em seguida, o pai. Mesmo assim ela não vacilou, não hesitou em agir do modo que seu pai queria que ela agisse. Ela ouviu a última ordem que ele deu, obedeceu e agiu de imediato. Havia muita dor e tristeza nela, uma agonia rugindo daquilo tudo, mas ela seguiu em frente se escondendo, silenciosa. Mesmo quando ouviu os tiros e o primeiro grito da marquesa, ela não saiu correndo

às cegas na direção da família, mas se moveu lentamente com a presença de espírito de que deveria se manter fora de vista. Eu sei, realmente sei, que a menina estava desesperada para se aproximar da sua família, mas ela não o fez. Aquela menina tem fibra e, agora, uma profunda necessidade de vingar a morte da sua família. Eu gostaria de poder dizer o que aconteceu após o episódio na praia, mas depois que o medalhão caiu do pescoço dela, perdi o contato. Posso sentir, porém, que ela tem um desejo indomável de sobreviver e de manter o irmão vivo.

Ele assentiu e fitou o desenho de Germaine enquanto tomava o restante do chá. De repente, a atenção de Alethea se desviou dele, o que há surpreendeu um pouco, uma vez que estava se sentindo um imenso e perigoso prazer em vê-lo tão próximo, de poder estar tão perto, respirando fundo para assim encher a sua cabeça do odor refrescante que ele exalava. Ela baixou os olhos para as próprias mãos e permitiu que sua mente vagasse livremente, que penetrasse no fluxo de imagens e emoções que ela tinha vivenciado há pouco. Havia algo chamando a sua atenção, e ela já tinha vivenciado tal experiência vezes o bastante para saber que era melhor não ignorar ou temer. Respirando lentamente e de modo regular, ela permitiu que os pensamentos fluíssem.

Quando Hartley se virou para falar com Alethea, ele franziu a testa e pousou a xícara devagar. Ela parecia estar cochilando. Ele chamou seu nome baixinho, mas ela não respondeu. Com medo de que ela estivesse entrando em algum tipo de transe, ele tocou com todo cuidado no seu braço e tentou decidir o que ia fazer em seguida. Estava justamente pensando em chamar os criados quando ela se endireitou subitamente, e todo seu corpo estava tenso, os olhos arregalados. Ele se assustou um pouco quando ela se virou e tomou as

suas mãos. "Ainda vou ter que aprender a me acostumar com este estranho dom", ele pensou, e então se perguntou por que estava preocupado com isso.

— As jóias — Alethea disse, lutando para não permitir que a sua empolgação dominasse as lições que ela tinha aprendido com os outros Vaughn sobre como usar da melhor maneira o seu dom.

— O que tem as jóias? — Hartley perguntou. — Você viu mais alguma coisa?

— Não, nada de novo. Mas olhei com mais cuidado tudo que eu tinha visto. Quando uma visão é tão forte quanto essa, as imagens vêm e voltam muito rápido, e as emoções são tão intensas que às vezes leva um tempo para eu me lembrar de detalhes pequenos — e muitas vezes importantes. Algo estava me importunando, como se alguma informação estivesse exigindo que eu prestasse atenção. O conde e a sua família tinham levado um bauzinho com as jóias, mas você disse que poucas foram encontradas na praia.

— Desconfio que todos os pertences de valor foram levados e já devem ter sido vendidos.

— Alguns, certamente a maioria. Mas acho que nem tudo. Eu estava cega pelas emoções de Germaine quando vi a Rosa Negra...

— Rosa Negra?

Alethea corou um pouco.

— É o nome que resolvi colocar na mulher.

Uma rápida passada de olhos no desenho que ela tinha feito da rosa, usada para representar Claudete, e ele constatou que de fato era uma rosa

negra, com as pétalas sombreadas com o lápis preto, e não somente contornadas.

— Foi uma escolha boa. — Ele olhou de volta para ela, tentando com todas as suas forças não se deixar envolver pela empolgação que os belos olhos emanavam. — Continue. Do que mais você se lembrou?

— Germaine viu a mulher que saiu da carruagem e — ela apontou para o desenho de Germaine — se você conseguir ver como ela se sentiu, então certamente terá uma idéia do quão forte foi aquela emoção. E depois a necessidade de fugir, de se esconder e voltar. Perceba que ela viu algo mais além da mulher, que até olhou outra vez. Um homem veio da praia e entregou à mulher um bauzinho. A Rosa Negra abriu o bauzinho e sorriu ao erguer por um momento um belo pingente de rubi para ver mais de perto, antes de guardar tudo na carruagem. Pouco antes de Germaine ter perdido seu medalhão, ela pensou que poderia encontrar a mulher por meio daquelas jóias. Germaine tinha certeza de que a mulher iria querer ficar com a maioria, se não com todas. Você não poderia fazer o mesmo?

— Vou precisar de uma lista da jóias — Hartley murmurou, começando a compartilhar ao menos um pouco da empolgação de Alethea. — Deve ter uma com os documentos que o conde deixou com o meu procurador. Ele sabia dos riscos, apesar da trégua, mas mesmo assim o fez caso algum membro da sua família sobrevivesse e se houvesse alguma chance de recuperar pelo menos algumas das suas propriedades. — Hartley suspirou. — Tentei manter Germaine e Bayard aqui, comigo, mas eles queriam ficar com o pai, que queria mostrar-lhes sua terra natal.

— Creio que há mais uma coisa que pode ajudá-lo na sua busca. — Quando notou que ainda segurava firmemente as mãos dele, Alethea tentou se livrar, mas ele a reteve suavemente, porém o suficiente para que ela parasse. — Germaine estava vestida como um menino. — Ela meneou a cabeça diante do olhar surpreso que ele lançou. — O pai dela deve ter pensado que seria mais seguro. Até mesmo os cabelos tinham sido cortados bem curtos, como os de um menino.

Hartley a encarou chocado por um momento, então puxou a sua mão abruptamente e beijou-a. Antes que pudesse se perder no beijo, ele tinha uma vaga ideia de que não era sensato fazer aquilo. Não foi um beijo brando, tampouco. Surpresa com o ato súbito, ela ofegou, e ele se aproveitou disso, enfiando a língua dentro da sua boca e saboreando o calor e o gosto dela. Ela tinha gosto de quero mais. E ele queria sentir aquela pele pálida e macia roçando a sua, o corpo dela contra o seu.

Foi preciso muito mais esforço do que o imaginado para pôr um fim ao beijo. Hartley deu uma olhada no rosto ruborizado e nos olhos arregalados de Alethea e rapidamente se levantou para andar pela sala, forçando seus pensamentos a voltarem para a questão de Germaine e Bayard e espantar a vontade envolvente de continuar a beijá-la. Ciente de que logo iria querer muito mais do que um beijo, não importava quão excitante e doce ela tinha sido, o alarme foi suficiente para ajudá-lo a recuperar os sentidos. Não seria apenas rude de sua parte seduzir Alethea depois de tudo que ela tinha feito por ele, mas seus instintos diziam que ia ser muito difícil conseguir manter o distanciamento que ele costumava manter com suas amantes.

— Fiquei tão enternecido com o rosto dela que não percebi o quanto os cabelos estavam curtos. Tenho certeza de que Germaine continuaria usando o disfarce — ele disse, quebrando o silêncio pesado que pairava no ar.

Alethea piscou, ignorando a confusão que o beijo causou. Cruzou as mãos sobre o colo para reprimir o desejo de tocar nos próprios lábios, lábios que ainda estavam quentes, lábios que formigavam por mais. O calor do beijo se espalhou rapidamente pelo corpo e demorou a se dissipar. Ela desejou poder ficar sozinha durante alguns minutos para que assim pudesse contemplar o seu primeiro beijo de verdade e se recuperar disso vagorosamente. Dizendo para si mesma com todo rigor que o beijo não passara de um ato impulsivo de Hartley, despertado pela alegria e esperanças renovadas por tudo que ela tinha dito, Alethea voltou suas atenções para o assunto em questão: os sobrinhos desaparecidos.

— Assim como eu — ela respondeu, satisfeita pelo modo calmo que sua voz soou, pois por dentro ela não passava de um amontoado de emoções —, ela certamente iria perceber a vantagem de continuar com o disfarce.

Hartley recuperou a compostura e só então se virou para fitá-la. Por um momento pensou em pedir desculpas por ter tomado tal liberdade, mas mudou de ideia rapidamente. Seria mentira dizer que ele estava arrependido do beijo. Assim como parecia que ela ia ignorar o acontecido, desculpando o ato como um impulso pelas esperanças que tinha acabado de dar, algo que o deixou aliviado e ao mesmo tempo preocupado. Ele não gostou da ideia de que ela pudesse ignorar o que tinha acabado de acontecer ou, pior ainda, tentasse esquecer. Hartley dispersou os estranhos pensamentos e fixou a mente na questão mais importante: salvar seus sobrinhos.

— Bem, acho que agora devo mandar um recado que não estamos mais à procura de uma família de seis pessoas, mas sim de duas crianças, apenas. Na verdade, uma moça e um menino, e que a moça pode estar disfarçada como um garoto. Isso limitará a busca, apesar de torná-la ainda mais difícil.

— Não há nenhum detalhe distinguível na aparência dela? Ela me pareceu ser uma menina muito bonita. — Alethea olhou para o desenho e tentou se lembrar da cor dos olhos e dos cabelos. — Duvido que o rosto tenha mudado muito.

— Provavelmente não, mas tudo que tenho são retratos em miniatura de quando ela era bem menor, acho que ela não tinha mais de cinco anos quando foram feitos.

— Esse é um problema fácil de ser resolvido. — Alethea apanhou o bloco de desenho. — Vou fazer um rascunho de como ela se parecia três anos atrás. — À medida que desenhava o rosto da menina, atenuando a fisionomia antes um pouco carregada pelo sentimento de vingança assassina, Alethea começou a visualizar Germaine tão claramente como se ela estivesse parada a sua frente. — Ela tem olhos azuis — ela murmurou.

— Sim, como os da minha irmã, que tinha os olhos da minha mãe — ele disse enquanto retomava o assento ao lado.

— Hartley, para um conhecedor de mulheres, esta foi uma descrição muito vaga.

— Não me considero um conhecedor de mulheres — ele murmurou, um pouco surpreso ao se dar conta de que não queria que ela o imaginasse como um conquistador sem coração que seduzia e depois descartava as mulheres. O

que era um absurdo, ele refletiu, uma vez que tinha trabalhado duro durante anos para conquistar aquela reputação.

Alethea ignorou o olhar enganador que ele lançou.

— Germaine tem olhos azuis de um tom muito diferente. Ela pode conseguir esconder tudo o mais, mas nunca conseguiria esconder completamente aqueles olhos. — Com todo cuidado ela arrancou a página do bloco. — Ela tem olhos azuis-claros e límpidos como o céu de verão ou da cor das hortênsias. Muito, muito azuis, mas não escuros como os meus ou pálidos. Roupas de menino, cabelos curtos, nada daquilo nunca conseguirá esconder aqueles olhos. Os cabelos têm um belo tom de castanho dourado, mas não ajudará muito se ela não estiver os escondendo ou se não estiverem opacos pela sujeira. Ah, mas aqueles olhos... para encontrá-la basta olhar para eles.

Hartley fitou o retrato que ela tinha feito de Germaine.

— Você é muito talentosa. Estou feliz que tenha atenuado aquela fisionomia de ódio e ira que havia no rosto dela.

— Será que vai ajudar? Posso fazer mais retratos se for preciso.

— Acredito que este basta. Vou enviá-lo com o próximo homem que está indo para a França, e ele pode mostrar para os nossos homens de lá. — Ele olhou para ela e lutou contra a vontade de acariciar o rosto pequeno, de sentir o calor daquela pele adorável sob seus dedos, de experimentar aqueles lábios carnudos mais uma vez. — Isso tudo é muito difícil para você, não é?

— Sim e não. Normalmente não costumo... como posso dizer? Ligar-me ou me apegar à pessoa da visão de modo tão forte. Creio que as emoções de

Germaine eram tão intensas que me atraíram. Ver os assassinos através dos olhos dela, sentir o medo, a dor e a fúria que ela sentiu... Foi difícil! Mas o fato de saber que com isso posso ter lhe dado uma pista que irá ajudar a encontrar ela e o menino faz com que todo o esforço valha a pena. E que existe uma esperança.

— É verdade. No entanto, por que ela não voltou para a Inglaterra? Tenho certeza de que ela teria tentado voltar para cá.

— Claro que sim, mas ela fugiu daquela praia com nada além das roupas do corpo e Bayard. Apesar da trégua ou da loucura ter se acalmado, ela ficou presa em um país em guerra, entre eles mesmos e com outros países. Não me surpreenderia se ela não estiver fazendo o possível para se manterem vivos, algo que deve estar consumido todas as suas forças e tempo. E em quem ela poderia confiar? Em quem ela *ousaria* confiar.

Hartley assentiu.

— Você tem razão. Acho que não estava raciocinando com clareza. Droga, como se não bastasse eles serem meio-ingleses, eles são também da velha aristocracia francesa, os motins sangrentos acalmaram, mas não o ódio ou a desconfiança. Muitos membros da aristocracia que sobreviveu àquela insanidade agora fazem oposição ao governo.

Ele ficou em pé, tomou a mão dela e beijou-a. — Você foi muito gentil e ajudou muito. Sei que isso tudo é uma provação para você.

— Oh, não, eu... — ela iniciou, tentando pensar no que dizer, pois pelo jeito o calor dos lábios dele contra a sua pele tinha espantado aos quatro ventos todos os seus pensamentos.

— Sim, sei que é. Duvidei disso tudo a princípio, mas quando a vi segurando aquele lenço — ele balançou a cabeça — não pude mais contestar tudo que você tinha me dito e mostrado com seus desenhos. — Ele olhou para o medalhão. — Para mim, isto não passa de uma joiazinha bonita. Só de saber onde ela foi encontrada, pude imaginar a tragédia que havia por trás, mas a jóia não contou nada para mim como contou para você.

Quando ele recuou um passo e apanhou o medalhão para guardá-lo de volta no bolso do colete, Alethea se levantou e fez um afago no braço dele.

— O medalhão não falou com você de modo claro, mas você sabia que havia algo errado. Desconfiou que tivesse algum pressentimento todas as vezes que tocava nele, sentia o perigo e a tragédia. Ele apenas falou mais alto comigo. Se tivesse me trazido o medalhão antes da sua sobrinha ter ido para a França, provavelmente não passaria de uma bela jóia para mim também. Eu poderia ter percebido coisas simples, como o tempo de uso, mas nada mais. Entretanto, ela estava usando o medalhão contra a pele quando todas aquelas coisas terríveis aconteceram, quando o mundo dela desabou. Foi como se todas as emoções dela tivessem ficado impregnadas no metal, presa dentro dele. Foi isso que facilitou minha visão.

— Você nunca tocou em nada meu, nem mesmo me conhecia. Alethea sorriu.

— Eu sei. Não entendo porque tenho tido visões com você há tanto tempo, sonhos também, e até mesmo sinto a sua presença de vez em quando. Isso não faz sentido. Nunca fez. Todas as vezes que acontecia eu me sentia mal, pois era como se tivesse invadido a sua privacidade. — Ela soltou um

suspiro. — Sei que é uma explicação frágil, mas mesmo assim ainda me perguntou se aquilo tudo não aconteceu para que eu me preparasse para este momento. Pensei que tivesse acontecido para que eu pudesse salvá-lo, mas agora estou começando a imaginar se o motivo não foi para salvar aquelas duas crianças perdidas. — Ela tocou no bolso do colete onde ele tinha guardado o medalhão. — Afinal, quais eram as chances de a pessoa que encontrou o medalhão de Germaine devolvê-lo para você?

Hartley considerou sobre a possibilidade por um momento.

— Muito pequenas. Ele foi encontrado quando estavam vasculhando a área em busca de algum sinal deles. Pode ser como você disse. Que você foi enviada para me salvar por que apenas através de mim você poderia salvar Germaine e Bayard. Ah, estamos tentando encontrar um sentido para algo miraculoso. — Ele também tocou no bolso do colete onde o medalhão jazia. — Sei que será difícil encontrar os filhos da minha irmã, que eles podem ter morrido em algum momento ao longo desses três anos que ficaram presos na França. Mas agora tenho alguma esperança.

— Rezo para que ela seja recompensada — ela sussurrou e posou a mão sobre a dele que ainda estava sobre o medalhão.

Apesar de ter dito para si mesmo que deveria se afastar, que não deveria ceder à crescente atração que sentia por ela, ele estendeu a mão livre e tocou aquele rosto delicado. A pele era macia, quente e dava prazer em tocar... Ele ansiou por acariciá-la ainda mais. O tom dos olhos dela escureceu para um azul intenso, o que mostrava que ela sentia o mesmo desejo ardente. Deixando de lado todas as possíveis conseqüências e ignorando as resoluções

tomadas minutos antes, ele abaixou a boca até a dela, pois precisava prová-la mais uma vez.

Ela tinha um sabor doce, quente e sedutor, ele pensou enquanto deslizava o braço ao redor da cintura fina e a puxava para mais perto. Exatamente como temia, ela tinha gosto de quero mais — mais do que beijos e carícias suaves. O modo como ela se encaixou ao seu corpo despertou seus desejos mais selvagens. Ele lutou contra o impulso de deitá-la no tapete. Alethea era viúva, mas seus instintos, afiados pelos anos de jogos de amor, mostravam que ela estava longe de ser uma mulher experiente. O modo como mais uma vez ela pareceu surpresa quando ele invadiu sua boca com a língua só veio confirmar o palpite. O sabor de inocência atiçou ainda mais o desejo que sentia por ela. Ele queria poder mostrar todo o prazer que um homem e uma mulher podiam compartilhar.

Alethea estava ao mesmo tempo excitada e assustada pelo desejo que Hartley despertava nela. Uma parte tímida sua queria se esquivar e sair correndo da sala. Mas ela silenciou essa vontade e se aconchegou contra o corpo envolvente. Tirando alguns toques de lábios do marido, Alethea nunca tinha sido realmente beijada e não estava disposta a fugir da segunda oportunidade de provar essa delícia. O fato de que era Hartley quem estava a introduzindo a esse prazer só contribuiu para que ela quisesse ainda mais. Quando ele a acariciou, descendo a mão enorme ao longo das suas costas e parando sobre as nádegas, ela estremeceu — o toque ousado acendeu ainda mais o seu desejo. As roupas que os separavam se tornaram uma irritação em vez do escudo que deveriam representar para ela.

— Humm, humm!

Alethea duvidou de que tivesse se assustado mais se alguém tivesse despejado um balde de água fria sobre a sua cabeça. A paixão que aquecia seu sangue desapareceu tão abruptamente que ela quase gritou em protesto. Hartley ficou tenso e se afastou, uma distância gélida erradicou o último resquício de calor que eles ainda compartilhavam. Ela olhou na direção da porta, de onde seu tio olhava feio para eles, e conteve a vontade de dizer para Iago ir embora e não se esquecer de fechar a porta depois de sair.

Afastando-se um passo de Hartley e tentando parecer inocente e sem jeito, Alethea disse:

— Creio que sabemos como encontrar os filhos da irmã dele.

No mesmo instante se pôs a contar para o tio a história do medalhão e tudo que ela tinha visto. O interesse e a atenção de Iago logo foram capturados, como esperado. Alethea ficou aliviada quando nada foi dito sobre o abraço que Iago tinha visto. Ela esperou que o tio tivesse decidido que não valeria a pena causar uma cena. Ela rezou para que a sorte não a abandonasse.



## CAPÍTULO VI

— ELE NÃO DESEJA TER NADA ALÉM DE UM ROMANCE.

Alethea suspirou enquanto olhava para Iago, que estava sentado, elegantemente, de frente para ela na carruagem. Uma noite e um dia tinham se passado desde que ele a apanhara aos abraços com Hartley. Ela tinha imaginado que Iago fosse deixar por isso mesmo e que não iria mencionar nada. Obviamente ele não o fizera de imediato e, em vez de abordar o assunto, optara por passar o tempo ponderando a respeito. Ou talvez, ela pensou, enquanto analisava a fisionomia séria dele, *remoendo* o assunto fosse uma palavra melhor para definir.

— Talvez eu queira o mesmo — ela disse e quase sorriu diante da careta que ele fez.

— Você pode até ser uma viúva, mas não é uma mulher experiente. Um homem como ele poderia facilmente ferir uma mulher como você.

— Fisicamente? — Ela sabia no coração que Hartley nunca iria feri-la desse modo, mas estava curiosa para saber o que seu tio estava pensando.

— Nunca, mas emocionalmente ele poderia estraçalhar o seu coração.

Não havia como argumentar contra isso, pois seus instintos já tinham a alertado sobre essa possibilidade. O bom-senso, no entanto, pelo visto tinha desaparecido por completo quando Hartley a beijara. Mas agora ela ansiava

por mais beijos. Ansiava mais do que beijos. Seus sonhos na noite anterior tinham sido recheados com as possibilidades mais escandalosas de como ele poderia lhe dar o prazer que seus beijos prometiam. O que precisava decidir era se iria valer a pena à dor de não ser mais do que uma aventura para ele. Alethea temia que estivesse mais do que disposta a correr o risco. Os beijos tinham despertado nela uma tentação a que ela duvidava que pudesse resistir.

— Se eu permitir que ele me machuque desse jeito, a loucura será minha, concorda? Será minha insensatez entregar meu coração a um conquistador renomado, a um homem cujo interesse e a paixão por uma mulher são tão passageiros quanto um belo dia de verão.

Iago resmungou, e então soltou um longo suspiro.

— Já que entende o tipo de homem que ele é, por que está disposta a se expor ao risco?

— Você faria a mesma pergunta para um homem?

— Espertinha — ele murmurou e soltou um breve sorriso. — Não, e você sabe muito bem disso. Como muitos dizem, é esperado dos homens que se rendam às loucuras e aos prazeres da juventude. Só não entendo muito bem por que um homem que seduz tantas mulheres, já teve tantos romances e ficou marcado como um conquistador ainda é bem aceito nas rodas sociais, considerando o quanto os homens costumam proteger as mulheres das suas famílias. Mas para que um homem deixe de ser aceito é preciso que ele cometa muitos atos vergonhosos antes. Um homem que é rico, um marquês solteiro, belo e jovem, tem que fazer ainda pior antes que as mães casamenteiras recusem a sua entrada nos bailes ou em quaisquer outros

eventos sociais. Uma mulher, por outro lado, pode se tornar falada só por ter dançado e sorrido para o homem errado.

— Como é injusto. Iago, sou uma Vaughn, apesar do meu sobrenome de casada. Não fosse pelo fato de você ser jovem, possuir um título e ser solteiro, eu não seria convidada para estes eventos de qualquer maneira.

— Se as pessoas conhecessem você...

— Se as pessoas realmente me conhecessem, eu nunca seria convidada para nada exceto alguns chás ou pequenas recepções em que esperariam que eu dissesse se os maridos são fieis ou com quem elas deveriam se casar. Eu seria o entretenimento. Não sou nem uma herdeira que alguma mãe pudesse querer agarrar para o filho. Sou apenas uma jovem viúva com uma renda suficiente para viver em um pequeno solar, numa pequena propriedade a alguns dias de viagem de Londres. Não passo do tipo de mulher que homens como Redgrave querem como amante.

— Alethea...

— Não, Iago. Esta decisão é só minha. Se for uma loucura, que seja então. Se eu terminar com o coração partido, que seja. Depois que toda esta história chegar ao fim, voltarei para Coulthurst com Kate e Alfred. Este é o futuro que me espera. Você vai me negar o direito de ter alguns momentos de prazer, de poder voar com as minhas próprias asas?

Iago suspirou e balançou a cabeça.

— Não. Como você mesma disse, você é uma viúva. São poucos os que sabem que você não teve um marido de verdade. As viúvas têm alguma liberdade, contanto que sejam discretas. Redgrave é discreto.

— Então como todos sabem que ele é um conquistador?

— Quando digo discreto quero dizer que ninguém pode confirmar o que está acontecendo, salvo pelos envolvidos diretamente. Seus romances não são ostentados diante de todos.

— Acho que nunca vou conseguir compreender a sociedade.

— Nem tente.

— E o tema pode ser discutível de qualquer maneira. Hartley precisa continuar suas investidas para tentar arrancar segredos de Madame Claudete.

— Alethea se surpreendeu ao perceber o quanto doía só declarar o fato, apesar de ter sido uma dor amena. Ela já imaginava que estava correndo um grande risco de perder mais do que sua inocência para o mais que belo Marquês de Redgrave.

— Eu ficarei surpreso se ele ainda tiver estômago para permanecer na mesma sala que essa mulher. Como ele não verá o sangue que mancha as mãos dela, sangue que pode ser até mesmo dos seus sobrinhos, por ter abandonado os dois na França depois que a família foi assassinada? Ele deve estar pensando em um modo de escapar ao dever, deve ter perdido todo o ímpeto de fazê-lo.

— Será que ele não o fará nem mesmo pelo rei e pelo país?

— Ah. Esqueça isso. Isso não vai incomodá-la?

— Não posso dizer que vou apreciar vê-lo jogando charme para outra mulher quando na verdade preferia que fosse para mim, mas anseio que ela seja entregue à justiça. Não apenas pelas vidas que ela já levou, mas por

aquelas que planeja levar.

— Tal como a de Redgrave.

— Exatamente. Lembre, eu a vi quando tive a visão enquanto segurava o medalhão de Germaine. A mulher permitiu que duas crianças, um homem bom e a sua jovem esposa fossem cruelmente assassinados para que ela pudesse ficar com as jóias. Pode ser até que tenha sido apenas uma vingança por algum suposto insulto. Não fosse pela presença de espírito e força de Germaine, quatro crianças teriam morrido naquela praia. Ela fez tudo àquilo por ganância, e isso é o que mais me enoja. Oh, sim, ela pode ter tido outros motivos mais do que um simples roubo e vingança, mas eu sei, no fundo do coração, eu sei, que nenhum desses motivos vai além da ganância e da vaidade.

— Por algum motivo, não acredito que a sedução irá funcionar para arrancar informações daquela mulher.

— Não irá mesmo, mas os superiores de Hartley acham que sim, e Hartley é, acima de tudo, um bom soldado. Uma vez que ele não pode contar aos seus superiores como descobriu tudo que sabe a respeito de Claudete, creio que ele terá de continuar com o jogo.

— Logo vamos ver como ele joga — disse Iago quando a carruagem parava diante de uma elegante casa muito bem iluminada por tochas. — Tanto ele quanto Madame Claudete estarão aqui nesta noite.

Enquanto Alethea permitia que seu tio a conduzisse à casa dos Loring, onde o grande baile já tinha começado, ela lutou contra o desejo de dar meia volta e sair correndo. Sua mente sabia que Hartley iria dar continuidade ao

jogo com Claudete, que ele tinha recebido ordens para seduzir a mulher para que assim pudesse tentar descobrir algumas pistas que levassem aos filhos da sua irmã. O problema era que ela sabia que seu coração não conseguia entender. Sabia que iria sangrar um pouco a cada sorriso que Hartley lançasse para aquela mulher. O que era para ser mais uma noite encantadora observando como a sociedade de Londres se comportava prometia se transformar em um doloroso pesadelo.

— Pelo visto você respondeu ao convite discreto da Madame — comentou Aldus.

Hartley sorriu e assentiu enquanto se certificava de que Claudete ainda conversava distraidamente com a irmã a alguns passos de distância. O bilhete nem tinha sido tão discreto e deixava bem clara a exigência de que ele a acompanhasse nessa noite. Mesmo que tentasse se afastar dela, ele estava começando a perceber que ela não iria permitir tão facilmente assim. O sucesso anterior na investida contra ele deixara-a arrogante, e pessoas arrogantes não são boas perdedoras.

Assim, ele iria flertar e sorrir. Iria acompanhá-la a todos os lugares que tivesse que acompanhar. Poderia até mesmo prometer um pouco mais com alguns beijos e carícias. O que ele sabia que não poderia fazer, nunca poderia, era se deitar com ela. O simples pensamento de fazer tal coisa já revirava seu estômago.

— Estou certo de que ela não vai me dar às informações que estamos buscando — ele disse convicto. — Ela está jogando este jogo em nome dos próprios interesses, Aldus, e não porque está atrás de mim para ser seu

amante.

— Eu sei — Gifford disse enquanto entregava uma bebida a Hartley. — Quanto mais descobro sobre ela, mais certeza tenho de que ela é do tipo incapaz de se trair entre os lençóis. Mas ela espera que você o faça, assim como temo que outros também o queiram. Peterson e Rogers morreram porque algum tolo perdeu o juízo ao se deixar cair nas ciladas da paixão. O melhor que pode fazer é deixar escapar algumas informações falsas que podem conduzi-la a uma armadilha, mas nem sempre tais truques dão certo. Mesmo assim, como poderemos dizer para nosso superior Willsett, que isso não passa de uma perda de tempo?

— Ele vai pensar em outra solução que não seja você ter de levá-la para a cama, Hartley — Aldus o assegurou.

— Não posso e não irei para a cama com aquela mulher — Hartley afirmou num tom de voz tão firme e raivoso que surpreendeu a ele mesmo. — Meu estômago revira só de beijar a mão dela, pois sei o quão manchadas estão de sangue de inocentes. Tenho certeza de que nada irá mudar mesmo que ela se empenhe. Minha repulsa por ela detém seus próprios perigos. Ela pode ser uma víbora assassina, mas é também uma sobrevivente, e muito esperta. Logo irá notar que meu ardor é falso, que algo mudou em mim, e que não foi a seu favor. Seria melhor que eu me afastasse dela o mais rápido possível.

Aldus assentiu.

— Compreendido e compreensível. Estou trabalhando nisso.

— Talvez devêssemos simplesmente ir até Willsett e dizer a ele que

temos certeza de que sedução não irá funcionar com aquela mulher, que ela pode até ficar desconfiada. — Gifford contraiu os ombros quando seus amigos apenas o encararam. — Foi apenas uma idéia. Ele sempre confiou no nosso julgamento com relação a esses assuntos.

— Foi uma boa ideia, Gifford — disse Hartley, ciente de que o homem tinha razão sobre a confiança que o superior direto tinha neles. — Willsett poderia ouvir a nossa opinião, e pode ser que não tenhamos de explicar como chegamos a ela. Infelizmente, Willsett viajou para Hampshire porque a esposa está prestes a dar à luz o terceiro filho deles.

— Eu poderia ir até lá e falar com ele.

— Vamos nós dois — disse Aldus.

Hartley abriu a boca para dizer não, que eles não deveriam incomodar Willsett num momento como aquele. Então ele olhou para Claudete, que sorriu para ele. Ele sorriu de volta, mas soube pelos olhos contraídos dela que o sorriso não funcionou. Ela já estava ficando desconfiada, sentindo a mudança que ele estava lutando para esconder. Ao longo dos anos, ele tinha se tornado especialista em ocultar seus sentimentos e desconfianças, mas, desta vez, tudo era muito pessoal. Seria mais seguro para todos se ele pudesse se afastar dela antes que aquela desconfiança crescesse e acabasse se transformando em uma certeza.

— Sim — ele disse. —Vão. Vejo que já vacilei na minha conquista de levá-la para cama. Tenho certeza até de que ela já deve ter percebido a mudança em mim. Na noite passada cheguei à conclusão de que mesmo antes de conhecermos os Vaughn eu já não gostava de Claudete, já desconfiava de

que ela não passava de uma vendedora de informações, uma mulher ambiciosa que nem se importou com as vidas desperdiçadas por causa dos seus atos. Agora sempre que estou ao lado dela tenho de lutar para conter a vontade de colocar as minhas mãos ao redor daquele pescocinho e tentar fazer com que ela solte toda a verdade.

Aldus limpou a garganta.

— Certamente não será de um modo muito amoroso. — Ele soltou um breve sorriso. — Contenha-se, meu amigo. E só o digo por que não ganharíamos nada com isso. A mulher possui muitos aliados que têm o poder de livrá-la caso tentemos interrogá-la sem as provas que precisamos para mandá-la de volta para a França. Ela possui também a esperteza de saber quem pode ou não representar tal ameaça. E você não pode. Não a menos que esteja com a mente limpa e o sangue frio. Você não hesitará em entregá-la à justiça que ela merece encarar, mas você não é um torturador. Certamente não de uma mulher.

Hartley não tinha tanta certeza disso quanto Aldus. Ele quase podia sentir o cheiro do sangue de Claudete. Pior, podia ver a fúria e a tristeza que tinham envelhecido o rosto da jovem Germaine. Claudete era a responsável pelo desaparecimento dos filhos da sua irmã, pela perda da inocência de seus sobrinhos. Se eles tivessem conseguido sobreviver sozinhos ao longo dos três anos na França, ele só podia imaginar o que tinham sofrido. Tais pensamentos entristeceram seus sonhos e roubaram seu sono.

— Não sei o que você está pensando, Hart, mas é melhor tirar da cabeça — disse Gifford. — Se Claudete ver isso estampado no seu rosto, ela vai fugir

do país.

Hartley respirou fundo e tentou acalmar a fúria que fervilhava em suas veias.

— Está melhor?

— Um pouco. Pelo menos não parece mais que você deseja matar alguém. Ah, lá vêm os Vaughn.

*Alethea.* O nome sussurrou na sua mente, aguçando seus sentidos, e Hartley quase deixou escapar um xingamento. Ela era o outro motivo que roubava seu sono. Pelo qual estava acordando no meio da noite com a boca cheia das promessas dos beijos doces, e o corpo rijo de desejo. O instinto alertou, dizendo-lhe que a pequena vidente poderia mudar a sua vida, mas ele não estava pronto para mudanças. Pelo menos era isso que a sua mente teimosa continuava dizendo. Pois o restante do seu corpo estava pronto para pular na aventura com os dois pés juntos.

Ele olhou para os Vaughn, que caminhavam lentamente em meio à multidão. Alethea usava um vestido bordo que acentuava suas curvas macias e conferia à delicada pele de marfim um toque de calor. Todo o corpo dele enrijeceu de desejo, e ele teve que conter um gemido. O decote do vestido era mais baixo do que os que ela costumava usar, e ele pôde ver as elevações macias dos seios com mais clareza. Hartley se imaginou mergulhando de cabeça naquela carne sedosa e cerrou os punhos. A vontade de avançar e erguer o decote ou arrumar um xale para jogar ao redor dos ombros dela foi muito forte. Nunca, em toda a sua vida, fora tão difícil se controlar.

— Existe um modo seguro de tirar Claudete do jogo — disse Aldus

quando os Vaughn pararam para conversar com uma senhora e sua jovem e ruborizada filha.

Hartley percebeu o modo como Aldus analisava fixamente Alethea e no mesmo instante adivinhou qual era o plano do amigo.

— Não.

— Claudete não iria gostar de competir com nenhuma mulher. Provavelmente iria sair em busca de uma nova presa. E isso ainda serviria para justificar por que você a rejeitou.

— Alethea já está muito envolvida nesta história. E que garantias você tem de que Claudete vai desistir? Sabemos que a mulher é uma assassina fria, que se insulta com facilidade. Ela pode resolver que ainda precisa arrancar algumas informações de mim. E se eu colocar Alethea entre nós, Claudete pode querer simplesmente se livrar dela.

— Ah. Eu não tinha considerado a possibilidade. Então é melhor que continuem amigos e nada mais.

— Exatamente. Vamos esperar que Claudete não tenha ouvido os boatos que correm sobre os Vaughn e, mais, que não acredite neles caso já tenha ouvido algo.

— Sim, isso poderia causar um problema. Pode ser uma boa ideia colocar alguém para vigiá-los.

— Pode ser. Só precisamos pensar em um motivo que justifique, alguma razão para que eles sintam que precisam de segurança.

— Ou um motivo muito bom para que eles tenham que arrumar alguns

criados fortões e bem armados.

Assim que os Vaughn se aproximaram, Hartley sentiu um braço fino se entrelaçando na curva do seu. O toque frio da mão no antebraço foi o suficiente para denunciar quem era antes mesmo de ele olhar, assim como o fez o forte odor de rosas. Claudete estava de volta. Algo na sua postura indicou que ela estava tomando posse do que imaginava ser seu. Ele baixou os olhos para a pequena mão enluvada pendurada ao seu braço, perguntando-se por que, apesar das camadas de roupas que os separava, aquela delicada mão queimava a sua pele de frio. "O toque da morte é frio", ele pensou, e então decidiu que sua imaginação era muito mais forte do que ele tinha imaginado que fosse.

Só depois que Aldus começou falar, educadamente cuidando das apresentações, que Hartley percebeu o quão profundamente tinha se perdido em seus próprios pensamentos. O leve aperto da mão de Claudete em seu braço mostrou que ela tinha notado a sua mudança de comportamento. Ele precisava manter a mente clara e tentar cumprir sua missão da melhor maneira possível, até que fosse oficialmente dispensado. Além do mais, ele não queria se juntar a Robert e Peterson na multidão de espíritos furiosos que rondavam Claudete.

Claudete começou flertar com Iago, e Hartley quase sorriu. Será que ela estava pensando que iria despertar seu ciúme? Ele pensou minutos antes de ser tomado por um certo desconforto. Claudete não estava flertando; ela estava tentando arrancar informações. Poderia simplesmente estar fazendo aquilo pelo bem da sua irmã, tentando descobrir por que Iago não visitara mais a cama de Margarite, mas Hartley duvidava que Claudete fosse capaz de

um ato tão inocente. Ele começou a temer que tivesse arrastado os Vaughn para águas muito perigosas. Considerando o que Iago tinha dito que vira ao redor de Claudete, até que o homem estava conseguindo se segurar bem. Mas Hartley queria alertá-lo. Quando a pequena orquestra começou a tocar um minueto, ele viu a chance de fazê-lo. Do modo mais discreto que conseguiu, na esperança de com isso atenuar qualquer tipo de ofensa que a mulher pudesse sentir, ele pediu licença para Claudete e conduziu Alethea para a pista de dança.

Dançar não era algo que Alethea fazia com muita frequência, assim como não estava certa se sabia como fazer, mas mesmo assim não protestou quando Hartley a conduziu em meio à multidão que se reunia para a dança. Ela tinha decidido que seria melhor evitar ao máximo esses encontros, pois só de ver Claudete ao lado dele, pendurada nele com ares de posse, já foi o suficiente para que sentisse vontade de sair correndo do salão de baile. Agora ela tinha certeza de que não iria suportar vê-lo seduzindo aquela mulher, pelo menos não deixar de mostrar o quanto doía para ela ficar observando a cena. Além do mais, ela não deseja fazer papel de boba.

— Você precisa alertar Iago para ele tomar cuidado quando Claudete estiver por perto — Hartley disse num tom de voz baixo enquanto a guiava nos passos de dança com uma leveza que a fez se sentir melhor.

— Acho que meu tio já sabe que aquela mulher é uma víbora — Alethea disse e contraiu a testa quando olhou para o rosto dele, perguntando-se como ele conseguia transparecer tanta calma quando ela podia sentir o quão preocupado ele estava. — Ele vê a morte ao redor dela, lembra?

— Eu sei, mas quão habilidoso ele é na arte de jogar os jogos de espões e traidores, na arte de enganar?

— Não muito, eu acho. Não é o tipo de jogo que ele já jogou antes. Mas por que ele precisa saber?

— Porque ela está tentando arrancar informações dele.

— Pensei que ela estivesse tentando descobrir por que ele desistiu da irmã dela.

— Isso era o que ela queria que nós pensássemos. Foi o que pensei por um tempo. Tolo que sou, cheguei a imaginar que ela estivesse tentando despertar meu ciúme. Então comecei a prestar mais atenção. Ela está em busca de informações. Temo que, porque agora você e ele parecem ser nossos amigos, ela pode muito bem estar pensando que Iago sabe muito mais do que sabia. Afinal, ela sabe quem somos, que estamos trabalhando para o governo. Foi por isso que ela se aproximou de mim.

Alethea ficou tensa e lutou contra a vontade de sair correndo até o tio e arrastá-lo para longe, bem longe, daquela mulher.

— Iago não é ingênuo e nem tolo. Não se preocupe que ele não revelará nenhuma informação que ela queira. Digo mais uma vez, não se esqueça, ele vê com muito mais clareza do que qualquer um o quanto as mãos dela estão encharcadas de sangue de inocentes.

— Foi o que pensei, mas eu me sentiria negligente caso não desse ao menos um aviso.

— Garanto que o alertarei na primeira oportunidade que tiver.

— Achamos que talvez seja melhor colocar um guarda para proteger você e Iago.

— Isso é algo que teremos que discutir com ele, mas prometo repassar sua idéia. — Alethea perguntou-se se tinha soado tão fria para ele quanto soara para si mesma.

Eles terminaram a dança em silêncio, um silêncio desconfortável, como se os dois desejassem dizer algo, mas não conseguissem. Cada toque da mão de Alethea, cada roçar de seu corpo fazia com que Hartley tivesse que lutar para se controlar. Nem mesmo a lembrança de que ela tinha visões, que tinha um dom que ele não compreendia, atenuou o desejo crescente de abraçá-la, de provar a paixão.

Quando a música terminou e ela ergueu os olhos, ele foi apanhado de imediato pelo calor daqueles olhos azuis prateados. Cada vez que ele olhava para aquele rosto ela parecia mais bonita. Ele começou a inclinar o corpo para frente, cedendo à vontade de provar aqueles lábios mais uma vez, mas rapidamente se deteve, recuando um passo e educadamente oferecendo o braço. Ela estava causando um caos na sua vida, na sua mente e, no seu coração, ele temia por isso, mas ao mesmo tempo não sabia o que fazer a respeito. Havia até mesmo uma parte sua que não queria parar, e esta parte ganhava forças diariamente.

Foi difícil conter uma explosão de raiva infantil quando Hartley a deixou ao lado do tio e saiu com a enjoativa Claudete para dançar. Alethea sabia que tinha visto desejo nos olhos de Hartley, um desejo que se equiparava ao seu, mas que o desejo teve de ser ocultado dela e de todos. Seus lábios formigavam

com a promessa do beijo que ela tinha visto no belo rosto, no modo como ele começou se aproximar. Contudo, ela tratou de se lembrar que eles estavam em público, que ele tinha um trabalho a fazer, um dever para com o rei e o país de ir até o inferno para levar Claudete com ele. Hartley estava dançando e sorrindo para Claudete quando deveria estar dançando e sorrindo para ela. Na esperança de se distrair das próprias emoções tempestuosas, ela aceitou o convite de Iago para dançar.

Duas horas depois, Alethea estava farta. Mais do que farta. Estava desesperada para ir para casa. Como se para compensar pelo seu lapso para com ela, Hartley estava cortejando Claudete com o que parecia ser um ardor verdadeiro. Alethea estava enjoada só de olhar para eles. No entanto, Iago estava numa conversa animada sobre investimentos com Lorde Dansing, por isso Alethea resolveu dar um passeio pelos jardins. Um pouco de ar fresco da noite era justamente o que ela precisava para clarear a mente antes que cedesse ao ciúme que corroía seu coração e fizesse alguma bobagem. No jogo em que estavam envolvidos, cometer uma bobagem poderia ser mortal.

O ar fresco da noite foi como uma bofetada necessária, e Alethea respirou profundamente enquanto circulava entre o caminho iluminado por tochas. Os Loring possuíam um imenso jardim, e ela desejou que fosse dia para que pudesse desfrutar ainda mais de toda aquela beleza. Os jardins sempre a acalmaram — a beleza era um verdadeiro bálsamo para a sua alma.

E ela estava precisando muito se acalmar, concluiu ao parar para apreciar a música suave das águas que caíam de um elaborado chafariz. Ela tinha entrado para o perigoso mundo dos espões e das traições, das mentiras e dos segredos. Suas visões tinham lhe mostrado o quão mau aquele mundo podia

ser. Naquele universo sombrio, as coisas não poderiam acontecer exatamente do modo que ela desejava. Parecia muito injusto, que, quando ela finalmente conheceu um homem que despertou o seu interesse, um homem que lhe deu a esperança de finalmente provar a paixão do qual os poetas falavam com tanto entusiasmo, ele estivesse fora do seu alcance.

Ainda que ela e Hartley viessem a se tornar amantes, isso não iria colocar um fim à perseguição dele a Claudete. Alethea não poderia dar o seu corpo a um homem que estava tentando fazer de tudo para subir na cama de outra mulher, não importava o quanto seus motivos fossem honrados e compreensíveis. Ter um romance com um homem, sabendo que a paixão e o prazer que ele estava lhe dando poderiam ser apenas um caso passageiro, era aceitável, não importava o quanto ela viesse a sofrer depois que ele a deixasse. Porém, ter um romance com um homem que estava cortejando abertamente e indo para a cama com outra mulher não era aceitável.

O ruído de passos na trilha de pedrinhas arrancou-a de seus pensamentos sombrios. Alethea se virou para ver quem estava passeando pelo jardim e ficou tensa. Um homem enorme estava vindo na sua direção. Ela saiu de lado, na esperança de que ele estivesse apenas explorando o jardim assim como ela, apesar de seu coração acelerado dizer o contrário. O estranho sorriu apenas, um sorriso frio e malvado que fez uma onda de medo perpassar seu corpo. De repente, ela soube quem era ele.

Alethea suspendeu a barra do vestido e saiu correndo. Ela deixou escapar um grito agudo quando ele a segurou pelos cabelos e a puxou de volta. Quando foi obrigada a olhar nos olhos dele, ela amaldiçoou o próprio dom por não avisá-la do perigo. O dom já tinha lhe contado tantas coisas, por que

não a alertara desta vez? Ela lutou como pôde, mas o modo como ele puxava seus cabelos com firmeza, a força e o tamanho, aliados às suas roupas pesadas e restritivas trabalharam todos juntos contra ela.

— Você está irritando algumas pessoas — ele disse.

Alethea estremeceu quando ele passou o braço ao redor do seu corpo, puxando os braços dela para trás, enquanto o hálito quente roçava seu rosto. Ele cheirava à fumaça e cerveja, mas por mais forte que fossem aqueles odores, eles não conseguiam disfarçar o fato de que o homem estava precisando muito de um banho. Apesar de muitos ainda fugirem do banho diário, esse homem cheirava mal de um modo distinto ao das outras pessoas que estavam no baile. Ele cheirava às ruas e aos becos da cidade. Havia mais um odor, mas ela não conseguia descobrir, apesar da sua mente lhe dizer que era importante saber. Ele estava bem vestido, elegante o suficiente para se misturar aos outros convidados, mas ela tinha certeza de que ele não fazia parte da sociedade. Então ele esfregou as mãos enormes sobre os seus seios, e ela emudeceu, pois a sensação de invasão que o toque provocou foi muito além do que ela podia suportar.

— Não faço a menor idéia do que o senhor está falando — ela disse, satisfeita por sua voz ter soado firme e não demonstrado todo o medo que ela sentia.

— Volte para a sua casa e fique longe do Lorde Redgrave.

"Claudete", ela pensou enquanto ele a virou de frente e a segurou firme pelo pulso. A distância entre eles não era grande o suficiente para que ela pudesse lhe dar um chute. Alethea não sabia o que ela ou Hartley tinham

feito para irritar aquela mulher, mas, de algum modo, Claudete percebera que ele não estava caindo na sua armadilha.

— Isso é ridículo — ela disse. — Não estou ameaçando nenhuma mulher.

— Ah, acho que está sim. Agora, eu adoraria erguer a sua saia e me divertir um pouco, mas só estou cumprindo ordens. E ela disse que desta vez não. Por isso espero que não dê ouvidos a este aviso.

Enquanto observava o punho enorme se aproximando do seu rosto, Alethea pensou que preferia imensamente levar um soco a ser obrigada a se submeter ao que o homem tinha dito que queria fazer com ela. E então a dor explodiu na sua cabeça.



## *CAPÍTULO VII*

HARTLEY ADENTROU NA ACONCHEGANTE BIBLIOTECA DE LORDE LORING E se serviu do conhaque que sabia que o homem guardava ali. O calor da bebida potente rapidamente se espalhou pelo seu corpo, e ele sabia que logo iria conseguir recuperar o controle que perdera na presença de Claudete. Com o passar dos anos, o jogo da sedução tornou-se natural para ele, mas, com Claudete, ele estava lutando com todas as forças para conseguir produzir até mesmo um sorriso frio, sem falar naquelas carícias quentes e tentadoras que a levariam para a cama.

"Por que ela parecia tão presunçosa?", ele se perguntou. Ele já tinha sido avisado, com uma sutileza encantadora, que ela ainda não o aceitara como seu amante, mesmo assim ela estava agindo como se já tivesse vencido o jogo. Num segundo ela o olhava com um brilho desconfiado nos olhos, no minuto seguinte ela se comportava como se ele fosse dela. Nunca, nem no auge da conquista, ele dera a uma mulher uma chance de ter certeza do seu próximo ato. Não fazia sentido, e isso o preocupava. No mundo das intrigas, as coisas que não faziam sentido podiam ser fatais.

Justamente quando estava prestes a se servir de mais uma dose, pensando em vão que, caso se embebedasse, quem sabe a noite não passaria mais rápido, Iago entrou na sala. A fisionomia tensa do rapaz fez com que um

leve tremor de alarme perpassasse todo o corpo de Hartley. Com todo cuidado ele pousou a taça.

— Você viu Alethea? — perguntou Iago. — Pensei que ela estivesse aqui com você.

Hartley nem perguntou por que Iago imaginou que a sua sobrinha teria escapulado com ele para um encontro amoroso na biblioteca dos Loring. Afinal, Iago tinha apanhado ele e Alethea num abraço envolvente. A novidade sobre o desaparecimento de Alethea foi muito alarmante para se importar com aquela indiscrição e como Iago se sentia a respeito. Raramente ela saía do lado do tio durante tais eventos, e Hartley duvidava que ela tivesse conquistado mais confiança ou alguma nova amizade durante a sua curta estada em Londres. Ele tentou dizer a si mesmo que não a conhecia há tanto tempo para estar tão certo disso, mas a certeza se desfez.

— Onde você a viu da última vez? — ele interpelou.

— Ela estava ao meu lado enquanto Lorde Dansing e eu conversávamos sobre investimentos. Pensei que alguém a tivesse tirado para dançar, mas ela não está no salão de baile. Também não se encontra na sala de jantar, nem no toalete, ou, como acabei de constatar, aqui com você. Estou começando a ficar preocupado.

— Os outros membros do jogo estão todos por perto?

Iago assentiu.

— Foi a primeira coisa que verifiquei, apesar de ter certeza de que ainda é muito cedo para que qualquer um veja Alethea como uma ameaça.

— Talvez não. Aldus, Gifford e eu estivemos várias vezes na sua casa. Eu fui sozinho uma vez. Se estivermos sendo vigiados de perto, como agora acredito que estamos, o perigo com o qual estamos lidando já pode ter atingido você e Alethea.

— Você acha que alguém a levou?

— Não vamos perder a cabeça. Você já procurou nos jardins? Os Loring possuem um jardim enorme e muito bem iluminado, de fácil acesso aos convidados que estejam em busca de um pouco de ar fresco.

— Era para onde eu estava indo em seguida.

— Vamos pegar Gifford e Aldus no caminho. Eles podem nos ajudar a procurar.

Hartley saiu da sala, e Iago seguiu no seu encalço. Alethea poderia estar dando um passeio apenas, cansada de ficar parada ao lado de Iago enquanto ele e Dansing conversavam, mas os instintos de Hartley diziam que podia ser algo mais. Seus instintos tinham-no ajudado a se manter vivo no perigoso mundo da intriga por onde ele circulava há anos, e ele não iria ignorá-los agora. Havia algo errado. De algum modo, Alethea tinha encontrado perigo; ele tinha certeza disso.

O que não tinha certeza era como e por quê. O possível motivo para o desaparecimento de Alethea surgiu em sua mente tão de repente e com tanta clareza que ele quase tropeçou nos próprios pés. Claudete. Agora ele compreendia o súbito ar de convencimento da mulher. De algum modo ela vira Alethea como uma ameaça aos seus planos de arrancar segredos dele.

Podia ser uma questão de orgulho ferido apenas, mas, com uma mulher como Claudete, até mesmo isso podia ser perigoso.

Ele se contorceu por dentro quando teve de aceitar que isso podia ser culpa sua. Se Alethea estava em perigo ou ferida, era porque ele tinha dado a Claudete algum motivo para que ela passasse a enxergar Alethea como uma ameaça. Ele tinha cometido um erro em algum ponto, e poderia ser Alethea quem iria pagar o preço por isso.

Hartley fez sinal para Aldus e Gifford enquanto ele e Iago passavam pelo salão de baile rumo às portas que levavam aos jardins. Sua certeza crescia a cada passo. De algum modo, ele tinha revelado seu interesse por Alethea, e Claudete tinha percebido. A mulher precisou agir rápido para se livrar do obstáculo que a impedia de atingir o seu objetivo. A questão que continuava martelando no fundo da sua mente, e que ainda causava alguma dúvida, era como Alethea não tinha previsto o perigo que a envolvia.

Lá fora, ele enviou os outros três homens em três direções opostas. Ele seguiu em frente, pela trilha mais larga, que ele sabia que levava a um elaborado chafariz. Ali era o ponto de encontro de vários casais enamorados. A ideia de que Alethea podia ter desaparecido por que estava se encontrando às escondidas com algum conquistador doeu fundo. Ele preferiu pensar que sentia pura irritação, que estava aborrecido que ela pudesse ter feito algo tão tolo e os assustado à toa.

O som da voz de um homem vindo da direção do chafariz fez Hartley hesitar. Se Alethea estava se encontrando com outro homem, ele realmente não desejava ver aquilo. Ignorando a hesitação, ele se aproximou, tentando

fazer o mínimo de barulho possível. Mas uma onda de medo percorreu seu corpo assim que viu um homem segurando Alethea num abraço brutal. Foi preciso muita força de vontade para se segurar e não sair correndo para atirar o homem no chão. Era preciso ter cautela, ele disse a si mesmo, e com isso conseguiu atenuar um pouco da fúria que o envolvia. Não dava para ter certeza se o homem empunhava uma arma, uma que poderia rapidamente usar contra Alethea.

— Você está irritando algumas pessoas — o homem disse; seu discurso era correto, mas o sotaque revelou que se tratava apenas de uma fina camada de verniz para disfarçar um tom áspero e sombrio.

— Não faço a menor idéia do que o senhor está falando — Alethea disse, e Hartley sentiu uma ponta de orgulho pelo seu modo calmo apesar de ele saber que ela certamente estava muito assustada.

Quando o homem apalpou os seios de Alethea, Hartley mal conseguiu conter o rosnado que rompeu no fundo da sua garganta. Ele queria matar o homem que estava tocando nela daquela maneira. O leve gemido de repulsa que Alethea deixou escapar só serviu para aumentar ainda mais aquela fúria.

— Volte para a sua casa e fique longe do Lorde Redgrave.

O homem virou Alethea, segurando-a pelo pulso a uma distância que indicou a Hartley que o sujeito já tinha feito aquele tipo de coisa antes e sabia como se proteger.

— Isso é ridículo — ela disse. — Não estou ameaçando nenhuma mulher.

— Ah, acho que está sim. Agora, eu adoraria erguer a sua saia e me divertir um pouco, mas só estou cumprindo ordens. E ela disse que desta vez não. Por isso espero que não dê ouvidos a este aviso.

Quase lá, Hartley amaldiçoou os pedregulhos e os outros empecilhos no jardim que tornaram seu avanço tão lento. Tentando se manter oculto pelas sombras, ele diminuiu o passo. Seus punhos estavam cerrados, preparados para fazer o homem pagar amargamente por ter tocado em Alethea. Então o homem desferiu o soco contra ela. Hartley desistiu de todas as tentativas de continuar oculto, engolindo apenas a vontade de extravasar aos berros a sua fúria. Ele disparou, mas mesmo enquanto tentava correr o mais rápido que podia, o homem a acertou novamente, atirou o corpo largado dela no chão e ainda deferiu um chute. O agressor estava erguendo o pé para chutá-la outra vez quando finalmente notou a presença de Hartley.

Hartley praguejou quando o homem se esquivou justamente no momento em que ele estava a um fio de agarrá-lo. Ele ainda deu alguns passos para segui-lo, mas a visão de Alethea jogada no chão o deteve. Ela parecia uma boneca quebrada. Ele não podia deixá-la daquele jeito.

Um assovio forte trouxe Aldus à vista, e Hartley o mandou atrás do homem. Quando Gifford e Iago chegaram um segundo depois, ele enviou Gifford atrás do homem também, Iago se aproximou enquanto Hartley se ajoelhava ao lado de Alethea. Ele passou um braço sob o corpo inerte e gentilmente ergueu-a um pouco do chão, tomando o cuidado de apoiar a cabeça no mesmo momento em que Iago parava ao seu lado.

— Não acho que eles vão conseguir apanhá-lo — Iago disse enquanto umedecia um lenço no chafariz, ajoelhava-se do outro lado de Alethea e começava a limpar a sujeira e o sangue do rosto da sobrinha. — Por que alguém iria bater nela? — Ele deu uma boa olhada nela. — Obviamente não foi porque ela disse não aos avanços dele. O vestido não mostra nenhum sinal deste tipo de ataque.

— Isto foi um aviso — disse Hartley. — Eu o ouvi fazendo as ameaças. Foi um aviso para ela ficar longe de mim. — E a culpa que cresceu dentro dele quase o sufocou.

— Você está dizendo que Claudete mandou fazerem isso com Alethea?

— Não ouvi o homem dizendo o nome de Claudete, mas ele disse que foi *ela*. Desde o momento em que você me contou que Alethea estava desaparecida, comecei a temer que isso pudesse estar acontecendo, apesar de não entender o porquê disso tudo.

— O por quê? Isso tudo aconteceu porque você beijou Alethea e tem cheirado sob as saias dela.

Hartley queria responder à altura, mas sabia que o homem tinha razão de acusá-lo.

— Em primeiro lugar, não tem como Claudete ter ficado sabendo que eu beijei Alethea, pois o beijo foi dado dentro da sua casa. A menos que seus criados...

— Nunca.

— Então somos apenas três que sabiam sobre o beijo. Cheguei a imaginar se não tivesse sido por que fui a sua casa várias vezes, como eu disse, mas só estive lá sozinho uma vez, por isso não faz muito sentido. Mesmo assim, tenho *certeza* de que Claudete está por detrás disso. Devo ter dado algum motivo para Claudete, de algum modo, pensar que Alethea fosse uma ameaça ao seu jogo de sedução.

— Espere! Pensei que você a estivesse seduzindo.

— Permiti que ela pensasse que era isso que eu estava fazendo.

Iago sorriu e enxaguou o lenço no chafariz antes de retomar o trabalho de limpar o rosto gravemente ferido de Alethea.

— Eu deveria ter pensado nisso. Claudete deve ter percebido o modo como você olhou para Alethea.

— Do que você está falando? Tomei cuidado.

— Não o bastante. O desejo está nítido em seus olhos, e não é preciso ter nenhum dom especial para perceber. Rosto frio, mas um olhar quente. Cada vez que seu olhar pousa sobre a minha sobrinha, luto contra a vontade de chamar sua atenção. É um olhar quente, carnal. Claudete deve ter percebido também.

Hartley não estava disposto a perder tempo com a discussão, pois desconfiava que de fato tivesse olhado para Alethea com olhos desejosos. Ele certamente sofrerá por querer demais e com demasiada frequência.

— Por que diabos Alethea não foi alertada disso? Não teve nenhuma visão sobre o perigo eminente? Algo que a alertasse para não passear sozinha pelo jardim.

— Não posso dizer ao certo, mas pelo jeito uma vidente não é capaz de prever o futuro. Muitos da nossa família que possuem o mesmo dom reclamam dessa limitação. É muito raro que um deles consiga prever qualquer coisa sobre o próprio futuro, bom ou ruim, e muitas vezes eles não conseguem prever o futuro nem mesmo dos seus entes mais queridos. Existe uma regra oral entre a família de não permitir que todos os videntes se tornem muito próximos uns dos outros.

— Para que assim eles possam prever o perigo um do outro ou daqueles próximos ao do outro vidente? — Quando Iago meneou a cabeça concordando, Hartley teve de perguntar: — Isso funciona?

— Mais ou menos. Veja, creio que ela está acordando. — Iago agachou enquanto os olhos de Alethea pestanejavam.

Alethea viu dois vultos inclinados sobre ela; um a segurava em seus braços, e ela ficou tensa de medo. Foi preciso clarear a visão primeiro, reconhecer os homens que estavam ao seu lado, para só então conseguir domar o pânico crescente. No momento em que seu medo cedeu, a dor varreu seu corpo, e ela soltou um gemido. Posou uma das mãos sobre o lado direito do corpo e se perguntou por que estava sentindo tanta dor naquele ponto. Sua última lembrança clara era a do punho de um homem vindo na direção da sua cabeça.

— A lateral do meu corpo está doendo — ela murmurou e olhou de Iago para Hartley. — Por que a lateral do meu corpo está doendo? Ele me acertou no rosto.

— Ele também a chutou depois que você já estava caída — Hartley respondeu.

A vontade de chorar foi forte, e Alethea teve de engolir em seco para contê-la. Ela não queria parecer fraca diante de dois homens preocupados, nem mesmo mostrar que estava ferida. A presença de Hartley e Iago banuiu seu medo por um momento, e ela tentou encontrar forças nisso.

— Ele disse que estava me dando um aviso. — Doía ter de dizer, mas Alethea desconfiava que em breve iria doer ainda mais. Seu rosto doía muito; ela desconfiou que o agressor batera nela mesmo depois de ter caído inconsciente, logo após o primeiro golpe. Ela tinha certeza de que já deveria estar inchado e teve a leve e vã impressão de que seu rosto estava horrível.

— Eu sei. Eu o ouvi. Estava tentando surpreendê-lo por trás, uma vez que não tinha certeza se ele estava armado.

— Só tinha os punhos. — Ela começou a se sentar sozinha, lutando contra a vontade de continuar nos braços de Hartley, e deixou escapar um gemido de dor que despontou na lateral do seu corpo. — Amanhã vou parecer com um saco de pancadas ambulante, cheia de hematomas — ela disse quando finalmente conseguiu recuperar o fôlego.

Ela pôde perceber então, pelas caras dos dois, ao reparar em suas fisionomias de relance, que eles pensavam que ela já estava se parecendo com um. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Aldus e Gifford se

aproximaram correndo. O modo como os outros dois contorceram os semblantes ao fitá-la fez com que Alethea sentisse vontade de chorar outra vez. Ela esperava que Kate tivesse algum unguento milagroso que pudesse ajudar a conter os hematomas e o inchaço que ela sabia, pela pele do seu rosto que não parava de repuxar, que estavam iniciando.

O homem fugiu — disse Gifford. — Nem conseguimos ver a cara dele.

— Eu consegui — Alethea disse. — Posso desenhar um retrato. Só não consigo entender por que ele fez isso comigo. — Ela fazia idéia de quem tinha sido o mandante, mas o motivo era uma incógnita. Como uma mulher do feitio de Claudete poderia vê-la como uma possível ameaça?

— Podemos discutir isso mais tarde — Hartley disse enquanto a amparava com firmeza em seus braços para que ela pudesse se levantar.

— Consigo andar — ela protestou, apesar da vontade de continuar onde estava.

— Não depois de dois socos e um chute nas costelas. — Hartley olhou para Iago. — Será que você poderia contornar o quarteirão e parar a carruagem na rua atrás do muro do jardim? Tem um portão lá. Posso levar Alethea até aquela saída.

— Vou precisar de alguns minutos, preciso passar pelo salão de baile e posso ser detido aqui e acolá — disse Iago ao se levantar e esfregar a poeira das roupas. — Contarei para quem encontrar que preciso ir embora por que Alethea não está passando bem. Isso deverá servir para explicar o nosso súbito desaparecimento, por que ela saiu às escondidas e o fato de que ela não vai mais ser vista até que os hematomas tenham desaparecido.

Aldus observou Iago partindo e então olhou para Hartley.

— Vou inventar alguma emergência para justificar o seu súbito desaparecimento também. Talvez Gifford devesse ir com você para dar algum peso à desculpa que vou dar e assim não leve as pessoas a se perguntarem por que Alethea desapareceu ao mesmo tempo. Vou me oferecer também para levar Claudete para casa e depois nos encontramos na casa dos Vaughn, assim que for possível. — Ele olhou para Alethea. — Creio que a mulher está começando a se achar intocável. Mas este é o trabalho dela, não é mesmo?

— Não tenho provas disso, mas, sim, acho que é — respondeu Hartley. — Podemos conversar mais tarde. Alethea precisa ir para casa, e precisamos mandar chamar um médico.

— Nada de médico — Alethea protestou. — Kate pode cuidar de mim.

Aldus apenas sorriu e se foi. Gifford seguiu ao lado de Hartley enquanto este rumava em direção ao portão onde se encontrariam com Iago. A culpa que Hartley sentia pelo que tinha acontecido com Alethea pesava em seu coração. Ela tinha sido arrastada para os seus problemas justamente por que queria salvar a sua vida. Ela ficou por que queria ajudá-lo a encontrar os filhos da sua irmã. E porque ele não conseguira controlar seus desejos, nem mesmo o modo como a olhava, agora ela estava ferida e em perigo.

— A culpa não foi sua, Hartley — Alethea disse baixinho.

— De quem foi a culpa então? Não foi por minha causa que você está aqui e tudo o mais?

— Ninguém, além de nós cinco, sabe disso. Para todos os efeitos, estou apenas visitando meu tio. Duvido que alguém esteja imaginando que eu saiba

de qualquer coisa sobre espões e intrigas e tudo o mais. Não passo de uma simples viúva do interior. Se Claudete teve algo a ver com isso, foi apenas o ato de uma mulher cruel e vaidosa. Como ela imaginou que eu poderia representar uma ameaça ao seu jogo de sedução, não faço a menor ideia.

— Oh, eu tenho uma ou duas ideias a respeito disso — disse Gifford, mas, quando Hartley o encarou, ele cerrou rapidamente os lábios.

Alethea riu, mas se arrependeu no mesmo instante. Seu riso se transformou em um gemido quando a dor rompeu pelo seu corpo. Ela não tinha certeza do que doía mais, as costelas ou a cabeça, mas teve certeza de que iria fazer o possível para não rir por uns tempos. Era evidente que Hartley estava se culpando pelo que tinha acontecido a ela, mas a dor que turvava seus pensamentos dificultava a elaboração de um argumento razoável contra aquilo. Isso também iria ter de esperar um pouco mais.

A movimentação para entrar na carruagem foi uma agonia que ela esperava nunca mais ter de enfrentar novamente. Alethea sabia que Hartley e Iago estavam fazendo o possível para movê-la com todo cuidado, mas a dor se tornou uma agitação contínua sob sua pele. Ela só teve um momento para se recuperar depois de ter sido acomodada na carruagem, e então o veículo começou se mover. A partir desse momento, Alethea desistiu de tentar manter a consciência.

— Ela desmaiou — disse Hartley.

— Melhor assim — disse Iago. — Não acho que nenhuma costela tenha se quebrado, pois ela está respirando bem, mas com certeza elas estão muito feridas. Até que as costelas sejam enfaixadas e a dor dos golpes na cabeça

diminua, ela vai precisar ficar em repouso. — Ele observou enquanto Hartley fazia o possível para mantê-la firme em seus braços à medida que a carruagem prosseguia. — Não sou um homem violento, mas do fundo do coração eu queria muito poder colocar as mãos no miserável que fez isso. Acho que eu seria capaz de matá-lo, e não iria perder nenhuma noite de sono por isso.

— Espere para matá-lo assim que conseguirmos o nome da pessoa que mandou fazer isso — disse Hartley.

— Sabemos quem foi.

— Mas precisamos de um nome. Nunca se esqueça de que Claudete tem algum poder e muitos aliados poderosos. Como você mesmo constatou, ela tem sido muito seletiva na escolha dos amantes, e, até mesmo para se protegerem, esses homens podem ser requisitados para ajudá-la contra tal alegação.

— Tolos. Todos eles. E todos aqueles que deram as informações que ela precisava para matar seus homens são tão culpados de assassinato quanto ela.

Hartley só pôde concordar. Apesar de Claudete não ter matado pessoalmente ninguém — até onde ele sabia —, ela era uma assassina. Tinha descartado as vidas de várias pessoas como se elas não valessem nada, preocupando-se apenas com as suas vontades e necessidades. Os homens que tinham se deixado cegar pela paixão e deixado escapar alguns segredos de Estado eram quase tão culpados quanto ela. Eles deveriam ter imaginado, deveriam ter pensado nas terríveis conseqüências de um momento de fraqueza. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, a carruagem parou diante do lar dos Vaughn.

— Precisamos mandar chamar um médico — Hartley disse enquanto ajudava a tirar Alethea da carruagem.

— Não é preciso — disse Iago. — Kate pode cuidar dela.

— Kate não é médica.

— Ela pode não ter nascido em uma família nobre, não ter estudado nas melhores escolas, e tudo mais, mas ela pode curar quase qualquer ferimento e a maioria das doenças. Se ela não puder, será a primeira a mandar chamar um cirurgião. Não acredito, no entanto, que os ferimentos de Alethea requeiram um. E se Kate der conta de cuidar dela, as chances de que esta história se espalhe serão ainda menores.

A chance de Hartley contestar foi roubada no momento em que o mordomo de Iago abriu a porta. O caos se instalou quando Alfred e Kate vieram correndo. Apesar de permitirem que ele carregasse Alethea até o quarto, Hartley foi rapidamente colocado de lado por uma preocupada e profundamente ultrajada Kate. Só então ele permitiu que Iago o conduzisse a sala de estar, onde Gifford já esperava confortavelmente sentado e servido de vinho e comida.

— Kate tem noção de que é uma criada? — Hartley perguntou baixinho enquanto se servia também, um pouco ofendido ainda por ter sido sumariamente dispensado por uma criada.

Iago riu ao se esparramar sobre uma poltrona, mas o clima pesado que o rondava desde que tinha descoberto que Alethea desaparecera rapidamente voltou.

— Ela sabe, mas está com Alethea desde que as duas eram crianças. Kate é somente alguns anos mais velha. Cinco, talvez seis. Kate é uma daquelas servas que acabam se tornando quase parte da família.

Hartley balançou a cabeça lentamente, pensando na gentil senhora Huxley, a sua governanta, da sua casa em Londres.

— Se Kate achar que é melhor chamar um médico, conheço um muito bom. Habilidade e, o mais importante, discreto.

— Obrigado. Os Vaughn também têm um assim. É um parente nosso que tem o dom da cura. Ao contrário dos outros, este pode controlar o seu poder.

— Por que alguém iria querer controlar um dom como o da cura?

— Porque ele drena a vida de quem o possui, se ele usá-lo muito ou naqueles que estejam muito doentes, tentando curá-los de uma só vez. Arquimedes aprendeu a tomar cuidado, como usar o seu dom aos poucos, para que nunca fique exausto pela fadiga que causa.

— Arquimedes? — Gifford balançou a cabeça. — A sua família também tem o dom de escolher nomes estranhos.

— É verdade. Nunca entendi muito bem o porquê disso. Alguns dos nossos ancestrais iniciaram, e a tradição tem sido seguida com obediência por todos nós.

Eles conversaram mais um pouco sobre assuntos inócuos, lutando para tentarem se distrair do que estava acontecendo com Alethea, até Aldus chegar. Hartley teve de se conter para não avançar para cima do homem e

tentar arrancar alguma informação enquanto Aldus se servia de um pouco de comida e bebida. Ele sabia que muito do seu estado de agitação era devido à sua preocupação por Alethea, mas acabou por se dar conta de que gostava mais do modo lento como os negócios das intrigas eram conduzidos. Reunir informações sobre traidores ou o inimigo era algo sempre muito lento e tedioso e muitas vezes interrompido por períodos de extremo perigo.

— Claudete fez algum comentário quando você lhe disse que recebi um chamado urgente? — ele perguntou no momento em que Aldus se acomodou confortavelmente ao lado de Gifford.

— Nada de importante, é claro — Aldus respondeu. — Ela fingiu surpresa quando contei que você tinha ido embora por causa de uma emergência. Notei também que ela olhou ao redor do salão de baile cuidadosamente. E ela não ficou nem um pouco satisfeita de não ter visto nenhum sinal dos Vaughn. Acredito que ela percebeu que vocês saíram ao mesmo tempo e talvez tenha adivinhado que esta tenha sido a sua emergência.

— Será que ela esperava que Alethea voltasse cambaleando para o salão de baile? — perguntou Iago. — Com certeza ela deve ter imaginado que alguém levaria Alethea para casa assim que a encontrasse. A menos que ela esperasse que alguém encontrasse somente um corpo.

— Aquilo foi apenas um aviso — disse Hartley. — O homem que abordou Alethea disse isso. Claudete provavelmente ficou aborrecida que seu ato de fúria tenha funcionado contra ela. Tanto Iago quanto eu partimos.

— Eu? — Iago nem tentou esconder a surpresa. — Por que a mulher estaria interessada em mim? Não tenho laços com o governo.

— Creio que você tem sim, através de alguns primos — respondeu Hartley e notou como Aldus concordou. — Assim como agora também está ligado a nós, e a uma mulher que Claudete vê como rival ou, no mínimo, como empecilho para os seus planos.

— Ah, claro. É que me surpreende que uma mulher fria, egoísta e fútil pudesse dar tanto trabalho e ser tão perigosa. Tem de haver um modo de detê-la.

— Estamos perto, muito perto. Infelizmente, aqueles que sabem o bastante para mandá-la para a forca podem acabar mortos em pouco tempo. Claudete conseguiu reunir um pequeno núcleo de homens muito perigosos. Acredito que ela também tenha uma rota de fuga muito bem planejada. Não será fácil derrubá-la, e definitivamente será um trabalho muito perigoso de ser executado.

— O trabalho já se provou perigoso. Não se esqueça de Rogers e Peterson — disse Gifford.

— Nunca. — Hartley pensou nos filhos da sua irmã também, e o ódio que ele lutava constantemente para controlar se inflamou, ávido por extravasar e encontrar algum alvo. — Há muito tempo desconfiamos da mulher e já passamos horas reunindo todas as informações que podemos. — Ele inclinou a cabeça na direção de Iago. — E agora temos você e Alethea.

— Mas você disse que não poderia usar abertamente o que lhe contamos — Iago disse.

— Não, mas isso pode nos apontar para o caminho certo; o que não é pouco. Vamos pegar aquela vadia, e ela será enforcada. Só precisamos das provas certas para fazer com que até os amantes dela recuem, receosos pelos seus bons nomes e de serem respingados pelo sangue que mancha as mãos dela.

— Por que vocês não foram atrás de alguns dos homens com quem ela já se deitou? Por que não tentaram encontrar um ponto fraco entre eles? Duvido que qualquer um deles tenha apenas sentado lá e contado exatamente o que ela buscava, entregado a ela documentos secretos ou coisas do tipo. Entretanto, apesar do medo de serem contaminados pelos crimes dela, se você conseguir fazer com que eles acreditem, ao menos um deles, e jurar que irá fazer o que for preciso para manter em segredo qualquer deslize que eles tenham cometido, eles poderiam ajudar muito.

Hartley suspirou e balançou a cabeça lentamente.

— Tentei evitar um confronto com qualquer um deles simplesmente pelo profundo aborrecimento que seria tal processo, mas acho que chegou o momento de parar de cuidar da posição deles tanto na sociedade quanto no governo. Pessoas boas estão morrendo, e nossos segredos têm sido enviados aos inimigos, todos por uma mulher que a sociedade tem recebido em seus lares. Só Deus sabe o que ela tem descoberto nesses lares, ou o que tem surrupiado para enviar aos seus compatriotas. Mesmo que não consigamos reunir provas o suficiente para enforcá-la, acho que já passou da hora de começarmos a fechar todas as portas e tornar o jogo dela impossível de ser jogado.

— De tentar, de alguma maneira, desarmá-la — murmurou Gifford.

— Exatamente — concordou Hartley. — Desarmar e destruir um a um os escudos protetores que ela tem usado para se proteger.

— Isso deve ser feito lentamente — disse Iago, e sorriu quando os três olharam em sua direção. — Se for feito lentamente, ela vai demorar um pouco para perceber, em seguida ficará preocupada, mas então será tarde demais para que possa fazer qualquer coisa a respeito. Um golpe precipitado para cortar suas asas fará com que as pessoas lhe dêem ouvido se ela sair dizendo que foi injustiçada. Mas se as ligações que ela tem na sociedade forem cortadas lentamente, com sutileza e em segredo, isso fará com que as pessoas acreditem que ela de fato deu motivos para os boatos sobre a sua pessoa, e então suas eventuais declarações de calúnia, ou qualquer outra coisa o que ela possa tentar, cairão por terra.

— Tem certeza de que você não trabalha para o governo? — Aldus perguntou, após um momento de silêncio pesado daqueles que já tinham experiência no mundo das intrigas.

Iago riu.

— Não, mas sempre fui fascinado pela estratégia. Basta agir com coragem e ousadia e farão músicas em homenagem a você. Aja sorratamente, à surdina e devagar e conquistará pouco reconhecimento, mas o resultado costuma ser bem melhor. Isto, entretanto, fará com que ela se torne ainda mais perigosa.

— Estaremos preparados para isso — Hartley disse com uma confiança que não sentia de fato. Claudete enganava-os há muito tempo, fazendo todos

de tolo, e ele não podia descartar tão facilmente as habilidades dela para o jogo.

— Milorde — Kate chamou ao entrar na sala, parando por um momento para uma breve cortesia aos visitantes. — Imaginei que o senhor quisesse saber sobre o estado de Lady Alethea.

— É claro — respondeu Iago. — Pode falar sem rodeios, Kate. Como a minha sobrinha está?

— Não quebrou nada. Ela vai ficar dolorida e com alguns hematomas por uns tempos, mas acho que isso não surpreende nenhum dos senhores. As costelas foram enfaixadas, mas só estão machucadas. Fiz compressa com panos frios no rosto ferido, com isso espero que o inchaço diminua. Meu unguento vai ajudar também. Mas ela não vai poder sair da cama por pelo menos três dias, e, depois disso, ainda vai precisar tomar muito cuidado.

— Tenha certeza de que a ajudarei a mantê-la na cama — disse Iago. — Obrigado, Kate.

— Quer agradecer ao que fiz, milorde, encontre o maldito que fez aquilo com a minha senhora e corte as mãos dele, depois pendure-o pelos pés até que ele sangre como a besta que é. Depois encontre aquela vadia depravada...

Iago segurou Kate pelo braço e começou tirá-la da sala antes que ela tivesse tempo de terminar a sentença.

— Chega. Não vou me esquecer de tudo que você me pediu, Kate. Por que não vai até a cozinha para planejar que tipo de sopas e bebidas saudáveis Alethea deve ingerir enquanto estiver em recuperação?

— Sim, eu vou, mas é melhor que não se deixe levar pelo fato de aquela vadia traiçoeira ser mulher e permitir que isso o impeça de tratá-la do modo que merece.

Depois de fechar a porta atrás de Kate, Iago olhou para os outros homens presentes e contraiu os ombros.

— Kate ama Alethea, e Deus ajude qualquer um que a ferir.

— Gostei da ideia de cortar as mãos e pendurá-lo como um animal — murmurou Gifford e então riu com os outros.

Hartley percebeu que poderia rir também. Alethea ia se recuperar dessa. E agora que eles tinham um plano mais sólido em mente para garantir isso, não haveria uma segunda vez.



## CAPÍTULO VIII

— AINDA É MUITO CEDO PARA VOCÊ SAIR DA CAMA.

Alethea olhou surpresa para Hartley enquanto ele entrava na sua sala de visitas. Ele tinha se tornado um visitante fiel da sua casa ao longo das últimas semanas, enquanto ela se recuperava da surra. O modo como ele seguia direto para a mesa de bebidas e se servia do mais fino conhaque de Iago era um forte indício que estava começando a se sentir em casa. Como sua chegada não tinha sido anunciada por ninguém e não a consultaram se ela estava disposta para recebê-lo, estava claro que os criados também o viam quase como um membro da família, ele e seus dois companheiros de intrigas.

Isso a alegrava e ao mesmo tempo causava inquietação. Ela estava feliz por ele estar tão à vontade, confortável na sua companhia e na de Iago, mas ela não queria que ele se acostumasse com ela. Não queria que Hartley pensasse nela como alguém da família.

— Olá — ela disse. — É um prazer vê-lo também.

Hartley revirou os olhos e se sentou ao lado dela, tomando um bom gole do conhaque que Iago mantinha a mão e saboreando o leve ardor enquanto o líquido descia pela garganta. Durante as suas várias visitas a Alethea, enquanto ela estava se recuperando do ataque, ele descobriu que ela podia ser muito ousada, que seu humor era seco, mas raramente era afiado ou

cruel. Muitas mulheres que ele conheceu imaginavam que comentários indelicados sobre os outros era engraçados ou sinais de sagacidade. Hartley duvidava que Alethea costumasse dizer, se é que um dia tinha dito, qualquer coisa indelicada ou cruel sobre uma pessoa. Assim como também não gostava muito de fofocar. E ele descobriu mais uma coisa a respeito dela que o agradou: eram poucas as pessoas na sociedade que sabiam a diferença entre fofoca e novidade ou informação. No trabalho que fazia para o governo, ele precisou aprender a ouvir de perto todas as fofocas, boatos e rumores indecentes, mas nunca gostou disso.

Ele estava começando a pensar que já estava na hora, que já tinha passado da hora, de se interessar por uma mulher por algo além do que ela poderia lhe oferecer na cama. Precisava de um herdeiro, e não poderia ter um sem uma esposa. A primeira vez que a palavra *casamento* passou pela sua cabeça ele estremeceu de horror e rapidamente a ignorou, chegou até a tentar em vão evitar Alethea como se fosse culpa dela que tal pensamento arrepiante tivesse lhe ocorrido.

Mas a ideia não o abandonou. Para um homem da sua posição, casamento era um passo necessário a se tomar. Alethea era a primeira mulher que o fez pensar daquele modo, a única que com quem conseguia se imaginar casado. Ela poderia lhe oferecer paixão, lealdade e, acima de tudo, companheirismo. Ele se sentia confortável ao lado dela, isso quando não estava louco de desejo. Mas tal conversa teria de esperar um pouco mais. Ainda era muito cedo. Além do mais, ele precisava cortejá-la um pouco primeiro. Com as cisões, os assassinatos brutais, traidores e uma mulher fria e cruel para lidar não tinham restado muito tempo para namoro.

— Peço desculpas pela minha chegada inesperada — ele disse, pousando o braço ao redor dos ombros dela, apreciando o modo como ela aceitou o afago sem nenhum sinal de timidez. Pelo contrário, ela aconchegou-se no abraço. — O dia foi longo e cansativo. Mas você parece bem melhor.

Os hematomas que desfiguraram o belo rosto tinham desaparecido a tal ponto que bastou um pouco de pó para esconder os resquícios. Cada vez que ele olhava para os ferimentos, primeiro para o inchaço arroxeadado e depois para os hematomas igualmente escuros que sobraram após o inchaço diminuir, ele sentia vontade de sair à caça do agressor e bater nele até deixá-lo caído no chão. Cada arfar suave ou gemido de dor que escapava pelos lábios dela inflamavam a ira que o corria por dentro. Ele chegou até mesmo a admitir consigo mesmo que, como Iago também o dissera, se a surra que pretendia dar acabasse matando o homem, ele não iria perder nenhuma noite de sono por isso.

Agora Alethea já conseguia se movimentar sem sentir dor nas costelas, assim como conseguia falar sem dificuldade, pois o inchaço do maxilar tinha desaparecido por completo. Ele não tinha gostado da idéia de deixá-la aos cuidados de Kate, em não chamar um médico, mas reconheceu que a confiança que os Vaughn depositavam nas habilidades de cura da criada eram totalmente justificáveis. Mas apesar da melhora significativa, apesar das evidências do que tinha sido feito contra ela estarem desaparecendo, a sua raiva ainda rondava. Ele desconfiava que esta ainda iria perdurar até que ele fizesse alguém pagar por toda a dor que ela sentira.

— Obrigada, é muita gentileza sua.

Alethea sorriu, apesar de saber que não passava de pura adulação. Mas ela viu aquilo como um bom sinal. Ele não estava fazendo seus joguinhos sedutores, usando seus movimentos estudados, os toques ou as palavras. Com ela, Hartley era apenas Hartley. Não que fosse tola a ponto de imaginar que isso significasse que ele estivesse desenvolvido qualquer sentimento mais profundo por ela, mas mostrava que ele não a via do mesmo modo que enxergava todas as outras mulheres que tinham passado pela sua vida. E isso só podia ser algo bom.

— O prazer foi todo meu. — Ele a beijou no rosto, lutando para conter a vontade de dar mais do que aquele beijo suave. — Fui oficialmente dispensado de continuar perseguindo Claudete. Willsett acreditou quando dissemos a ele que uma mulher como Claudete não acabaria deixando escapar segredos de alcova. Mas demorou um pouco mais para que ele conseguisse convencer seus superiores que estávamos seguros disso. Depois que Willsett concordou, comecei a me afastar dela e lentamente fui colocando um fim à dança na qual estávamos envolvidos.

Nenhuma novidade poderia ter sido mais bem-vinda para Alethea. Enquanto se recuperava, confinada a uma cama e à sua casa, ela sofrera com os vários sonhos que tivera com Hartley abraçando Claudete, beijando-a e compartilhando momentos apaixonados. Ela já estava começando a pensar que não saber exatamente o que estava havendo entre ele e Claudete era tão ruim, ou pior, quanto saber e assistir a tudo acontecendo bem diante dos seus olhos.

— E como ela aceitou seu afastamento?

— Ainda não me afastei por completo, mas ela já dá sinais de que não está aceitando muito bem. Quando penso no que ela fez com você só por ter me visto olhando-a com interesse, me pergunto se talvez não fosse melhor você voltar para Coulthurst. — Foi preciso muito esforço de sua parte para sugerir isso, uma vez que não queria que ela partisse, algo que ele sabia que precisava avaliar com mais atenção.

— Não. — Ela encarou com um sorriso a fisionomia carregada de Hartley. — Entrei neste jogo por causa da minha visão e pretendo ficar até o fim. *E* — ela tratou de completar rapidamente assim que ele abriu a boca para começar o que ela tinha certeza que acabaria em uma discussão. — Ainda sou necessária. Precisamos descobrir o que aconteceu com os seus sobrinhos. Descobriram algo novo sobre eles?

— Logo descobrirão. — Ele pousou a bebida sobre a mesa de frente para eles e tomou as duas mãos dela entre as suas. — Existem muitos perigos ao seu redor, Alethea. Eu preferia que você ficasse longe disso.

— Um homem prevenido vale por dois. Mas sabemos onde o perigo está e podemos nos precaver contra ele. E como podemos ter certeza de que o perigo não irá me seguir até Coulthurst? Estou marcada agora, assim como você mesmo disse, por isso não vejo em que mudaria a minha partida de Londres.

— Provavelmente em nada. — Ele a beijou na testa e então recostou sobre os cabelos sedosos, rezando para não permitir que o seu desejo em tê-la por perto o forçasse a concordar com ela.

O coração de Alethea disparou com a proximidade. Ela deixou escapar um suspiro sonoro de prazer enquanto se deliciava com a sensação dos braços fortes ao redor do seu corpo. Tais abraços, assim como as carícias suaves e doces e os beijos para lá de inocentes tinham se tornado cada vez mais freqüentes durante a sua convalescença. Os pequenos gestos lhe deram esperanças e ao mesmo tempo frustraram o desejo que ele tinha despertado nela.

Audaciosamente, ela moveu a mão sobre o peitoral largo, subindo até o pescoço. O tato de uma fina corrente de ouro sob seus dedos quando ela atingiu a borda do colarinho chamou a sua atenção. Justamente quando estava abrindo a boca para perguntar o que era aquilo, uma sensação conhecida varreu seu corpo. Alethea só teve tempo de se agarrar aos braços de Hartley antes de mergulhar no turbilhão de imagens e sentimentos.

Hartley segurou Alethea com mais firmeza quando todo o corpo dela se contraiu em seus braços. Bastou uma olhada no belo rosto, nos olhos arregalados e tempestuosos, para que ele soubesse que ela estava tendo uma visão. Ele rezou para que não fosse outro presságio de perigo ou, pior, da morte de um dos seus amigos. Só lhe restou segurá-la firme contra o seu corpo, murmurando palavras ininteligíveis para que ela voltasse a si o suficiente para perceber que ele estava ali ao seu lado.

Buscando no fundo do seu coração, ele descobriu uma completa falta de inquietude ou medo. Tudo que encontrou foi preocupação por Alethea, medo que ela ainda estivesse muito fraca para enfrentar mais uma visão assustadora. No momento em que ela retornou de seja lá onde a sua visão a levara, ela se esquivou dos braços que a retinham, apanhou o bloco de desenho e começou

desenhar rapidamente tudo que tinha visto. Hartley correu até a porta, chamou pelo mordomo e pediu chá. Ele estava voltando para o seu assento, pronto para ampará-la novamente, quando ela caiu em seus braços e o esboço frenético estava pronto. Um *dom* não deveria ser tão duro para aquele que o recebe, ele pensou, abraçando o corpo trêmulo de Alethea enquanto Alfred entrou apressado e pousou a bandeja com chá e bolos sobre a mesa diante deles.

— Apenas sirva o chá, Alfred — ele disse. — Pode deixar que eu mesmo farei com que ela beba e coma algo.

Alethea aspirou e soltou o ar lentamente, algumas vezes, para acalmar a agitação que fervilhava por dentro do seu corpo enquanto tentava se esquivar com relutância dos braços de Hartley. Ela não desejava encher Hartley de uma esperança que poderia muito bem não ser satisfeita, mas, por outro lado, sabia que tinha de contar tudo a ele. Apesar de ter certeza de que tinha visto algo que já tinha acontecido, o fato era recente; esta não tinha sido uma visão do presente ou do futuro. As coisas poderiam ter tido uma guinada para pior, pois o que ela tinha visto já tinha acontecido. A França passava da calma para a onda de assassinatos brutais com uma constância alarmante.

— Foi uma visão ruim? — Hartley perguntou ao entregar a ela uma xícara de chá, extremamente adoçado.

Ela tomou um estimulante gole do chá antes de tentar responder a pergunta. Por mais egoísta que fosse, ela queria desfrutar um pouco mais do modo como ele acariciava as suas costas, da preocupação dele com o seu bem-estar. Depois que ela contasse sobre a visão e ele visse os desenhos, a sua

mente e o seu coração seriam roubados pela situação dos sobrinhos. Então uma pontada de culpa empurrou para o lado todos os pensamentos egocêntricos. Hartley precisava ouvir sobre os sobrinhos mais do que ela precisava ser abraçada e acalentada.

— Foi dura, violenta, mas não ruim — ela respondeu e apontou para o bloco. — Foi uma visão de algo que aconteceu recentemente, não do futuro. Acho que poderá ajudar a encontrar as crianças.

Ela não ficou surpresa quando ele apanhou o bloco de desenho como um homem faminto teria pegado um pedaço de pão jogado por um homem rico. Ela sabia que as duas crianças eram tudo que tinha restado da família dele, salvo por alguns primos distantes. Por mais que uma família às vezes pudesse ser um tormento, as pessoas acabam sentindo falta quando todos se vão. Ela sabia que era uma pessoa de sorte por ter uma família tão grande, uma coleção de parentes carinhosos, pois isso significava que ela nunca estava só. Hartley estava completamente sozinho.

— O que você viu? — ele perguntou enquanto examinava os desenhos que ela tinha feito.

— Uma fazenda, algumas vacas e um cavalo velho — ela respondeu. — Provavelmente uma fazenda pobre. Acho que eles estão trabalhando lá. — Ela franziu a testa. — Acho que o casal mais velho que vi os acolheu há alguns anos, talvez tenha sido logo depois que eles fugiram da praia. Acho que eles não tiveram que lutar muito para sobreviver, pelo menos não por muito tempo.

— Mesmo assim você ainda a desenhou como um menino. Alethea fitou o desenho que ela tinha feito de Germaine.

— Foi o que fiz. Isso quer dizer que é assim que ela deve estar. Pode existir um bom motivo para isso. Ela e Bayard são, afinal de contas, dois aristocratas, duas crianças inglesas na França.

— Uma pista de onde eles estão?

Alethea largou-se no assento, recostando a cabeça contra o encosto do sofá. Em seguida, fechou os olhos e tentou puxar alguma lembrança da visão. Hartley acariciou levemente os punhos cerrados que repousavam sobre o colo, e isto a acalmou o suficiente e fez com que todas as lembranças aflorassem com mais facilidade.

— Sul — ela murmurou. — Sim, no sul da França. A dois dias de viagem da praia. — Ela contraiu os olhos enquanto tentava agarrar uma informação que escapava.

— Existem várias praias no sul da França.

— A praia onde a família deles foi assassinada, para onde eles tinham ido para serem salvos. Dois dias a cavalo rumo ao leste, e um pouquinho ao norte. Moyne.

— Não existe nenhuma cidade chamada Moyne naquela região. Confesso que não conheço todas as vilas e cidades da França, mas este nome não me soa familiar.

Alethea abriu os olhos e fitou-o.

— Acho que é um nome, não de um lugar exatamente. O nome de uma fazenda, de algum riacho próximo, um sobrenome... Moyne. Só de pronunciar a palavra já soa correto. Sim, Moyne. Um nome. Pode não ser o nome completo, mas tem algo a ver com o local onde eles se encontram e com as pessoas que os acolheram. — Ela lançou um sorriso solidário. — Posso acabar me lembrando de algo mais tarde, mas é tudo que tenho por enquanto.

— Já diz muito. Um local, um nome, uma fazenda com algumas vacas e um cavalo velho arqueado. Posso enviar estas novidades para a França rapidamente, pois sei de alguns homens nossos que estão indo para lá ainda hoje.

— Rezo para que você os encontre, Hartley. Eles precisam vir para casa. Acho que Germaine tentou tirá-los da França algumas vezes, e o fracasso pesa muito sobre ela.

Hartley tomou-a em seus braços e beijou-a. Alethea rendeu-se ao beijo, saboreando o gosto dele e o calor que se espalhava pelo seu corpo. Mas ela não se surpreendeu quando ele parou cedo demais. Podia sentir a empolgação nele, a esperança que ele tanto lutara para controlar.

— Preciso enviar estas informações para aqueles homens — ele disse enquanto se esforçava para soltá-la e não se render ao desejo que o dilacerava por dentro. — Posso levar o desenho? O retrato da casa da fazenda pode ajudá-los.

— Claro. Hartley? Que corrente é essa que está sob seu colarinho? Acho que foi ela que despertou a visão.

Hartley sabia que estava levemente ruborizado, pois suas mãos formigavam com o calor do rubor enquanto ele puxava a corrente de dentro do colarinho.

— É o medalhão de Germaine. Não imaginei que isso pudesse acontecer, apenas comecei a usá-lo na esperança de que ele me desse sorte na procura por ela e Bayard. Sinto muito. Ele poderia ter trazido de volta aquela visão horrível que você teve quando tocou nele.

— Não. Seja lá o que prendia aquela visão no medalhão, já passou. Mas pode ser que eu tenha acabado de ter esta visão porque o medalhão pertence à Germaine. Obviamente ainda existe alguma leve conexão com ela através do medalhão. — Ela se inclinou para dar um beijinho nele. — Apresse-se, Hartley. — Ela ficou observando ele partir e rezou para que desta vez sua visão pudesse conduzir os homens às crianças e ajudar a trazê-las de volta para o lar.

\*\*\*

Hartley andava de um lado para o outro na sala de café da manhã da pequena casa que Aldus tinha na cidade enquanto esperava pelos seus amigos. Gifford costumava passar a noite na casa de Aldus para escapar da mãe e da irmã. Hartley estava com sorte, pois Gifford tinha passado a noite lá.

Ele poderia ter ido pessoalmente atrás dos homens que estavam de partida para a França, mas de repente se deu conta de que ia precisar de uma boa desculpa para justificar como tinha conseguido a nova informação. Os homens que entravam e saíam da França às escondidas estavam acima de

quaisquer suspeitas. Sua esperança estava tão alta e a empolgação tão intensa que ele duvidava que fosse capaz de forjar qualquer coisa que fizesse sentido ou que não o fizesse parecer um maluco. Para inventar uma boa história, ele precisava de Aldus.

Era irritante precisar arrumar uma explicação convincente, e Hartley quase riu de como mudara a sua opinião sobre os Vaughn, de como mudara de pensar que eles eram loucos ou charlatões para agora estar se ressentindo pelo fato de eles terem de tomar tanto cuidado. Os dons que eles possuíam tinham várias utilidades, que podiam inclusive salvar o país. Em vez disso, os Vaughn, e seus parentes, os Wherlocke, passavam a maior parte do tempo ocultos. Ele podia até não gostar da idéia de não haver uma explicação científica para o que Iago e Alethea podiam fazer, mas, por outro lado, não temia que aquilo fosse algum truque demoníaco.

Um grunhido chamou a sua atenção, e ele observou um Gifford de olhos avermelhados arrastando-se diante do aparador. O homem encheu um prato de comida e se arrastou até a mesa para se largar sobre uma cadeira. Um criado calado serviu um café muito cheiroso. De repente, Hartley ficou faminto. Ele apanhou o que desejava do impressionante sortimento de comida e se juntou a Gifford na mesa assim que Aldus entrou na sala. Aldus estava com a mesma aparência de Gifford.

— Noite agitada? — ele perguntou enquanto se servia de um pouco do café forte que Aldus sempre oferecia.

— Eu estava perseguindo o maldito que feriu Alethea — respondeu Aldus, começando a parecer um pouco mais desperto depois de alguns goles de café.

— E eu estava seguindo aquela mulher maldita — disse Gifford. — Ela nunca dorme, e não acredito que ela tivesse intenção de ser fiel a você, Hartley. — Ele soltou um leve sorriso antes de encher a boca de linguiça.

— Estou arrasado. — Hartley deixou de lado por um momento o humor e perguntou: — Afinal, você apanhou o homem, Aldus?

— Não, e o amaldiçoei duplamente por isso — resmungou Aldus. — Ele é escorregadio. Mas consegui descobrir algumas coisas sobre ele que irão facilitar na caça. Acho que ele pode ter alguma relação com Claudete. Pierre Leon. Tem poucos aliados na cidade, pois é um trapaceiro, um mentiroso e brigão. Logo alguém acabará o entregando.

— Ótimo. Eu o quero, e não apenas pelo que fez a Alethea. Vamos precisar dele para nos ajudar a provar que Claudete é o que alegamos. Venho montando lentamente uma lista com os nomes dos homens que já se deitaram com ela. Acredito que irá nos ajudar a encontrar tudo que precisamos para fazer com que ela pague pelos crimes que cometeu. Mas não vim aqui e tirei vocês dois da cama só para falarmos sobre Claudete e seus comparsas.

— Não? Em que mais estamos trabalhando?

— Em encontrar a minha sobrinha e o meu sobrinho. Aldus sorriu e passou a mão pelos cabelos.

— Maldição. Sinto muito, Hart. Ainda não acordei direito.

— Tudo bem. Temos muito com que nos preocupar no momento, e eles não são parentes de vocês.

— Mesmo assim, crianças perdidas naquele caos que a França se encontra não deveriam ser esquecidas. Ouviu algo de novo sobre eles?

— Não exatamente. Alethea teve outra visão. — Entre goles de café, Hartley contou aos amigos tudo que Alethea tinha lhe dito. Depois disso, limpou a mesa para que pudesse mostrar os desenhos que ela tinha feito. — Acho que eles têm se passado por trabalhadores o tempo todo, ou membros de uma família. Os dois falam muito bem francês, sendo assim, a língua não seria um problema para eles.

— Mas ela disse como eles estão agora? Isto não vai nos ajudar muito se a visão tenha sido, digamos, de um ou dois meses atrás. Eles podem ter ido para outro lugar.

— Ou estarem feridos ou terem sido capturados. Sei de tudo isso, Aldus. Sei muito mais do que gostaria sobre a verdade cruel. Mas esta é a primeira vez que temos uma idéia de onde eles podem estar na França. Até mesmo um nome ou parte de um nome. Pensei em dar isto aos homens que estão de partida para a França, nesta noite, para que eles possam passar para os meus homens que já estão lá. Isso pode ajudá-los na busca.

Aldus analisou os desenhos que Alethea tinha feito enquanto terminava de comer e então empurrou o prato para o lado.

— Ainda estou impressionado com a perfeição dos desenhos dela. Tenho a sensação de que conheço aquela casinha de fazenda...

— Talvez você consiga se lembrar enquanto vamos atrás daqueles homens.

Demorou ainda uma hora para que eles partissem, pois este foi o tempo que Aldus e Gifford levaram para se arrumar. Quando finalmente seguiam na carruagem de Hartley, o bom humor dele já estava chegando ao limite. E este só piorou quando eles tentaram encontrar os dois homens que entrariam sorrateiramente na França naquela noite.

Hartley estava resmungando que seria mais rápido se ele encontrasse um navio que fosse para a França e levasse pessoalmente a mensagem para seus homens, quando Aldus pediu para pararem a carruagem e desceu. O fedor das docas atingiu Hartley em cheio enquanto ele seguia o amigo com Gifford no seu encalço. Eles se moveram em meio à multidão até Aldus se aproximar de dois homens. Hartley diminuiu o passo até parar, Gifford parou ao seu lado, e deixaram que Aldus cuidasse da conversa. Não havia dúvida de que aqueles eram os homens que eles estavam à procura. Hartley não os reconheceu, mas isto não o surpreendeu. Havia muitos homens e muitos ramos do governo para que alguém fosse capaz de conhecer todo mundo, especialmente quando alguns não desejavam ser reconhecidos. Aldus conhecia mais do que a maioria. Era obvio que Aldus sabia exatamente quem eram os dois homens que estavam indo para a França.

Quando Aldus acenou para eles se aproximarem, Hartley conteve-se para não sair correndo. A necessidade de enviar aos seus homens a nova informação era tão grande que doía até seus ossos. Hartley franziu a testa para Aldus ao parar ao lado do amigo, perguntando-se o que Aldus teria acabado de dizer.

— Hartley, permita que eu o apresente ao Barão de Starkley, Sir Leopold Wherlocke, e o seu primo, Bened Vaughn. — Rapidamente Aldus contou aos dois quem eram Hartley e Gifford, sorriu enquanto todos trocavam apertos de mãos. — Você não vai precisar de uma boa história hoje, Hart.

— Vamos ver o que a nossa priminha Alethea desenhou — disse Leopold. — Se me lembro bem, ela sempre teve um talento impressionante para o desenho.

— Ela ainda tem — Hartley disse e entregou os desenhos.

Em seguida, esperou com uma impaciência mal disfarçada enquanto os dois homens analisavam os desenhos. Foi surpreendentemente difícil conter o anseio de perguntar que *dons* eles possuíam. O fato de Leopold possuir o título de Sir e ser um barão, e mesmo assim Hartley nunca ter conhecido o homem, adicionou um peso ainda maior aos boatos de que os Vaughn e os Wherlocke formavam um grupo muito recluso. Ele se perguntou se os superiores sabiam e aceitavam quaisquer que fossem os dons que os dois possuíam.

— Ela aprimorou ainda mais a sua arte — Leopold disse enquanto enrolava de volta o desenho e enfiava dentro do sobretudo longo que ele vestia. — Se me permitir, gostaria de ajudar seus homens antes de iniciarmos o nosso trabalho.

— O senhor conhece os meus homens?

— Já nos encontramos várias vezes ao longo dos últimos três anos.

— Quantos membros da sua família trabalham para o governo?

— Somente alguns... Aqueles que se interessam em ajudar os outros. E, antes que pergunte, não costumamos dar demonstrações livres dos nossos dons. Tal honestidade acabaria atrapalhando o nosso trabalho. Estou feliz que seus homens tenham aceitado com tanta facilidade o que os nossos primos podem fazer. Hartley suspirou.

— Eu não diria que tenha sido *tão fácil* assim, mas passamos a acreditar logo depois que os conhecemos melhor. Eu comecei a acreditar quando vi Alethea tomada por uma visão. Depois ela nos contou coisas que não tinha como saber. — Ele soltou um breve sorriso. — Quanto a Iago e seus fantasmas, acredito que ele os veja e agradeço a Deus que eu não.

Bened concordou.

— Sempre fui grato por não ter sido amaldiçoado pelo dom de ver os mortos.

Hartley queria perguntar que dom exatamente tinha o homem, mas engoliu a pergunta. Havia um brilho de divertimento nos olhos de Sir Leopold, que indicava que o homem sabia o quanto Hartley estava lutando contra a própria curiosidade. Eles falaram sobre como entrariam em contato com os homens de Hartley e os planos complexos que tinham sido elaborados para trazer de volta para casa seus sobrinhos. Depois disso, os dois homens se foram.

— Como você sabia exatamente com quem tínhamos que falar? — Hartley perguntou a Aldus enquanto os três caminhavam de volta para a carruagem.

— Eu não sabia os nomes deles, somente onde os encontrar e como eles eram — Aldus respondeu. — Comecei contando uma história, e Leopold falou que eu deveria parar de tentar mentir e apenas contasse a verdade. Então eles se apresentaram e não vi por que não dizer a verdade.

— Como ele soube que você estava mentindo? — perguntou Gifford.  
— Ninguém desconfia quando você está mentindo. Você é muito bom nisso, sempre foi.

— Então esse é o dom dele — disse Hartley antes que Aldus pudesse responder. — Ele pode perceber uma mentira por melhor que seja o mentiroso. Muito útil. Eu me pergunto se os superiores dele sabem disso.

— Ele pode ter adivinhado — retrucou Aldus. — Assim como Willsett adivinhou que tínhamos conseguido as nossas informações sobre Claudete com a ajuda de algum *dom* especial no momento em que mencionei os Vaughn. Estou começando a pensar que existem vários deles trabalhando para o governo. Pelos menos aqueles para quem trabalhamos já sabiam sobre os Vaughn e os Wherlocke.

— Você não disse que tinha contado a ele sobre Alethea e Iago.

— Não contei muito, só mencionei os nomes dos dois, e depois que o fiz, todas as dúvidas que ele tinha desapareceram. Pude ver que ele sabia como tínhamos conseguido descobrir tanto sobre Claudete, mas ele não perguntou e eu não disse. Obviamente não é apenas a família que costuma guardar segredos. — Aldus encolheu os ombros e entrou na carruagem. — Talvez seja uma daquelas situações em que uma pessoa não deseja ser a primeira a admitir que acredita.

— Acho que entendi o que você quis dizer. São muitos os que duvidam ou têm medo. Nenhum homem que deseja subir de posição no governo gostaria que soubessem que ele não apenas acredita em tais coisas como também está pronto a recorrer a elas. Ele acabaria sendo ridicularizado e rebaixado a um cargo de secretário.

— É verdade. Eu certamente não pretendo ficar alardeando sobre a habilidade de ter visões da minha esposa.

Hartley teve de engolir uma risada quando viu a cara dos seus amigos. Primeiro de perplexidade e, em seguida, boquiabertos de surpresa. Demorou alguns minutos antes que alguém dissesse algo, e ele não se surpreendeu quando o primeiro a se manifestar foi Aldus.

— Você pediu Alethea em casamento? — Aldus perguntou.

— Ainda não, mas logo o farei — respondeu Hartley. — Sou o último dos Greville, salvo por alguns primos muito distantes. Se Bayard ainda estiver vivo, ele não pode ser meu herdeiro, não com a vinculação de bens que está sendo redigida. Preciso de uma esposa. Eu soube disso no dia em que enterrei meu irmão. Só tinha decidido que não precisava de uma tão cedo. Nunca tinha conhecido uma mulher que conseguisse fazer com que a palavra passasse pela minha cabeça.

— Isso até conhecer Alethea.

— Sim, até conhecer Alethea. E, sim, sei que existem grandes chances de que qualquer filho que tivermos também possuir algum tipo de dom, mas, depois de ter conhecido ela e Iago e agora os dois primos deles, isso não me preocupa. Admito que, da primeira vez que a idéia de casamento passou pela

minha cabeça, tratei de ignorar o mais rápido que pude. Mas ela voltou várias vezes. E me sinto confortável ao lado de Alethea, de um modo que nunca me senti com nenhuma outra.

— Não foi muito romântico — murmurou Gifford.

— Não, e decidi que preciso cortejá-la. Não fiz nada neste sentido até agora, mesmo por que eu ainda estava preso à trama com Claudete. — Ele riu e balançou a cabeça. — Reconheço que sei como seduzir, mas nunca tive de fazer a corte de verdade a uma mulher. E agora com a chance de ter Germaine e Bayard morando comigo, se Deus quiser, sinto que vou precisar ainda mais de uma esposa.

— Ela é um pouco jovem demais para bancar a mãe dos seus sobrinhos.

— Eu nunca seria capaz de pedir-lhe isso. Mas ela pode ajudar os dois em muitos sentidos, ainda que os ajude apenas no eventual retorno deles à sociedade onde nasceram.

— Você gosta dela? — perguntou Gifford.

— Ah, sim, gosto, ao meu modo. Gosto e sinto desejo. Gosto da sua companhia e confio nela. Como ser um marido fiel, acredito que essas coisas são muito mais importantes do que certo sentimento que nem sempre é encarado por duas pessoas do mesmo modo, e que é muito usado para ferir ou enganar.

— Sugiro que você não conte a ela sobre como se sente com relação ao amor.

— Não pretendo falar sobre isso de forma alguma. Aldus sorriu e piscou para Gifford.

— Isto vai ser muito interessante.

Hartley apenas fez uma careta para os amigos, que continuaram rindo.



## CAPÍTULO IX

ALETHEA SE PERGUNTOU POR UM MOMENTO, ENQUANTO OLHAVA AO REDOR do lotado salão de baile, se poderia alegar que seus ferimentos ainda incomodavam e que, por isso, precisava voltar para casa. Em seguida, ela deixou escapar um xingamento, fazendo com que uma senhora contorcesse o semblante e se afastasse. Não que ainda sentisse dor, ou que tivesse restado uma sombra dos hematomas, e para completar, há semanas ela vinha reclamado por ter sido obrigada a ficar presa em casa. Mas uma caminhada pelo parque num dia chuvoso e frio seria preferível a esta tortura, ela concluiu. O salão estava abafado devido à aglomeração de muitos corpos exageradamente vestidos e as muitas velas. Uma imensa variedade de odores abarrotava o ar, nem todos agradáveis. Os perfumes fortes usados por alguns para esconder o odor de um corpo sem banho eram os piores. Não disfarçavam nada; em vez disso se misturavam aos cheiros de corpo para criar um odor de torcer o nariz. Era de se perguntar se aqueles que recorriam a tal subterfúgio não sentiam o próprio mau cheiro.

Enquanto bebia um copo de limonada aguada, Alethea observava Hartley dançando com a filha de um dos velhos amigos do seu pai. O amigo estava parado ao lado, admirando o casal com um sorriso benevolente nos lábios, pois sabia que esta dança com Hartley iria dar a projeção que sua filha

precisava para arrumar um marido. A moça, por sua vez, parecia querer derreter no assoalho encerrado. Alethea sentiu pena da garota, compreendendo muito bem a inebriante combinação de Hartley com a música. Ela esperava, pelo bem da própria moça, que ninguém tivesse notado o quanto a pobre dançava mal.

"Pelo menos ele não está mais cortejando Claudete", foi seu pensamento, seguido por uma onda de alívio. Hartley não ignorava a mulher, mas tinha deixado bem claro que seus vários encantos não seriam o suficiente para levá-lo para a cama. Claudete podia até continuar sorrindo e flertando como se nada a incomodasse e agindo com educação, mas não havia como ocultar o brilho intenso de fúria que seus olhos emanavam.

Quando a mulher voltou os olhos subitamente na direção de Alethea, foi como se punhais afiados de gelo perfurassem sua pele, e Alethea olhou ao redor em busca do tio. Como sempre, ele estava conversando com Lorde Dansing sobre como aumentar a sua fortuna, mas Alethea se aproximou e parou ao lado dele assim mesmo. Era um tanto covarde de sua parte usá-lo como escudo protetor, mas ela concluiu que preferia ser uma covarde a ter de encarar a furiosa Claudete.

Não demorou a se cansar da conversa, mas, pela primeira vez, ela não se importava. Claudete lhe dava arrepios, realmente a assustava. E esse medo não vinha apenas dos fantasmas dos seus ferimentos todas as vezes que ela olhava para a mulher. Havia uma loucura sombria em Claudete. Alethea também desconfiava que a mulher tivesse cometido tantos crimes e se esquivado da justiça por tantas vezes que acreditava ser invisível, ou simplesmente muito mais esperta do que o resto do mundo. Não era covardia

de sua parte tentar se proteger de uma mulher como aquela; era, sim, sinal de inteligência. Desse momento em diante, até que a mulher fosse presa ou morta, Alethea não tinha intenção de ir sozinha para lugar algum.

Alethea saiu detrás dos biombos que protegiam os urinóis no toailete das damas, ajeitando a saia do vestido. Um calafrio percorreu seu corpo, e ela estremeceu apesar do abafamento do cômodo. Ela ficou tensa, seu coração começou bater um pouco mais acelerado. Era um aviso; ela tinha certeza disso. Ao erguer os olhos, ela se deparou com o olhar frio e duro de Madame Claudete des Rouches. Pela segunda vez, seu dom tinha alertado de um perigo iminente. Alethea apenas desejou que o dom pudesse aprender a avisá-la a tempo de escapar. Pois avisá-la sobre um perigo quando este estava a apenas alguns passos era inútil.

— Descobri algumas coisas sobre a sua pessoa, milady — disse Claudete.

Alethea achou que nunca tivesse ouvido a palavra *milady* pronunciada com tanto veneno, como se fosse o mais vil dos xingamentos.

— E que coisas seriam, madame?

— Você é uma dos Vaughn, parente dos Wherlocke, adoradores do demônio.

— Que tolice! — ela soltou; o medo foi deixado de lado pela necessidade instintiva de defender sua família.

— É mesmo? Pois eu acho que, talvez, você tenha enfeitado meu marquês. *Oui*, é a única explicação para um homem como ele estar fungando nas saias de uma mulher como você. Ele não precisa de uma viúva

interiorana. E os boatos dizem que, apesar de ser viúva, você não tem experiência o suficiente para satisfazer um homem.

Aquilo doeu, mas Alethea não entregou sua dor de bandeja, não deixou escapar nem mesmo o mais suave tremor.

— Não notei nenhum sinal deste, digamos, *fungar*. A senhora deve estar imaginando coisas. — Alethea precisou de muita força para não recuar quando Claudete curvou os dedos de um modo tal que, com as suas unhas longas, eles ficaram mais parecidos com tentáculos do que com dedos. — Lorde Redgrave é um homem solteiro. Desconfio que ele deva olhar para muitas mulheres, todas muito belas, coisa que não sou, e mesmo assim a senhora não demonstra nenhuma inclinação em abordá-las no toalete das damas.

— Não tente fazer joguinhos comigo, milady. Pois venho jogando há muito tempo e sou muito, muito melhor do que você neles.

— Que bom para você. — Alethea desconfiava que Claudete estivesse a um passo de atacá-la e se perguntou por que ainda estava irritando a mulher. — Não estou jogando. Deixo isso para os especialistas, coisa que a senhora afirma ser. Lorde Redgrave é um homem livre para fazer o que bem desejar. Sinceramente duvido que ele fosse gostar de saber que a senhora está interferindo na vida dele.

— Tome cuidado comigo, sua bruxa. Pare de arrastá-lo para o seu lado. Eu o que quero e o terei. Ser uma marquesa combina muito bem comigo e pretendo ser uma. Se não voltar logo correndo para a sua casinha na fazenda, você irá se arrepender. Pode acreditar. E pare de espalhar histórias sobre a

minha pessoa — pare imediatamente! Ou logo surgirão várias histórias sobre você e a sua família amaldiçoada.

— Há séculos correm boatos pela alta roda da sociedade sobre a minha família. Ninguém vai dar ouvidos às suas mentiras.

— Oh, mas quem disse que estou preocupada com a sociedade? Eles já mostraram que não se importam que bruxas e feiticeiros circulem livremente entre eles. *Non*, estou falando da população comum. Estes não são tão esclarecidos, *oui*? Ainda acreditam em demônios, bruxas e feiticeiros e odeiam tudo isso. Eles têm medo, como deve ser. E acho que você já deve ter ouvido falar de como é fácil incitar uma multidão, sim? Portanto, vá embora e feche a boca ou não será a única a sofrer a minha fúria.

Claudete se foi antes que Alethea tivesse tempo de responder à ameaça, que ficou suspensa no ar como um miasma de puro mal. Alethea não sabia ao certo o que fazer. Uma coisa era se recusar a fugir de uma ameaça contra a sua pessoa, mas Claudete tinha acabado de ameaçar toda sua família. Cada uma das crianças Wherlocke e Vaughn cresceram ouvindo histórias do passado e alertas sobre o perigo de permitir que muitas pessoas soubessem o que eles são capazes de fazer e por isso tinham aprendido a reconhecer a força de uma ameaça. Os primeiros anos das duas famílias tinham sido marcados pelas terríveis mortes de seus ancestrais nas mãos de multidões enfurecidas.

Alethea não se surpreendeu ao perceber que suas mãos estavam trêmulas ao tocar na maçaneta da porta. Ela teria que voltar para Coulthurst. Não poderia permitir que Claudete cumprisse as ameaças contra a sua família. Havia muitos Wherlocke e Vaughn na cidade, e Londres era famosa pela

facilidade com que seus cidadãos eram capazes de se erguer em levantes e destruição. Ela precisava encontrar Hartley ou Iago para levarem-na para casa. Precisava começar a arrumar as suas coisas o quanto antes.

Ela odiava a ideia de partir antes que pudesse ver Hartley reunido com o que tinha restado da sua família. Odiou especialmente partir antes que pudesse ver Claudete pagando, e caro, pelos seus crimes. Mas Alethea sabia que agora não tinha outra opção. Não eram mais apenas a sua vida e segurança que corriam risco.

\*\*\*

Hartley retornou para dentro da casa de Hitchimoughs depois de ter desfrutado do prazer de fumar com alguns amigos e contemplado a ideia de dançar com Alethea. Sua ligação com Claudete corria tão bem quanto deveria depois de terem se transformado em nada além de conhecidos que se cumprimentavam educadamente, pelo menos da sua parte. Apesar de detestar uma fofoca, os rumores que ele e seus amigos tinham espalhado cuidadosamente pelos campos férteis da sociedade estavam começando a render frutos, e isso o deixou muito satisfeito.

Claudete estava sendo lentamente empurrada para fora do campo de batalha. Ele aplacou a aversão que tinha ao plano, lembrando-se de que os rumores continham pitadas da mais pura e horrenda verdade sobre Madame Claudete des Rouches, o que, portanto, não configurava como fofoca. De certo modo, era também uma retribuição pelos nomes e reputações de tantos homens e mulheres que ela tinha destruído com seus boatos e mentiras.

A única coisa que o preocupava era que ele podia ver a fúria que crescia em Claudete. A raiva cintilava em seus olhos e enrijecia sua fisionomia, roubando um pouco da beleza que ela usava sem escrúpulos em vantagem própria. Hartley não conseguia adivinhar qual seria a reação dela quando percebesse que tinha perdido o jogo, mas ele sabia que também poderia significar mal agouro para alguém.

Ele estava justamente se perguntando se não deveria colocar mais homens para seguir Claudete e a irmã quando virou-se e topou com Alethea. Hartley a segurou no mesmo instante em que ela cambaleou para trás. E riu enquanto a amparava, mas seu senso de humor morreu com um sopro assim que olhou para o rosto dela. Ela parecia apavorada, sua tez estava muito pálida e os olhos vidrados.

— O que aconteceu, Alethea? — ele perguntou. — Está sentindo alguma dor?

— Não. Não, estou sentindo dor, mas preciso ir para casa — ela respondeu ao segurar no braço dele com força. — Leve-me para casa agora, Hartley. Por favor.

— Você está tremendo, meu amor. Conte-me o que aconteceu. Alethea deu uma olhada ao redor e não viu ninguém, mas mesmo assim balançou a cabeça.

— Não. Aqui, não. Em casa. Vamos para casa.

— Vou precisar chamar a carruagem, mas não quero deixá-la sozinha assim tão nervosa.

Hartley estava pensando se ousaria passar com ela pelo salão de baile naquele estado quando Aldus passou por eles. Aldus estivera lá fora com Hartley e mais meia dúzia de homens fumando. Ele nunca imaginou que pudesse ficar tão feliz por ver Aldus.

— Aldus, você poderia chamar pela minha carruagem e depois avisar a Iago que levei Alethea para casa?

Aldus percebeu o modo como Alethea tremia, agarrada ao braço de Hartley, e franziu a testa.

— O que aconteceu? — Contarei depois que eu souber. Ela não está ferida. Isso é o bastante por enquanto. — Como vai tirá-la daqui?

— Pela entrada de serviço. Não se esqueça de dizer a Iago que ela não está ferida, apenas nervosa.

Hartley fitou o amigo, esperando que Aldus tivesse entendido o que tinha ficado nas entrelinhas. Ele queria cuidar de Alethea pessoalmente, não queria que Iago fosse correndo para casa. Fazia dias desde a última vez que tinha sido deixado a sós com Alethea, e, ainda que a oportunidade fosse usada para acalmá-la, ele queria ficar um pouco sozinho com ela. Hartley nem percebera o quão tenso estava até Aldus assentir, quando então relaxou. Aldus deu uma piscada, fez um afago nas costas de Alethea e saiu em seguida.

— Estou agindo como uma covarde medrosa — Alethea murmurou enquanto Hartley passou o braço ao redor da sua cintura e começava a conduzi-la rumo à entrada de serviço da casa.

— Não seja tola — ele disse. — Você não é covarde, meu amor. Ninguém que vê as coisas que você vê e depois ainda tem coragem de tomar

uma atitude pode ser uma pessoa covarde. Vou levá-la para casa, você tomará alguma coisa e depois irá me contar por que está tão nervosa. Se conseguir se recuperar um pouco enquanto estivermos voltando para casa, você poderá me contar o que aconteceu.

Alethea não disse nada enquanto ele a conduziu apressado para frente da casa e a ajudou a entrar na carruagem, que já os esperava. Ela se acomodou nos braços fortes com um suspiro, buscando conforto no calor e na força máscula de Hartley. Ele a acalmou sem dizer uma palavra sequer, mas, mesmo assim, ela não mudou de ideia quanto à decisão que já tinha tomado. Claudete tinha feito uma ameaça à sua família, e ela não poderia permitir que sua vontade de ficar ao lado de Hartley mudasse a decisão de partir.

— O que aconteceu que a assustou tanto, Alethea? — Hartley perguntou quando sentiu que o tremor estava diminuindo. Ele acariciou as suas costas e lutou para não deixar que o desejo por ela transformasse a sua tentativa de confortá-la em uma carícia sedutora.

— Madame Claudete me confrontou no toailete das damas — ela respondeu, e todo o corpo dele ficou tenso. — Ela decidiu que quer ser uma marquesa e quer que eu saia do caminho.

— Meu Deus! Mesmo que eu não tivesse uma pista sequer do que ela fez no passado, nunca iria considerar a hipótese de torná-la minha marquesa. Acho que ela já se deitou com metade da Câmara dos Lordes.

— O que seria embaraçoso. — Ela ignorou a risada mal disfarçada dele. — Ela me disse para voltar para Coulthurst e fez ameaças horríveis se eu não o fizer logo.

— Vou reforçar a segurança ao seu redor.

— Mais guardas não ajudarão. Ela ameaçou a minha família também. Os Vaughn e os Wherlocke. Você não tem como proteger a todos nós, Hartley. — Ela se afastou um pouco e não se surpreendeu ao ver, mesmo sob a fraca iluminação da carruagem, aquele semblante contorcido. — A ameaça dela não pode ser combatida com espadas e punhos. Isso não pode nem ser sugerido, pois iria magoar ainda mais a minha família, caso tivéssemos que provar que a ameaça teve algo a ver com isso. Ela planeja espalhar boatos sobre sermos bruxos, demônios, adoradores do diabo e coisas assim. A princípio, respondi que há séculos correm boatos sobre a minha família pela sociedade, escarnecendo a ameaça.

— E fez muito bem. Mesmo que ela conseguisse a atenção de alguém, a sociedade iria dar de ombros para as histórias dela, assim como já deram para tantas outras.

— Foi o que eu disse, mas foi então que a ameaça se tornou realmente assustadora. Ela disse que sua intenção não é espalhar boatos entre os membros da alta sociedade, mas, sim, entre os populares. Como ela mesma disse, eles ainda não são instruídos o suficiente a ponto de rirem de tais superstições. Eles ainda acreditam em demônios, diabos e bruxas, ainda os temem. E disse ainda que iria incitar uma multidão contra a minha família. Nós dois sabemos o quanto isto pode ser fácil de conseguir.

— A caça às bruxas foi há muito tempo — ele disse quando a carruagem parou em frente à casa de Iago.

— Isso é o que acham aqueles que nunca tiveram os supersticiosos que circulam entre nós voltados contra ele e seus entes queridos.

Hartley a ajudou a descer da carruagem e acompanhou-a até a porta, pensando em um modo de convencê-la de que ela não precisava temer essa última tentativa de Claudete de assustá-la e mandá-la para longe. Ethelred abriu a porta justamente quando os pés deles tocaram no último degrau. Hartley notou que Alethea parecia um pouco mais calma, mas desconfiou que fosse porque ela tivesse tomado uma decisão. Uma decisão da qual ele não ia gostar.

— Ethelred, mande levar meus baús para o meu quarto, por favor — Alethea disse e então se voltou para Hartley no momento em que o mordomo se retirou. — Partirei para Coulthurst amanhã de manhã. — Ela beijou-o no rosto e começou subir a escadaria, lutando, a cada passo, contra a ânsia de virar e correr para os braços dele.

— Ah, não vai não — disse Hartley e em seguida começou a subir os degraus logo atrás dela.

— Preciso fazer isso. Kate — ela chamou —, preciso que você venha me ajudar a arrumar as minhas coisas para voltarmos para Coulthurst.

— Kate, ela não vai arrumar nada — Hartley gritou. Segurando-a pelo braço, ele arrastou-a para dentro da ante-sala do seu quarto. — E diga a Ethelred que ela não precisa dos baús — completou ao ver Kate parada a poucos metros de distância enquanto ele empurrava Alethea para dentro do quarto.

— Hartley! Não dê ordens aos meus criados. Preciso partir. Kate! — Alethea viu de relance Kate correndo rumo à escadaria que levava ao vestíbulo pouco antes de Hartley fechar a porta e trancá-la, por dentro. Pelo jeito, Kate preferira bancar a casamenteira, e Alethea prometeu a si mesma que ela pagaria por isso. — Droga, Hartley, não posso colocar a minha família em risco. Eu já lhe disse, tem muitos Vaughn e Wherlocke na cidade agora.

— Então avise a todos. Desconfio que eles saibam muito bem o que fazer diante de tal ameaça.

— Eles sabem, mas não deveria ter de se preocupar com isso só porque eu me envolvi com uma maluca.

Ela caminhou rumo ao armário, mas se deparou com o imenso corpo dele bloqueando seu caminho. Ele fez o mesmo quando ela moveu-se rapidamente na direção da penteadeira. "Como um homem desse tamanho consegue se mover com tanta agilidade?", ela refletiu, contrariada. Alethea parou, pousou as mãos sobre os quadris e encarou-o.

— Você não pode esperar que eu dê a ela uma chance de cumprir com as ameaças que me fez. Preciso partir.

— Não.

— Por quê? Por que você está dificultando as coisas? Não sou nem um soldado nem uma espiã. Você já está desperdiçando homens de valor ao colocá-los para me proteger, homens que poderiam ser mais bem aproveitados na missão de derrubar aquela mulher. Se eu tiver uma visão, posso enviar uma carta, contando. Por que preciso ficar aqui?

Ela deixou escapar um gritinho quando ele a agarrou, ergueu-a e carregou-a para a cama. A surpresa pela ousadia roubou seu fôlego quando ele a jogou sobre o colchão. Quando Hartley se espalhou por cima do seu corpo, ela temeu que nunca mais fosse conseguir recuperar o fôlego. Uma onda de calor perpassou todo seu corpo ao sentir a pressão do peso dele. Alethea lutou contra o desejo inebriante que começava a tomar conta da sua mente. Ela queria o que ele estava oferecendo, queria muito, mas não tinha tempo para aquilo naquele momento.

— O que você pensa que está fazendo? — ela perguntou, sem conseguir disfarçar a súbita falta de ar.

— Estou prestes a lhe mostrar o motivo pelo qual você não pode partir. — Hartley se moveu para que assim pudesse remover com mais facilidade os sapatos dela e então deslizou as mãos ao longo da perna bem torneada.

— Você acha que pode me convencer a desistir do que preciso fazer?

Alethea sabia que precisava detê-lo. Ele estava tirando suas roupas, parando vez ou outra para remover uma peça da própria vestimenta. Não ia demorar muito para que ambos estivessem nus. Isso deveria chocá-la e trazer um protesto firme aos seus lábios. Mas, em vez disso, seu coração disparou de alegria dentro do peito, enquanto o sangue corria quente pelas veias. Quando chegou ao ponto em que ela só estava de combinação e ele apenas de calça, Alethea sabia que protestar era a última coisa que queria fazer.

O Marquês de Redgrave era um homem muito belo em todos os sentidos, ela concluiu enquanto tentava não ofegar. Ela já tinha visto homens sem camisa antes, mas nenhum tinha-lhe arrancado o fôlego só de olhar.

Hartley era todo músculo, elegante e firme, e com a pele lisinha. Sua vontade era encostar a boca naquela pele para prová-lo por inteiro. A ideia, em vez de chocá-la, só serviu para atiçar ainda mais sua curiosidade sobre o que ele planejava fazer.

— Isto pode nos trazer complicações — ela se esforçou para dizer, apesar de saber muito bem que tinha sido mais para ela mesma. No fundo, tinha uma certa esperança de que servisse para ele também.

— Não creio.

Hartley tirou a combinação e ficou sem ar tão rapidamente que quase sufocou. Já desconfiava que Alethea se vestisse de um modo que disfarçava suas curvas, mas a sua imaginação não tinha nem chegado perto da realidade. Os seios eram fartos e redondos, quase demasiadamente grandes para o corpo esguio suportar, e as pontas dos mamilos rosados já estavam enrijecidos, como em um convite. Os quadris resplandeciam convidativos abaixo da cintura fina; ele já sabia que ela tinha um traseiro firme e arredondado, mas as pernas eram longilíneas e bem torneadas. O corpo esguio era coberto por uma pele macia cor de marfim que destacava ainda mais os pelos pretos cacheados que formavam uma letra V bem na junção entre as coxas fortes e delgadas. Apesar dos fartos cabelos pretos que cobriam a cabeça, o restante do corpo era surpreendentemente liso. Hartley achou aquilo tudo inebriante.

Com o sangue pulsando de desejo nas veias, ele arrancou a última peça de roupa que restava e atirou para o lado. O modo como ela arregalou os olhos ao ver o membro enrijecido, como o tom azul deles escureceu de desejo, fez com que ele sentisse vontade de sair desfilando pelo quarto. Mas o

desejo de possuí-la subjugou o estranho pensamento, e rapidamente ele se acomodou sobre o corpo que o convidava. Seu gemido de prazer quando seus corpos se tocaram e o suspiro suave que ela deixou escapar soou como música aos seus ouvidos.

— Hartley. — Alethea teve dificuldade para falar, mas forçou uma lasca de clareza na sua mente tomada pelo desejo. — Tem algo que você precisa saber sobre mim.

— Que o seu marido nunca tocou em você.

— Como sabe disso?

Ele beijou-a e soltou um gemido de aprovação quando suas línguas se encontraram.

— Corriam boatos de que Channing não... Bem, que ele não gostava muito de mulheres. Estou certo? Você é intocada?

— Sim. Channing nunca fez nada além de me beijar algumas e poucas vezes. Não sei muito sobre tudo isso, e você está acostumado com mulheres experientes...

Ele a impediu de continuar com outro beijo.

— Será um prazer indescritível ensiná-la sobre tudo que um homem pode compartilhar com uma mulher.

Alethea teve a leve impressão de que ele soou um tanto arrogante, mas o beijo que veio em seguida apagou a impressão. Ela entrelaçou os braços ao redor do corpo envolvente, acariciando a pele macia e firme das costas. Só de sentir a pele dele contra a sua e o calor sob suas mãos foi o suficiente para

fazer com que um desejo dilacerante se espalhasse pelas suas veias com uma força quase assustadora de tão intensa. Ela não conseguia se sentir próxima o bastante, não conseguia tocá-lo o suficiente para satisfazer a ânsia ardente que crescia por dentro.

Ela inclinou a cabeça para trás num gesto de boas-vindas enquanto ele traçava uma linha de beijos ao longo do seu pescoço. Quando ele cobriu os seios com as mãos, ela arfou de prazer. Os dedos levemente calejados fizeram com que seus mamilos condoessem enquanto ele acariciava-os. Então os lábios quentes seguiram o caminho das mãos, e todo seu corpo se encheu de ansiedade pelo que estava por vir.

— Hartley! — ela bradou quando ele lambeu a ponta enrijecida do seu seio e nem mesmo ela sabia se tinha sido um grito de protesto por causa da carícia tão íntima ou se um grito de puro prazer. Todo o interesse em tentar descobrir o motivo desapareceu completamente quando ele sugou um dos mamilos enrijecidos para dentro da boca úmida e quente.

Hartley adorou o modo como às mãos delicadas cravaram nas suas costas, como as unhas arranharam a sua pele. O corpo pequeno e ao mesmo tempo curvilíneo colou ao seu num pedido silencioso que ele estava lutando para ignorar. Ela estava ardente em seus braços, a paixão corria tão intensa quanto a sua. Ele ansiava por penetrá-la e conduzi-la até que ambos atingissem o clímax, mas mesmo assim lutou para conter aquela vontade. Alethea nunca tinha experimentado aquilo, e ele estava determinado a fazer com que a primeira vez dela, a primeira vez com *ele*, fosse tão deliciosa quanto às muitas outras que viriam.

Saboreando o gosto da boca dela na sua, o cheiro do desejo dela que perfumava o ar e a maciez quente da pele sob as mãos, Hartley trabalhou para elevar o desejo de Alethea a um patamar tão intenso e ardente que ela nem ia sentir quando ele roubasse a sua pureza. A simples noção despertou uma onda de inquietação que ele se apressou em banir da mente, acariciando cada pedacinho do corpo com o mesmo entusiasmo que sentira ao se deleitar com os seios fartos, fazendo uma pausa vez ou outra na tarefa sublime para beijá-la. Ela era opulenta, arredondada em todas as partes que uma mulher deveria ser e ao mesmo tempo delicada e delgada nas demais partes. Era uma mistura inebriante. Deleitando-se com cada gemido e suspiro que ela deixava escapar, ele deslizou a mão entre as coxas roliças, estimulando-a, e ficou satisfeito quando percebeu que ela já estava úmida e pronta para recebê-lo. A surpresa que ela demonstrou diante da carícia íntima foi tão sutil que Hartley soube que ela estava mais do que pronta para o próximo passo da dança erótica.

Hartley beijou-a enquanto seus corpos se uniam, o abraço apertado em retribuição aqueceu tanto seu desejo que ele teve que cerrar os dentes para conter o impulso de ir rápido demais. No momento em que atingiu a barreira que simboliza a pureza de uma mulher, ele a segurou pelos quadris e penetrou-a com afinco. E então gemeu aliviado quando descobriu que o escudo protetor da inocência era fino, fácil de romper e arrancou nada mais que um suspiro suave dela no ato. Rapidamente ela arqueou o corpo, estimulando-o a mergulhar mais profundamente no seu calor.

Alethea foi arrancada da paixão atordoante que estava mergulhada pela entrada abrupta de Hartley no seu corpo. Somente uma dorzinha lá no fundo indicou que ela tinha acabado de perder sua inocência. Ela se sentiu

desconfortavelmente preenchida e afastou um pouco mais as pernas para acomodar melhor o corpo invasor. Mas, logo em seguida, arqueou e todo o desconforto diminuiu — a sensação de preenchimento se transformou em puro prazer. Ele beijou-a, e a língua imitava os movimentos do membro que a penetrava mais embaixo. Ela se agarrou a ele quando algo dentro do seu corpo começou a comprimir de um modo tal que era uma mistura de prazer e dor. Era como se cada gota de prazer no seu sangue estivesse correndo na direção daquele local onde seus corpos se uniam.

— Hartley? — ela sussurrou, uma ponta de medo tentava romper o calor da sua paixão. — Sinto...Tem algo. — Alethea quase deixou escapar um xingamento devido à sua incapacidade de explicar o que estava sentindo.

— Não tema, meu amor — ele disse e mordiscou o lóbulo da orelha dela. — Solte-se. Renda-se à força do momento.

No minuto seguinte, ela deixou-se levar, gritando o nome dele quando o nó do desejo ardente se rompeu, espalhando ondas de paixão cega pelas suas veias. Alethea mal percebeu o modo como Hartley continuou penetrando-a, uma, duas vezes, e até todo o corpo dele ficar tenso enquanto ele murmurava seu nome. O som foi feroz, penetrante e somou-se ao turbilhão de calor e beleza que a envolvia. O jato quente se espalhou por dentro do seu corpo pouco antes de ela se perder completamente no redemoinho de desejo que a consumia de corpo e alma.

O movimento frio e úmido de uma toalhinha sobre as partes íntimas despertou Alethea do torpor que a envolvia com um arfar de surpresa que ela deixou escapar. Ela ergueu a mão para empurrar seja lá o que fosse que

estivesse invadido-a de modo tão íntimo só para ouvir a risada de Hartley. Um rubor quente pintou seu rosto quando ela percebeu que ele estava apenas limpando do seu corpo os rastros do amor.

Os rastros de um ato de amor, pelo menos da sua parte, ela concluiu quando ele voltou para a cama e envolveu-a em seus braços. Ela olhou para os olhos cor de mel sonolento e quase suspirou como se fosse uma colegial apaixonada. Alethea ergueu os ombros em pensamento e empurrou de volta a mocinha sonhadora para as profundezas da sua mente. Isso era apenas um romance; isto era tudo que Hartley queria. Era tolice ansiar por mais; permitir que ele percebesse que ela queria mais poderia acabar rapidamente com o romance. Seu coração ia acabar dilacerado não importava quando ele se fosse, e ela estava determinada a fazer com que cada momento contasse, assim como pretendia somar número possível de momentos como estes.

— Eu estava preparada para sentir dor — ela disse enquanto descansava o rosto sobre o peitoral largo e acariciava distraidamente o abdome rijo —, mas foi tão suave que quase nem senti.

— Sua inocência não passava de uma leve proteção, meu amor, e estou grato por isso. Pois isto permitiu que você aproveitasse o momento em toda a sua plenitude.

Seu coração disparou de alegria quando ele a chamou de *meu amor*, mas ela ignorou, pois sabia que o gesto poderia ser apenas um carinho vazio, e suspirou.

— Ainda preciso partir. É meu dever proteger minha família.

Hartley beijou-a no alto da cabeça, sentindo por não poder ficar mais com ela, por não poder abraçá-la a noite toda e fazer amor várias vezes.

— Confie em mim. A ameaça de Claudete é incômoda, mas ela pode ser evitada, agora que sabemos. Temos homens trabalhando por toda a cidade, e eles serão informados sobre os boatos e receberão ordens para abafá-los. Para obter êxito, a voz dela precisa ser a única, ou pelo menos a mais alta e clara, e não será.

— Confio em você, Hartley. Vou tentar ignorar o medo que sinto pela minha família.

— Ótimo, pois prefiro fazer outra coisa durante o pouco de tempo que me resta ao seu lado, em vez de ficarmos aqui falando sobre sua família. Eu gostaria mais do que tudo de poder passar a noite inteira aqui e acordar ao seu lado pela manhã, mas logo terei de ir embora.

— Quão logo?

— Dentro de uma ou duas horas.

Alethea esfregou o corpo contra o dele, observando enquanto um fluxo de desejo renovado surgia no belo rosto.

— Como vamos passar este tempo, então?

Hartley riu e virou-a até que ela se encaixasse sob o seu corpo, mais do que pronto para uma segunda rodada da paixão ardente que ela tinha compartilhado com ele.



## CAPÍTULO X

— GOSTARIA QUE VOCÊ PARASSE DE ME ENCARAR, IAGO. ISTO ESTÁ ESTRAGANDO o meu apetite.

Iago olhou para o prato cheio de Alethea e quase riu debochado, duvidando que ela tivesse percebido o quanto estava comendo. "Pelo jeito a noite de paixão ilícita despertou seu apetite", ele pensou, e então a encarou mais uma vez. Ela parecia muito contente, enquanto ele sentia que tinha fracassado completamente na sua função de tio e protetor.

— Por que você foi embora do baile ontem à noite, tirando a necessidade de vir correndo para casa e levar o seu amante para a cama? — Ele soltou um sorriso malicioso quando ela o encarou, experimentando uma pontinha de triunfo por ter conseguido estragar o bom humor da sobrinha.

Alethea considerou a idéia de despejar todo o mingau de cereais sobre a cabeça do tio. Coberto com mel e creme, a mistura iria fazer uma bela bagunça. Em seguida, ela suspirou. Com certeza o tio estava aborrecido por pensar que tinha falhado na sua função de protegê-la. A sua sobrinha tinha sido seduzida sob o seu teto, e ele não tinha feito nada para impedir isso ou para desafiar o homem que tinha cometido à afronta. Alethea não sabia ao certo como poderia confortá-lo em uma situação que ela não compreendia muito bem. Afinal, ela era uma mulher adulta, uma viúva, e já tinha

explicado que ela queria Hartley e que o aceitaria caso ele mostrasse algum interesse. Portanto, o início deste caso de amor não deveria ser nenhuma surpresa para Iago.

— Iago, eu lhe disse que...

— Sim, sim, eu sei o que você me disse. — Ele interrompeu, suspirando. — Mas acho que não esperava que você fosse cumprir o que estava dizendo.

— Bem, mas eu fiz. Eu o queria, ele me queria. — Ela encolheu os ombros.

— Não tente fazer com que as coisas soem tão simples, como se não passasse de um ato de uma criança mimada — ou duas crianças. Você o ama.

— Temo que sim. — Ela espalhou mel sobre uma torrada e lutou para ocultar o quanto aquele sentimento a preocupava. — Mas posso estar confundido desejo com amor. Os homens fazem isso o tempo todo. Não acho que seja o caso, mas o que sei sobre tudo isso? Passei de uma infância solitária para um casamento solitário, que nem foi um casamento de fato.

— É verdade, e sinto muito que sua família não tenha investigado aquele tolo mais de perto. Você não merecia ter sido presa a um casamento vazio como aquele. Não teria demorado muito tempo para descobrirmos toda a verdade sobre o homem. Há muito tempo corriam rumores e especulações sobre as preferências do seu marido.

— As preferências dele? — Alethea franziu a testa enquanto tentava entender o que Iago estava querendo dizer e então, de repente, sorriu ao compreender. — Oh, você quer dizer que ele preferia homens. Acho que não.

Não acho que meu marido preferisse homens a mulheres. Na verdade, acho que ele não tinha nenhuma preferência. Ele não tinha paixão por dentro, nem por nada ou por ninguém. O que era visto como um homem calmo e ponderado era, na verdade um homem morto por dentro. Faltava algo para ele, o que nos faz chorar, rir, odiar, amar, sentir medo e raiva. Se aconteceu algo para deixá-lo daquela maneira, nunca saberemos, mas ele pode até ter nascido daquele jeito.

— A única vez que o vi, tive a impressão de que se tratava de um cavalheiro agradável.

— Agradável, cavalheiro e vazio. Ele era vazio, Iago. Nem ao menos piscava um olho quando eu tinha uma visão. Nada o comovia, absolutamente nada. O que a princípio vi como gentileza não passava de demonstrações de boas maneiras encenadas cegamente. Tive de aceitar a verdade quando uma criança morreu na vila, pisoteada por um cavalo. Channing olhou para aquele pobre corpinho desfigurado e não havia nada em seus olhos, nem mesmo repulsa pelo estado do corpo. Mas ele tomou todas as providências, desde cuidar da remoção do corpo e dar um enterro decente até falar com os pais acometidos pela dor. E depois ele foi almoçar — como sempre, no mesmo horário.

— Acho que nunca conheci ninguém assim.

— Agradeça por isso. É arrepiante. E talvez seja exatamente por isso que me sinto tão atraída por Hartley. Ele não percebe isso, eu acho, mas é um homem de emoções muito fortes. Confesso que me embebedei disso, me

divirto. De certo modo, eu me sentia sufocada por ter vivido com Channing, mas agora posso respirar.

Iago tamborilou os dedos sobre a mesa.

— Quase confrontei você na noite passada, mas Rate me impediu.

Alethea corou.

— Teria sido embaraçoso. Ele sorriu.

— Acho que sim, para todos nós. — Então ele ficou sério novamente.  
— Fere o meu orgulho saber que não estou fazendo nada enquanto Redgrave tem um caso de amor com a minha sobrinha, mas que seja, como você mesma disse, você é uma viúva, uma mulher adulta. Mas se ele a envergonhar, sujar o seu nome ou tratá-la mal, não vou permitir que você me impeça de fazer o que for preciso.

— Justo — ela concordou, apesar de saber que iria fazer tudo que estivesse ao seu alcance para impedir que o tio e seu amante brigassem.

— Agora, conte-me, o que a aborreceu tanto na noite passada?

Alethea contou-lhe sobre o confronto entre ela e Claudete, incluindo sua decisão em partir. Em seguida, esperou pacientemente enquanto o tio murmurava uma longa lista de xingamentos antes de dizer:

— Hartley me assegurou que, se ela tentar qualquer coisa, poderá ser impedida antes de ir muito longe.

— Acho que sim, mas vou enviar uma mensagem para todos os nossos parentes que estão morando em Londres.

— Hartley sugeriu que eu fizesse exatamente isso, mas mesmo assim a ameaça de Claudete ainda faz meu sangue correr frio. No momento em que ela o fez, me lembrei de cada uma das histórias pavorosas sobre a nossa família no passado. — Ela tomou um estimulante gole de chá. — Ainda não estou certa se devo ficar e me pergunto se permiti que ele me convencesse a fazer isso apenas porque eu não queria deixá-lo.

— Em parte pode ser, mas você não pode se curvar diante das ameaças, e estou certo de que todos na nossa família iriam concordar comigo. Aquela mulher partirá em breve. Ela está cavando a própria sepultura. Só me preocupo que, quando perceber todo o poder que perdeu, ela acabe se voltando contra um de nós, contra Hartley ou contra você. Há uma loucura fria naquela mulher.

— Eu sei. Sinto isso. Está refletido nos seus olhos. Quando vi, me perguntei como ela ainda conseguiu seduzir tantos homens.

— Os homens que foram para a cama com ela se interessaram pelo corpo, não estavam particularmente interessados nos olhos.

— Vadia.

Mas o divertimento de Alethea durou pouco. Madame Claudete não iria continuar por muito tempo à parte do plano de acabar com ela. Quando finalmente deixasse de ser aceita em todas as rodas da alta sociedade, seria o fim de todos seus jogos letais. Assim como, Alethea refletiu, seria o fim da sua fonte de renda, da vida confortável e de todo e qualquer poder que Claudete tinha conquistado. Alethea não se preocupava se a mulher pudesse atacar

quando isso acontecesse, pois ela tinha certeza que isso iria acontecer. Sabia disso tão bem quanto sabia o seu próprio nome.

Hartley terminou o café da manhã, afastou o prato e começou a beber seu chá. Gostaria de ter tomado café da manhã com Alethea, mas sabia que isso seria pressionar Iago contra a parede. Ele não se surpreendeu por querer fazer algo que nunca tivera vontade de fazer antes — despertar ao lado de uma amante. Estava começando a se acostumar a ter Alethea por perto. Desde que tinha tomado a decisão de que iria torná-la sua marquesa, querer tomar café da manhã com ela era apenas mais uma prova de que tinha tomado a decisão correta.

Enquanto observava o criado tirando a mesa, ele pensou sobre a ameaça que Claudete tinha feito. Alethea ficara apavorada, e isso já era motivo para que ele quisesse que Claudete pagasse caro. Ele não compreendia muito bem o medo de Alethea e, no intuito de tentar entender, pretendia levantar o máximo de informações possíveis sobre a história da família dela. Certamente alguns dos ancestrais tinham sofrido muito devido aos dons. Iago e Alethea tinham comentado sobre aquele passado sombrio e tempos difíceis, e ele não dera muita atenção. Mas agora não poderia mais ignorar. Aquele medo profundo que Alethea sentia poderia ser usado contra ela, como Claudete já tinha demonstrado, e ele precisava de fatos para conseguir atenuar o medo da sua futura esposa.

*Esposa.* A palavra costumava apavorar. Entretanto, agora ele estava ávido por tornar Alethea sua, em todos os sentidos. Não queria mais ter de sair da cama dela às escondidas, na calada da noite, como se fosse um ladrão. Hartley detestara acordar na sua cama sozinho. E esta era mais uma mudança

drástica na sua vida. Ele sabia que haveria mais, mesmo assim não sentia nenhum tipo de ressentimento pelo fato. Estava pronto para se casar, pronto para se casar com Alethea.

O som de homens correndo na direção da porta arrancou Hartley dos seus pensamentos. Ele olhou surpreso para seus amigos enquanto Aldus e Gifford se aproximavam apressados da mesa. Por um momento, sofreu a forte apunhalada do medo de que algo tivesse acontecido com Alethea. Então viu que as fisionomias dos amigos eram de entusiasmo, e não de alarme.

— O que foi? — ele perguntou, endireitando-se no assento. — O que aconteceu?

— Eles encontraram os dois — disse Aldus, erguendo um pedaço de papel sujo e amarrotado.

— Os dois? — Hartley segurou com relutância o papel, apesar de não compreender muito bem o motivo da hesitação.

— As crianças. Germaine e Bayard. Eles os encontraram vivos e estão trazendo-os para casa. — Aldus deu um tapinha nas costas de um Hartley estupefato e em seguida se moveu para ver o que tinha restado de comida no aparador; Gifford foi logo atrás.

Hartley não ficou surpreso ao ver que suas mãos estavam trêmulas enquanto ele segurava a mensagem. Por três longos anos ele tinha procurado e esperado por algum sinal de que os filhos da sua irmã não tinham morrido naquela praia. Alethea tinha renovado a sua esperança abatida, mas os anos de fracasso e medo tinham cobrado o seu preço. Ele tentou impedir que suas esperanças se renovassem muito. Agora que segurava a prova de que

Germaine e Bayard tinham sobrevivido, que logo eles estariam em casa junto dele, ele estava paralisado de medo e indecisão. Era quase risível agora que o prêmio estava ao seu alcance, ele não sabia o que fazer com isso.

— Você está bem, Hartley? — perguntou Aldus ao se sentar à direita de Hartley, com seu prato pesado de comida.

— Acho que sim. — Hartley meneou a cabeça enquanto Gifford ocupava o assento a sua esquerda. — Devo estar surpreso por ter acontecido tão rápido. Após três longos anos sem nenhum sinal, Alethea tem uma visão, seus primos vão para a França com aquela informação e uma semana depois recebo a notícia de que a minha sobrinha e o meu sobrinho foram encontrados e logo estarão em casa. Minha mente não está conseguindo assimilar. — Ele abriu a mensagem outra vez. — Alguém deve ter enviado isto por um navio no momento em que as crianças foram vistas.

— Quase isso. Leo disse que levou um tempo para convencer a sua sobrinha de que ele era quem afirmava ser e, a princípio, eles tentaram fugir. Parece que aquele sujeito Bened é um rastreador, muito bom, e logo conseguiu encontrá-la.

— O que me aborrece foi o casal que os acolheu ter exigido uma retribuição por todo incômodo que tiveram.

— De qualquer maneira você teria dado algum dinheiro — disse Gifford.

— Teria — concordou Hartley, — mas o fato de eles exigirem me leva a questionar a posição que meus sobrinhos ocupavam na fazenda.

— Ah, sim — concordou Aldus. — Isso é para se pensar.

— E Leo não comentou nada sobre o estado de saúde deles, escreveu apenas que eles estão vivos e que ele cuidará pessoalmente para que sejam enviados para casa. Eu não tinha imaginado que o barão e seu primo iriam se juntar à caçada.

— Ele disse que seria um prazer ajudar.

— Pelo jeito eles fizeram muito mais do que isso, apesar de terem seus próprios negócios para cuidar na França, e, mesmo não tendo deixado subentendido que iriam iniciar a busca no momento em que pisassem em terra firme, duvido que eles tivessem muitos mais dias sobrando. Apesar de tudo, não tenho palavras para agradecer.

— Então, logo você terá que assumir as crianças da sua irmã. Hartley sorriu.

— Eles não são mais crianças. Bayard está prestes a entrar na adolescência. Germaine já está com dezoito anos, é uma jovem mulher. Se a sua vida tivesse seguido o rumo certo, ela já estaria freqüentando bailes e à procura de um marido. Minha irmã iria gostar disso — ele adicionou baixinho e então deixou de lado a leve dor causada pela triste lembrança. — Acho que preciso apressar meus planos para o casamento.

— O que você vai fazer? Vai até Alethea, dirá que seus sobrinhos estão vindo para casa e perguntará se ela se casar com você para que assim alguém ajude a cuidar deles? Tenho certeza de que isto vai fazer o coração dela bater mais rápido.

— Certamente não colocarei deste modo, mas tampouco vou esconder o fato de que desejo que ela me ajude com as crianças. Eles vão precisar da orientação de uma mulher, de solidariedade e compreensão.

— Acho que você poderia dizer algumas palavras sobre afeto e paixão e coisas do tipo — disse Gifford, e em seguida encheu a boca de linguça.

— Sei como lidar com as mulheres — retrucou Hartley, apesar de as palavras de seus amigos o preocuparem quanto à reação que Alethea poderia ter diante do seu pedido.

— Você tem experiência com mulheres que estão à procura de amantes e gostam de serem seduzidas — disse Aldus. — Ela é uma moça do interior, vem de uma família tradicional. Não é uma mulher de Londres. Odeio dizer, Hartley, mas um pedido prático provavelmente será cordialmente recusado. Você terá de recorrer a algumas palavras mais calorosas.

O que Hartley não tinha intenção de contar aos seus amigos era que ele e Alethea já tinham compartilhado calor suficiente para aquecer todos os lares londrinos. Ele poderia lembrá-la disso. É claro que seria melhor planejar antes o que dizer, pois ele teria que conseguir uma licença especial para o casamento. A única coisa que não tinha como fazer era alegar amor eterno, uma vez que não queria começar seu casamento baseado em uma mentira. Ele quase sorriu. Considerando a família com quem ele estava se casando, de qualquer maneira a união poderia se mostrar um grande erro.

— Comam logo — ele pediu aos amigos. — Preciso dar entrada a um pedido de licença especial e arrumar algumas testemunhas para o casamento.

— Ele ignorou as reclamações dos amigos e voltou seus pensamentos para o pedido de casamento que estava prestes a fazer.

Alethea ergueu os olhos do bordado e sorriu quando Hartley, Aldus e Gifford entraram acompanhados na sala de estar principal da casa. Hartley parou diante dela e beijou-a nos lábios na frente dos amigos e do tio. Ela corou e perguntou-se o que ele pretendia com aquele gesto. Havia um ar de entusiasmo nele. Ele perguntou a Iago se poderiam conversar a sós por um momento, e em seguida os dois homens se retiraram. Ela abandonou o bordado e olhou para Aldus e Gifford.

Mas antes mesmo que tivesse tempo de iniciar uma pergunta, Alfred e Ethelred entraram na sala, trazendo algo para comer e beber. Ela suspirou e então começou a desempenhar o seu papel de anfitriã. No minuto que os criados se retiraram, ela voltou às atenções aos dois homens que agora estavam sentados quase de frente para ela. Ambos agiam como se tudo que lhes interessasse fosse a comida que estava sobre a mesa, mas ela não se deixou enganar por um minuto sequer. Pairava certa tensão sobre os dois que indicava que eles sabiam o que estava acontecendo.

— O que aconteceu? — ela perguntou, franzindo a testa para o modo como os dois se entreolharam desconfiados antes de voltarem o olhar para ela.

— Germaine e Bayard foram encontrados — disse Aldus.

— Vivos? — ela perguntou num tom de voz muito próximo a um sussurro. Seu coração batia disparado com receio de que as notícias fossem ruins.

— Bem vivos.

Antes que Alethea pudesse fazer mais uma pergunta, Aldus deu início a uma longa e enrolada história sobre o encontro com os primos dela e como eles tinham se oferecido para ajudar. Ela sabia que eles estavam tentando mantê-la distraída para assim evitar que ela fizesse mais perguntas. Alethea soltou um longo suspiro. Considerando o tipo de trabalho que aqueles homens prestavam para o governo, sem dúvida seria uma perda de tempo tentar arrancar alguma informação. Ela voltou às atenções para a história que estava sendo contada e, resignada, resolveu esperar por Hartley.

— Em que posso lhe ser útil? — perguntou Iago enquanto conduzia Hartley para o escritório. Em seguida, sentou-se atrás da escrivaninha.

Hartley ocupou o assento de frente para a mesa e pesou as palavras cuidadosamente antes de abrir a boca. Podia sentir a frieza em Iago e sabia que o homem tinha descoberto sobre ele e Alethea. Hartley esperava que uma proposta de casamento pudesse atenuar um pouco a sensação de insulto e raiva que o homem sentia, pois ele tinha uma grande estima por Iago.

— Minha sobrinha e o meu sobrinho foram encontrados e em breve retornarão para casa — ele disse.

— Maravilhoso! — Iago se inclinou sobre a mesa para saudar Hartley com um aperto de a mão. — Depois de terem passado quase três anos perdidos na França... É quase um milagre.

— Concordo plenamente. Planejo fazer corte à sua sobrinha...

— Creio que você já tenha feito mais do que isso — murmurou Iago.

— Posso ter ultrapassado os limites — ele ignorou o modo como Iago ergueu uma sobrancelha e quase soltou um sorriso de escárnio —, mas eu já tinha decidido que queria torná-la a minha marquesa.

— Está me dizendo que quer se casar com Alethea?

— Sim, eu quero.

— Por quê?

— Porque gosto dela e confio nela. E, antes que me pergunte, não tenho nenhum problema com relação ao dom dela. Minha primeira hesitação com relação àquilo nasceu da dúvida — de uma profunda descrença, na verdade. E, apesar do pouco tempo que nos conhecemos, não se trata de uma decisão precipitada. A palavra *casamento* passou pela minha mente quase desde o começo.

Iago sorriu.

— Arranque-a daí então. E rápido.

— Já tentei, mas ela acaba voltando. — Sem conseguir ficar parado, Hartley levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. — Eu a queria desde o começo, e isso também se tornou cada vez mais forte. Quando ela foi atacada, senti medo e raiva. Eu queria trancá-la em um local seguro. Quando as ameaças de Claudete deixaram-na nervosa, só pude pensar em consolá-la, e quando ela falou em partir, a impedi.

— Você a ama, então?

Hartley encarou Iago e encolheu os ombros.

— Não tenho certeza se acredito em tal sentimento. Sei que quero poder tomar café da manhã ao lado dela, que a quero na minha cama à noite e quero acordá-la todas as manhãs. E desejo que ela seja a mãe dos meus filhos.  
— Ele endireitou a postura sob o exame minucioso de Iago.

— E neste momento você precisa de uma mãe para os filhos da sua irmã  
— Iago disse.

— Eu estaria mentindo se dissesse que o retorno dos filhos da minha irmã não tem nada ver com isso. No entanto, eles não precisam de uma mãe. Do carinho de uma mulher, de um coração gentil e um ouvido amigo, talvez, mas não de uma mãe. Tudo isso que aconteceu fez com que eu quisesse me casar com Alethea o mais rápido possível, em vez de esperar mais tempo para cortejá-la.

— Eu preferia ter ouvido que você a ama. Alethea merece algo melhor do que um casamento por conveniência.

— Não é um casamento por conveniência. — Ele deu um meio sorriso.  
— Mas contar uma mentira nesta família não seria sábio, por isso não vou alegar nenhum sentimento que não sinto de fato. — Ele ficou satisfeito quando Iago sorriu em resposta; a frieza já não estava mais lá. — Quero um casamento verdadeiro. Não haverá outra mulher. Posso até questionar o amor, mas acredito em juramentos feitos no altar e venho de um lar onde isso foi respeitado. Pretendo formar um lar e uma família. Foram as minhas crenças em todos os requisitos necessários para constituir uma família que me fizeram hesitar a respeito do casamento por tanto tempo, apesar da

necessidade que tenho de um herdeiro. Não quero um casamento como tantos outros que existem na alta sociedade.

— Você está se referindo às uniões voltadas para a produção de um herdeiro e um reserva.

— Exatamente. Não acredito que se possa construir uma família dessa maneira. Portanto, tenho sua permissão para me casar com a sua sobrinha?

— Sim, apesar de ela não precisar da minha permissão para se casar. Alethea é viúva. Entretanto, se ela disser sim, podemos sentar e discutir todas as questões financeiras. Ela cuida de quase todas as suas finanças sozinha, mas a lei exige que um homem esteja envolvido, e eu fui escolhido, pelo falecido marido dela, como executor.

— Muito bem. Falaremos sobre o assunto se ela me aceitar. — Hartley recusava-se a pensar que ela pudesse negar o pedido. — Tenho uma licença especial e gostaria de usá-la imediatamente. E quanto à família dela?

— Levará semanas para prepararmos qualquer coisa para reunir todos. Podemos pensar em algum tipo de comemoração depois que toda a confusão com Claudete estiver terminada. — Iago se levantou e apertou a mão de Hartley. — Vou chamá-la. Desejo-lhe boa sorte.

Pela primeira vez na sua vida, Hartley ficou nervoso. Ele andou de um lado para o outro, tamborilou os dedos sobre a perna e ensaiou o discurso que esperava fazer para Alethea. Lembrou-se de que ela era virgem e que, mesmo assim, se entregou com uma paixão ardente que o faria suspirar por muito tempo ainda. Apesar dessa garantia, ele estava tenso quando ela entrou na sala.

— O que foi, Hartley? — ela perguntou ao se aproximar apressada, sentindo o nervosismo dele. — Aldus já me contou as boas novas. Está com receio de que as crianças tenham mudado muito?

— Case-se comigo.

Alethea fitou-o boquiaberta, e Hartley amaldiçoou em pensamento sua súbita perda de tato e charme. Tentou dizer consigo mesmo que isso tinha acontecido porque casamento era um passo muito importante, que era uma união feita para durar a vida toda, mas ele sabia que estava mentindo. Seu estado de letargia era devido ao fato de estar com medo de que ela dissesse não, e ele não conseguir encontrar palavras para convencê-la a dizer sim.

— Você acabou de me pedir em casamento? — Alethea perguntou, nem um pouco surpresa pelo tremor da própria voz, pois seu coração palpitava tão forte dentro do peito que ela temia que pudesse sair pela boca a qualquer momento. — Não, você acabou de ordenar que eu me case com você?

— Sim, apesar de a minha intenção ter sido pedir. Confesso que estou fazendo um péssimo trabalho. — Ele avançou e tomou as mãos dela entre as suas. — Permita que eu tente outra vez. Você me daria a honra de se tornar a minha esposa?

— Está me pedindo em casamento por que eu era virgem?

— Não, apesar de não poder negar que estou feliz que minha futura marquesa nunca tenha conhecido outro homem. Alethea, tenho pensado em casamento quase todos os dias desde que a conheci. Quero você, gosto de você e acho que combinamos. Como eu disse ao seu tio, quero vê-la ao meu lado à mesa do café da manhã, quero você na minha cama todas as noites. Quero

que você seja a mãe dos meus filhos. — Ele envolveu-a em seus braços e beijou-a com toda a paixão que sentia por ela. — Nós nos entendemos muito bem.

Um pouco atordoada pelo desejo que o beijo despertou, Alethea fitou-o.

— Mas o ardor da paixão pode acabar, Hartley.

— Sei disso, mas companheirismo não, nem confiança e carinho.

Ela recebeu de bom grado aquelas palavras, pois sabia que tinham sido sinceras. Mesmo assim, seu coração condeu-se. Alethea queria que ele dissesse que a amava, que ela era o sol, a lua e as estrelas e outros exageros do tipo. Ela teve de morder a parte interna da bochecha para não dizer sim de imediato. Então, como uma cobra em um jardim, a justificativa para o pedido abrupto serpenteou pela sua mente.

— Você está à procura de uma mãe para as crianças que em breve estarão morando na sua casa?

— Não. Eles não precisam de uma mãe, especialmente uma que seja apenas alguns anos mais velha do que Germaine. Entretanto, não vou mentir e dizer que não espero que você me ajude a cuidar deles.

— E quanto às outras mulheres que você já teve?

— Não conheço tantas mulheres assim, nem de perto a quantidade que dizem por aí, e muitas seduzi porque tinham segredos e sabiam coisas que o governo buscava. Mas não haverá mais nada disso. Acredito no juramento feito diante de Deus, Alethea. Não vou quebrá-lo.

Alethea demorou mais do que um minuto para dizer sim. Ele não estava oferecendo o amor que ela precisava, mas ela não teria coragem de se afastar dele. Havia a possibilidade de ele passar a amá-la um dia, mas ela não poderia se pautar nisso, jurou para si mesma. Pelo menos desta vez havia paixão, e, se Deus quisesse, filhos. No momento em que disse sim, entretanto, ela se viu a caminho do altar. Não houve tempo para pensar duas vezes. Enquanto jurava ser fiel em uma capela com um pastor meio desganhado, ela rezou para que não estivesse cometendo o maior erro da sua vida.

Alethea olhou ao redor do quarto enorme para onde Hartley a levou e tentou não se sentir muito intimidada pelos sinais de riqueza e ostentação que a cercavam. Ela alisou a delicada camisola de linho e renda que estava trajando e se perguntou onde Hartley estaria. A cerimônia do casamento tinha sido rápida, seguida de um belo jantar com Iago, Aldus e Gifford. Kate ficou muito feliz por ela e se apressara para arrumar todas as coisas de Alethea para que fossem levadas a tempo para a casa que Hartley tinha na cidade. E agora lá estava ela, pronta para a sua noite de núpcias e sem o marido. Isso trouxe de volta algumas tristes lembranças da sua primeira noite de núpcias.

Hartley entrou no quarto, e todo seu corpo enrijeceu de desejo ao ver a esposa usando uma camisola delicada e quase transparente. Ela fazia seu sangue ferver como nenhuma outra mulher. Ele já podia sentir seu corpo gritando de vontade de estar dentro dela.

Ele parou atrás de Alethea, abraçou-a de surpresa na altura da cintura e sorriu do modo como ela pulou, como uma gata escaldada. Quanto mais nervosa ela ficava, mas à vontade ele ficava. Desde o momento em que colocara o anel da sua mãe no dedo de Alethea, ele ficara mais calmo, quase

em paz. Ele se aninhou na curva entre o pescoço e o ombro, e ela estremeceu em seus braços.

— Seu cheiro é muito gostoso — ele murmurou enquanto mordiscava o lóbulo da orelha.

— Sabonete de lilás.

Ela se virou nos braços dele e fitou-o. O seu marido. Ter a posse de um homem como aquele a apavorava mais do que o fato de que agora ela era uma marquesa. Ela entrelaçou os braços ao redor do pescoço de Hartley e beijou-o nos lábios suavemente. A paixão acalmaria suas preocupações sem fundamentos, ao menos por enquanto. Ela não queria que tais coisas interferissem na sua noite de núpcias.

Minutos depois ela se viu nua, esparramada sob Hartley, igualmente nu. E um pouco mais do seu medo foi quebrado diante do sinal evidente do desejo que ele sentia por ela. Lá estava a semente do amor que ela tanto precisava. Alethea prometeu a si mesma que ia aprender tudo sobre como satisfazê-lo na cama. Aprenderia tão bem que ele se esqueceria de todas as outras mulheres.

Hartley estava tão louco de desejo que teve de lutar para se controlar e não tomá-la, naquele instante, como se fosse um garoto inexperiente. A única coisa que acalmava sua preocupação pela força do desejo que sentia por ela era a certeza de que ela sentia o mesmo. Ele beijou-a e acariciou-a, seu desejo atçou um novo patamar a cada carícia, cada beijo, que ela tentava retribuir no mesmo nível. O gemido suave que ela deixava escapar à medida que a sua paixão se elevava era música para seus ouvidos.

— Acho que não vou ter paciência para fazer tudo que eu gostaria de fazer na nossa noite de núpcias — ele murmurou enquanto seus corpos já se uniam.

— Teremos mais noites — ela sussurrou ao seu ouvido e então deslizou a língua ao longo da veia pulsante do pescoço.

Hartley quase perdeu o controle. Segurou-a pelos quadris e penetrou-a com afinco. O modo como seus corpos se encaixaram acaloradamente fez com que ele perdesse os sentidos. Ele podia ouvir ao longe a cabeceira da cama batendo contra a parede, mas não pôde se conter. Quando estava atingindo o clímax, a ouviu gritando de prazer. Sentiu o corpo delgado agarrando-se ao seu e então rendeu-se completamente às ondas de desejo que o abatiam.

Hartley retomou os sentidos o suficiente para ter a delicadeza de deslocar o corpo um pouco para o lado antes de soltar o peso por completo. Baixou os olhos então para o ventre liso e branco e perguntou-se se a sua semente já teria fincado raízes. A simples idéia de ela estar esperando um filho seu fez com que seu coração disparasse dentro do peito.

Erguendo a cabeça que se apoiava sobre os seios macios, ele olhou para Alethea e suspirou aliviado quando ela sorriu. Os olhos dela ainda brilhavam com os resíduos da paixão que tinham acabado de compartilhar. Talvez seu desempenho não tivesse sido tão ruim quanto ele temia.

— Eu a machuquei? — ele se sentiu compelido a perguntar, lembrando-se do fato de que ela era apenas uma iniciante nas artes do amor.

— Oh, não. — Alethea suspirou, quase dormindo, e acariciou os cabelos bagunçados de Hartley. — Foi maravilhoso.

Hartley sentiu uma tremenda vontade de sentar e estufar o peito de orgulho quando olhou para a esposa satisfeita.

— Seja bem-vinda, minha esposa — ele disse e beijou-a.



## *CAPÍTULO XI*

ISSO NÃO ERA O QUE ELA ESPERAVA, ALETHEA PENSOU ENQUANTO FITAVA AS duas crianças que estavam à sua frente. Os homens de Hartley jogaram a responsabilidade no colo dela e saíram à procura do marquês. O que a levou a imaginar o quanto de trabalho os dois irmãos não teriam dado durante a viagem de volta para a Inglaterra. As duas crianças a observavam tão assustadas quanto ela. Germaine e Bayard de Lacey tinham perdido muito mais do que a inocência infantil durante aqueles três anos. Eles tinham perdido a capacidade de confiar, a esperança e a fé. Alethea temia que a reconciliação entre Hartley e seus sobrinhos não ia ser tão fácil ou alegre quanto o esperado.

"E eles não são mais crianças", ela se lembrou. Germaine tinha dezoito anos, a idade em que as jovens damas da Inglaterra já estavam começando a freqüentar os bailes, pensando em arrumar um marido e ter filhos. Bayard tinha quatorze, quase quinze, era alto e jovial como muitos rapazinhos da sua idade, mas já possuía traços do homem que ia se tornar. Seria mais fácil se eles fossem crianças, com machucados e tudo. No entanto, ela teria que lidar com dois pequenos adultos que tinham passado três longos anos lutando pela sobrevivência.

— Desconfio que esta não deve ter sido a melhor maneira de voltar para casa — Alethea disse. — Acho que o tio de vocês não deve demorar. Ele não estava esperando que chegassem tão rápido. Vamos passar para a sala para comermos e bebermos algo?

Quando os dois assentiram, ela pediu a Alfred que levasse a bagagem, lamentavelmente mirrada, dos dois para os quartos que tinham sido preparados para eles. Em seguida, pediu ao mordomo de Hartley, Cobb, que trouxesse comida e bebida, e, em silêncio, conduziu os dois até a sala de estar. O modo como Germaine e Bayard analisaram o cômodo levou Alethea a concluir que os dois estavam cuidadosamente buscando por possíveis rotas de fuga.

O silêncio continuou até que a pesada bandeja de chá fosse trazida. Alethea notou pelo modo como as duas crianças olhavam a comida que os dois tinham passado fome. Depois que a comida e a bebida foram colocadas diante dos dois irmãos, Alethea fez sinal para que os criados se retirassem. Como Germaine e Bayard não fizeram nenhum movimento para se servirem, Alethea colocou uma porção de sanduíches e bolos sobre dois pratinhos. Ela notou que a mão de Bayard tremeu um pouco quando ele aceitou o prato. Já Germaine segurou o prato com uma graça que desmentia os trapos de menino que ela usava. Mas, em seguida, Germaine encarou Alethea com um olhar fixo e frio e perguntou:

— Quando meu tio se casou com você?

— Logo depois que recebeu a notícia de que vocês tinham sido encontrados — Alethea respondeu, tentando não se intimidar pela frieza que

emanava dos belos olhos azuis da menina. — Depois de um namoro curto e de uma licença especial para nos casarmos. — Apesar de namoro não ser exatamente a palavra correta para descrever o que tinha se passado entre ela e Hartley antes de se casarem, ela decidiu que por enquanto bastaria.

— Você está esperando um filho, então?

Alethea quase engasgou com o chá que estava tomando. Com todo cuidado, ela abaixou a xícara e olhou para Germaine. Alethea não tinha a menor dúvida de que a garota sabia que tinha sido extremamente rude. Certamente Germaine tinha sido bem instruída sobre as regras de etiqueta antes de ser forçada a fugir e se esconder. Em três anos, não teria dado tempo de ter perdido a educação recebida. Talvez fosse preciso dar um novo polimento, mas o básico com certeza tinha ficado enraizado na menina. Alethea deixou de lado por um momento a compaixão por tudo que a menina tinha sofrido. Seus instintos diziam que ela precisava ser firme e forte agora ou a menina iria pisar nela.

— Não que eu saiba — ela respondeu calmamente e se inclinou para apanhar uma fatia de bolo de limão. — Não foi esse o motivo para o nosso casamento.

— Meu tio achou que íamos precisar de outra mãe?

Havia tanta raiva embutida naquelas palavras que Alethea se surpreendeu que Germaine ainda conseguisse permanecer sentada sem nem ao menos tremer pela força da emoção.

— Não. Sou apenas três anos mais velha do que você, Germaine, por isso eu seria uma péssima escolha como mãe de uma mulher feita e de um

adolescente. Hartley precisava de uma esposa, de um herdeiro e de alguém para cuidar da casa. Não é por isso que a maioria dos homens se casa?

— E do que você precisava?

— De Hartley.

Germaine não disse nada durante alguns minutos enquanto comia dois sanduíches pequenos de pepino com presunto e uma fatia de bolo de limão. Alethea esperou pacientemente pela próxima tacada. Dizer a verdade nua e crua para Germaine tinha sido a escolha certa. Alethea esperava apenas que ela conseguisse continuar firme.

— Leo contou que você ajudou a nos encontrar — Germaine disse depois de limpar a boca delicadamente com um guardanapo.

— Hartley tinha homens procurando por você e Bayard há três anos. Mas ajudei a apontar a direção certa num período em que eles já estavam quase se conformando com a perda de vocês.

— Ajudou com visões? Sonhos? De onde veio esse *insighí*? Das cartas de baralho? Folhas de chá?

Para uma menina com uma boca com lábios fartos e tão belos, Germaine era capaz de escarnecer de um modo impressionante, Alethea refletiu.

— Só vou dizer isso uma vez. Sim, tenho visões. E sonhos. E às vezes simplesmente tenho uma intuição de que algo irá acontecer. Não espero ou exijo que você acredite nisso, ou em mim, mas não vou tolerar escárnio. Especialmente por que muitos membros da minha família também possuem

tais dons, e não permitirei que eles sejam insultados. Sugiro que tenha paciência e pesquise um pouco a respeito do assunto antes de falar de um modo tão depreciativo sobre algo que desconhece totalmente. — Ela apanhou o bloco de desenho que sempre deixava a mão e o entregou a Germaine. — Desenho o que as minhas visões me mostram. Talvez isto a ajudará entender.

Germaine e Bayard continuaram comendo enquanto olhavam os desenhos de Alethea. Germaine olhou desconfiada para ela algumas vezes, mas não disse nada. Então Alethea percebeu que eles estavam prestes a virar a página onde estavam os desenhos daquele dia na praia e do retrato das visões sombrias que ela tinha obtido ao segurar o lenço de Claudete. Alethea avançou para pegar o bloco de desenho, mas Germaine a reteve pelo pulso.

Apesar de ser magrinha, a moça era forte e segurou com facilidade a mão de Alethea, que esperou tensa enquanto os irmãos analisavam o que ela tinha desenhado sobre aquele dia que tinha estilhaçado as vidas deles. Foi difícil dominar a vontade de se esquivar quando Germaine finalmente olhou para ela e bem devagar foi soltando o pulso de Alethea. Havia tanta dor e fúria nos belos olhos da menina que Alethea sentiu vontade de chorar.

— Você não desenhou o rosto daquela vadia assassina — Germaine disse, a voz soou fria e áspera.

— Desenhei — Alethea disse e apontou para a rosa negra.

— Ah, então você pode sentir cheiros nas visões. — Ela baixou os olhos para a página que tinha o desenho da visão que Alethea teve quando apanhou o lenço. — Quem são estes homens?

— São homens que ela matou por estarem tentando impedir que ela cometesse mais crimes. Viu? Lá está a rosa negra outra vez.

— Tem uma fazenda — disse Bayard quando Germaine virou a página.  
— Foi assim que você nos encontrou, oui? Você viu a fazenda.

Alethea assentiu e recostou-se no sofá quando Germaine fechou o bloco de desenho e colocou-o de lado. A menina já não tinha mais aquele olhar de desprezo, mas era difícil tentar descobrir na sua fisionomia plana e inexpressiva o que ela estava sentindo. Bayard, por outro lado, parecia fascinado. Não havia nenhum sinal de medo em nenhum dos dois, e Alethea concluiu que por enquanto isso seria o suficiente.

— Isso — Germaine acenou com uma mão pequena e delicada para o bloco de desenho — não a mandará para a forca, mandará?

— Não — respondeu Alethea. — Nenhum juiz aceitará tais coisas como prova pelos crimes que ela cometeu.

— Eu a vi naquele dia na praia. Você sabe disso. Aí está a sua prova.

— Pode ser. O seu tio saberá melhor o que fazer a respeito disso. Apesar de você tê-la visto na praia, você não a viu matando ninguém. Ela e seus aliados poderiam usar isso para enfraquecer qualquer coisa que você pudesse dizer. E aquela mulher conseguiu reunir alguns aliados muito poderosos. Descobri que Madame Claudete conseguiu acumular poder e dinheiro desde que se mudou para a Inglaterra. Ela escolhe os amantes visando como eles poderão ajudá-la a se livrar da punição e a conseguir informações úteis. Não vai ser fácil derrubá-la.

— Ela vai fugir assim que souber que eu e Bayard sobrevivemos. E será assim que ela vai cair por terra.

— Sim, acredito que ela tentará fugir, mas também vai querer se vingar daqueles destruíram a vida que ela construiu para si mesma. Essa é a fraqueza dela. Vaidade e ira. É isso que a levará a loucura. — Alethea não podia acreditar que estava discutindo estratégias com essa menina e o irmão dela, mas eles ouviram com atenção enquanto ela contava tudo que tinha sido feito e o que estavam tentando fazer para entregar Claudete e a irmã para a justiça.

— Ela já mostrou, por meios dos ataques contra a minha pessoa, que sua vaidade e ganância, seu inabalável senso de invulnerabilidade, podem fazer com que ela tome atitudes impensadas.

— Ela é muito boa em enganar as pessoas. Enganou meu pai e Theresa. Eles pensaram que Claudete não passava de uma criada tímida que estava com medo dos ventos ruins que sopravam sobre a França. Eles confiaram nela. No dia em que meu pai morreu, ele finalmente viu como tinha sido enganado. Claudete era o vento ruim que soprava na nossa direção. Desconfio que ela ainda continue boa em enganar as pessoas.

— Muito boa. Ela construiu uma vida muito confortável para si mesma com sua habilidade, mas, acredite, Germaine, ela vai cair, e em breve.

— Você viu isso?

O modo como Germaine perguntou indicou que a menina tinha aceitado o dom, e Alethea quase sorriu.

— Essa é uma daquelas coisas que chamo de *intuição*. Não tenho nenhuma dúvida dentro da minha mente de que ela esteja descendo o morro

que a levará à própria destruição. Só não sei quando vai acontecer e quantos inocentes ela ainda poderá matar antes.

— Ela nunca pagará de verdade por todas as vidas que roubou — disse Bayard, o homem irado reluziu nos olhos escuros do menino franzino. — Nunca.

— Não, mas ao destruí-la estaremos salvando outras vidas — Alethea disse baixinho e respirou aliviada quando Bayard assentiu de acordo e voltou às atenções para o que estava comendo.

Alethea olhou de relance na direção da comida e percebeu que tinha acabado; ela estava erguendo o sininho para pedir mais quando a porta da sala se abriu. Ela observou Hartley enquanto ele permanecia parado na porta, o olhar fixo nos filhos da sua irmã. O rosto mostrava uma estranha mistura de alegria e nervosismo. Então os sobrinhos se levantaram e se aproximaram dele.

— Olá, tio — disse Germaine. — Que bom que o senhor nos encontrou.

— Que bom que os encontrei? — Hartley balançou a cabeça. — Que bom que os encontrei? Vocês são sangue do meu sangue, os únicos filhos da minha irmã. O que mais eu poderia ter feito? É claro que procurei como um louco por vocês. E teria virado aquele país maldito do avesso se fosse preciso.

Alethea estava prestes a se aproximar para tentar acalmá-lo quando, de repente, Germaine sorriu. O sorriso transformou a sua beleza solene em algo de partir o coração. Alethea percebeu o quão aturdido Hartley ficou e tossiu para disfarçar uma risada fora de hora. Ela pôde prever que ele ia ter muito

trabalho depois que Germaine estivesse vestida adequadamente e fosse apresentada à sociedade.

— Eu gostaria de ganhar um vestido — Germaine disse baixinho e avançou para tocar em um dos punhos cerrados do tio. — Um vestido rosa com muita renda.

Hartley riu, pousou as mãos sobre os ombros muito magros dos sobrinhos e puxou-os para um abraço, pressionando o rosto contra os cabelos deles, na altura onde as cabeças recostavam contra seu peito. Alethea precisou engolir em seco para conter as lágrimas que sufocavam. Quando ele olhou para ela por cima das cabeças das crianças, ela pôde ver o brilho de lágrimas nos olhos dele e sentiu vontade de abraçá-lo, Mas, em vez disso, ela sorriu e soprou um beijo. Para seu alívio, Hartley conseguiu conter as lágrimas e fitou-a com o olhar de desejo que ela já estava começando a reconhecer.

— Eu estava justamente indo pegar mais comida — ela disse e saiu andando para pegar o sino. — Você prefere chá ou café, Hartley?

O olhar grato que ele e Bayard lançaram em sua direção enquanto se separavam quase a fez sorrir. A demonstração de emoção, apesar de completamente compreensível, deixaria ambos desconfortáveis depois de contida. "Homens", ela pensou, "seria bem melhor se eles não tentassem com tanto afinco ser o que eles acreditam que os homens devem ser."

— Café, por gentileza — ele respondeu.

— Bayard e eu aceitaríamos uma xícara também — disse Germaine.

Alethea estava pensando em protestar quanto a servir uma bebida tão forte para os irmãos, mas o menear de cabeça sutil de Hartley a fez engolir as

palavras. Ela pediu a Alfred e depois retomou o assento. Germaine e Bayard se sentaram de frente para ela e Hartley, e Alethea esperou para ver quem iria falar primeiro. Apesar da emoção bem-vinda que tinham acabado de compartilhar, eles ainda eram estranhos uns aos outros em muitos sentidos.

— Você realmente deseja ganhar um vestido rosa com renda? — Hartley perguntou subitamente para Germaine.

Germaine sorriu.

— Não, tio, mas alguns vestidos seriam bem-vindos. Estou cansada de usar roupas de menino. E eu gostaria de deixar meus cabelos crescerem novamente.

O nó de tensão afrouxou por dentro de Alethea quando Hartley e as crianças começaram a conversar sobre as roupas que eles precisavam. Não ia ser fácil, mas os primeiros passos para formar uma família junto daquelas crianças já tinham sido dados.

Eles tinham aceitado o tio e não o culpavam pelo fato de terem ficado perdidos na França por tanto tempo. Alfred chegou trazendo mais comida e bebida e se foi levando a bandeja e os pratos antes que eles tivessem terminado a conversa sobre costureiras e fabricantes de botas. Alethea começou a servir a comida e o café.

— Como vocês foram parar na fazenda? — perguntou Hartley. Germaine tomou um gole de café e então respondeu:

— A princípio, só corremos. Para o longe e o mais rápido que conseguimos. Então nos escondemos e tentamos pensar em um modo de voltar para a praia, para um porto qualquer. Passamos por várias vilas grandes

e por cidades e ficamos muito bons em mendigar, mas não encontramos ninguém em quem pudéssemos confiar ou um modo de entrar em um navio que imaginávamos estar vindo para a Inglaterra. Depois de quase um ano, demos meia-volta e fizemos o caminho de volta.

— Os Moyne estavam precisando de ajudantes na fazenda, e pensamos que seria um bom trabalho — disse Bayard. — Mas não vimos um centavo e recebíamos pouca comida. Eles cobravam aluguel do celeiro onde dormimos, cobravam pelas roupas que usávamos e a comida que comíamos. E eles demoravam muito para repor os nossos trapos e para nos alimentar. Eles tinham dito que haveria outros para nos ajudar com o trabalho, mas os outros nunca apareceram. Quando nos demos conta do jogo deles, eles já eram nossos donos. Tentamos fugir, mas eles quase nos colocaram na prisão por tentativa de quebra de contrato.

— Aquele tolo e gordo do Moyne espalhou que nossos pais deviam uma grande quantia para eles e que tinham vendido a nossa mão de obra em troca da dívida — disse Germaine enquanto olhava para um bolinho, obviamente lutando contra a tentação de comer só mais um pouquinho. — Ele planejava ficar conosco por dez anos, apesar de eu desconfiar que ele pretendesse ficar muito mais do que isso, se conseguisse. Todos na vila ficavam de olhos em nós, e éramos trancados durante a noite. Consegui fugir uma vez, mas não adiantou nada. Não havia para onde ir, ninguém a recorrer, por isso voltei e descobri que eles tinham batido em Bayard. Nunca mais tentei fugir.

— Droga, e Leo ainda pagou aquela gente — disse Hartley. — Eu disse para ele atirar nos dois, mas Leo disse que isso faria muito confusão e muito barulho. Alethea sorriu.

— Parece mesmo com algo que meu primo Leo diria. Estava escrito na carta que vocês tentaram fugir dos homens.

Germaine assentiu.

— Eu não sabia quem eles eram! Eles apanharam Bayard rapidamente, mas pensei que eu poderia voltar às escondidas depois e soltá-lo. Leo me contou que foi uma idéia tola quando me encontrou. Bened tinha me rastreado como um cão de caça atrás de um coelho. Não sei como ele fez aquilo. Eu tinha me tornado muito boa em não deixar rastros.

— Suponho que sim, mas Bened é um rastreador excepcionalmente bom.

Já estava quase na hora do jantar e eles ainda estavam na sala. Alethea não acreditava que os irmãos ainda conseguissem comer mais, mas eles subiram correndo para os quartos para se lavar antes da refeição. Hartley se recolheu no escritório para escrever algumas cartas sobre a volta dos filhos da sua irmã e qualquer outro esquema que estava envolvido. Finalmente sozinha, Alethea passeou pelos jardins. Estava precisando de um tempo longe das fortes emoções, de um tempo para refletir sobre como a presença de Germaine e Bayard poderia afetar seu casamento e o seu marido.

Ela estava sentada sobre um banco de pedra observando uma aranha tecendo a sua teia entre dois galhos de uma roseira quando Germaine se aproximou e sentou ao seu lado. A menina ainda estava vestida como um garoto, mas as roupas eram de um corte e estilo melhores e estavam limpas, assim como ela. Os belos cabelos brilhavam e formavam uma profusão de cachos ao redor do rosto. Por um momento, Alethea chegou a pensar que ela

parecia muito mais jovem e inocente do que antes, isso até olhar no fundo daqueles olhos incrivelmente azuis. No fundo dos olhos havia mais sabedoria da sujeira do mundo do que qualquer jovem garota deveria ter.

— Germaine, Moyne fez... — Alethea iniciou.

— Ele tentou me tocar uma vez, mas ele bebia muito. Não conseguia mais fazer o que os homens fazem. — Germaine ruborizou. — Ele nunca me deu um vestido, também, mas logo nem mesmo as roupas de menino puderam esconder o que eu era. Durante um tempo fiquei com medo de que ele pudesse tentar vender o meu corpo para ganhar algum dinheiro.

Alethea suspirou e fez um afago nas mãos cerradas da menina.

— Os homens podem ser uns porcos. Mas não pense que todos os homens são assim.

— Não. Nunca pensei. Tudo que aconteceu fez com que eu visse como a vida é dura para uma mulher que não pertence a nossa classe social e não tem um homem para protegê-la. Isso não é justo. Só por que uma mulher não tem dinheiro, um marido ou um título, isso não quer dizer que ela seja uma prostituta livre para ser apanhada.

— Não, mas você não tem como mudar sozinha o mundo e a mentalidade dele. Mas isso não quer dizer que você não possa tentar mudar algumas coisas. Talvez depois que estiver estabilizada você poderia pensar em algo.

— Pensarei .Você realmente se casou com meu tio pois o queria?

— Claro que sim. Tenho uma propriedade, um solar e um dote que paga as minhas contas. Não precisava de um homem. Além do mais, sou uma moça do interior e não tenho grande apego pela cidade grande e a sociedade.

— Mas você não era rica e não era uma marquesa.

— E agradeço a Deus por isso. A riqueza poderia ter colocado todos os caça-dotes da Inglaterra no meu encalço. Quanto a ser uma marquesa? Bem, não é a minha intenção ofender a sua família, mas quem desejaria passar a ter mais trabalho a fazer e ter de passar mais noites indo de festa em festa, ouvindo fofocas, queixas e música ruim? Não! Só vi um benefício verdadeiro em me casar com Hartley o próprio Hartley.

— Então foi um casamento por amor.

Alethea não conseguiu evitar franzir a testa.

— Não de fato. Hartley não falou em amor. Entretanto, ele falou sobre confiança, fidelidade e companheirismo. — Ela encolheu os ombros. — Isso é muito mais do que muitas esposas conseguem. E eu o queria, nenhum outro. Também quero ter filhos, e precisava de um marido para isso, pelo bem das crianças, ao menos.

— Bem, se um dia eu fizer a besteira de me casar, vou insistir que meu marido me ame.

Alethea olhou para a menina e então riu da fisionomia travessa que ela tinha no rosto. Germaine não tinha perdido de todo o seu amor pela vida. Os Moyne tentaram escravizar ela e Bayard, mas havia muitas coisas piores que poderiam ter acontecido. Alethea pensou, pela primeira vez desde que ouvira que os filhos da irmã de Hartley estavam vindo para casa, que havia alguma

esperança de um futuro para eles, que eles tinham-na aceitado, assim como aceitaram Hartley. Depois daquele primeiro confronto, todos os sinais apontavam para isso. Ela duvidou que um dia eles fossem conseguir se esquecer de tudo que tinha acontecido, mas as cicatrizes do trabalho árduo que tiveram de enfrentar não pareciam ter deixado marcas tão profundas.

— Mandaram-me vir chamá-la para o jantar — Germaine disse ao se levantar. — É melhor você comer e descansar bem nesta noite, pois meu tio já combinou para uma modista vir aqui amanhã.

Não houve como conter o gemido de protesto que subiu pela garganta diante da perspectiva. Alethea se levantou, ajeitou a saia e então ficou tensa. Um formigamento de alerta percorreu todo seu corpo, e ela reconheceu aquilo como um aviso de perigo que costumava ter. Ela olhou ao redor, mas não viu nada. Mas o alerta tenso que vinha da sensação de um perigo iminente não diminuiu. Havia algo por perto que ela desconfiava ser uma ameaça, mas as sombras da noite ocultavam o que quer que fosse.

— Germaine, volte para casa, agora — ela ordenou.

— Por quê? O que você viu? — Germaine aproximou um passo de Alethea e olhou ao redor.

— Não vi nada ainda. Mas sinto que é melhor você voltar para casa imediatamente. Então ela viu o homem. Ele saiu das sombras próximas ao muro do jardim. Era o mesmo que tinha batido nela sob o comando de Claudete. Só que desta vez ele empunhava uma pistola. O sorriso que ele lançou quando ergueu a arma fez com que seu sangue corresse frio nas

veias. Ver que aquele homem era capaz de sorrir ao matar uma pessoa tornou a situação ainda mais assustadora.

Por uma fração de segundo, ela pensou que ele fosse matá-la. Certamente Claudete já tinha ouvido falar que ela tinha se casado com Hartley e agora queria vê-la morta. Alethea pensou em todas as coisas que queria ter dito para Hartley e desejou não ter sido tão covarde. Agora poderia ir para o túmulo e ele nunca mais iria saber que tinha sido amado, e isso a entristeceu.

Então, enquanto se preparava para o golpe da bala, ciente de que nunca iria conseguir sair da mira a tempo, nem se iria conseguir proteger Germaine, ela viu que o homem não estava apontando para ela. Ele apontava para Germaine, que estava parada ao seu lado. A menina obviamente estava pensando em ajudá-la, protegê-la, quando era a própria Germaine que estava prestes a morrer. Alethea se perguntou como Claudete tinha ficado sabendo tão rápido que Germaine tinha sobrevivido. "Será que a maldita tem o hábito de ir ao porto saudar todos os navios no caso de chegar alguém interessante?", ela pensou, irritada, ao mesmo tempo em que lentamente erguia o braço na frente de Germaine. Os frios olhos azuis da menina estavam fixos no homem, os dele nela, e Alethea rezou que isso lhe desse tempo para empurrar Germaine da mira do perigo.

— Você é um dos cães fiéis de Claudete, *ouí* — disse Germaine. O desprezo em sua voz soou tão pesado que Alethea contraiu o semblante ao ouvir aquilo.

Ou a garota não tinha percebido o perigo, ou seu ódio inflamou de tal modo dentro dela que ela ficou cega para tudo ao redor. Suas palavras fizeram com que o dedo do homem encostasse-se no gatilho da arma. Ele encarou a menina: era um assassino frio, mas obviamente tinha o seu orgulho masculino, e Germaine tinha acabado de feri-lo profundamente.

— É uma pena que eu tenha de matá-la rapidamente — o homem disse, seus olhos fixos em Germaine. — Conheço muitos modos mais lentos que iriam fazer você se arrepender do que disse, sua vadiazinha.

Uma leve tensão no braço e no maxilar dele alertou Alethea. Ela empurrou Germaine para o lado enquanto o homem disparava a pistola. Um segundo depois algo atingiu seu ombro com tanta força que ela cambaleou para trás. Uma dor dilacerante veio logo em seguida. Apesar disso, ela se jogou sobre o corpo de Germaine, empurrando a menina para o chão. De quatro no chão, ela apressou a menina para rastejar até o abrigo dos vários arbustos e estátuas que pontuavam o jardim, enquanto gritava desesperada o mais alto que conseguia.

— Mova-se — ela ordenou.

— Você levou um tiro — Germaine retrucou.

— Acho que percebi. Mas podemos cuidar disso mais tarde. Eu disse: mova-se!

Germaine tentou se virar na direção dela, mas Alethea puxou-a para baixo e empurrou-a na direção da casa. O som de passos correndo e homens gritando indicou a Alethea que alguém se aproximava, mas ela não olhou para eles ou para trás para ver se o homem que tinha atirado nela ainda estava ali.

O único pensamento fixo na sua mente confusa era que precisava levar a garota para a proteção da casa.

Elas se depararam com os portões abertos do jardim. Alethea levou um minuto para se dar conta de que os portões estavam abertos por que todos os homens estavam no jardim tentando descobrir o que tinha acontecido. Ela rezou para que eles encontrassem o homem, mas duvidava que suas preces fossem atendidas. O tempo que tinha se passado entre o tiro, seus gritos e os homens saindo correndo da casa tinha sido longo o suficiente para um assassino habilidoso conseguir fugir. Como não tinha certeza se um dos homens tinha visto ela ou Germaine, ela precisava encontrar um modo de avisá-los de que ela e a menina estavam bem.

— Milady! O que aconteceu com a senhora?

Alethea olhou para Alfred e precisou piscar várias vezes para conseguir focar a visão.

— Tem um homem no jardim. Ele atirou em mim. — Ela cambaleou e agarrou o braço de Alfred para se firmar. — Você poderia avisar aos homens que Germaine e eu já conseguimos entrar em casa em segurança? Não tenho certeza se eles nos viram.

— Posso ampará-la — disse Germaine enquanto passava o braço ao redor da cintura de Alethea para apoiá-la. — Acho que esse foi um modo um tanto drástico de se livrar da obrigação de receber a minha modista — Germaine disse quando começou avançar com Alethea rumo a um sofá.

— Foi a única ideia que tive em tão pouco tempo. — Alethea sorriu e então contorceu o semblante quando Germaine esbarrou no seu ferimento ao tentar firmá-la.

Alfred mal tinha chegado aos portões do jardim quando os homens e Bayard já estavam voltando. Hartley olhou para Germaine, obviamente em busca de ferimentos. Alethea perguntou-se o que teria acontecido com o homem que tinha atirado contra ela. Ela tinha ouvido alguns tiros, e os homens não traziam nenhum prisioneiro com eles. Atordoada, ela se questionou se esperar que o seu agressor tivesse morrido fazia dela uma pessoa ruim.

Hartley olhou para Alethea, viu o vestido ensopado de sangue e soltou um xingamento, violento e profano. Aldus, Gifford, Bayard e Iago correram para o lado dela. Hartley pediu a Alfred que mandasse chamar um médico enquanto ele se aproximava e rasgava o ombro do vestido para examinar o ferimento. A bala tinha entrado, mas não tinha atravessado, o que significava que ainda estava lá. Só de pensar na agonia que ela ainda teria de passar fez com que ele ficasse louco para encontrar o homem que tinha atirado nela e fazê-lo sofrer também.

— Oh, maldição — disse Iago. — Logo receberemos mais ajuda deles do que precisamos ou queremos.

Sem entender muito bem o que o Iago quis dizer com aquilo, Hartley ignorou-o enquanto pressionava o lenço sobre o ferimento numa tentativa inútil de conter o sangramento.

— Você viu quem fez isto? — ele perguntou.

— Foi o mesmo homem que bateu em mim. — Alethea não se surpreendeu ao perceber que as suas palavras saíram ofegantes, pois o modo como Hartley pressionava o pano sobre o ferimento fazia com que doesse ainda mais.

— Píerre Leon.

— Ah, então você tem um nome.

— Sim. Ele disse por que atirou?

— Não. Achei que Claudete tinha ouvido falar sobre o nosso casamento. E que fosse um golpe final dela contra mim.

— Não foi? — Ele estava se virando para pegar um pouco de conhaque para lavar o ferimento.

— Hartley, segure-me — Alethea sussurrou quando a escuridão a abateu.

Ele avançou quando ela caiu, e Germaine vacilou, quase a deixando cair. Todos correram para o lado dele, mas as suas atenções estavam voltadas para Alethea. Sangue ensopava a frente do vestido, a respiração estava rápida e irregular, e ela estava muito pálida. Hartley queria gritar de ódio. Se Alethea não se recuperasse disso, Claudete e seus aliados iriam descobrir que ele também sabia como caçar e matar, muito melhor do que eles. Ele iria cuidar para que cada um pagasse por isso, e pagasse muito caro.



## CAPÍTULO XII

HARTLEY ANDAVA DE UM LADO PARA O OUTRO PELA SALA DE ESTAR, IGNORANDO os outros três homens que esperavam junto. Germaine e Bayard estavam sentados lado a lado em um dos canapés, empalidecidos e silenciosos. Ele nem tinha conversado com Germaine sobre o acontecido, mas não podia fazê-lo ainda. Todos seus pensamentos, cada emoção, estavam fixos no que estava acontecendo com Alethea.

O médico e a senhora Huxley estavam demorando muito, mas ele lutou contra o impulso de correr para a cabeceira da cama para onde Alethea tinha sido levada. Ele já tinha sido expulso do quarto com firmeza. O grito que Alethea deixou escapar quando o médico começou a remover a bala quase o enlouqueceu, e ele tentara forçar o homem a parar. Uma bobagem totalmente compreensível, mas o médico não viu a atitude do mesmo modo. E a sua promessa de se comportar melhor não foi o suficiente para convencer o médico a permitir sua estada. O homem se recusara a continuar com o procedimento a menos que Hartley se retirasse. Sua única vingança pela expulsão foi deixar Kate lá, observando cada movimento do médico e opinando ao bel-prazer sobre as habilidades dele ou falta de. Com receio de que pudesse ceder ao impulso de voltar para lá, ele fixou o olhar no pálido lago e esperou que uma conversa com o homem o ajudasse a se distrair. Até

que de repente ele se lembrou de algo que Iago tinha dito enquanto olhava para o corpo ensanguentado que Germaine amparava.

— O que você quis dizer quando falou que em breve teríamos ajuda querendo ou não? — Hartley perguntou.

Iago sorriu e passou os dedos entre os cabelos, que já tinham se soltado da trança há muito tempo.

— Se tivesse levado em consideração o que e quem somos, Hartley, você não se surpreenderia que os Vaughn, e até certo grau os Wherlocke, são muito unidos. Em muitos sentidos. Alethea está sentindo dor e está correndo um grave perigo. Isso irá atrair alguns dos nossos parentes para cá.

— Existem outros na sua família que também têm visões? — perguntou Aldus.

— Alguns, mas isto vai acontecer mais por causa do laço que nos une. — Iago encolheu os ombros, seu rosto revelava a dificuldade para tentar encontrar as palavras certas para se explicar. — No momento em que Alethea foi baleada juro a você, muitos membros da nossa família souberam disso. Quantos virão para cá vai depender de quem mais sensível estiver próximo. Modred, o Duque de Elderwood, certamente sabe, mas não creio que ele venha. É mais provável que envie alguém. Ele considera locais muito cheios um verdadeiro tormento.

— Ele se sente desconfortável ao redor de outras pessoas? — perguntou Hartley.

— Pode se tornar um inferno absoluto para ele estar entre tantas pessoas, com todas as emoções atingindo-o e os pensamentos invadindo a sua

mente como se fossem gritos dissonantes e desconexos — respondeu Iago. — Houve um tempo em que ele sentia medo de que pudesse enlouquecer. Mas ele aprendeu a se proteger da cacofonia, da constante artilharia de emoções e pensamentos dos outros, apesar de ter sido difícil. Isso requer controle e concentração constantes. Temos outros na família que são muito empáticos, mas não como Modred.

— Ele consegue *ouvir* os pensamentos das pessoas? — Hartley percebeu que seus sobrinhos pareciam intrigados e se perguntou o que Alethea teria lhes contado.

— Alguns. Na maioria das vezes ele só consegue pegar fragmentos de um pensamento, mas às vezes é muito mais. Mas ele se sente bem entre a maioria dos membros da nossa família. Achamos que é por causa dos laços que nos unem, de sangue e dos nossos vários dons. Pode até ser que os nossos dons sejam o motivo para estes, bem, escudos que nos protegem contra um intruso. Existem algumas pessoas que têm uma proteção natural. Modred tem vários criados que possuem. Em alguns casos, ele consegue captar o que eles estão sentindo somente quando as emoções são muito intensas, fortes o bastante para ultrapassarem a barreira desses escudos internos.

— Ele é muito apegado a Alethea?

— Ele era, mas eles passaram a se ver pouco depois que ela se casou. O marido dela considerava Modred perturbador. Acho que Modred também não gostava muito do homem. Provavelmente sabia da ausência de sentimentos do sujeito, mas acho que nunca disse nada a Alethea. Mesmo assim, Alethea e Modred continuaram trocando cartas regularmente. Forçado

à reclusão como é, Modred gosta muito de escrever cartas. — Ele sorriu. — Os dois sempre compartilharam um vínculo especial. A mãe de Modred morria de medo dele, assim como a mãe de Alethea dela. A mulher fugiu, assim como fez a mãe de Alethea. Nossa tia Dob foi quem praticamente criou Modred, e os dois costumavam visitar Alethea e seus irmãos.

— Qual é o dom da sua tia?

— O conhecimento. — Iago soltou um sorriso apagado diante dos olhares confusos de Hartley e dos demais. — Tia Dob tem uma verdadeira compreensão de tudo, um tipo de *insight* natural. Ela sempre sabe como ajudar alguém a controlar o dom ou a fortalecê-lo de alguma maneira. Sua capacidade de compreensão é infinita, assim como é a sua paciência. Realmente acredito que ela é o motivo pelo qual o pobre Modred não acabou como o pai. Numa noite, o homem voltou para casa, depois de uma reunião, entrou na biblioteca e atirou contra ele mesmo. Ele deixou um bilhete onde explicava que já não podia mais suportar o barulho.

— Isso não parece ser um dom, não é mesmo? — disse Germaine.

— Não — Iago respondeu. — Toda a família prende o fôlego cada vez que uma criança nasce, temendo que o bebê seja amaldiçoado pelo mesmo dom do pobre Modred. Como eu disse, vários de nós são empáticos, mas este dom não enfraquece tanto quanto o de Modred. — Ele sorriu ao ouvir o barulho de vozes discutindo no vestíbulo; o som se aproximava cada vez mais da sala de estar. — Creio que pelo menos um dos nossos familiares estava na cidade e muito perto.

Hartley franziu a testa quando uma mulher baixinha e de cabelo castanho-escuro entrou marchando pela sala. No seu encaço vinha um homem alto, que ele tinha quase certeza de que conhecia de algum lugar, com os cabelos no mesmo tom, e um menino de cabelo loiro. Nenhum dos homens que a acompanhavam ou os protestos suaves do seu mordomo, Cobb, conseguiram deter a mulher e conter sua intromissão. Hartley ponderou se foi por que a mulher estava visivelmente grávida que seus amigos, sobrinho e Iago hesitaram.

— Ah, então não foi você que se feriu — disse a mulher ao parar diante de Iago.

— Não, Chloe, não fui eu — respondeu Iago e beijou-a no rosto. — Antes que eu explique, permita que eu apresente você, Argus e Anthony.

No momento em que Hartley ouviu o sobrenome Kenwood, ele soube quem ele estava educadamente recebendo em seu lar. Há três anos, o escândalo sobre a esposa do Marquês de Colinsmoor e do tio que tentaram matar a ele e ao seu filho tinha agitado as rodas da alta sociedade. Mesmo preocupado e temendo pela vida da sua sobrinha e do sobrinho, ele tinha ouvido todos os detalhes sórdidos. Algumas vezes chegou a se perguntar se não era por isso que raramente o marquês e a nova esposa eram vistos. Olhando nos olhos muito azuis de Chloe Wherlocke, ele mudou de idéia. Obviamente o marquês obtinha tudo que precisava da sua esposa e da família que crescia.

O nome de Sir Argus Wherlocke também era familiar. Hartley não tinha certeza de que o homem trabalhava para o governo, pois o nome

costumava ser sussurrado entre os membros de um dos grupos ao qual Hartley tinha sido ligado por um curto período de tempo. Os tais sussurros tinham um tom de reverência. Hartley estava chegando à conclusão de que os Wherlocke e os Vaughn estavam mostrando seu valor para o governo. Ele ficou surpreso que Aldus não conhecesse o homem, e então se deu conta de que Aldus talvez não tivesse mencionado que o conhecia. Afinal, Aldus não era livre para sair divulgando tudo que sabia.

— Julian não vai gostar de saber que você veio correndo para cá — disse Iago enquanto todos se sentavam e Alfred e Cobb rapidamente traziam bandejas com comida e bebida.

— Com o meu marido, eu me entendo — Chloe disse. — Ele vai compreender. Eventualmente. Conte-me o que aconteceu, Iago.

Iago explicou resumidamente. Chloe olhou para Germaine e Bayard, que, por sua vez, fitaram o olhar resolutivo dela com uma calma que surpreendeu Hartley. Havia muitas coisas que ele ainda precisava aprender sobre os seus sobrinhos. Ele estava distraído com este pensamento quando, de repente, todos os pelos do seu corpo se eriçaram. Ele olhou para Iago e percebeu que ele e Chloe encaravam Argus.

— Acalme-se, Argus — disse Chloe. — Alethea vai ficar bem.

— Tem certeza? — indagou Argus.

Chloe fechou os olhos por um momento e então olhou para ele de volta e assentiu.

— Absoluta.

Quando os pelos do seu corpo assentaram novamente, Hartley lutou contra o impulso de perguntar a Sir Argus qual era exatamente seu dom. Viu então Germaine desviando os olhos de Sir Argus para o seu braço e depois para Sir Argus novamente. Quando ela abriu a boca, ele fez um gesto com a mão que chamou a atenção dela, e então ele balançou a cabeça. Ela fechou a boca e, por um momento apenas, pareceu uma jovem infeliz. Seu coração se condeou por ela quando a expressão dura de guerreira experiente retornou ao rostinho delicado.

— O que vocês estão fazendo para apanhar a mulher que mandou fazer isso? — Chloe perguntou, olhando de Iago para Hartley e de volta para Iago.

Hartley assumiu as explicações e respondeu. Enquanto o fazia, percebeu que gostaria que houvesse mais — muito mais ações diretas, mais provas, mais chances de um resultado imediato. Ele surpreendeu-se quando Chloe se aproximou e fez um afago em seus punhos cerrados. Ela olhou para o menininho enquanto continuava acariciando o braço de Hartley e inclinou a cabeça para o lado na direção de Germaine e Bayard. O jovem herdeiro Kenwood correu para o lado dos irmãos e começou a contar para os dois que ele tinha os cabelos muito bonitos, mas que seu pai mandou cortar. Hartley imaginou por um segundo se não havia uma ponta de insanidade na linhagem dos Wherlocke e dos Vaughn e então se lembrou que o herdeiro de Kenwood não tinha nenhuma gota daquele sangue mágico correndo nas veias. Ele fitou o olhar divertido de Chloe.

— Anthony ainda está aborrecido por ter perdido seus últimos cachos de bebê — ela disse e sorriu, mas rapidamente recuperou a seriedade. —

Aquela mulher cairá em breve, mas você precisa redobrar a guarda até que esse dia chegue.

— Por quê?

Chloe encolheu os ombros.

— Ela está pronta para dar o bote. — Ela olhou para Iago. — Modred está chegando.

— Em Londres? — Iago perguntou, a surpresa engrossando a sua voz.

— Sim — Chloe respondeu. — Ele e Olímpia. Ela estava visitando-o, por isso ele ficou sabendo imediatamente quando Alethea foi ferida, apesar de eu desconfiar que ele ficasse sabendo de qualquer maneira. De qualquer maneira, outra pessoa teria enviado uma mensagem. Ele é o que mais recebe notícias sobre os muitos membros do nosso clã. Use-o.

— Usar Modred? Não. Isso poderia enfraquecê-lo. Essas pessoas são muito perigosas e malvadas, Chloe. Vi os que as rodeiam, vi a fúria daqueles cujo sangue foi derramado pelas mãos delas. Só Deus sabe o que o pobre Modred poderia sentir caso se aproximasse daquelas duas, o que poderia ver nas profundezas daqueles corações sombrios. Essas irmãs não hesitam em matar crianças para satisfazer a necessidade insaciável que têm por dinheiro para sustentar a pompa e a vaidade delas. Seria muito para ele.

— Use-o, Iago. Uma das irmãs é mais fraca do que a outra. Use Modred para arrancar a verdade dela. Argus pode ajudar também. Pode ser uma oportunidade para Modred ver que o seu dom não é apenas uma maldição, que ele pode ser usado para ajudar pessoas. Ele precisa ver isso.

— Tenho certeza de que ele entende como...

— Ele *entende*, mas precisa *ver* como isso funciona. Use-o. Ele está esperando por isso.

— Tio — disse Germaine ao se aproximar de Chloe. — O senhor precisa me ouvir. Não era Alethea que estava em perigo no jardim. Ela não era o alvo daquele homem.

— Quem mais poderia ser? Claudete já atacou Alethea uma vez e fez outras ameaças, por-por-portan... — Ele gaguejou enquanto olhava nos olhos de Germaine. — Não pode ser. Como aquela mulher poderia saber tão rápido que os encontrei e os trouxe para casa?

— Não sei, tio, mas era para mim que o homem estava apontando. Ele sorriu para Alethea, e pensei que ele estivesse atrás dela. Acho que ela imaginou o mesmo, mas algo a alertou de quem era o verdadeiro alvo, e ela me empurrou da mira no instante em que ele atirou, para que assim levasse o tiro em meu lugar. Não tenho nenhuma dúvida de que ele estava apontando para mim naquele momento.

— Claudete deve ter homens no cais — disse Aldus. — O que faz sentido, pois ela precisa manter contato com a França para enviar e receber informações e pegar o seu dinheiro sujo de sangue. Isso a ajudaria a fugir facilmente, se preciso. E você está à procura de Germaine e Bayard há três anos. Não é um segredo. Ela também deve ter tentado ficar de olho nisso todo esse tempo. Afinal, eles estavam na praia naquele dia. Germaine a viu.

— Mas ela não sabe disso — Hartley argumentou.

— Nem precisa saber. No momento em que a notícia de que você estava à procura dos filhos da sua irmã se espalhou, de que havia uma possibilidade de que eles não tinham morrido naquela praia, ela pode ter entrado em ação. Claudete certamente iria querer saber com segurança se restara alguém que pudesse testemunhar sobre aquele dia. Provavelmente deve ter até entrado em contato com os homens que estavam com ela naquele dia e que tinham dito que havia somente duas crianças lá. Isto se ela não os matou depois dos assassinatos.

— Sim, ela pode os ter matado, imaginando que não estava deixando testemunhas.

— Por isso e por uma questão de hábito. Parece que ela costuma contratar matadores para fazerem o serviço e depois usa um amante rico para se livrar dos sujeitos. É surpreendente que isso não tenha se espalhado entre os buracos de rato onde ela consegue seus homens e ainda não tenha dificultado suas contratações. — Aldus olhou para Germaine. — O fato de ter ficado presa naquela fazenda pode ter salvado a sua vida, pois não duvido por um segundo sequer que, se Claudete tivesse ficado sabendo que vocês sobreviveram, ela teria começado a procurá-los com o mesmo empenho de Hartley.

— Certamente não gostaria de me sentir grata aos Moyne por nada — disse Germaine, sua voz embargada de raiva. — Talvez, se o senhor estiver certo e ela realmente estiver querendo me ver morta, eu pudesse ser usada como...

— Não — disse Hartley. — Você não será usada como isca.

— Tio, tenho certeza de que eu estaria bem protegida.

— Desconfio que muitas pessoas que foram mortas por ela também imaginavam que estariam bem protegidas. — Ele soltou um palavrão quando ela empalideceu, e então soube que Germaine estava se lembrando da sua família. — Sou um tolo — ele disse ao abraçá-la. — Mas também quero protegê-la. Claudete matou homens bem treinados na arte da mentira e da intriga, atraiu-os para uma armadilha e enviou-os para morte. Só Deus sabe quantos homens poderosos e importantes ela seduziu para roubar seus segredos. Não sei quantas pessoas ela matou e duvido que ela mesma saiba, mas ela não é do tipo de se deixar enganar por uma isca convidativa e aparentemente desprotegida, apenas esperando para ser apanhada.

— Claro que não. Mas é uma loucura que ela continue andando livremente. Ela deveria estar esperando pelo dia do seu enforcamento. Maldição, ela deveria mesmo era ter sido reduzida a nada além de uma pilha de osso e trapos apodrecidos dentro de uma gaiola em algum cruzamento. — Ela mordeu o lábio inferior quando o tio a repreendeu com um arquear de sobrancelha. — Peço desculpas.

— É um sentimento deveras compreensível — murmurou Iago.

Hartley fez uma careta para Iago, mas este apenas encolheu os ombros.

— O que você acha que Claudete fará quando ficar sabendo que o atentado contra a vida de Germaine falhou? — Hartley perguntou a Argus.

— Vai fugir — Sir Argus respondeu enquanto se servia de uma tortinha de amoras. — Ela sabe que existe apenas uma pessoa que poderia ser acusada como autora de tal ato: ela mesma.

— Como? Acredito que ela pensa que não sabemos de tudo que ela faz. E que as informações que temos sobre o sangue que suja as suas mãos vêm de fontes que não podemos revelar, tais como os fantasmas que Iago vê e as visões de Alethea. — Uma olhada na direção de Germaine e Bayard não revelou nenhum sinal de surpresa nos rostos dos dois, então Hartley percebeu que Alethea certamente lhes tinha contado algo sobre o seu dom e os convencido a acreditarem nela.

— Ela não sabe disso. E não há ninguém mais suspeito do que ela de ter cometido o crime. Ela vai começar ver inimigos em toda parte e policiais a cada esquina. É isso que dificulta a apreensão de alguns criminosos. No outro lado da moeda estão aqueles que são tão arrogantes que acreditam que nunca serão capturados, até o momento de serem enforcados. Que tipo vocês acham que ela é?

— Acho que o primeiro — respondeu Aldus — ou já a teríamos apanhado.

— Alethea acredita que Claudete é mais parecida com o segundo tipo — disse Germaine e encolheu os ombros quando todos os homens olharam para ela. — Ela tem escapado impune há tanto tempo que se considera muito mais esperta do que todos nós, muito melhor.

Sir Argus assentiu: — É possível.

— Alethea disse ainda que as principais fraquezas de Claudete são a vaidade e a ganância. E falou também do inabalável senso de invulnerabilidade que ela possui. Disse que essas coisas podem fazer com que

ela fique displicente; e também a necessidade de vingança quando a sua vida tão bem estruturada começa a desmoronar.

— A nossa Alethea é uma garota muito esperta. E exatamente isso que irá derrubar aquela víbora assassina. — Sir Argus olhou para Hartley. — Por acaso você sabe quais são os homens que ela enganou? Quem foi seduzido e quantos podem ter inadvertida ou ciente traído o país?

— Fizemos uma lista — respondeu Iago.

— Então entregue-a para mim — disse Sir Argus. — Assim que o médico disser como Alethea está passando, sairei para falar com cada um desses tolos. Talvez um dos seus amigos possa me acompanhar.

— Será um prazer — Aldus se prontificou.

— O senhor acha que conseguirá arrancar alguma confissão deles? — perguntou Hartley. — Temos tentado, mas todos têm se mostrado muito reticentes.

— Não poderão continuar assim comigo — disse Sir Argus. — Vou arrancar a verdade deles. Este é o meu dom. Posso forçá-los a me contar tudo que sabem e o que fizeram. Alguns podem até ser acusados de traição.

— O senhor pode fazer com que eles coloquem a corda no próprio pescoço?

Sir Argus sorriu e olhou para Hartley. Um segundo depois, Hartley se sentiu penetrando nos olhos do homem. Tentou lutar para se livrar, mas foi tomado por um estranho cansaço.

— Pare com isso, Argus — Iago rompeu e se levantou para tampar os olhos de Hartley.

— Aconteceu outra vez — murmurou Germaine, olhando para os pelos eriçados dos seus braços. — O que exatamente o senhor faz?

— Faço com que as pessoas se sintam compelidas a me contarem seja lá o que eu queira saber — respondeu Argus e sorriu quando Hartley espantou os últimos resquícios de confusão e encarou-o. — Posso até fazer com que elas se esqueçam de terem me contado.

— Droga — murmurou Aldus. — Você parece atordoado e ao mesmo tempo feliz, Hartley. Não tenho dúvida de que o senhor acabou de fazer o que está dizendo ser capaz.

— Não faça mais isso, Argus — Chloe ralhou. — Hartley é da família agora.

— Eu só estava respondendo a pergunta que ele me fez — Argus disse. — É muito mais fácil demonstrar do que tentar explicar. — O homem sou muito sincero e sorriu com um jeito tão meigo que Hartley sabia que ele estava mentindo por trás.

— Assim que soubermos do estado de Alethea, vamos iniciar as nossas visitas aos homens da lista — disse Aldus. — Duvido que consigamos visitar muitos, mas certamente já será um bom começo. Assim como será difícil visitar novamente aqueles que já tentamos interrogar, uma vez que estes se sentiriam insultados com as nossas suspeitas.

— Eles falarão conosco. Esperemos apenas que todos eles tenham agido como tolos, que tenham sido seduzidos por uma bela mulher e levados a

cometer a estupidez de traírem o próprio país — disse Sir Argus. — Mas não vou permitir que um traidor se esqueça de que acabei de fazer com que ele confessasse seus pecados.

Antes que Hartley pudesse dar sua opinião sobre um homem que permitira que uma mulher o fizesse trair, não apenas ao seu país, mas que ajudara a conduzir homens bons à morte, o médico foi introduzido na sala por Cobb. Hartley ficou tenso, um nó de medo por Alethea formou-se no seu estômago. Não havia nada na expressão sorumbática do bom médico que indicasse se as notícias que ele estava prestes a ouvir eram boas ou ruins. Ele se aproximou do médico ao mesmo tempo em que Iago se levantava para fazer o mesmo.

— Qual é o estado da minha esposa? — Hartley perguntou ao Dr. Hoskins.

O homem careca e rechonchudo tirou os óculos e limpou-os com um lenço enorme antes de colocá-los de volta sobre o seu nariz de batata e fitar Hartley.

— O ferimento foi no alto do ombro. Não vi nenhum dano no osso ou no músculo, mas ela perdeu muito sangue. Se a febre não perdurar, ela vai se curar.

Uma onda de alívio varreu Hartley tão rapidamente e com tanta intensidade que ele achou que fosse desmaiar. Ele sentiu a mão de Germaine amparando com firmeza seu braço, o que lhe deu forças para não cair. O médico o encarou como se soubesse o que quase tinha acontecido, e foi preciso muito esforço para que Hartley conseguisse reprimir um rubor. O Dr.

Hoskins, por sua vez, sentiu-se vingado depois de quase ter sido estrangulado por Hartley momentos antes.

— Ela precisa ficar acamada por pelo menos três semanas — o médico continuou. — Nada de alimentação pesada por vários dias, apenas sopa. Depois disso vá introduzindo aos poucos alimentos mais fortes. Se tiver febre, mandem me chamar. Deixei um pouco de láudano para dor. Apesar de aquela criada desagradável da sua esposa ter ficado brava quando dei a dose.

Hartley não sabia ao certo o que dizer, mas o homem assentiu e permitiu que Cobb o acompanhasse até a saída. Uma taça foi colocada na sua mão, e Hartley piscou surpreso quando viu que Sir Argus tinha lhe dado uma dose de conhaque. Ele não perdeu tempo em beber, e aquilo o ajudou a restaurar seu controle. Mas o que ele precisava fazer era subir e ver Alethea por si mesmo, para se certificar de que ela ainda estava respirando. Precisava apagar da sua mente a imagem dela ensanguentada e inconsciente.

— Preciso... — ele iniciou e ficou surpreso quando Chloe lhe deu um beijo no rosto.

— Vá — ela disse. — Não é preciso nos acompanhar. — Ela lançou um breve sorriso.

— Quem sabe não consigo chegar em casa antes que meu marido descubra que saí.

— Diga que estivemos aqui e que voltaremos para visitá-la quando ela estiver forte o bastante para receber visitas — adicionou Sir Argus. — Enquanto isso, seu amigo e eu vamos interrogar os amantes de Claudete.

— Eu deveria ir com vocês — Hartley disse, dividido entre a vontade de ajudar a entregar Claudete para a justiça e a necessidade de ficar ao lado de Alethea.

— Nesta noite, não. Ainda restarão vários homens para falarmos depois que você tiver certeza de que Alethea está se recuperando de acordo — disse Aldus. — Lembre-se de que a lista é grande.

— E Alethea vai se recuperar — disse Chloe.

Hartley concordou com um aceno de cabeça e se retirou para ficar ao lado da esposa. Ele entrou no seu quarto e olhou para a cama. Kate sorriu enquanto se levantava silenciosamente da cadeira ao lado da cama para se retirar do quarto. Rapidamente ele assumiu o lugar vago e observou Alethea. Ela estava tão pálida quanto o lençol que a cobria, mas a respiração estava estável. Com toda cautela, e com medo do que pudesse encontrar, ele tocou no rosto dela e descobriu que estava abençoadamente frio. Ele sabia que a febre poderia voltar, mas ela parecia notavelmente recuperada para alguém que tinha acabado de passar por tudo aquilo. Quando ele tomou a mão dela entre as suas e beijou-a, ela pestanejou.

— Hartley — ela sussurrou com voz rouca.

— Estou aqui, Alethea — ele disse e começou a se inclinar para beijá-la no rosto. — A sua família voltará para visitá-la assim que você estiver recuperada o suficiente para recebê-los. — Ele ficou surpreso ao ver um sorriso nos lábios ao mesmo tempo em que ela, lentamente, fechava os olhos outra vez.

— Pobre Hartley — ela murmurou. — É melhor se preparar. Eles podem ser um desafio e tanto.

Ele abriu a boca para responder, mas então viu que ela já dormia novamente. Ainda segurando sua mão, ele permaneceu ali para uma longa espera. Por mais que quisesse ir interrogar os amantes de Claudete, ele não poderia sair do lado de Alethea até que tivesse certeza absoluta de que ela tinha se recuperado. Então, e só então, ele poderia concentrar todo o seu tempo e forças em entregar Claudete e seus aliados à justiça.

— Ele estava dividido — disse Germaine enquanto observava a porta se fechando atrás do tio. — Queria se juntar à caçada, mas não pode deixar Alethea.

— Ainda restarão muitas outras caçadas depois que ele sentir que pode sair do lado dela — disse Sir. Argus.

— Posso ir no lugar dele.

— Creio que não, mocinha, mas você merece vários pontos por tentar. — Ele ergueu a mão para silenciá-la quando ela abriu a boca para argumentar. — Sei que você e seu irmão amadureceram além da idade que têm, mas você ainda é muito nova para isso. Além disso, do ponto de vista prático, alguém quer que você morra. Não posso tentar conseguir as informações que precisamos e ao mesmo tempo ficar de olho em você.

— Mas o senhor não vai sozinho — ela argumentou.

— Os outros homens são necessários para cuidar da minha segurança e para intimidar.

Germaine fechou a cara, mas não discutiu.

— Acho que o senhor pode ser muito intimidante sozinho. Chloe riu.

— Ela o vê com toda clareza, Argus. — Em seguida, entrelaçou o braço ao dele. — Leve-nos para casa agora. Depois você pode ir para a sua caçada. — Enquanto acenava para Anthony acompanhá-los, ela sorriu para Germaine. — Seu tio precisa ver que você está segura neste momento, mais do que qualquer outra coisa. A esposa dele foi baleada, e ele acabou de encontrar você e o seu irmão depois de passar três anos temendo que vocês estivessem mortos. Haverá tempo o suficiente para você andar livremente e colocar alguns cabelos brancos na cabeça dele.

Germaine se levantou junto de Bayard e os dois acompanharam os visitantes até a saída.

— Nosso tio entrou para a uma família muito estranha — ela murmurou enquanto eles caminhavam de volta para a sala de estar.

— Mas fascinante — disse Bayard.

— Muito. E leais uns com os outros.

— Você confia neles. Posso sentir o quanto está calma. Eu não tinha certeza se você iria confiar na esposa do nosso tio.

— Eu ainda estava desconfiada dela pouco antes do tiro. Mas vê-la me empurrando de propósito para o lado e levando o tiro que era para ser meu acabou definitivamente com os últimos resquícios de desconfiança que eu ainda tinha. Agora estou tentando entender exatamente o que está acontecendo entre ela e o nosso tio.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer que ela diz que se casou com ele por que o queria, e ele se casou com ela para ter um herdeiro, uma companheira e alguém para ajudá-lo a cuidar da casa. — Ela meneou a cabeça quando Bayard respondeu com uma risada zombeteira. — Exatamente. Acho que nosso tio está agindo como todos os homens. — Ela ignorou o protesto do irmão. — Quero ver quanto tempo vai demorar até que o tapado perceba que a ama.

— Que perceba ou que diga a ela?

— Que diga.

— Aposto um guinéu que será dentro de duas semanas.

— Oito dias.

Os dois cuspiram nas palmas das mãos e trocaram apertos. Germaine concluiu a aposta dizendo:

— Que vença o melhor. Bayard sorriu.

— No fim, acho que o vencedor será o nosso tio.



## CAPÍTULO XIII

OS OLHOS DE HARTLEY OBSERVAVAM ATENTOS A MULHER QUE JAZIA LARGADA sobre a cama, no quarto iluminado apenas pela luz suave do luar e das velas bruxuleantes de um candelabro. As faixas enroladas ao redor dos ombros e tórax eram obscenas aos seus olhos. Ela tinha sido ferida sob seu teto e isso o enfurecera. Três dias de batalha contra as emoções que o dilaceram por dentro não tinha atenuado sua ira.

Ele estava em apuros. As emoções que tanto lutava para combater não eram do mesmo tipo das despertadas por um sentimento de carinho ou uma simples atração física. O desejo estava lá, forte e quente como fogo, mais doce e mais acessível do que qualquer outra coisa que ele já tinha provado. Só isso já deveria ter servido para alertá-lo de que ele não estava entrando em um casamento amigável e conveniente. Quando pensou sobre tudo que tinha sentido e feito desde que conhecera Alethea, ele ficou admirado com a própria cegueira. Todos os sinais estavam claros para quem sabia o que estava procurando. Ele a amava.

Hartley quase riu, e não apenas por que simplesmente tinha levado três dias, desde o tiro que ela levara, para que ele percebesse isso. Ele sentia-se preenchido — de corpo, alma e coração — por uma emoção a qual chegara a escarnecer. Podia ouvir ele mesmo dizendo a Iago cheio de arrogância que

não acreditava em sentimentos como amor, e todas as outras justificativas tolas às quais recorrera. Agora que sabia o que era aquilo, suas vagas lembranças dos tempos em que seus pais estavam juntos mostravam que havia amor entre eles. Talvez o exemplo de seus pais tivesse sido o motivo pelo qual, depois de viver por muito tempo como um solteirão inveterado, ele ter considerado a idéia de se casar no momento em que conheceu a mulher certa — Alethea.

Sentando-se em uma cadeira, ao lado da cama, ele tomou a mão dela. No alto da sua arrogância, acreditou que depois que se casassem o fato de sentir carinho por ela, apreciar a companhia e a paixão ardente que existia entre eles seria o suficiente para segurar o casamento e fazer disso uma boa união. Agora ele precisava de mais. Queria que ela o amasse como ele a amava. A pergunta era como iria conseguir isso. Ele era especialista em convencer uma mulher a lhe entregar seu corpo e seu prazer, mas nunca tinha tentado conquistar, de fato, o coração de uma mulher. Nunca ao menos quisera conquistar um amor. Mas não lhe restava outra opção senão rezar para que Alethea tivesse se casado por mais motivos do que ele se casara com ela, motivos profundos, daqueles que brotam do coração, e não da cabeça.

Ele ficou tenso quando ela se mexeu e segurou firme a sua mão. Ela ia sobreviver, mas ainda sentiria dor por uns tempos. Nem mesmo os três dias que passara à deriva entre a consciência e a inconsciência tinham sido o suficiente para aliviar a dor. E ainda restariam duas cicatrizes marcando a perfeita pele de mármore. As marcas não diminuiram seu desejo por ela, mas, cada vez que as visse, se lembraria do quão perto chegara de perdê-la. Ele

levou a mãozinha delicada até sua boca e beijou a palma. Quando olhou para o rosto novamente, ela estava com os olhos abertos e límpidos.

— Está doendo muito? — ele perguntou enquanto se movia para erguê-la o suficiente para que assim ela pudesse tomar um pouco do suco de frutas que Kate tinha deixado ao lado da cama. — O médico deixou um pouco de láudano.

— Detesto esse remédio — ela disse, alarmada ao se dar conta de como o simples ato de ser erguida e beber algo a tinha deixado ofegante e trêmula de fraqueza. — Kate sabe preparar um chá de ervas que faz o mesmo efeito. Ela está aqui?

— Não. Ela passou a noite toda ao seu lado, velando seu sono, e mandei que ela saísse um pouco, para descansar. — Hartley sentou-se novamente. — Ela não saiu do seu lado enquanto o médico cuidava do ferimento. O médico me pediu que eu a amarrasse e a amordaçasse até que ele terminasse, mas eu me recusei.

— Ela ficou dizendo a ele o que fazer?

— Com todas as letras. Quando o médico mandou que eu saísse do quarto, eu a deixei aqui como vingança. Você gostaria de tomar um pouco do chá da Kate agora? — ele perguntou, na esperança de distraí-la antes que ela perguntasse por que ele tinha sido expulso do quarto.

— Agora não. Estou bem por enquanto. Mas por que você foi expulso do quarto? Por acaso também estava tentando dizer ao médico o que ele deveria fazer?

— Não. — Ele sentiu o golpe da sorte por somente agora ela estar consciente o bastante para lembrar-se de tudo que ele disse e questioná-lo. — Fui expulso do quarto porque tentei estrangular o médico. — Ele encolheu os ombros quando ela o encarou chocada. — Você soltou um grito de dor. Eu agi. Ele não gostou.

Alethea riu e então franziu a testa ao sentir uma pontada de dor.

— Pobre homem. — Lembrando-se de tudo que tinha acontecido no jardim na noite do tiro, ela suspirou. — Germaine era o verdadeiro alvo do atirador.

— Eu sei. Ela nós contou. A princípio não acreditei, mas não houve como discutir diante da convicção dela. — Hartley balançou a cabeça. — Ela tentou chamar a minha atenção antes, mas não lhe dei ouvidos. Todos nós tínhamos tanta certeza de que tinha sido mais um atentado contra você, que acontecera porque você não tinha ido embora ou porque Claudete tinha ficado sabendo sobre o nosso casamento.

— Você precisa aprender a prestar atenção ao que Germaine diz. E Bayard. Eles são muito mais maduros para a idade que têm. Nem são mais as mesmas crianças que você se lembrava de três anos atrás.

Ela tinha razão. Na sua mente, ele ainda via Germaine e Bayard como as duas crianças que tinham partido com os pais três anos atrás. O tempo e a tragédia tinham apagado o brilho infantil de inocência que eles tinham nos olhos naquele dia. Hartley sabia que precisava aprender a respeitar a maturidade que seus sobrinhos tinham ganhado durante as andanças pela França.

— Duvido que um dia saberemos tudo que aconteceu com eles — ele disse.

— Provavelmente não, mas pode ser melhor assim. O que está feito está feito, e ouvir agora sobre o medo e a dor que eles passaram só iria fazer com que ficássemos mais enfurecidos e com que nos sentíssemos impotentes para mudar o que não podemos. Vocês conseguiram apanhar o homem que atirou em mim? Foi o mesmo que me bateu.

— Eu sei, e acho que não conseguiremos, não depois de termos passado três dias à procura dele sem termos encontrado nem um sinal.

Alethea fitou Hartley, tentando se concentrar para que as palavras fizessem sentido. Seu ombro estava pegando fogo, o corpo doía por inteiro, e a cabeça latejava. Estava difícil acompanhar a conversa, e ainda mais difícil participar, mas mesmo assim ela achou que estava indo bem. Apesar disso, podia jurar que tinha acabado de ouvir Hartley dizendo que eles tinham procurado pelo agressor por três dias. Isso não fazia sentido algum.

— Três dias? — ela indagou. Hartley beijou-a no rosto.

— Três dias. Não que você tivesse ficado desacordada, mas mesmo assim parecia que não queria acordar. Nas poucas vezes que despertou você estava lúcida, comeu um pouco, bebeu algo e falou com clareza. Mas logo em seguida você voltava a dormir. Fiquei um pouco preocupado com isso, mas então concluí que fazia parte do processo de recuperação. E talvez por causa dos chás que Kate continuou a lhe servir forçadamente. Trouxemos você para cá ontem.

— Faz sentido. Eu só gostaria de conseguir me lembrar de tudo. Posso ter dito algo surpreendentemente profundo e agora nunca saberei. — Ela sorriu quando ele riu.

— Logo Kate estará aqui para ajudá-la com um banho e trocar os lençóis. Tenho que sair para retomar a caçada ao homem que atirou em você. Pierre Leon está se mostrando ardiloso, mas estou contando com a ajuda da sua família.

— Oh, minha nossa. — Ela fez uma careta quando algo lhe ocorreu. — Você já me disse isso, não disse?

— Na noite em que você levou o tiro, logo depois que o médico foi embora. Você disse que estava com pena de mim. — Ele beijou-a na ponta do nariz quando ela sorriu. — Chloe veio uma vez, mas ela está prestes a dar à luz e por isso sempre envia alguém para saber sobre o seu estado de saúde. Lady Radmoor, Penélope, deu algumas passadas, mas da última vez em que ela esteve aqui, o marido chegou e arrastou-a de volta para casa, pois ela também está com a gravidez avançada. Ela tem uma porção de garotos e adolescentes morando com ela, além de uma menininha, e agora eles têm vindo em bando para cá.

— Em bando? — Alethea sentiu vontade de rir, mas segurou, pois sabia que iria doer.

— É o que parece. Eles são jovens, e a presença deles parece dar certa segurança para Germaine e Bayard. E eles são ótima companhia também. Tem também um advogado, Andrés Vaughn, e um tutor, Septimus Vaughn.

— Bom Deus, é o pessoal da Toca Wherlocke. Penélope é uma viscondessa agora, se me lembro bem.

— Sim. Eu me lembrei do escândalo no momento em que ela disse o nome e começou apresentar todos os meninos e a garotinha. Para uma família que tenta se manter à parte do mundo, vocês parecem ter uma verdadeira habilidade para se envolver em escândalos. E veio também o primo Sir Argus.

— Oh! Achei mesmo que ele tivesse vindo. Vi-o de relance, mas pensei que estava sonhando.

— De forma alguma. Ele passou aqui para ver por si mesmo como você estava passando. Você disse que ele precisava cortar os cabelos, que ele estava parecendo um poeta decadente.

Desta vez Alethea não conseguiu conter o riso. — Ai! Isso dói. Não me faça rir. Pobre Argus.

— Bobagem. Ele riu tanto que fiquei surpreso que você tenha conseguido cair no sono novamente logo em seguida. Deu um tapa nas minhas costas antes de sair do quarto e disse que Chloe estava certa, que você ia se recuperar. — Ele franziu a testa para Alethea. — Quantos anos exatamente Argus tem?

A pergunta foi tão súbita e era tão distante do assunto que ele deu um momento para que Alethea pudesse responder.

— Acho que ele acabou de completar trinta. Por quê?

— Meu Deus! O homem tem dois filhos e o mais velho já tem quinze.

— Argus gosta de dizer que ele foi precoce. — Ela sorriu diante da cara de espanto de Hartley e fez um afago nele. — Ele não recebeu muita orientação durante a infância, mas, ao menos, não apareceu mais nenhum filho depois de Olwen, que está com onze anos, que eu saiba. Ele é um bom pai para os filhos e os visita sempre que pode. Para alguém que não passava de uma criança quando se tornou pai, acho que ele até que se saiu bem.

— Sim. Mas pode ser um homem muito assustador quando quer. Estamos interrogando os amantes de Claudete, e creio que um deles será indiciado como traidor. Ele não foi ludibriado, e sim um aliado. Os outros foram apenas tolos ingênuos, e Argus quer garantir que eles sejam transferidos para uma posição no governo em que não possam ouvir ou ver qualquer coisa muito importante novamente. Só que ainda não conseguimos encontrar pistas do paradeiro de Claudete.

— Ela desapareceu?

— A casa dela não está completamente abandonada, ainda está mobiliada, mas não foi encontrada em lugar nenhum.

Alethea queria muito continuar conversando sobre a caçada a Claudete, mas ficou feliz ao ver Kate entrando no quarto, pois seu estômago roncou assim que sentiu o delicioso aroma da sopa e do pão quentinho. Apesar da dor que ainda sentia, um calor se espalhou pelo seu corpo quando Hartley se levantou e roçou os lábios sobre os seus.

— Volto mais tarde — ele disse — e, se estiver acordada, vou lhe contar todas as novidades sobre a caçada.

Alethea ficou observando ele sair e então sorriu quando Kate se aproximava com um olhar que esbanjava determinação. Apesar de detestar precisar de ajuda até mesmo para aliviar suas necessidades mais básicas, Alethea não reclamou. Todo o embaraço sofrido foi atenuado por um bom banho com sabonete perfumado, uma camisola limpa e lençóis novos na cama. Ela recostou com muito cuidado contra a pilha de travesseiros que Kate tinha ajeitado às suas costas, pois não desejava que seu ferimento chiasse nem um pouquinho sequer.

— Aquele homem passou quase uma hora à sua cabeceira — disse Kate quando começou alimentar Alethea com uma sopa rala, mas muito saborosa.

— Ele é um homem que leva o dever muito a sério — Alethea disse, mas seu coração teve um sobressalto de esperança.

— Bobagem. Ele poderia muito bem ter continuado cuidando do dever se tivesse dado umas passadinhas rápidas por aqui, dado uma olhada em você e depois saído. Mas não, ele vinha e sentava aqui, lia um pouco para você, conversava quando você estava acordada, apesar de, às vezes, você falar coisas sem sentido, e sempre ficava preocupado, com receio de que você estivesse sentindo dor ou que estivesse com febre.

— Você é que não estava preocupada comigo — Alethea resmungou. — Claro, estava muito ocupada bancando a casamenteira para se preocupar. E não tente negar. Como poderia estar preocupada quando o casamento foi fruto de todos os seus esquemas desonestos? Cheguei a pensar que tinha acontecido só uma vez, mas ultimamente percebi que você nunca estava por perto quando ele estava, que fez de tudo para nos deixar a sós.

— E por que eu não estaria preocupada, mesmo assim? Corri o risco de errar. Mas agora estou satisfeita por constatar que estava certa como sempre.

Alethea queria muito continuar discutindo com Kate, mas estava começando a sentir sono novamente. Isso a preocupou, mas Kate assegurou que ela estava melhorando a cada dia, que estava ficando acordada por mais tempo a cada vez que despertava. Enquanto fechava os olhos, Alethea desejou que Hartley estivesse ao seu lado. Eles só tinham dormido juntos algumas noites, mas ela sentia falta do calor e do modo como ele a envolvia em seus braços fortes. O retorno daquele prazer era um bom motivo para se recuperar o quanto antes.

\*\*\*

Hartley seguiu Aldus, Gifford e Argus para fora do pequeno sobrado de Sir Harold Birdwell. Tinha sido fascinante assistir Argus interrogando o homem careca e rechonchudo, mas ouvir o pobre sujeito se condenando a cada palavra dita tinha sido de partir o coração. O barulho de um tiro o fez franzir a testa, apesar de não ter se surpreendido. Afinal, que escolha tinha restado para o velho tolo? Agora eles poderiam usar tudo que Sir Harold tinha contado e assim contornar quaisquer danos eventualmente causados por ele, e a sua família não seria destruída com a pecha da traição. Ele parou e olhou para Argus quando os berros e os gritos iniciaram dentro da casa.

— É melhor voltarmos — disse Argus.

— Como pudemos ser tão tolos? — murmurou Gifford.

— Cheguei à conclusão de que os homens quando chegam à determinada idade podem perder a cabeça — continuou Argus. — Criam coragem de fazer coisas que nunca teriam feito antes, desde partir para uma longa viagem para a Índia ou algum outro país de clima quente que não tenha bom uísque ou arrumar uma amante com a metade da idade deles ou se entregar a noites de jogatina e luxúria. Acho que, ao encararem a própria mortalidade, eles ficam perturbados. O velho Birdwell estava encantado e acreditava que tinha conquistado uma bela jovem. Contanto que ele continuasse dando tudo que ela queria, ela ficaria com ele e não deixaria o seu mastro cansado cair ainda mais.

— Como pode ter certeza de que ele tinha problema de virilidade? — perguntou Hartley, tão relutante em voltar para a casa do homem quanto Argus.

— Geralmente é por isso que homens da idade dele começam andar atrás de jovens bonitas, especialmente aqueles que foram maridos fiéis e pais carinhosos durante os longos anos de casamento. Normalmente essas aventuras extraconjugais acabam estragando o casamento e prejudicando o relacionamento entre pai e filhos, mas raramente acabam em traição e suicídio com uma bala na cabeça. Vamos voltar para lá. Ao menos poderemos garantir que aquela pobre senhora não vai sofrer pelos erros que o marido cometeu.

— Acha que Lady Birdwell sabe disso?

— As mulheres geralmente sabem das conspirações dos maridos.

— Isso é um tanto assustador — murmurou Aldus enquanto abria a porta e entrava, forçando os outros a seguirem.

Enquanto seus amigos e Argus cuidavam dos criados que estavam em estado de histeria, Hartley aproximou-se de Lady Birdwell. Ela tinha, pelos seus cálculos, em torno de cinqüenta e cinco anos, mas ainda era uma mulher muito bem afeiçoada, um pouco robusta, com mais cabelos grisalhos do que castanhos. Sabia se vestir bem e não mostrava muitas marcas do tempo. Ela estava parada na entrada do escritório de Sir Harold, olhando fixamente para o homem caído sobre a escrivaninha, cercado de papéis manchados de sangue coagulado. Não havia nenhum sinal de que estivesse chorando, e ele se perguntou se ela não estava em estado de choque. Hartley tocou no braço dela, e ela se virou para fitá-lo.

— Veja o que o senhor fez! — ela rompeu. — Ele não passava de um velho tolo. Por que não deixou essa história para lá, não o deixou em paz?

— Milady, creio que a senhora sabe exatamente por que ele fez aquilo — Hartley iniciou, vendo nos olhos, agora cheios de lágrimas, da senhora que ela sabia.

— Eu sei. Ele fez por que *ela* enfeitiçou o velho bobo. Homem tolo, muito tolo — ela murmurou, sua voz soou trêmula por causa da dor que ela tentava conter. — Pensei que, se eu simplesmente ignorasse, aquilo iria passar, que era apenas uma necessidade que ele teve de se sentir jovem outra vez. Quem não sente esta necessidade, vez ou outra? Mas então comecei a perceber que havia algo mais, muito mais, e que esse algo poderia nos

destruir. Tentei avisá-lo, mas ele não me escutou. E agora veja como tudo terminou. Vou perder tudo, não apenas o meu marido.

— E por que a senhora deveria perder tudo só por que o seu marido sofreu um acidente enquanto limpava a arma? — Hartley perguntou baixinho, para que a criadagem não ouvisse. Lady Birdwell encarou-o.

— Ninguém vai acreditar nisso.

— Raramente as pessoas acreditam, mas mesmo assim a versão se mantém. Ele já pagou pelos crimes que cometeu. Não há necessidade de a senhora e os seus pagarem também.

Finalmente, ela chorou. Hartley abraçou-a e segurou-a até que ela recuperasse as forças e se afastasse, limpando as lágrimas do rosto. Em seguida, a distinta senhora olhou ao redor e viu os outros homens que a observavam e a movimentação dos seus criados. Após analisar os rostos sóbrios por um momento, ela olhou de volta para Hartley.

— E o que vai acontecer com ela, com a culpada por tudo isso? — ela perguntou. — Meu pobre Harold fez uma bobagem, mas ele não estava sozinho. Ele foi induzido por aquela mulher.

— Nós sabemos — Hartley respondeu. — Estamos trabalhando para entregá-la à justiça. Sinto muito que as coisas tomaram esse rumo e tenham lhe causado tanta dor.

— A culpa não é sua. Harold foi o culpado. Tem algo mais em que possa ajudá-los?

— Permitir que examinemos os papéis dele.

— Não seria melhor que esperassem o corpo ser removido? — Ao mesmo tempo em que ela fazia a pergunta, dois criados chegaram com vários baldes e iniciaram a limpeza. — Preciso ver os meus filhos. Façam como preferirem.

— Lady Birdwell, vou enviar o secretário do seu marido para garantir que qualquer quantia em dinheiro que o seu marido tenha guardado aqui, no banco ou em fundos seja protegida — disse Argus.

— Ela poderia pegar o dinheiro também?

— Ela já fez algo do tipo antes. É preciso guardar tudo em segurança antes que ela fique sabendo que o seu marido morreu. — Argus beijou a mão da senhora. — Sinto muito pela sua dor, milady.

— Não, o senhor não tem do que se desculpar. — Ela suspirou e olhou na direção da escrivaninha onde seu marido tinha colocado um fim à própria vida. — A dor que sinto agora é por aquele homem tolo. Ele traiu o nosso casamento, mas não merecia uma punição como esta. Acho que talvez eu esteja triste agora por não ter mais nenhuma chance para tentarmos recuperar o que perdemos. — Ela olhou para os quatro homens que a observavam. — Na verdade, estou em débito com os senhores, pois isso poderia ter me custado tudo e talvez fizesse com que meus filhos passassem a ser rejeitados pela sociedade, além de ficarem sem nenhum centavo. Boa caçada, meus senhores, e não se esqueçam de me convidar para o enforcamento dela.

Hartley ficou observando a senhora se retirando, dando as costas à limpeza do corpo de um homem que a tinha traído.

— Espero que ninguém se importe por eu ter prometido manter certo sigilo.

— De forma alguma — disse Argus. — A esposa e os filhos não merecem sofrer pelos crimes que não cometeram. Nunca acreditei em tomar tudo que pertencia a um traidor quando isso significa a ruína de toda a família. Esposas e filhos não têm controle sobre as atitudes do chefe da família. Agora, vamos acabar logo com este trabalho desagradável?

Por quase uma hora eles vasculharam entre os papéis de Sir Harold. Hartley separou cuidadosamente algumas coisas que achou que poderiam ajudar e que ao mesmo tempo não incriminavam o homem. Uma rápida passada de olhos nos livros de conta em que Birdwell estava trabalhando quando ele e outros chegaram para a conversa mostrou para Hartley que o homem vinha gastando em profusão com a sua amante, Claudete.

— Ahá! — Sir Argus ergueu um maço de papéis. — Nossa bela víbora comprou uma casa nova para ela com o dinheiro do pobre velho tolo. Isso pode provar por que não encontramos nada de interessante na casa dela.

— Eu não me surpreenderia se ela tiver vários esconderijos — disse Hartley.

— Vamos procurar por este.

Depois de se despedirem solenemente de Lady Birdwell e ouvirem que poderiam retornar quando quisessem para procurar por mais coisas caso fosse necessário, Hartley e os outros entraram na carruagem e seguiram para o último ninho de amor de Sir Harold. Hartley sabia que Birdwell não era uma vítima totalmente inocente; o homem poderia ter resistido à tentação.

Certamente poderia ter se recusado a pagar pelos prazeres com os segredos do seu país. Mesmo assim, era triste que Claudete tivesse comprado um homem bom, feito com que ele se afastasse da sua família, magoado a todos e manchado a própria honra. Ele olhou para seus companheiros e viu que eles também refletiam em silêncio.

— Pelo menos a família não vai sofrer. Depois que a traição viesse a público, não haveria outra saída para ele.

— É verdade — concordou Aldus. — E dessa maneira a viúva não terá que sofrer com o desprezo ou a pobreza. Mesmo assim, ainda é uma questão muito preocupante. Por outro lado, se tivéssemos espiãs frias e espertas como essa vadia, controlaríamos o mundo.

— Pelo menos a ala masculina — resmungou Gifford. — Acho, no entanto, que metade das mulheres do mundo logo acabaria dando um jeito de mandar todas as Claudetes arderem no fogo do inferno. Talvez estejamos agindo com muito cuidado.

— Estamos — disse Hartley —, mas é preciso. Ela pode fugir do país facilmente. Ainda que consigamos descobrir sobre a fuga, ela já poderia estar acenando para nós do deque do primeiro navio que estiver deixando o país. Em meio ao contrabando e à espionagem que ocorre entre nós e a França, existe mais de uma dúzia de barcos entrando e saindo às escondidas dos dois países, dia e noite.

— Eu sei. Só sinto como se tivéssemos colocado, a arma na mão do velho.

— Foi Claudete que o fez, assim como ele. Ele quebrou o juramento que fez diante do altar, como muitos da nossa classe social o fazem, mas isso não justifica o fato de ele ter feito de tudo para agradar a amante e de ter entregado informações importantes para ela.

— Muitos homens bons morreram por isso — disse Argus, revelando em seu tom de voz que não simpatizava muito com Sir Harold. — Sozinhos e no mar, sem uma esposa para limpar e preparar seus corpos e lhes dar um funeral decente. E agora restou o belo ninho de amor que ele deu de presente a Claudete. Duvido que a encontraremos lá.

Quando a carruagem parou e todos desceram, Hartley disse:

— Então vamos esperar que ela tenha fugido com tanta pressa que acabou deixando algo importante e interessante para trás.

Argus apenas resmungou e, sem ao menos bater à porta, entrou na casa sem aviso. A sala estava cheia de criados andando de um lado para o outro, pegando qualquer coisa de valor que restara na casa. Não demorou muito para reunirem todos. Argus ficou encarregado das perguntas, e Aldus, de garantir que todos os objetos de valor fossem retirados das bolsas e dos baús que atulhavam o vestibulo. Hartley e Gifford começaram a busca pela casa.

Pouco tempo depois, eles perceberam que nenhum documento importante tinha sido deixado para trás. Algumas cartas queimadas pela metade somaram mais alguns nomes à lista de pessoas a serem interrogadas, mas eles não encontraram muito mais do que isso. Hartley sorriu ao entrar no quarto que, pelas aparências, tinha sido o escolhido pelos amantes. O cômodo tinha aparência e cheiro de bordel.

— Minha Ellen sentiria arrepios de asco se visse isso — disse Gifford.

— A sua amante tem muito bom gosto, então — disse Hartley enquanto vasculhava entre a desordem da penteadeira. — Exceto pelos amantes que escolhe.

— Quanta gentileza. — Gifford suspirou e começou a procurar por algo na cama. — Por mais horroroso que seja, tudo deve ter custado uma pequena fortuna para Birdwell.

— Ela saiu às pressas — Hartley disse enquanto verificava na bagunça do quarto de vestir. — Duvido que tenha conseguido ir muito longe.

— Como ela pode ter ficado sabendo tão rápido sobre Birdwell?

— Desconfio que deve ter pago a algum criado da casa dele para lhe dar informações. Seja lá quem for o informante, provavelmente correu para cá antes mesmo que a fumaça da arma tivesse se dissipado. Talvez tenha vindo no exato momento em que soube que estávamos interrogando Birdwell. — Ele suspirou ao dar uma última olhada no quarto. — Eu esperava encontrar algumas jóias. Alguma peça de valor que ela roubou do conde e da sua esposa — Bem, ela esqueceu uma peça. Talvez possa ajudar.

Hartley olhou para o brinco de rubi que Gifford segurava e seu coração palpitou. Uma tristeza profunda o abateu quando ele pegou o brinco da mão do amigo. Ele podia ver sua irmã usando o par de gotas de rubi, sorrindo de alegria pelo presente que o marido tinha lhe dado no nascimento do filho deles. Ele apertou a peça na palma da mão e silenciosamente prometeu à sua irmã que iria fazer com que aquela mulher pagasse por tudo que ela tinha feito.

— O brinco era de Margaret — ele disse. — De Lacey presentou-a quando Bayard nasceu.

— Com o testemunho de Germaine de que ela viu Claudete pegando as jóias, isto deverá servir como um prego no caixão daquela vadia.

— Vai ajudar. Mas primeiro temos que apanhá-la.

Já estava quase amanhecendo quando eles mandaram os criados embora e trancaram a casa. Hartley estava exausto quando chegou em casa e subiu para o quarto. Antes de se deitar, ele parou ao lado da cama, olhou para o espaço vazio e então resolveu ir ao quarto de Alethea. Ela acordou assim que ele entrou no quarto. Kate estava dormindo em uma cama de armar no canto, e ele caminhou silenciosamente até a cabeceira.

Ele se abaixou para beijá-la na testa e se deleitou com a paixão e a paz que o preencheu. Após sentar na beirada da cama, ele ergueu o brinco de rubi. Ela olhou para a peça e depois para ele, a noção do que se tratava reluzia nos olhos dela.

— Você quer que eu veja se isso me diz algo? — ela perguntou.

— Não. Em outro momento, talvez, se ainda estivermos com dificuldades para encontrá-la. Eu ainda me lembro muito bem o que lhe aconteceu só de tocar em algo que pertenceu àquela mulher e prefiro que você não tenha de passar por aquilo novamente.

— Isso é a prova de que ela estava naquele dia na praia, não é?

— É, e pode ser o suficiente se conseguirmos pegá-la. Mas quero mais. Quero uma prova de que ela matou Rogers e Peterson, uma prova de que ela

trabalha para os nossos inimigos. Quero que todos os atos sujos que ela cometeu venham a público e que ela seja condenada por todos. Quero que seus aliados sejam enforcados com ela. No entanto, se isso for tudo que tivermos quando a encontrarmos, então o usarei.

— Você vai contar para Germaine?

— Ainda não. — Ele bocejou e então se levantou. — Eu gostaria muito de passar a noite aqui ao seu lado, de entrar embaixo das cobertas e abraçá-la, deixar que a sua doçura lavasse todas as barbaridades que vi nesta noite. — Ele contou sobre Birdwell.

— Pobre mulher. Ficou feliz que você tenha deixado tudo terminar daquela forma. Ela não merece pagar caro pela estupidez do marido. Se viesse à tona o que ele fez, ela iria perder tudo.

— Sim. Só espero que consigamos impedir Claudete de pegar o que restou.

— Venha para a cama, Hartley.

— Não. Você está ferida para ter um homem grande e desajeitado na sua cama. — Ele beijou-a novamente. — Em breve. Durma bem, meu amor.

Ela ficou observando ele sair e soltou um longo suspiro. Aquilo tudo estava sendo muito duro para ele, e ela não podia fazer nada para ajudar. Mas logo tudo iria terminar. Alethea estava determinada a se recuperar o mais breve possível. Precisava estar ao lado dele quando ele falhasse e quando ele finalmente vencesse. Apesar de saber, lá no fundo, que a perseguição prometia ser longa e que o perigo sempre estaria à espreita, ela sabia também

que Hartley ia vencer. Enquanto se acomodava embaixo das cobertas, ela rezou para que a sensação fosse verdadeira, e não apenas um desejo.



## CAPÍTULO XIV

— OH! FORA! FOI FORA!

Alethea riu ao ver Gernaine acenando com a raquete para Bayard, que se esquivou com agilidade e rindo muito. Quatro dos seus primos também estavam no jardim e eles vaiavam e riam enquanto Germaine perseguia Bayard. Dois eram meios-irmãos de Penélope — Artemis, que estava com dezoito anos, e Estefan, que estava com dezesseis, ambos muito mais próximos de serem homens do que meninos. Os outros dois eram os filhos de Argus: Darius, de quinze anos, e Olwen, que tinha apenas onze. Ela sabia que eles estavam vindo apenas para ajudar a proteger Germaine e Bayard, para garantir que haveria olhos atentos a uma ameaça e muitas vozes para gritar por socorro, caso fosse necessário. Havia homens armados por toda parte. Ela sabia também que muitos parentes seus tinham ajudado na caçada ao homem que tinha atirado nela, assim como na busca por Claudete e a irmã. Mas a presença dos meninos também servia para ajudar Bayard e Germaine a recuperar um pouco da infância perdida.

Tudo isso a confortou, mas fez também com que se sentisse como uma prisioneira em seu novo lar. Alethea também sentia muita falta de Hartley. Ele estava passando muito tempo ausente, tentando rastrear os inimigos ou encontrar mais provas que pudessem mandar Claudete e seus aliados para a

prisão. Por dezoito longas noites ela dormira sozinha. O médico tinha tirado os pontos do ferimento somente no dia anterior, e no lugar ficara uma cicatriz feia, mas perfeitamente fechada. Mesmo assim, ela tinha dormido mais uma noite sozinha.

Não importava o quanto dissesse para si mesma que não havia motivos para se preocupar, Alethea não conseguia deixar de indagar se um dia Hartley iria voltar para sua cama. Quem sabe ele não estivesse esperando para ver se ela tinha engravidado. A cada novo motivo que inventava para justificar a ausência do marido na sua cama, mais desanimada ela ficava.

— Pare com isso.

A voz profunda e grave arrancou-a de seus pensamentos melancólicos e, ao erguer os olhos, Alethea se deparou com Artemis encarando-a. Ele parecia um guerreiro desafiador, com os pés afastados e os braços cruzados sobre o peito. Ela ia perguntar o que exatamente ele queria dizer com aquilo e então se lembrou de como Artemis era extremamente empático.

— Desculpa — ela disse, lutando para conter um rubor. — Eu estava apenas pensando.

— Muito alto. Não costumo sentir quando estou entre os nossos. Isso quer dizer que você deve ter baixado seus escudos protetores. — Ele sentou-se ao lado dela. — Sobre o que você estava pensando? Sobre por que o seu marido não está aqui?

Alethea franziu a testa.

— Você não tem o mesmo dom de Modred, tem?

— Deus me livre. Não. Mas não é difícil discernir um tipo de felicidade de outra. Depois de ter presenciado o romance de Radmoor com Penélope, os vários surtos que ela teve, se achando inútil, rejeitada, mal amada e assim por diante — ele acenou no ar com uma mão de dedos longos e elegantes para indicar que o *assim por diante* não tinha fim —, vi semelhanças entre a sua tristeza e a dela.

— Oh! — Dessa vez não deu para controlar o rubor. — Isso não importa. Não passa de bobagem.

— Com certeza é bobagem, a menos que, é claro, você esteja pensando que ele arrumou uma amante, ou três.

— Três? — Artemis apenas arqueou uma sobrancelha, e Alethea resolveu não perguntar mais nada. — Não, Hartley jurou que seria fiel, que acreditava em manter os juramentos feitos no altar. Disse que era por isso que ele nunca tinha se casado antes, apesar de precisar de um herdeiro.

— Ele é um bom homem. Pode ser exatamente por isso que não tenha se casado anos atrás, como tantos outros já teriam feito. É o último da sua linha de sucessão e tudo o mais. Isso pode levar um homem a pegar qualquer uma só para produzir seu tão importante herdeiro. Mas ele precisou ter muita certeza da sua escolha. Pelo menos é assim que a maioria das pessoas razoáveis iria interpretar a situação.

Alethea cruzou os braços e fez uma careta.

— Você é terrível. Estou surpresa que Penélope não dê uma surra diária em você. — Ele riu, e a risada foi tão contagiosa que Alethea riu junto.

— Fique calma, prima — Artemis disse. — Não sofra por antecedência. O homem jurou lealdade e escolheu você acima de todas as outras depois de ter se divertido durante anos. Isto não foi à toa.

— Eu sei. É que somos recém-casados e a minha lua de mel acabou duas noites depois de termos nos casado.

— E você quer que ele a ame como você o ama. — Ele sorriu e beijou-a no rosto quando ela resmungou. — Não fique remoendo isso. Considere as atitudes dele, prima, não o que diz ou não diz. Às vezes, os homens podem ser uns idiotas e nem perceberem que as palavras são necessárias.

Ela ficou observando ele se juntando ao outros e suspirou. Não foi uma grande surpresa que um homem tão jovem já soubesse tanto sobre as emoções e como elas podiam virar e contorcer o coração e a mente de uma pessoa. Ele era um empático e, pelo jeito, muito forte e preciso, uma vez que era capaz de distinguir um tipo de tristeza de outra. Artemis também era surpreendentemente inteligente para a idade que tinha. Ela sabia que devia ouvir tudo que ele dissera, mas achava que não ia conseguir. As emoções eram capazes de causar estragos na sabedoria.

Não, ela não estava precisando de palavras sábias para acalmar seus temores. Ela estava precisando ter Hartley de volta na sua cama, nos seus braços, no seu corpo. Ela estava curada. Apesar da hesitação e dos rubores, o médico tinha entendido a pergunta que ela fizera depois que os pontos foram removidos, e ele declarou que ela estava pronta para retomar as suas obrigações conjugais. Alethea só precisava encontrar um meio para fazer Hartley entender isso.

Hartley estava com vontade de dar um soco em algo ou em alguém. Não fazia muita diferença. Ele queria rolar numa briga de rua, desferindo socos pelos ares. Dezoito dias tinham se passado desde que Alethea tinha sido baleada e que alguém tentara matar a sua sobrinha. E até agora nada. Nenhuma prova, salvo pelo pequeno brinco de rubi. Um nome e um retrato, mas nada de criminoso. Não havia palavras para descrever tal frustração. Eles tinham os desenhos de Alethea e o nome do agressor, mas ninguém admitira conhecer o homem.

Ele estava com Aldus do lado de fora de mais uma taverna vulgar, esperando por Argus. Eles precisavam da sua estranha habilidade para fazer as pessoas falarem. Seja lá onde estivesse o homem que atacou Alethea, o sujeito era muito temido por aqueles que habitavam os covis que ocultavam os criminosos de Londres. Isso Hartley já tinha descoberto. Havia uma possibilidade de que ninguém que estava dentro daquela taverna realmente conhecesse o homem, mas a possibilidade de que ninguém em nenhuma das tavernas que eles já tinham estado já tivesse ouvido falar ou visto o homem era muito pequena.

Para piorar, eles tinham perdido mais dois homens que constavam da lista de amantes de Claudete. Um deles era o jovem Sir John Talbot, que morrera esfaqueado em um bordel, e o outro aparentemente tinha fugido do país. Hartley pensou muito sobre o assassinato, questionou se Claudete tinha descoberto como eles estavam interrogando todos seus amantes e por isso resolveu se livrar deles. Talvez fosse melhor alertar os homens além de interrogá-los.

Mas sua vontade, de fato, era voltar para casa. Estava escurecendo, e Hartley não desejava passar outra noite caçando inimigos. Ele queria passar a noite fazendo amor com sua esposa. Todo seu corpo ansiava por ela. Certamente acabaria despertando no meio da noite e passaria horas lutando contra a vontade de ir para a cama dela ou trazê-la para a sua. Afinal, Alethea já estava recuperada, e ele desconfiava que não fosse agüentar dormir mais uma noite sozinho. Assim como não iria, pensou ao ver dois homens entrando em um bordel do outro lado da rua, passar mais uma noite inteira vagando pelas áreas infestadas de ratos da cidade.

— Acho que precisamos sentar e analisar o que já temos — disse Aldus assim que a carruagem de Argus parou. — Temos trabalhado nisso noite e dia e talvez seja melhor pararmos um pouco para respirar e analisar o que temos.

— Estou de acordo — disse Hartley. — Vamos deixar que Argus fale com os tolos aí dentro e depois vamos para casa. Eu gostaria muito de passar a noite com a minha esposa.

— Ah, os recém-casados — Argus resmungou ao passar por eles e seguir rumo à taverna. — Tanto calor, tanto desejo, tanta vontade de ficar juntos o tempo todo. O amor está no ar. Acho que estou ficando enjoado.

Hartley balançou a cabeça e seguiu o homem com um risinho, Aldus no seu encalço. Depois de encontrarem uma mesa e pedirem uma cerveja, ele ficou observando Argus executando sua mágica. Levou duas horas para conseguirem algo, e mesmo assim não foi nada de grande importância. Até mesmo Argus parecia desapontado.

— Talvez estejamos procurando nos locais errados — Hartley disse enquanto eles deixavam a taverna.

— Por um matador de aluguel? — Argus franziu a testa. — Eles costumam vagar em lugares como este, esperando que alguém muito covarde para fazer o serviço sujo os contrate. E é à uma hora dessas que os matadores disponíveis costumam se reunir. O sol começa se pôr, e os ratos de esgoto começam a sair.

— Aquele homem se vestia melhor e falava melhor do que os freqüentadores daqui. Mas Alethea disse que ele tinha um leve sotaque que levaria alguém a pensar que ele faz parte desta laia mesmo. Ela disse também que ele estava precisando de um banho. — Hartley trocou olhares com os outros dois. — Quem sabe ele não pertence à baixa nobreza ou é alguém que Claudete tenha chantageado para fazer o trabalho para ela?

— Ou alguém que simplesmente gosta de fazer esse tipo de trabalho — murmurou Argus. — Alguém que ocupa uma posição um pouco melhor do que esta ralé. Matar pode ser um negócio muito lucrativo. Ele pode estar tentando subir de vida, por exemplo.

Depois de dizer ao cocheiro que seguisse para a casa de Iago, Argus sentou-se de frente para Hartley e Aldus e, esfregando o queixo, disse:

— Acho que preciso analisar com mais atenção à lista de amantes.

— Você acha que Claudete pode ter encontrado um entre eles que seria capaz de matar por ela. Não vi nenhum Pierre Leon na lista.

— A pessoa que nos disse o nome pode não ter dito o nome correto. Quanto aos amantes dela? É possível. Especialmente se a recompensa fosse

boa. E precisamos levar em consideração a chance de Leon já ter pagado por seu fracasso daquela noite no jardim, e, se este for o caso, ela vai precisar de outro matador.

Hartley amaldiçoou.

— É possível, e isso nos leva a mais uma caçada inútil. Estive pensando se a morte de Sir John Talbot aconteceu exatamente como todos imaginam que foi.

— Você acha que pode ter sido um assassinato encomendado, e não executado no calor do momento?

— Por que não? A mulher prefere que todas as testemunhas ou potenciais testemunhas sejam silenciadas para sempre.

— Bem lembrado. Acho que precisamos parar e analisar tudo que encontramos até agora. — Aldus falou a mesma coisa.

— Se quiser, Aldus, nós dois podemos examinar juntos a lista de amantes para ver se encontramos algo lá. Consegui também um dossiê sobre a família dela. Podemos analisá-lo também.

— Família — Aldus murmurou. — Pierre não consta entre os familiares? Pode ser que tenhamos que tirar o nome dele daquela lista. E quanto a Margarite?

— Duvido que ela seja a assassina — disse Hartley. — Alethea tinha certeza de que era um homem, e o nome do homem que ela desenhava era Pierre.

Aldus considerou as palavras de Hartley com um soco brusco na mão.

— Eu não quis dizer que ela era a assassina, mas, sim, onde ela está? Talvez ela tenha contratado o homem ou providenciado para que Sir John Talbot fosse silenciado. Ela deve estar envolvida nisso tudo, caso contrário não teria desaparecido também.

Argus passou a mão pelo rosto.

— Hartley, vá para casa antes que sua esposa se esqueça da sua cara. Vamos todos ter uma boa refeição e uma boa noite de sono. Depois vamos analisar as poucas pistas que temos. No momento, estamos andando em círculo, e isso está confundindo as nossas mentes.

Hartley não teve nenhuma objeção ao plano e sentiu o coração mais leve quando Argus avisou ao cocheiro que era para parar primeiro na casa de Hartley. Apesar de ansiar muito por encontrar Claudete e o homem que atirara em Alethea, ele estava precisando parar um pouco. Precisava pensar em algo mais que não fosse onde procurar em seguida ou quem interrogar. Ele precisava de Alethea.

Alethea ouviu a porta da biblioteca se abrindo e entrou em pânico. No mesmo instante, ela jogou para trás o livro que estava lendo e olhou na direção da porta. Germaine e Bayard entraram, e Alethea teve que se esforçar para conter o rubor, pois a última coisa que desejava era que os dois soubessem que ela estava lendo um volume muito obsceno que tinha encontrado na biblioteca de Hartley.

— Aqui está você — disse Germaine, sorrindo ao se sentar ao lado de Alethea em uma poltrona estofada.

— Ora, sim! Aqui estou — Alethea respondeu e esperou que seu tom de voz não tivesse denunciado nenhuma pontinha da culpa, do embaraço e do nervosismo que ela sentia. — Está precisando de algo?

— A modista está chegando para tirar as minhas medidas, e eu gostaria de saber se você poderia ficar junto, para opinar e me ajudar a escolher. Não quero que ela faça vestidos muito provocantes. Pode se juntar a nós?

— Não está um pouco tarde para isso?

— Ela prometeu vir depois que fechasse a loja, pois desse modo ela poderia tirar as medidas e em seguida já começar o trabalho. Ela ficou transtornada por eu não ter nenhum vestido.

— Claro. Subirei assim que ela chegar.

— Que será dentro de alguns minutos — disse Bayard enquanto analisava o acervo de livros do tio. — Germaine tem uma estranha noção do verdadeiro significado de daqui a pouco. Normalmente, ela quer dizer neste instante.

Não havia como ela se levantar sem mostrar o que estivera lendo. Alethea endireitou o corpo e fitou Germaine, tentando em vão pensar em uma justificativa do por que ela não estava se levantando para ir e fazer o que tinha acabado de prometer. "Deveria ter trancado a porta", ela pensou desesperada.

Justamente quando Alethea ia dar uma desculpa de por que não poderia ir naquele instante, esperando que não parecesse uma maluquice, Germaine ficou em pé com um salto, pegou-a pela mão e puxou-a para ficar em pé. O livro caiu no assento do canapé com um baque suave. Para Alethea, soou

como o estalo de um trovão. Ela se livrou da mão de Germaine para pegar o livro antes que ela ou Bayard pudessem ver, mas Germaine foi mais rápida. Um rubor foi colorindo gradativamente o rosto de Alethea à medida que Germaine examinava o livro e seus olhos iam arregalando lentamente.

— Olhe só, o que temos aqui? — Germaine disse com um sorriso maroto.

— Garota travessa, devolva isso.

Alethea tentou arrancar o livro das mãos de Germaine, mas a menina se esquivou e correu para o lado do irmão. Seu rubor aumentou ainda mais quando Bayard olhou para o livro e sorriu. E tudo que Alethea queria naquele momento era que um buraco se abrisse sob seus pés e a engolissem inteira. Não havia como explicar aquilo sem parecer ridículo — ou, pior, uma tola apaixonada que estava tão desesperada a ponto de tentar recorrer aos pecados da carne para fazer com que seu marido a amasse.

— Oh, Alethea, você não precisa destas coisas — disse Germaine enquanto se aproximava de Alethea para lhe dar um beijo no rosto vermelho.

— Não? — ela arrancou o livro das mãos de Germaine. — Você não se lembra da fama do seu tio? Um conquistador de muitas mulheres bonitas e experientes. — Ela suspirou. — Achei que eu pudesse aprender algo, mas este livro está repleto de posições que desconfio que o corpo humano não seja capaz de executar. — Ela teve de sorrir quando Bayard começou a rir tanto que acabou se largando sobre uma cadeira.

— Esses livros são escritos somente para divertir homens. Não são manuais de instrução — disse Germaine.

— O que não é manual de instrução?

Alethea passou o livro para trás do corpo e olhou assustada para Hartley. Bastou uma olhada de canto de olhos para ela perceber que Germaine e Bayard não estavam tão desconcertados quanto ela. Na verdade, parecia que os dois estavam era com muita vontade de começar a rir outra vez. Embora ela gostasse de ouvir o som da felicidade, não era nada agradável quando era às suas custas.

— Só estamos falando sobre um livro. — Germaine pegou o sorridente Bayard pela mão e o arrastou para fora da sala. — Se tiver um tempinho, Alethea, eu gostaria muito de ter a sua opinião.

"Escapei", Alethea pensou e começou a andar rumo à porta.

— Claro que sim, já estou indo.

— O quê? Não vai dizer olá para o seu marido?

Hartley segurou-a pelo braço e puxou-a para perto do seu corpo, então chutou a porta da biblioteca, fechando os sobrinhos para fora. Alethea ergueu os olhos para o belo rosto e ouviu as risadas dos sobrinhos ficando distante à medida que eles fugiam. Hartley olhava na direção da porta com uma expressão satisfeita no rosto, e ela soube então que só teria uma chance. Se conseguisse jogar o livro no chão sem fazer muito barulho, ela poderia chutá-lo para debaixo de uma cadeira. Mas seu plano brilhante falhou no mesmo instante. O livro caiu com uma pancada suave, mas seu marido tinha uma ótima audição.

— Você deixou cair o seu livro. Ale... — Hartley fixou o olhar no livro.  
— De onde veio isso?

— Da prateleira do alto, à esquerda, o terceiro livro.

Ele deu uma folheada no livro e se lembrou do volume que pertencera ao seu irmão. O livro estava repleto de ilustrações coloridas de posições sexuais, órgãos masculinos exagerados e uma mulher deitada de costas que parecia sorrir sem se importar com o que estava sendo feito com ela. Em seguida, ele olhou para sua esposa muito corada e lentamente abriu um sorriso.

— Está colocando a leitura em dia?

Ela ruborizou ainda mais e tentou apanhar o livro, mas com a maior facilidade ele ergueu-o fora do alcance dela. Após uma rápida folheada, ele parou em uma página, e por mais ridículo que tivesse achado o desenho, a posição encheu a sua cabeça de idéias. Na verdade, quanto mais olhava, mais ele se via com Alethea na ilustração. Seu corpo estava clamando por ela, ele jogou o livro sobre o canapé e pegou-a pela mão.

— Hartley? — ela indagou baixinho enquanto era levada até a enorme escrivaninha que ficava no canto, fazendo uma pausa apenas para trancar a porta quando ele passou por ela.

— Agora estou intrigado. — Ele ergueu-a e colocou-a sentada sobre o tampo da mesa.

— Oh, não há necessidade, eu só estava curiosa — ela começou.

— Eu também.

Com a boca ele deteve quaisquer outros protestos. Alethea entrelaçou os braços ao redor do pescoço dele enquanto o beijo despertava o desejo que

há tanto tempo esperava por ser satisfeito. Ela ficou tão embriagada com o beijo que não fez nenhum protesto quando ele tirou as delicadas ceroulas francesas que ela estava usando. O modo como ele acariciou as suas pernas deixou-a trêmula de desejo.

Ele abaixou a parte de cima do vestido e refestelou-se com os seios fartos, elevando a paixão dela às alturas. Alethea contraiu-se apenas um momento quando dedos hábeis tocaram no ponto que pulsava entre as suas pernas. Os mesmos dedos ágeis logo fizeram com que ela arqueasse sob a carícia. Hartley deleitou-se com a umidade quente, prova de que ela estava pronta. Ele colocou-a em pé, virou-a de costas e carinhosamente abaixou-a sobre a mesa. Em seguida, ergueu a saia, olhou para o traseiro firme e arredondado e quase arrancou a parte da frente da sua calça na pressa de abri-la. Já fazia muito tempo desde a última vez que ele possuía uma mulher daquela maneira.

Alethea saiu do seu torpor o suficiente apenas para indagar o que Hartley estava fazendo. O ar frio que bateu nas suas costas excitou-a ainda mais. Antes que ela pudesse perguntar o que ele estava planejando fazer, ele o fez, e ela ofegou de prazer e surpresa quando ele a penetrou por trás. Por uma fração de segundo, passou pela sua cabeça que era assim que os animais faziam, e então os dedos longos passaram pelo lado para acariciar seu púbis enquanto o membro rijo entrava e saía. Alethea segurou nas extremidades da mesa para se firmar e se esqueceu por completo se era ou não decente para uma esposa permitir que o marido fizesse amor com ela daquela maneira.

Foi rude e rápido. Hartley sentiu o corpo dela contraindo ao redor do seu, sentiu as ondas de prazer dela refletindo no seu corpo e teve de morder o

lábio inferior para não gemer quando o clímax perpassou todo seu corpo. Só depois de largado sobre as costas da sua esposa ofegante que ele foi pensar que talvez ela pudesse não gostar de ser tratada daquela maneira. As mulheres costumavam ter suas próprias idéias sobre o que era um comportamento aceitável entre um homem e sua esposa. Tomá-la por trás, com ela esparramada sobre a escrivaninha da sua biblioteca, provavelmente não era um dos modos aceitáveis. Cuidadosamente ele se retirou e abaixou a saia. Preparando-se para uma demonstração de horror e desgosto feminino, ele virou-a de frente e fitou-a. Ela removeu os cabelos do rosto e sorriu, para alívio de Hartley.

— O olá foi bom o bastante? — ela indagou.

Hartley riu e apanhou a delicada ceroula de rendas. Justamente quando estava prestes a se oferecer para ajudá-la se vestir, ouviram uma batida à porta. Ele sorriu ainda mais quando Alethea ficou vermelha e escondeu a ceroula atrás das costas.

— Milorde? — chamou Cobb. — Lorde Covington pede para vê-lo imediatamente.

Murmurando um xingamento, Hartley começou caminhar em direção à porta. Um leve farfalhar indicou que a sua esposa já tinha conseguido vestir o pouco de roupa que ele tinha conseguido tirar. Lentamente, ele destrancou a porta para dar tempo a ela de se recompor e então abriu para ralar com Cobb.

— Ele disse o que desejava falar de tão urgente? — perguntou.

— O lorde disse que eles tiveram notícia de um tal de Pierre Leon.

— Diga que estou indo daqui a alguns minutos.

Hartley virou-se para olhar a esposa. Ela estava tentando ajeitar os cabelos e parecia encabulada. Ele queria ficar com ela. Queria levá-la para a cama e tentar mais algumas daquelas posições do livro, pelos menos aquelas que pareciam que podiam ser feitas sem que eles se machucassem.

— Eu pretendia passar a noite aqui — ele disse. Alethea avançou e beijou-o nos lábios.

— Isso vai acabar logo.

Ele abraçou-a apertado e recostou o queixo sobre a cabeça dela. — Você presente isso?

— Não, só tenho certeza. Isso vai acabar logo. Vá e veja o que ele quer. Vou subir para não deixar que a modista se esqueça de que Germaine é uma jovem dama que nem foi apresentada à sociedade ainda.

Ele riu baixinho, beijou-a e saiu apressado para ver o que Aldus queria. Alethea suspirou e foi guardar o livro de volta no seu lugar. Quando Hartley chegou, ela imaginou que eles tinham pela frente uma tarde e uma noite inteira juntos. Mas, em vez disso, tinha sido apenas um curto espaço de tempo, que certamente tinha sido muito bem aproveitado. Hartley ainda a desejava, e isso bastava por enquanto.

Da próxima vez que ele estivesse em casa, ela iria seduzi-lo. Nos últimos dias ele não fazia nada além de procurar por Claudete e buscar provas dos crimes que ela cometera. Já estava na hora de ele tirar uma noite de folga daquilo. E ela pretendia fazer com que essa noite fosse longa e prazerosa. E se

fosse preciso falar com todos os companheiros dele para conseguir que ele tirasse a noite de folga, ela o faria, por mais embaraçoso que pudesse ser.

Alethea subiu correndo para o quarto onde a modista estava fazendo as alterações finais do guarda-roupa de Germaine. Ainda havia tempo para ela dar alguns palpites. Alethea deu um passo dentro do quarto, olhou para Germaine, que estava em pé parada enquanto a modista alfinetava um delicado vestido verde e quase ofegou. Sua presença definitivamente era necessária, ela pensou enquanto marchava adiante e exigia uma explicação para o que tinha acontecido com o corpete do vestido.

\*\*\*

Hartley sorriu ao ver o que tinha restado de Pierre Leon. Foi difícil e demorou um bom tempo para constatar que ele tinha morrido depois de ter tido a garganta cortada. Garotos de rua tinham encontrado o corpo, mas não tinha sido antes dos peixes.

— Não acredito que abri mão de uma noite com Alethea por isso — ele murmurou. Argus resmungou ao levantar depois de ter tentado encontrar algo no corpo.

— Os bolsos foram esvaziados. — Ele olhou para o homem rude que alegava ter descoberto o corpo. — Os bolsos estavam vazios quando você encontrou o corpo?

Hartley ia dizer que um homem como aquele certamente iria limpar os bolsos de Pierre assim que eles se fossem e que pegaria as roupas também,

mas então percebeu que os olhos do homem pareciam vidrados. Argus arrancaria a verdade do sujeito.

— Tinha algum dinheiro e papéis — o homem respondeu.

— Onde estão os papéis?

— Aqui. — O homem tirou um embrulho feito de oleado do seu casaco remendado. — Pensei que pudessem valer alguma coisa, estavam tão bem embrulhados.

— Sim, eles valem muito, mas não para você.

No momento em que Argus cortou o contato visual com o homem, ele piscou e então olhou para o pacote que Argus segurava.

— Como você conseguiu pegar isso?

— Foi você mesmo que o deu para mim. — Argus deu um pouco de dinheiro para o homem. — Faça o que quiser com o corpo. Não temos interesse nele.

— Você acha que Claudete mandou matá-lo? — perguntou Hartley enquanto eles caminhavam de volta para a carruagem.

— Se foi, ela pode ter cometido um grave erro. Aquele tolo tinha razão quando disse que um homem não embrulha papéis com tanto cuidado a menos que sejam importantes. Vamos ter que analisar isto com muita atenção.

Hartley olhou para o pacote grosso e suspirou. Nada de passar uma longa noite ardente com Alethea. Ele ia ter sorte se conseguisse voltar para casa antes do dia amanhecer.



## CAPÍTULO XV

— MARGARITE TINHA UM GOSTO MUITO PARECIDO COM O DA IRMÃ —  
GIFFORD disse ao entrarem no sobrado da mulher e olharem ao redor.

Hartley teve que concordar. Eles tinham adiado a busca na casa de Margarite, pois ela ainda continuava sendo um alvo fácil de seguir. Eles não iriam ganhar nada em alarmá-la com a investigação e agitar seu pequeno núcleo de amantes poderosos. Pelo que tinham visto durante todo o tempo em que observaram o comportamento das irmãs, Margarite era a seguidora, a aliada. Ele não tinha dúvidas de que ela era a irmã que Chloe tinha se referido quando falara que uma das irmãs era mais fraca. Infelizmente, tudo que eles tinham até o momento era um guarda morto que vigiava a casa para eles e nada de Margarite. Não tinham nem ao menos uma prova de que Margarite tinha algum envolvimento com a morte do guarda.

Argus contraiu as sobrancelhas.

— Elas sabem como conseguir dinheiro, mas não sabem como gastá-lo bem. Mais alguns quartos e a casa poderia ser considerada um verdadeiro prostíbulo.

Hartley foi obrigado a concordar. Para duas mulheres que tinham conseguido conquistar sozinhas uma posição nos restritos escalões da alta

sociedade, o gosto das duas para móveis era terrível. O que ele notou, no entanto, é que a casa não tinha sido roubada pelos criados.

— Ou Margarite pagava bem seus criados — ele disse — ou ela mandou todos embora antes de fugir.

— Eu diria que ela esperou todos irem embora antes de fugir — disse Aldus, abrindo as portas. — Um proprietário foge na calada da noite quando está endividado ou com alguma pendência com a lei. Neste caso, os criados sempre apanham o que bem entendem antes de irem embora. A maioria o faz por que foi maltratada ou por não ter recebido nada. Algo me diz que esta mulher não era do tipo que tratava bem seus criados.

— Então ela está pensando que um dia poderá retornar.

— Possivelmente. — Argus passou os dedos sobre uma mesa próxima à porta de uma sala decorada nos mais variados tons de azul e olhou para a poeira que ficou na ponta dos seus dedos. — Ela mandou os criados embora antes de fugir e se esconder. Ninguém limpa aqui há dias, e não vejo sinais da mulher que todos você descreveram como alguém que exigiria o máximo de zelo dos criados.

— E eu desconfio que ela aproveitou o tempo para se livrar de qualquer coisa que pudesse incriminá-la. — Hartley chutou a poltrona espalhafatosa antes de se sentar. — Elas ainda não fugiram do país. No momento, Margarite não precisa, apesar de ser muito mais sensato para ela tentar ficar o mais longe possível da irmã. Aqueles papéis que encontramos podem ser úteis, mas eles estão em código. Levará tempo para decodificá-los. Mais dois amantes de

Claudete foram atacados. Ambos vão sobreviver, mas um deles talvez nunca mais volte a andar. Elas estão limpando os rastros que deixaram para trás.

— E estão fazendo um bom trabalho. Temos uma lista dos amantes de Margarite? — perguntou Argus enquanto examinava as gavetas de uma pequena escrivaninha que ficava no canto da sala.

— Sim, e o nome de Iago figura entre eles. — Ele meneou a cabeça quando Argus olhou para ele com um ar de surpresa e espanto. — Ele teve um caso passageiro com a mulher. Como ele mesmo declarou, depois que o desejo cego foi satisfeito ele não suportou mais tocá-la. Disse algo sobre sentir que ela era fria e sombria. Que tinha alma de uma assassina e sangue-frio. Acho melhor você falar com ele. Provavelmente entenderá melhor do que eu.

— Isso pode acabar se complicando se um dia conseguirmos apanhar a mulher e ela for julgada e condenada.

— Creio que não. Ele não passa de um peixe pequeno num lago imenso. Além do mais, Iago não tem ligação com nenhum ramo do governo ou acesso a nenhuma informação. Acho que ele era apenas um jovem bonito que ela decidiu conquistar. Ou talvez ela simplesmente estivesse à procura de um novo marido.

— Deus me livre.

— Como vamos nos dividir na busca, então? — Hartley perguntou ao se levantar.

— Não é necessário que você permaneça aqui conosco desta vez. Acho que vamos sair de mãos abanando.

Hartley abriu a boca para insistir em cumprir com a sua parte e então pensou em Alethea. Há dias ele não conseguia chegar em casa antes do amanhecer e sempre estava tão cansado que tudo que conseguia fazer era dar um beijo nela e cair dormindo ao seu lado. Quando despertava, ela já tinha se levantado, e Argus e os outros já estavam esperando por ele. Eles eram recém-casados, e ele queria agir de acordo ao menos por um dia.

— Tem certeza? — ele perguntou.

— Toda. Logo Iago se juntará a nós. — Argus olhou ao redor. — Só de pensar nele com aquela mulher nesta casa, fazendo... — Ele deu de ombros de um modo exagerado, e então olhou de volta para Hartley. — O que está fazendo aqui ainda? Vá passar um tempo com a sua esposa e aquelas crianças.

Hartley não hesitou por um segundo sequer.

— Não me procurem a menos que tenham encontrado algo — ele disse enquanto apanhava o casaco e saía.

Hartley entregou as rédeas do seu cavalo para o rapaz do estábulo e entrou quase correndo em casa. Sabia que deveria se sentir culpado por ter deixado os outros para fazerem o entediante trabalho de vasculhar a casa de Margarite, mas ele não se sentia. Fazia apenas três semanas que tinha se casado e tinha dormido apenas três noites com a sua esposa. Ele não contara a noite anterior, uma vez que tinha sido curta e ele só tinha dormido mesmo. Nesta noite, ele tinha a intenção de ter uma longa e exuberante noite fazendo amor com Alethea. Estava até considerando a idéia de começar a noite naquele momento mesmo, mas acabou chegando à conclusão de que não era

uma boa hora e, além disso, ele precisava passar algum tempo com Germaine e Bayard.

Com o espírito enlevado, ele saiu à procura da esposa. Encontrou-a na sala de estar, mas a cena que viu não o animou nem um pouco. Ela estava de braços dados com outro homem. Hartley ficou cego de raiva, e, com os punhos cerrados, avançou um passo na direção do casal, mas foi detido por uma mão firme que o segurou pelo braço. Ele olhou para a mulher que o impediu de derrubar com um soco o intruso.

— Eu ficaria grata se o senhor não matasse o duque — a mulher disse.

— O duque? — Hartley franziu a testa. — Que duque?

— O Duque de Elderwood.

Ainda demorou alguns segundos para que a ira que obscurecia sua mente esvaecesse o suficiente para que ele pudesse reconhecer o nome.

— Modred. O primo dela. E a senhora é?

— Olímpia Wherlocke, outra prima.

Hartley respirou fundo, tentando recuperar a calma, e inclinou a cabeça para a mulher, num cumprimento. Ela era alta, voluptuosa e muito bela. Lady Wherlocke era do tipo de mulher que ele teria tentado seduzir nos seus dias de conquistador. Com seus cabelos negros como a noite e olhos de um tom de azul profundo, ela era capaz de despertar o interesse de qualquer homem. Mas, em vez disso, todos seus pensamentos estavam voltados para sua esposa, que nem tinha notado sua presença ainda.

— Modred — Olímpia chamou. — Venha conhecer o marido de Alethea.

Alethea olhou por cima do ombro de Modred, viu Hartley e sorriu. Em seguida, deu um beijinho no rosto do primo e então veio correndo receber Hartley. Ele pareceu um pouco duro quando ela entrelaçou os braços ao redor da cintura dele, e ela perguntou-se o que o estaria incomodando. Mas então Modred avançou um passo para se apresentar. Ela observou atenta enquanto Modred e Hartley diziam seus nomes e se inclinavam num cumprimento formal. Não havia nenhum sinal no rosto do seu primo que indicasse algo enquanto ele permaneceu a apenas alguns passos de distância do seu marido, e Alethea respirou aliviada. Ela temia que Modred pudesse ver dentro da mente de Hartley com facilidade, e então eles não seriam mais tão reconfortantes para o duque.

— Bons escudos? — ela perguntou ao primo.

— Excelentes — Modred respondeu, sorrindo.

Hartley olhou para o jovem que sorria para ele. O duque era extraordinariamente belo, com cabelos pretos e espessos e olhos verdes da cor do mar. Quando lhe contaram o quanto Alethea era apegada ao primo, ele não tinha considerado a possibilidade de que o recluso duque pudesse ser o tipo de homem capaz de conquistar qualquer mulher que ele quisesse com apenas um sorriso. Hartley voltou os olhos para a sua sorridente esposa e tentou não sentir ciúme. Afinal, o homem fazia parte da família.

— O que você quer dizer com bons escudos? — ele perguntou.

— Que o senhor possui muros muito fortes, milorde — Modred respondeu. — Não sinto nada vindo do senhor, exceto por uma pontinha de irritação. Mas é algo tão vago, no entanto, que posso muito bem estar, na verdade, percebendo em seu próprio rosto. Chegamos num momento inoportuno? Podemos ir embora e ficarmos na Toca se o senhor não puder nos hospedar desta vez.

— Não, claro que não. O senhor e Lady Wherlocke são bem-vindos para ficarem, Vossa Alteza.

— Por favor, pode me chamar de Modred. Afinal, somos da família.

— Claro, e você pode me chamar de Hartley. — Ele olhou para a Olímpia.

— E o senhor pode me chamar de Lady Wherlocke — ela disse com orgulho e então riu quando Alethea e Modred zombaram. — Pode me chamar de Olímpia, por favor, Hartley.

Assim que Hartley cuidou para que seus hóspedes fossem encaminhados aos seus quartos, ele arrastou a sua esposa para o pequeno escritório e trancou a porta. — Você não me contou que seu primo, o duque, era um jovem bonito.

— O que isso importa? — Alethea perguntou.

— Importou quando cheguei em casa e a vi abraçada com ele.

Ela conteve uma risada. Hartley estava com ciúme. Ela sentiu vontade de sair dançando pela sala diante do sinal de que ele estava começando a gostar dela mais do que prometera quando a pedira em casamento.

— Hartley, são poucas as pessoas que Modred pode tocar. Ele... Bem, apenas imagine se você tivesse de tomar cuidado com todo mundo, sempre usar luvas e nunca perder o controle. Somente em família ele pode saciar a necessidade que todo mundo tem de tocar em alguém, de abraçar quem você gosta.

Ele sorriu e puxou-a para seus braços.

— Talvez ele pudesse demonstrar um pouco menos de entusiasmo com a minha esposa até que eu me acostume com ele.

Ela riu e beijou-o. Quando ele a abraçou apertado novamente e retribuiu o beijo com um desejo que rapidamente se espalhou por ela também, Alethea deixou escapar um gemido suave. Ele deslizou as mãos ao longo das costas e parou sobre o traseiro firme. Ela se encaixou ao corpo que a envolvia, e ele pressionou-se contra ela, ansiando por penetrá-la.

— Tio? O senhor está aí? — Germaine chamou, batendo à porta.

Hartley rosnou e pressionou a testa contra a de Alethea enquanto lutava para conter os tentáculos do desejo que se agitavam dentro do seu corpo.

— Sim, já vou atender.

— Estarei na sala com Modred e Olímpia.

Ele olhou para Alethea e suspirou ao ver o nevoeiro de desejo dissipando dos olhos dela.

— Quando tudo isso terminar, vamos para longe, só nós dois, e teremos uma lua de mel.

— Eu adoraria — ela disse e afastou-se para ajeitar o vestido. — Mas, por enquanto, posso ver que a vida invade e acho melhor voltarmos para ela.

Assoviano baixinho, Alethea ajeitou as flores que ela tinha colocado sobre a mesa próxima à lareira. Ela tinha dado uma fugidinha dos outros para que assim pudesse preparar o seu quarto. Tinha sido uma tarde muito agradável, com vários parentes que tinham dado uma passadinha para visitar Modred, mas as visitas finalmente tinham cessado, e logo ela e Hartley poderiam ficar a sós. E ela queria deixar o quarto pronto para uma noite de amor com o seu marido.

— Bem, pelo visto você está muito contente.

Alethea olhou por cima do ombro e sorriu para Olímpia, que estava parada junto à porta entreaberta. Ela tinha sentido Olímpia medindo e julgando Hartley a noite toda, mas não se preocupara. Hartley tinha tudo que era necessário para conquistar a aprovação cética de Olímpia, apesar de ela saber que a prima ainda iria demorar a admitir isso.

— Sim, estou muito feliz. Você estava preocupada? — ela perguntou enquanto guardava algumas velas dentro do pequeno baú que ficava próximo à cama.

— Bem, o seu primeiro marido era um desastre.

— Ele era, mas Hartley não se parece em nada com Channing. Hartley tem todas as emoções que faltavam em Channing — ele só não percebeu isso ainda.

— Você o ama.

— Sim, amo. Muito. Não é bom uma esposa amar o marido? Alethea suspirou e sentou-se na beirada da cama.

— Ele gosta de mim e confia em mim. Isso pode não parecer muito, mas para mim é. Ele também me aceita do jeito que sou. E aceita a minha família também.

Olímpia sentou-se ao lado dela.

— Tudo isso é muito bom, não há o que discutir. Ele parece gostar de Modred. Isso não é pouco também. Também é bom o fato de Modred dizer que Hartley, o sobrinho e a sobrinha dele possuem muros fortes. Ele está lá embaixo agora se divertindo, e isso alegra meu coração. Apesar de que ele quase foi atirado janela afora quando seu marido chegou em casa.

— Eu sei. Hartley ficou com ciúme. —Alethea sorriu. —Vejo isso como um progresso.

— Para conquistar o coração dele?

— Sim. E o prêmio que busco é ser amada como o amo. Você acha que é pedir muito?

— De forma alguma. Tenho certeza de que em breve você conquistará o que tanto deseja.

— Você viu isso? — Alethea não conseguiu deixar de transparecer na voz todas as esperanças que tinha.

— Algo parecido. Não confio totalmente no que vejo quando diz respeito a alguém da família, especialmente com quem tenho mais afinidade.

— Porque poderia ser uma criação ilusória de algo que desejaria que fosse realidade.

— Exatamente. Mesmo assim, não vejo nuvens no seu horizonte. Não com relação à Hartley, de qualquer maneira.

— Ótimo. Isso já é o suficiente para mim, por enquanto. Olímpia beijou-a no rosto.

— É melhor eu retomar o caminho para o meu quarto para que você possa terminar de arrumar o palco para a sedução. Amanhã podemos discutir sobre os seus problemas.

Alethea abraçou a prima e, assim que a mulher se retirou, ela correu para tomar um banho. Queria estar limpa e perfumada quando Hartley finalmente se juntasse a ela.

Hartley recolheu as cartas e sorriu para Modred. Eles eram os únicos que ainda estavam acordados, e Hartley estava louco para ir para a cama o mais rápido possível. Seu ciúme foi diminuindo a cada hora que passava na companhia do duque. Modred Wherlocke era um homem bom, que carregava um fardo pesado, e não apenas pelo seu dom, que era mais uma maldição do que qualquer outra coisa. Ele era o chefe de uma grande família um tanto excêntrica e repleta de membros com os mais diversos dons, e muitos destes tinham dado uma passadinha para darem as boas-vindas a ele em Londres.

— Nosso jogo foi muito divertido, Modred, mas pretendo me juntar à minha esposa. — Ele ocultou a surpresa quando percebeu que o rapaz estava ruborizado.

— Você será bom para ela, não será? — Modred perguntou.

— Sempre.

Modred sorriu.

— Eu esperava conseguir ler sua mente para me assegurar disso, mas você, Germaine e Bayard têm muros muito fortes. Só queria ter feito isso porque Alethea precisa de alguém que cuide dela. Os irmãos dela o fazem, mas raramente eles estão em casa. Ela precisa de um lar, um lar de verdade, não somente de um teto sobre sua cabeça.

— Ela tem um. Tem também alguém que se importa com ela. Não tema pelo coração dela, pois não tenho intenção de magoá-la. Assim que esses problemas que estão nos incomodando acabarem, pretendo dedicar-me totalmente ao meu casamento.

— Justo. Quanto aos problemas sobre os quais foi falado nesta noite, você precisa permitir que eu o ajude.

— Essas mulheres com quem estamos lidando são muito malvadas, Modred. Se elas não tiverem bons escudos protetores, você acabará exposto a muita crueldade.

— Não importa. Preciso ajudar. Não apenas por uma questão de obrigação, por ser o chefe da família, mas pela amizade que tenho por Alethea.

— Faça como desejar, mas não se sinta obrigado a continuar se as coisas se tornarem muito difíceis de suportar. A sua obrigação não requer que você

se torture. Agora, tenha uma boa noite. A sua companhia é muito agradável, meu amigo, mas quero a minha esposa.

Com isso ele se foi, seguido pela risada suave de Modred. Hartley quase sentiu pena do duque, não fosse pela grande família solidária e amorosa que ele tinha. Mas apesar de ser o líder de uma família imensa, de ser um duque, jovem, rico e lindo, Hartley não precisava de nenhum dom especial para saber que o homem era sozinho e, pior, solitário.

Ele ainda estava pensando sobre a situação de Modred quando entrou no quarto de vestir, que ficava entre os dois quartos de dormir que ele e Alethea estavam usando enquanto ela se recuperava do tiro. Dispensou seu criado pessoal, Dennison. Em breve, eles teriam apenas um quarto, ele decidiu enquanto tirava as roupas e se lavava. Vestindo o robe, ele rumou para o quarto que Alethea estava usando.

Todos os pensamentos sobre Modred expiraram no momento em que ele entrou no quarto onde sua esposa o esperava. Um perfume suave de flores silvestres e especiarias tomava conta do ar. Seus olhos passaram pelas flores e as velas que enchiam o quarto e então pousaram em Alethea. Ela estava sentada de pernas cruzadas sobre a cama, trajando o que ele supôs ser um penhoar, embora a peça pouco cobrisse ou aquecesse. Era possível ver a sombra dos mamilos através da renda, e seu corpo reagiu no mesmo instante.

A visão daqueles cabelos maravilhosos descendo até a cintura e o modo como suas ondas espessas brigavam para ocultar tudo que o traje ousado expunha só serviu para aumentar ainda mais o seu desejo por ela.

— Isto tudo precisou de planejamento — ele disse ao se aproximar da cama depois de trancar a porta.

— Um pouco — ela respondeu. — Mas não muito.

— *Você* pediu para Argus me mandar para casa. — A sua suposição confirmou-se pelo modo como ela corou, e ele suspirou de modo dramático. — Estou condenado a ficar sob a pata do gato, então?

Mas o receio de que ele tivesse se aborrecido com a sua interferência desapareceu, levado pelo jeito brincalhão dele, e ela riu aliviada.

— Apenas lembrei Argus de que somos recém-casados e pedi por uma noite.

— Não funcionou comigo quando tentei.

— Ah, mas você não é a pobre e esquecida esposa, que por acaso é prima dele.

— Danadinha. — Ele avançou para fazer um afago nos cabelos sedosos. — E assim você planejou uma sedução, é isso?

— Tentei.

— Digo que se saiu muito bem. Claro que isto tudo não era necessário. Basta você sorrir para mim e não tenho como escapar.

— Oh. — Alethea conteve a vontade de bater palmas e suspirar diante do elogio. — É gentileza sua. — No mesmo instante se arrependeu por ter dito algo tão dissimulado.

Hartley beijou-a na testa enquanto continuava acariciando os cabelos. A sua esposa, ele concluiu, não tinha certeza do desejo que ele sentia por ela.

Não sabia do poder de atração que ela era capaz de exercer em qualquer homem, e ele desconfiava que a culpa fosse do falecido marido. Mas sua intenção era fazer com que não restasse mais nenhuma dúvida no momento em que eles caíssem suados, exaustos e satisfeitos. Era seu dever como marido, ele pensou com um sorriso contra os cabelos enquanto se aninhava entres os fios perfumados.

A missão prometia ser árdua e prolongada. Seu desejo por ela ainda era uma novidade, algo muito forte e poderoso, e o tempo que tinham ficado juntos ainda era muito pouco para domar a voracidade. Hartley estava determinado, porém, a fazer amor lentamente, a mostrar-lhe com as mãos, os lábios e o corpo que havia muito mais do que uma atração entre eles.

Ele se afastou e desamarrou o robe, deixando que a peça escorregasse até o chão. O modo como ela olhou-o por inteiro, com os olhos arregalados em fascínio, poderia ter feito dele um homem muito convencido. Então, lentamente ela umedeceu os lábios, e ele sentiu um aperto por dentro de tanto desejo.

Na esperança de se conter para não jogá-la de costas e se lançar como se ela fosse uma jovem inexperiente, Hartley começou a desamarrar bem devagar as fitas que prendiam o sedutor penhoar. Ele percebeu a respiração dela se tornando ofegante a cada pedacinho que ia expondo aos seus olhos sedentos daquela adorável pele. O modo como o desejo que sentiam um pelo outro se equiparou foi um afrodisíaco. Ele tinha se deitado com belas mulheres, mas nunca o simples ato de ficar nu diante de uma delas o tinha excitado tanto. Com certeza a reação estava totalmente relacionada ao objetivo final.

— Linda — ele sussurrou ao se inclinar para frente e beijar a ponta enrijecida de um dos seus seios.

Alethea estremeceu e fechou os olhos enquanto o prazer varria seu corpo. Quando Hartley ergueu-a e deitou-a sobre a cama, ela abriu os braços para recebê-lo. O tempo que ele levou para remover o penhoar por completo foi muito longo, e ela suspirou de satisfação quando o corpo forte finalmente se acomodou sobre o seu. Ela achava que não existia nada melhor do que a sensação de sentir a pele dele tocando a sua.

Ele beijou-a, e ela o envolveu em seus braços enquanto suas línguas dançavam uma com a outra. As deliciosas nuvens do desejo rapidamente tomaram conta da sua mente, e ela arqueou o corpo num pedido mudo. Mas a mão de Hartley que estava sobre um lado dos quadris deteve-a, e ela murmurou um protesto.

— Você não vai me apressar nesta noite, meu amor — ele disse. — Pretendo saborear você por inteira. — Ele desceu, traçando uma linha de beijos até os seios. — Cada pedacinho seu.

Hartley cumpriu com a palavra, e quando finalmente terminou de se divertir com os seios, ela estava arfando. Em vez de atender à necessidade dela, ele começou a descer pelo corpo delicado, até aquecer o ventre macio com o calor da sua boca. Quando ele deslizou a mão entre as pernas de Alethea, ela nem sequer recuou. Pelo contrário, abriu-se para a carícia e não conseguiu conter os gritinhos suaves e murmúrios que escapavam enquanto ele elevava seu prazer às alturas. Mas somente quando a boca tocou no local

exato onde os dedos há pouco brincavam foi que Alethea colocou em xeque seu prazer.

— Hartley? — Ela nem se surpreendeu quando o nome escapou num gritinho agudo, pois estava chocada diante de tamanha intimidade.

— Calma, meu amor. — Ele deu mordidinhas na parte interna da coxa quando ela tentou fechar as pernas e logo em seguida aliviou a pele com lambidinhas suaves. — Fique parada e aproveite.

Alethea não sabia como alguém poderia aproveitar algo tão escandalosamente íntimo. Mas o pensamento mal tinha passado pela sua mente quando o desejo voltou numa onda quente. Rapidamente, ela se esqueceu da vergonha e do desconforto e aproveitou as sensações que os beijos íntimos despertavam. Quando a sua excitação se resumiu a um nó no baixo ventre, ela gritou por ele, puxou-os pelos cabelos na ânsia de tentar trazê-lo de volta aos seus braços, mas ele a ignorou, empurrando suas mãos para o lado. E com leve pancadas com a língua ele a levou à beira do precipício do desejo.

Ela mal tinha retomado os sentidos quando ele começou tudo novamente. Desta vez, ela gritou para que ele se juntasse a ela. Ele uniu seus corpos numa estocada firme e rápida. Alethea se agarrou ao corpo másculo enquanto ele conduzia ambos ao clímax com uma determinação firme. Ele ouviu seu nome escapando dos lábios dela ao mesmo tempo em que se afundava no poço profundo de felicidade.

Alethea só recuperou os sentidos quando Hartley já estava deitado novamente, após ter limpado seus corpos. Suas bochechas formigavam com um rubor profundo enquanto ela se lembrava de tudo que ele tinha feito.

Mas o rubor esvaeceu assim que ele sorriu enquanto a envolvia num abraço forte.

— Não se preocupe tanto com o que é certo ou errado entre quatro paredes, Alethea — ele disse e beijou-a no alto da cabeça.

— Para você é fácil falar — ela murmurou contra o peitoral musculoso.

— E para você é fácil fazer. — Ele a segurou pelo queixo e trouxe o rosto na sua direção. — Você é linda por inteiro, e pretendo saborear toda essa beleza em todas as oportunidades que eu tiver. — Ele beijou o rosto delicado, e quase sentiu o calor do rubor que voltava. — Fale a verdade. Você tem coragem de dizer que não gostou?

— Acho que nem era preciso perguntar. Estou surpresa que ninguém tenha vindo bater na nossa porta para saber o motivo dos meus gritos. — Ela sorriu quando ele riu, e o último resquício de timidez se foi.

Alethea aconchegou-se, desfrutando do modo como o calor e a força dele refletiam no seu corpo. Logo ele estaria de volta à caça a Claudete até o dia amanhecer, e ela retomaria as suas noites solitárias. Por isso, ela não queria desperdiçar nenhum segundo desse tempo juntos. Não queria nem mesmo pensar em Claudete, espiões, assassinos e intrigas, mas havia uma pergunta que ninguém tinha respondido ainda.

— Por que Margarite esperou tanto para fugir? — ela perguntou. — Você acha que ela estava esperando que toda a culpa e punição recaíssem apenas sobre a irmã?

— Não, acho que ela pensou que poderia passar ilesa pela tempestade e depois oferecer um abrigo para Claudete. Na verdade, não aconteceu nada que a obrigou a fugir. Estávamos de olho nela. Ela estava começando a ser excluída das rodas sociais, assim como Claudete, mas estávamos atrás de Claudete. Margarite não convidou tantos homens importantes para sua cama. Aqueles com quem falamos não acreditavam que ela tivesse aspiração para ser uma espiã como a irmã. Argus acha que ela não tinha talento para isso. O que os amantes ricos poderiam lhe dar era muito mais interessante do que informações. — Ele massageou os ombros de Alethea. — Vamos apanhá-las. Claudete pode ser a pior da dupla, mas Margarite não é de todo inocente.

Alethea assentiu com a cabeça. Sua bochecha roçou contra a pele quente e firme do peito dele. Subitamente ela se lembrou das coisas escandalosas que ele tinha acabado de fazer. Se ele realmente acreditava que não havia nada com que se envergonhar, então por que ele não poderia se divertir um pouco também? Ela baixou os olhos para o membro que repousava calmamente no ninho de pelos cacheados entre as coxas fortes. Só de vê-lo ereto e apontando de modo atrevido ela sentia um desejo por Hartley que já era o suficiente para aquecer seu sangue. Não ia ser nada difícil prestar uma homenagem a ele. Mas será que ela teria coragem? Após analisar os fatos, ela decidiu que teria e ignorou o receio de decepcioná-lo com a ousadia.

Ela beijou-o no peito, inalando o odor quente e revigorante da pele dele. "Isso vai ser divertido", ela pensou enquanto se abaixava para acariciar

as coxas fortes e levemente peludas. Em seguida, ela deu um beijo de língua no abdome firme. De cantos de olhos viu o membro se movendo e começando se erguer. Uma sensação de poder feminino perpassou-a por inteiro, e ela foi fechando uma mão lentamente ao redor daquele membro que rapidamente crescia, deleitando-se com a firmeza e a sensação de tocar na pele fina. Ele deixou escapar um gemido, e ela sorriu sobre a linha delicada de pelos que descia pelo abdome. E então a ousadia não a preocupava mais. Alethea abaixou só mais um pouquinho e lentamente foi descendo com a língua por toda a sua extensão.

Hartley estava aproveitando o momento agradável, deitado na cama com a sua esposa nua em seus braços, recuperando as forças para uma segunda rodada de amor. De repente, sentiu a boca delicada beijando seu peito e as mãos macias acariciando suas costelas. Ele abriu um dos olhos e observou a cabeça descendo pedacinho por pedacinho ao longo do seu abdome. Seus batimentos cardíacos dispararam na esperança de que ela estivesse prestes a fazer o que ele tanto queria. Ele sentiu seu corpo enrijecendo. Quando ela fechou os dedos ao redor do seu membro intumescido, ele não conseguiu segurar um gemido.

Ele enterrou os dedos entre os longos cabelos negros e pensou que talvez pudesse tentar empurrá-la um pouco, direcioná-la silenciosamente para que ela lhe desse o que ele tanto ansiava. Justamente quando estava prestes a tentar e esperando com isso não assustá-la ou interrompê-la, ela passou a língua quente ao longo de toda a sua extensão. Ele estremeceu de prazer. Hartley abriu o outro olho, pois não queria perder nada. Quando, num anseio silencioso, ele fez um movimento, erguendo os quadris, ela o

abocanhou, e ele soube que ia precisar ter forças para se controlar e aproveitar o prazer por mais tempo.

No momento em que sentiu o desejo ardente enrijecendo todo seu corpo, ele pegou-a por debaixo dos braços e puxou-a sobre o seu corpo. Hartley sentou-a sobre ele, e, para seu alívio, uma vez que não achava que conseguiria dizer uma palavra coerente, ela uniu seus corpos, apesar da falta de jeito. Com as mãos sobre os quadris pequenos, ele movimentou-a até ambos gritarem pelo choque da força do prazer que dilacerou seus corpos. Ele segurou-a enquanto ela caía sobre seus braços e lutou para recuperar o fôlego.

— Acho que você já tinha terminado de ler aquele livro quando nós a descobrimos com ele — ele disse, nada surpreso ao perceber que sua voz soara ofegante. Então sorriu, pois pôde sentir o calor do rubor dela aquecendo seu peito.

— Dei uma espiadela em algumas páginas — ela admitiu. — Mas segui a regra que diz que se é bom para uma mulher é bom para um homem.

— Não é ao contrário?

— Não desta vez.

— Acho que vamos ter que trazer aquele livro para cá e estudá-lo juntos.

— Em outra ocasião. — Ela bocejou. — Você acabou comigo.

Ele riu e beijou-a no alto da cabeça. Definitivamente o livro ia ser trazido para o quarto. Agora que sabia que tinha uma esposa apaixonada e aventureira, ele pretendia tirar todas as vantagens possíveis disso.



## *CAPÍTULO XVI*

HARTLEY OLHOU PARA O BILHETE QUE COBB TINHA ACABADO DE LHE ENTREGAR e depois voltou os olhos na direção da cama. Alethea estava encolhida de frente para ele, os cabelos sedutores eram um emaranhado ao redor do rosto e escondiam o corpo como um manto. Uma mão pequena jazia no lugar onde há pouco ele estava deitado. Ele queria desesperadamente poder deitar ali novamente. "O dever chama", ele lembrou a si mesmo com severidade. Hartley perguntou-se por que o dever sempre parecia chamar no meio da noite ou no raiar do dia.

Ele caminhou até o quarto de vestir, onde Dennison já tinha deixado preparada uma bacia com água quente para sua higiene matinal. Poucos minutos depois, ele já estava pronto para atender ao chamado de Argus. Antes de sair, ele parou e então caminhou até a pequena escrivaninha que ficava no canto extremo do quarto. Pensando em vão em como iria mudar a sua esposa para a sua cama, ele escreveu um bilhete para Alethea, explicando sua ausência. Depois de deixar o bilhete e o outro que Argus tinha enviado com Dennison, com ordens estritas para entregá-los a Alethea assim que ela se levantasse, ele seguiu para o encontro.

Uma careta contorceu a sua boca assim que ele se deparou com os primeiros raios de luz tênue do dia que amanhecia, e acenou para o sonolento

Cobb, dispensando a oferta de que alguém lhe trouxesse o cavalo. Não era assim que tinha planejado passar a manhã. Depois de um bom descanso, após a última rodada de amor, ele pretendia mostrar para sua esposa que a melhor maneira de saudar o sol era com ele mergulhado dentro dela. Seu corpo começou a enrijecer só de pensar naquele prazer.

Mas então um barulho estranho invadiu seus pensamentos. Hartley começou a girar ao redor, mas, ao mesmo tempo em que mudava de posição em busca de equilíbrio, ele soube que já era tarde demais. Alguém tinha acertado a sua cabeça, e a dor o fez cair de joelhos. Um segundo golpe roubou toda sua capacidade de lutar contra a escuridão que o abatia. Seu último pensamento claro foi rezar para que Alethea estivesse segura.

— Hartley!

Alethea sentou subitamente na cama; seu coração batia disparado, e o corpo estava trêmulo. O ar frio da manhã rapidamente secou o suor de medo que brotara em seu corpo e fez com que ela tremesse ainda mais. O eco do seu grito ainda retumbava em seus ouvidos. Ela estava olhando ao redor em busca de algo para vestir para que assim pudesse ir atrás de Hartley quando Olímpia invadiu o quarto num rompante. Alethea esperava não estar com a mesma cara de espanto da prima, que obviamente tinha acabado de pular da cama e jogado um penhoar por cima do corpo para vir correndo ao seu lado. Ela desconfiava que estivesse com a mesma expressão e de coração desejou poder encontrar o penhoar com a mesma facilidade que Olímpia tinha encontrado o seu.

— Hartley está correndo perigo — Alethea disse antes que Olímpia pudesse dizer qualquer coisa. Puxando o cobertor da cama para cobrir seu corpo, Alethea levantou-se. — Preciso encontrá-lo.

— Não enrolada em um cobertor — disse Olímpia, sua voz escapou num falsete rouco por ter sido arrancada de um sono profundo. — Vista-se, ou pelo menos encontre um penhoar, enquanto eu sairei à procura dele.

Alethea lavou o rosto rapidamente e colocou um vestido simples. Odiou o tempo que demorara, mas sabia que Hartley não iria gostar nada de saber que ela tinha saído correndo pela casa usando nada além de um cobertor. Justamente quando estava prestes a sair do quarto, Olímpia, agora vestida, entrou correndo de volta, seguida por Modred, Dennison e Cobb. Alethea paralisou a meio passo ao ver as expressões que eles tinham em seus rostos. Seu sangue gelou enquanto uma onda de medo varreu seu corpo. Ela olhava cegamente para os dois pedaços de papel que Olímpia lhe entregava.

— Ignore o medo, Alethea — rompeu Olímpia. — Ele não vai ajudar em nada.

— E seus muros estão rachando — disse Modred, com um sorriso pálido.

Foi preciso muito esforço para continuar, as palavras ásperas de Olímpia e a mera presença de Modred já eram por si só muito perturbadoras, mas Alethea recuperou os sentidos e leu os bilhetes. Um era de Hartley, explicando que o dever o chamara. Ela ruborizou discretamente à referência nada sutil do que ele preferia estar fazendo quando o dia raiasse. Então ela leu o bilhete que Hartley informara ter sido enviado por Argus. Antes mesmo de

a visão tomar conta da sua mente, ela já sabia que não tinha sido o seu primo que tinha escrito aquele bilhete. Argus nunca federa a rosas.

*Uma mão branca delicada pesava com anéis adornados. Ira. Ódio. Uma sede louca de vingança. A sombra saiu da casa em direção aos estábulos. Ameaça. Alarme e depois, dor. Por favor, proteja Alethea.*

Olímpia estava lá para ampará-la quando Alethea foi puxada de volta para o aqui e agora. Ela recostou na prima, lutando contra o impulso de tentar encontrar seu bloco *de* desenho, olhou para os dois criados. A vontade de cair de joelhos e chorar era forte, mas Alethea dominou-a, pois precisava fazer tudo que estivesse ao seu alcance para tirar Hartley das mãos dos inimigos e trazê-lo em segurança de volta para casa. Só então poderia liberar as emoções.

— Alguém precisa trazer Argus, Iago, Aldus e Gifford imediatamente para cá — ela ordenou. Alethea ficou satisfeita com o modo como a sua voz soou firme. — Diga que é uma emergência. Claudete está com Hartley. Alguém o apanhou quando ele estava a caminho dos estábulos hoje de manhã. — Ela assentiu satisfeita quando o mordomo e o valete prontamente se retiraram para cumprir as ordens.

— Tem certeza? — perguntou Olímpia. — Só vi um ataque e perigo. — Ela deu uma olhada no suposto bilhete de Argus. — Só de tocar em um objeto posso sentir algo, mas, se formos andando até o estábulo, posso ajudar a ver o que aconteceu.

— É melhor esperar até que Argus chegue aqui. Ele também vai querer saber, e não há necessidade de fazer o mesmo trajeto duas vezes. — Alethea

engoliu em seco. — Ela vai feri-lo. Esta é a minha visão, a que me trouxe para cá. Ela vai feri-lo e depois matá-lo.

— Você não pode pensar no pior. Isso vai enfraquecê-la, e você precisa ser forte agora. E, lembre, você não fazia parte *daquela* visão, não é mesmo? Você mudou o destino ao vir para cá, ajudando-o e casando-se com ele.

Alethea estava prestes a discutir sobre aquela opinião, quando de repente se lembrou de uma parte da visão que já tinha sido alterada. Essa noção lhe deu um fio de esperança, mas ela se agarrou a ele e o segurou com força. A visão já tinha mudado uma vez. Poderia mudar novamente.

— Sim, você tem razão. Aquela visão mudou, em vários sentidos. Hartley nunca se deitou na cama de Claudete. Na visão, eu o vi deixando a casa dela, e estava muito claro o que ele estivera fazendo lá dentro. Aquilo nunca aconteceu também. Ele pôs um fim ao jogo da sedução antes que acontecesse. Oh, e foi depois de sair da casa que ele foi apanhado. Bem em frente à casa dela, e isso também mudou.

— Percebeu agora? O que você viu no começo não foi gravado em uma pedra. E ninguém sabia que ele tinha sido apanhado, não estou correta? — Alethea concordou com um aceno de cabeça, e Olímpia continuou: — Mais uma alteração na visão. Nós sabemos que ele foi apanhado, e não acredito que ele tenha sido levado para muito longe.

Alethea tentou se lembrar do sonho que a despertara e então lentamente meneou a cabeça.

— De fato ele não foi levado para longe. Senti a dor que ele sentiu. Ele foi atingindo por trás. Dois golpes. E, então, acordei.

— E Dennison calculou que isso deve ter sido em torno de meia hora atrás, quando Hartley saiu e eu fui atrás dele. Eles nem devem ter levado Hartley ainda para o local que pretendem levar.

— É verdade, mas que lugar é esse? Para onde eles o levariam? Esta cidade é muito grande. Pode ser impossível encontrar o *lugar* a tempo de salvá-lo.

— Alethea, você precisa se lembrar da visão. Ela pode nos fornecer pistas. — Olímpia conduziu Alethea para fora do quarto. — A senhora Huxley estava acordada e vai preparar algo para comermos.

— Não vou conseguir comer nada agora.

— Você deve e vai. Vai precisar de forças. E, enquanto come, pode pensar sobre aquela primeira visão, a que a trouxe para cá, e encontrar as pistas que precisa. Pode até ter algo nos desenhos que você fez que possa ajudar.

Quando os homens chegaram, Alethea já tinha conseguido engolir um pouco de comida e pensado sobre a primeira visão até que sua cabeça começou a doer. Tinha examinado os desenhos até seus olhos arderem. Apesar de todo o esforço, só encontrara poucas pistas de onde ficava o local que ela tinha visto, onde sentira a mesma dor que Hartley sentiu. Ela tocou o pescoço, lembrando-se nos mínimos detalhes de como sentira a dor que ele sentiu enquanto a sua garganta era cortada. Foi a lembrança sombria que a fez sentir medo por ele e que se contorceu dentro do seu corpo como se fosse um ser vivo, um que ela teve muita dificuldade em manter preso.

Argus se aproximou e beijou-a na testa.

— Vamos encontrá-lo, minha querida. Lembre-se de quem somos e o que podemos fazer. Dentro de uma hora as ruas estarão cheias de pessoas da nossa família, todos usando seus vários talentos para encontrá-lo.

— Eles vão feri-lo, Argus — ela sussurrou ao pressionar o rosto contra o peito largo do primo.

— Isso não podemos impedir, e você sabe disso, mas podemos fazer o possível para encurtar ao máximo o tempo dele nas mãos do inimigo. Confie em nós.

— Oh, eu confio. — Ela olhou para os outros que estavam reunidos ao redor da mesa. — Em todos vocês.

— Então permita que acompanhem Olímpia até os estábulos para verificarmos o que ela pode ver.

Olímpia deu o seu máximo. Ela descobriu o local exato onde os homens tinham atacado Hartley e como o apanharam desprevenido e o derrubaram. O rastro espectral que Olímpia captara permitiu que ela seguisse o caminho que os agressores tinham percorrido com Hartley, até o ponto onde eles o colocaram dentro de uma carruagem. Todos acompanharam em silêncio enquanto ela fazia o trajeto da carruagem, mas Alethea pôde perceber a frustração crescendo na fisionomia concentrada da prima. Pois naquela hora da manhã passavam pelas ruas muitas carruagens, carroças e cavalos, e todos iam deixando para trás seus próprios rastros espectrais. Ela não se surpreendeu quando Olímpia finalmente parou e cuspiu um xingamento que deixou Aldus e Gifford boquiabertos.

— Que feio. Pia — Argus disse. — Olhe a boca. Devo entender desse xingamento que existem muitos rastros agora para conseguirmos discernir qual direção exata que a carruagem seguiu?

— Sim. — Olímpia suspirou. — Se eu tivesse visto a carruagem, tivesse tocado nela, seria muito mais fácil, mas tem muitos rastros aqui. Tudo que sei é que eles seguiram para o leste, mas eles podem ter mudado para qualquer outra direção mais adiante. — Ela lançou um sorriso triste para Alethea. — Sinto muito.

— Não há por que se desculpar. A cidade em si trabalha contra nós — Alethea disse. — Tem muita gente, muito barulho e muitos locais onde se esconder.

— Exatamente o que vocês estavam seguindo? — perguntou Gifford quando todos pegaram o caminho de volta para casa.

— Tudo deixa um leve rastro para trás — Olímpia disse. — Quanto mais dramática e violenta a ação, mais fortes são as marcas e mais elas duram. Posso ver aquela marca, ver os traços do que aconteceu. É como se o acontecimento em si deixasse um fantasma para trás.

Alethea percebeu pela fisionomia concentrada de Gifford que ele estava tentando entender como aquilo era possível. Seu interesse nisso foi abruptamente interrompido quando eles entraram na sala de café da manhã. Germaine e Bayard estavam lá, e os dois pareciam muito preocupados e com ares de acusação.

— Onde está o meu tio? — Germaine interpelou num tom de voz áspero, mas ao mesmo tempo hesitante e amedrontado.

Modred aproximou-se e tocou-a no rosto.

— Seu muro está rachando, Germaine — ele avisou, falando baixinho.  
— Respire fundo e solte o ar devagar. Toda essa raiva que você tentou ocultar precisa ser resolvida, pois ela está corroendo seu coração. Agora é o momento certo para fazer isso.

Germaine respirou de acordo com as instruções de Modred, e ele sorriu para ela. A moça olhou para Alethea e perguntou num tom bem mais brando:

— Onde está o meu tio?

— Sente-se e coma — disse Alethea enquanto se aproximava da mesa.  
— Os dois. Vamos contar a vocês tudo que aconteceu e que providências precisamos tomar.

Assim que Bayard e Germaine se acomodaram e começaram a comer, Argus contou tudo que tinha acontecido. Alethea rapidamente se sentou ao lado de Germaine e segurou sua mão quando a menina empalideceu. Ela notou também que a aparência de Bayard não era muito melhor. Eles podiam até não terem decidido ainda como se sentiam com relação ao tio, mas esse era o último parente que lhes restava.

— Vamos encontrá-lo — Alethea prometeu aos irmãos. — E só uma questão de tempo.

— Você não tem certeza, não é? — Germaine perguntou.

— Não, é pura confiança nas pessoas que irão trabalhar para que isso aconteça.

— Criança, não se esqueça de quem somos — Argus disse baixinho. — Não será uma tarefa fácil, mas a contribuição da nossa família na caçada, com seus vários dons, será o melhor que alguém poderia ter. Vou enviar uma mensagem para cada Vaughn e Wherlocke que está na cidade e nos arredores. Rapidamente eles colocarão as suas habilidades para trabalharem a nosso favor.

— Não posso perder mais ninguém da minha família — Germaine sussurrou, e Bayard se inclinou para pegar a mão da irmã. — Não posso.

— E não vai. Eu me recuso a permitir que aquela mulher nos derrote.

— Aquela mulher precisa ser morta.

Alethea abriu a boca para dizer à menina que ela precisava aplacar a ira e a sede de vingança que ecoavam por detrás das suas palavras, mas resolveu fechar a boca. Seria hipocrisia sua dizer a Germaine para não falar o que ela mesma estava pensando. Claudete merecia todos aqueles sentimentos sinistros. A mulher já tinha causado muitas mortes.

— Ela será — disse Alethea. — Se não for agora, então será quando ela for enforcada por todo mal que cometeu. Nosso trabalho neste momento é encontrar o local para onde ela levou o seu tio.

— Precisamos ir até a casa de Margarite.

Todos voltaram olhares interrogatórios para Olímpia quando ela disse aquilo, mas ela estava olhando fixamente para a parede. Um momento depois ela teve um leve tremor e então olhou ao redor como se estivesse surpresa por todos os olhos estarem em sua pessoa. Não era sempre que Olímpia tinha

visões como as que Alethea tinha, mas ela tinha intuições fortes. Alethea sentiu suas esperanças renovando-se.

— O que foi que eu falei? — Olímpia perguntou.

— Que precisamos ir até a casa de Margarite — respondeu Argus. — Você acha que eles podem ter levado Hartley para lá?

Olímpia contraiu as sobrancelhas por um momento e balançou a cabeça.

— Não, mas é lá que encontraremos as pistas que precisamos.

— Já fizemos uma busca pela casa e não encontramos nada — disse Aldus.

— Hartley me contou que ela deixou tudo como se pensasse que um dia poderia voltar — disse Alethea.

— Então é por isso que precisamos ir para lá — continuou Olímpia. — Ela vai voltar. No final do dia. Quando o sol estiver se pondo. E vamos precisar de mais alguns homens.

Germaine olhou para Alethea. — Você também viu isso?

— Não — Alethea respondeu com relutância. — Estou muito próxima de Hartley. Não vejo nada. O único motivo que me fez acordar e saber que ele estava em apuros foi por que aconteceu muito perto de casa e ele sentiu dor. Esse é o ponto fraco do dom que possuo. Quanto mais próxima sou das pessoas, menos posso ver sobre o que acontece com elas. Entretanto, não sou a única na família que possui este dom. Tenho certeza de que em breve terei

notícias, caso alguém tenha uma visão que possa ajudar. Por enquanto, vamos seguir o que o pressentimento de Olímpia indicou.

— E eu vou entrar em contato com o maior número de parentes nossos que conseguir. — Argus olhou para Aldus e Gifford. — Vocês dois tentem arrumar o maior número de homens e coloque-os para procurá-lo.

Rapidamente os homens se dispersaram. Argus, Modred e Iago foram tentar contatar o maior número de parentes possível, e Aldus e Gifford saíram para reunir os homens que conseguissem encontrar e colocar todos para procurarem. Isso deixou Olímpia e Alethea com os irmãos. Alethea podia ver que Germaine e Bayard queriam desesperadamente acreditar no que Argus tinha dito, mas a triste experiência tinha roubado deles a capacidade de ter esperanças.

— Nós vamos encontrá-lo — Alethea falou para os dois.

— Isso é uma certeza ou algo em que você quer acreditar? — Germaine perguntou.

— É algo em que preciso acreditar.

— Por que eles o levariam se não planejam matá-lo? — Germaine analisou Alethea e Olímpia e depois soltou um suspiro. O som suave soprou num vacilo enquanto ela tentava conter as lágrimas. — Eles querem que ele conte algo. Vão tentar fazer com que ele conte tudo o que sabe. Para isso eles terão que feri-lo, não é mesmo?

— Temo que sim. Mas não há nada que possamos fazer a respeito. Só nos resta rezar para que consigamos encontrá-lo antes que ele sofra muita dor.

— Então encontre-o rápido, por favor. Use todos os seus poderes, de toda a sua família, e encontre-o. Já perdi muito. Não posso perdê-lo também.

— É exatamente isso que estamos planejando fazer. — Alethea inclinou para frente e beijou o rosto pálido de Germaine. — Eu também não posso perdê-lo. E faremos com que todos paguem caro por cada momento de dor que infringirem contra ele.

Hartley gemeu a medida que foi retomando consciência. Sua cabeça latejava, e levou um momento para ele se lembrar porque a cabeça doía. Começou a erguer uma mão para verificar a dimensão do ferimento e ficou tenso ao sentir que estava amarrado a algo. Com todo cuidado, ele abriu os olhos e quase soltou um palavrão em alto e bom som. Ele estava amarrado a uma cadeira.

Respirando profundamente para acalmar o ímpeto de se debater e arrancar à força as amarras que o prendiam firme à cadeira, Hartley lutou para clarear os pensamentos. Era preciso analisar o local onde estava e avaliar todas as possibilidades de fuga. Uma voz que soprava no fundo da sua cabeça latejante zombou por pensar que tinha chances de escapar, mas ele ignorou-a. Se permitisse que ela vencesse, acabaria perdendo as esperanças e ele sabia que precisava delas para sobreviver.

O ambiente onde se encontrava contava com a luz fraca de algumas lanternas. Também não havia nada que tivesse visto de imediato que indicasse onde estava. A única certeza que tinha era que não estava em uma cela ou em uma casa. Era uma sala comercial, ele chegou à conclusão, apesar de poder ser também um escritório dentro dos vários armazéns que

sarapintavam a cidade, especialmente ao longo do rio. Ele respirou fundo e tentou decifrar os odores que invadiram suas narinas.

Hartley tinha certeza de que se encontrava em algum lugar próximo às docas. Apesar de sutil, havia um cheiro ruim no ar que era peculiar ao Tâmisa. O detalhe poderia vir a ser um problema para as pessoas que estavam a sua procura. Ele tinha certeza de que havia algumas. Certamente um dos Vaughn ou Wherlocke que estavam transitando livremente pela sua casa teria uma visão, um pressentimento ou algo do tipo que os avisasse que ele tinha sido raptado. Havia algumas vantagens em ter entrado para uma família capaz de fazer muitas pessoas saírem correndo de medo, ele pensou.

A lembrança da família da qual ele agora fazia parte por intermédio do casamento conduziu seus pensamentos a Alethea. Ainda podia ver com nitidez a imagem dela encolhida na cama, dormindo o sono dos saciados, com uma pitada do rubor da paixão nas suas faces. Aquela imagem lhe deu forças, e ele usou-as para sufocar o medo de nunca mais voltar a vê-la. O destino não poderia ser tão cruel em lhe dar o que ele precisava para completar a sua vida e depois permitir que uma víbora assassina roubasse tudo só para encher de dinheiro a sua bolsa já cheia.

Ele balançou a cabeça, e uma onda de náusea aflorou de dentro para fora. De olhos fechados, respirando profundamente e soltando o ar devagar, ele lutou contra o forte enjôo. A última coisa que queria era vomitar em si mesmo. "Se ao menos pudesse mirar contra um dos seus inimigos..." Seria uma tática de defesa patética, mas que resultaria em alguma satisfação.

Demorou alguns minutos até que conseguisse conter a vontade de esvaziar o estômago, mas ele soube que tinha conseguido quando o ar úmido e frio que pairava em seu cárcere começou a secar o suor do seu rosto. Em seguida, a porta se abriu e Claudete entrou, seguida por cinco homens. Hartley xingou baixinho. Pelo jeito a sua sorte não tinha começado a melhorar ainda. O enjôo tinha passado, e lá estava o alvo que há pouco ele ansiara por ver.

— Então, está acordado — disse Claudete e sorriu ao parar diante dele.

— Bem, acredito que estou — ele resmungou. — Quanta perspicácia a sua.

— Não teste a minha paciência, Redgrave. Acho que, neste exato momento, estou em posição de vantagem.

Ela estava, ele concordou consigo mesmo, mas não tinha nenhuma intenção de deixar que ela percebesse que ele sabia disso. Claudete parecia tão satisfeita consigo mesma que a palma da sua mão formigou de vontade de dar uma bofetada nela. Ele, que nunca tinha erguido a mão para uma mulher em toda a sua vida ou ao menos sentido vontade. Ele sabia quais eram os planos que ela tinha para ele. A visão de Alethea o tinha alertado, e ele estava preparado, na medida do possível, para o que estava por vir. O que mais o perturbava e fazia a sua pele ferver era a noção de que aquela mulher se divertiria com isso.

— Por enquanto — ele disse e sorriu quando ela franziu a testa.

— Ninguém sabe que você está aqui, Redgrave. Você não pode ser tão tolo a ponto de pensar que todos virão correndo para salvá-lo.

Ele encolheu os ombros.

— Não tão tolo. Mas eu me casei com uma Vaughn, e junto de Alethea veio toda aquela família, incluindo os Wherlocke.

Para sua surpresa, ele viu uma pontinha de medo passando nos olhos dela. Claudete era uma daquelas que acreditavam em demônios e bruxas, ele percebeu. A ameaça que fizera a Alethea revelava um fundo de verdade sobre o que ela sentia. Hartley admitiria sem ressalvas que alguns dos dons que havia na família lhe davam arrepios, mas ele ainda não tinha encontrado nenhum membro do qual não gostasse ou tivesse chegado a sentir medo. Mas o que mais surpreendeu era que, em plena era do Iluminismo, alguém ainda pudesse acreditar em coisas como demônios em forma de gente e bruxas que lançavam feitiços ou tinham parte com Satanás. Era uma pena que só tivesse percebido agora o medo de Claudete, quando era muito tarde para fazer bom uso dele. Isso não significava que ele não poderia usar o motivo para escarnecer dela.

— Um bando de excêntricos e reclusos que pensam ter algum poder — ela zombou e acenou com a mão num gesto de desprezo.

— Mas eles têm poder. Na verdade, muito.

— Quer que eu acredite então que Hartley, o grande conquistador, foi seduzido por uma mulherzinha interiorana porque ela o enfeitiçou?

— De certo modo, sim. Com o feitiço da honestidade e da inocência. Duas coisas que há muito tempo você perdeu. — Ele percebeu a ira nos olhos contraídos e o rubor nas faces. Nesse momento soube que iria pagar pelo que estava dizendo, mas não se importou.

— Você é meu agora — ela rompeu. — Eu o escolhi.

— Como a sua próxima vítima? Assim como fez com Peterson e Rogers?

— Do que você está falando? Não conheço nenhum Peterson ou Rogers.

— Iago diz o contrário. Ele vê os espíritos dos dois rondando seu corpo. Dos dois e do conde e da sua família. Todos estão bravos e gritando por vingança. — Ela empalideceu um pouco. Ele soube que tinha causado um medo profundo. — Crianças, Claudete? Você se sentiu ameaçada por um menino tão pequeno que nem sabia falar ainda e uma menininha de cinco anos de idade apenas? Por acaso achou que eles poderiam crescer e tentar recuperar as jóias que você tanto queria? Fico surpreso em ver que você ainda tem coragem de usá-las, que o cheiro do pecado não queima a sua pele cada vez que você as usa.

A bofetada que ela desferiu fez com que ele virasse a cabeça com tanta força que a náusea voltou de imediato. Ele chegou a considerar a possibilidade de soltar tudo, mas ela já estava fora de alcance, andando de um lado para o outro com os punhos cerrados nas laterais do corpo. Hartley lutou para ignorar o enjôo e fixar o olhar em um dos homens que estava um pouco distante dos outros. Sua fisionomia dizia que ele parecia não querer mais se ver envolvido naquilo.

Hartley concluiu que aquela reação fora motivada pela conversa sobre o assassinato de crianças. Foi exatamente quando ele falara sobre os filhos do conde que o homem recuou um passo. Obviamente o sujeito não tinha

nenhuma objeção em ganhar algum dinheiro por bater, torturar e matar um homem adulto, mas o assassinato de crianças tinha despertado o resquício de consciência que ainda lhe restava.

Ele estava justamente pensando em como poderia tirar proveito disso quando Claudete girou para fitá-lo outra vez. Ele observou ela esfregando as mãos, agitada e quase sorrindo. A mente de Claudete tinha acreditado na conversa sobre os fantasmas das suas vítimas vagando ao seu redor. Um miasma de ódio e fúria, como Iago tinha chamado aquilo. Hartley quase podia jurar que tinha visto um leve brilho daquilo em sua volta.

— A sua história não passa de bobagem — ela disse. — Os mortos ficam enterrados. Estou achando que foi bom Iago ter terminado o romance com a minha irmã. Ele não bate bem da cabeça.

— Ele não continuou o romance com a sua irmã porque sentiu o vazio frio dela. Ele disse que ela tem o espírito de uma assassina desalmada. Sentiu que ela pode até não ter cometido os assassinatos com as próprias mãos, mas que não se importava com as pessoas que morreram, talvez tenha até mesmo escolhido alguns. Depois que o desejo de Iago foi satisfeito, ele não suportava mais tocar nela. Mas me pergunto por que ela o escolheu quando vocês duas tendiam a escolher amantes que tinham laços no governo ou com os militares. Ele não tinha ligação com nenhum. Desconfio que sua irmã tenha desapontado um pouco você por ter escolhido um homem somente por ele ser bonito.

— Não há nada de errado com Margarite. Não ouvirei mais essas bobagens. Você está tentando me aborrecer e me causar medo, mas sou muito mais forte do que isso. Mais forte e muito mais esperta do que todos vocês.

— Por quê? Porque apesar de ter sido uma pobre camponesa você conseguiu ser aceita pela sociedade? Foi o seu rosto e o seu corpo que conseguiram isso... você sabe muito bem disso. Foram homens tolos que desejavam ter uma mulher bonita em seus braços que a tiraram da sarjeta, nada mais. Mas em breve é para lá que você vai voltar. Mesmo que faça o que pretende fazer comigo, mesmo que, por algum milagre, meus aliados não consigam provar que *você* não passa de uma vadia assassina, você nunca mais será aceita de volta na sociedade.

— Você cometeu um erro quando deu as costas para mim. Poderia ter se salvado de tudo isso se tivesse me tornado sua marquesa.

— Prefiro enfrentar isso a ter você na minha cama. E não pense que sou tolo em acreditar que ter algo com você poderia ter me salvado. Isto já estava planejado para mim desde o começo. Na verdade, foi profetizado pela minha esposa. Você foi à culpada por eu ter encontrado a mulher com quem eu quis me casar. Ela veio para Londres só para me salvar de você.

— Então ela falhou — Claudete sibilou. — Você está sob o meu domínio agora e irá me dizer tudo que eu quero saber. Posso ter perdido o meu lugar naquele grupo patético que você chama de sociedade, mas pretendo deixar este país com a minha bolsa cheia. E você vai me dar à informação que preciso para que isso aconteça.

— Acho que não. Duvido que você tenha conseguido arrancar muito de Rogers ou Peterson também.

— Eles eram tolos.

— Por quê? Porque escolheram não trair o país antes de morrerem?

— Sim. O que vale a honra para um homem morto?

— Somente uma pessoa que nunca teve honra poderia fazer tal pergunta.

— Tolo. Vou lhe fazer muito mais perguntas e você irá respondê-las. Talvez eu até permita que você viva. — Ela sorriu. — Apesar de possivelmente você nem querer mais depois do que eu tiver feito com você. Mesmo assim, leve em consideração o fato de que se morrer, você estará deixando a sua esposinha sozinha.

Medo perpassou Hartley, mas rapidamente ele o dominou. Alethea não ficaria sozinha, pois sua família cuidaria dela.

— Não, ela nunca ficará sozinha. E você nunca poderá desfrutar de dinheiro nenhum. Minha sobrinha e o meu sobrinho cuidarão para que você seja perseguida para onde quer que vá, caçada e condenada a pagar por ter matado a família deles, naquele dia, na praia. E eles contarão com toda a ajuda da minha esposa e da família.

— Você só está tentando fazer com que me acovarde e saia correndo, mas isso não vai funcionar. — Ela ficou ereta e ergueu as mangas do vestido novamente. — Primeiro, meus homens vão amaciá-lo um pouco, *out*? Em seguida, tentarei fazer algumas perguntas. Ou você pensa que é tão corajoso

para agüentar firme o que vou fazer? Se sim, acho que você vai ter uma grande surpresa. Homens, podem começar, por favor, e tentem se lembrar de que eu o quero vivo e capaz de falar depois de tudo.

Hartley observou um dos homens arregaçando as mangas. Seus braços eram grossos de músculos. Quando ele cerrou a mão num soco, Hartley foi obrigado admitir que era um punho muito impressionante. "Isso vai doer", ele pensou quando o homem imenso girou o punho na sua direção.



## *CAPÍTULO XVII*

UMA COCEIRA NO TORNOZELO ESTAVA LEVANDO ALETHEA À LOUCURA, MAS ela permaneceu parada. Ela não sabia há quanto tempo eles já estavam ali, vigiando a casa de Margarite, mas estava começando achar que tinha sido tempo o suficiente para considerar que aquilo podia ter sido um erro. A visão de Olímpia sem dúvida estava correta, mas todos sabiam que raramente as visões eram específicas no que dizia respeito à hora e ao dia do evento previsto. Olímpia seria a primeira a admitir que suas visões tinham mais um caráter intuitivo, uma certeza sobre algo e nem de perto eram tão precisas quantos as de Alethea costumavam ser. Sua prima tinha certeza de que Margarite voltaria para sua casa, mas isto não teria de acontecer neste dia ou nem mesmo dentro de uma semana. A hora avançada do dia podia até estar correta, mas o ponto era: de que dia? Poderia ser no próximo ano, e então só restariam os ossos de Hartley.

Uma mão começou esfregar as suas costas e com isso Alethea livrou-se da armadilha que seu medo por Hartley mantinha armada. Olhou por cima do ombro para Modred. Ele era um homem tão belo, mas parecia estranho escondido em um beco escuro junto dela e os outros, ela refletiu, e então murmurou um pedido de desculpas. Modred não precisava ser esmurrado

pelas suas emoções instáveis, bem agora, quando estava determinado a usar seu dom para arrancar informações de mulheres como Margarite e Claudete.

Alethea compreendia por que Modred tinha insistido tanto em ajudar. Ele precisava constatar que aquilo que ele via como uma maldição podia na verdade ser usado para ajudar alguém, que podia haver algo de bom naquilo. Ela só desejava que ele não estivesse escolhido mulheres como aquelas para fazer isso. Mas nada do que tinham contado a ele sobre Claudete e Margarite conseguiu convencê-lo a mudar de idéia. E ela se sentia culpada por uma grande parte sua estar feliz por isso, pois ninguém tinha mais chances de conseguir as informações que eles precisavam para salvar Hartley do que Modred.

— Lá está ela — Argus sussurrou do lugar onde estava, logo em frente de Alethea. Sob a luz turva de um fim de tarde nublado, Alethea não sabia como Argus podia ter certeza de que aquela sob a capa pesada era mesmo Margarite, e não outra mulher qualquer, mas ela não perguntou. Apesar de serem poucas mulheres que andavam acompanhadas de seis homenzarrões, ela refletiu. Se Argus tinha dito que aquela era Margarite, então era. Raramente ele errava sobre tais coisas. O fato de a mulher ter seguido direto para a porta da casa e, com um rápido e brusco movimento de mão, ter dispersado os seis homens ao redor da casa, confirmou o palpite de Argus.

Alethea quase sorriu. Aqueles homens iam ter uma surpresinha muito desagradável, pois, escondidos nos cantos escuros ao redor da casa de Margarite havia o mesmo número de homens de Hartley, e para sua surpresa, de Argus, também. Ela já deveria ter desconfiado pela caçada eficiente de Argus àquelas provas dos crimes cometidos por Claudete — e depois na busca

pela própria — que seu primo prestava o mesmo tipo de trabalho para o governo que o seu marido. Ela só não conseguia se lembrar de ter ouvido ninguém ter dito isso explicitamente.

Quando um dos homens de Argus fez um sinal, avisando que os homens de Margarite já não representavam mais uma ameaça, Argus saiu do beco, onde todos eles estiveram escondidos, ajeitando suas roupas despreocupados. Alethea, Modred, Olímpia, Aldus e Giffòrd tiveram que se apressar para conseguirem alcançá-lo. O modo como Giffòrd e Aldus obedeciam às ordens de Argus, apesar do status social mais elevado que ocupavam na sociedade, indicava que seja lá qual fosse o cargo que seu primo ocupava nos departamentos secretos do governo, era um importante. Depois que tudo isso terminasse, ela estava determinada a descobrir quantos membros da sua família estavam embrenhados entre os corredores sombrios do governo e dos militares.

— Vamos simplesmente bater na porta e esperar que ela nos convide para entrar? — ela perguntou a Argus assim que conseguiu alcançá-lo.

— Oh, minha querida prima, eu não estava pensando em bater — ele respondeu. — Por que anunciarmos a nossa chegada depois de todo o desconforto para permanecermos escondidos?

Ele tomou a mão de Alethea como se tivesse sentido que o medo por Hartley estava começando a roubar suas forças novamente. Seu marido tinha saído de casa quando o sol estava começando despontar. Agora o sol quase tinha se posto por completo, e eles ainda não o tinham encontrado, nem mesmo sabiam para onde ele fora levado. Ela não conseguia parar de pensar

em toda a dor que ele já deveria ter suportado até agora e não tinha certeza de quanto mais ela seria capaz de aguentar.

Eles entraram na casa de Margarite sem fazer nenhum ruído. A mulher tinha dispensado todos os criados, por isso não havia ninguém para alertá-la da invasão. Alethea piscou surpresa quando se deparou com a decoração um tanto extravagante. Ela olhou na direção de Olímpia, que estava justamente revirando os olhos. Pelo jeito, o fato de ter dinheiro, inteligência, beleza e poder não era indício de bom gosto, Alethea concluiu.

A princípio, Margarite nem notou a presença deles. Ela estava de joelhos erguendo uma tábua do assoalho enquanto, um a um, eles foram entrando. Já estavam quase todos ao redor dela antes de ela sentir que havia algo errado. Girando ao redor, ela olhou para cada um apavorada, e depois por detrás deles. Em seguida, ela olhou na direção de cada uma das janelas. Alethea percebeu que a mulher estava procurando pelos seus seguranças para virem em seu socorro. Quando os olhos de Margarite se encontraram com os deles novamente, ela já tinha começado a recuperar o controle da sua fisionomia e só parecia um pouco surpresa e confusa. Alethea odiou ter de admitir, mas foi obrigada a admirar a habilidade da mulher de esconder o medo que deveria estar sentindo agora que sabia que seus seguranças não viriam socorrê-la.

— Creio que seus capangas não vão poder ajudá-la, neste momento — disse Argus ao se aproximar de Margarite.

O modo como Argus ergueu a mulher, arrastou-a até uma cadeira e forçou-a a se sentar chocou Alethea. Argus estava muito mais bravo com o

que Margarite e sua irmã tinham feito do que ele tinha demonstrado até então. A cara fechada de Olímpia confirmou o palpite de Alethea de que a fúria reprimida estava sendo extravasada naquele momento. Se Argus tinha um lado sombrio, que o fazia ser duro com as mulheres, Olímpia já teria descoberto. Assim como já teria castrado o homem por isso, irmão ou não.

— O senhor não pode entrar aqui dessa maneira — Margarite protestou, sua expressão agora era de puro ultraje. — Certamente não tem o direito de me tratar com esta brutalidade. — Ela esfregou o braço que Argus tinha pegado à força. — Estou certa de que vão ficar marcas.

— Se tudo correr de acordo com os meus planos, madame, você certamente terá mais uma marca roxa: ao redor do seu pescoço, deixada pela corda da forca que você merece tanto usar. Agora, onde está a sua irmã e, o mais importante, onde está Lorde Redgrave?

— Não faço a menor idéia de onde a minha irmã se encontra, e, quanto ao Lorde Redgrave, sugiro que pergunte à esposa dele.

Antes que Alethea pudesse dizer uma palavra, Argus se inclinou sobre a mulher e pousou a mão sobre um dos braços da cadeira. Margarite recuou numa tentativa vã de escapar do furioso homem que se aproximava cada vez mais. Alethea ficou feliz por não poder ver o rosto do primo, pois seja lá o que estivesse ali tinha sugado toda a cor de Margarite.

— Você vai me contar tudo que eu quero saber, madame — Argus disse num tom de voz tão frio que Alethea estremeceu.

— Já disse que não faço idéia de onde Claudete ou Redgrave estão. Por que deveria saber? Talvez eles tenham dado uma escapadinha para um

encontro amoroso em algum lugar secreto. Ele tem a esposa para lhe dar um herdeiro, *oui* Portanto agora ele pode se divertir um pouco.

Argus recuou, pousou as mãos sobre os quadris e ergueu os olhos para o teto por um momento.

— Aldus, veja o que ela estava escondendo embaixo da tábua. — Enquanto Aldus se movia para fazer o que lhe tinha sido solicitado, Argus olhou para Margarite outra vez.— Estou curioso para ver por que uma mulher estaria de joelhos tentando arrancar uma tábua do chão com as próprias mãos.

Alethea ficou realmente surpresa com o controle da mulher. Nem por um piscar de olhos Margarite mostrou, de algum modo, estar preocupada com a chance de Aldus revelar seus segredos. Era bem possível que a mulher não tivesse escondido nada lá que pudesse levar ela e a irmã para a forca.

— Não tenho nada escondido — Margarite disse. — Estava apenas tentando prender uma tábua solta.

— Sozinha? Com seis homens fortes rondando do lado de fora? É um insulto, madame, que tenha pensado que uma desculpa esfarrapada como esta pudesse me fazer desistir do que vim buscar.

— O senhor disse que está atrás de Claudete e Redgrave. Com certeza não escondi os dois embaixo da tábua do assoalho.

— Céus, ela me faz sentir vontade de esbofeteá-la — murmurou Olímpia num tom de voz baixinho, mas muito áspero.

— Sinto o mesmo — disse Alethea no mesmo tom de voz baixo, para não atrapalhar Argus. — É quase possível sentir o cheio da arrogância e da presunção da mulher no ar que a cerca. Eu gostaria de acreditar que Aldus vai encontrar alguma coisa importante sob o assoalho, mas não posso. Margarite está muito calma, até mesmo convencida, para alguém que está prestes a ser desmascarada como uma traidora.

— Aposto que tem dinheiro e jóias lá embaixo, o suficiente para uma vida confortável em algum lugar mais seguro do que Londres é agora para ela.

— Se é isso, por que ela não foi embora quando tudo começou a ficar perigoso, se tinha dinheiro para fazê-lo?

— Porque para alguém como ela, o suficiente nunca é o bastante. Mais, sempre mais, é o desejado.

— Olímpia, eu apreciaria se você pudesse usar a sua mágica neste casebre — pediu Argus.

— Claro. Madame, se houver algo que deseje confessar diga, e diga agora, pois pode ser melhor para você fazê-lo antes que eu desmascare o crime.

— Do que está falando? — perguntou Margarite.

— Dos seus segredos, seus pecados, eles deixam marcas, madame — Olímpia disse quando começou caminhar em direção à lareira. — Quanto maior o crime, mais pesado o pecado, mais tempo perduram as marcas. — Ela encolheu os ombros quando Margarite apenas encarou-a como se ela estivesse maluca. — Faça como preferir.

O modo como Olímpia caminhou diretamente para a lareira indicou a Alethea que sua prima já tinha feito uma busca minuciosa pela sala em busca de sinais. O dom de Olímpia era um dos que ela não conseguia compreender muito bem. Alethea entendia o fato de Iago ver a alma das pessoas, mas como era possível Olímpia ver a alma dos acontecimentos? Esse era seu dom, no entanto, e ela o dominava muito bem. Alethea não tinha dúvida de que Olímpia já tinha encontrado algo que Margarite iria preferir que não tivesse sido descoberto.

— Se me recordo dos desenhos que me foram mostrados — disse Olímpia enquanto passava a mão sobre a cornija de mármore lapidado da lareira —, aquele homem, Pierre Leon, esteve aqui recentemente. É ele que vejo parado aqui.

— Isso não é nenhum segredo — disse Margarite. — É claro que ele esteve aqui. Ele é meu primo. E a maioria das pessoas costuma parar em frente à lareira assim que entra na sala. Ele provavelmente estava com frio ou molhado.

— É um primo muito próximo, também. Vocês eram amantes.

Margarite começou a transparecer um certo nervosismo, mas deu de ombros.

— O que também não é nenhum crime. Pierre é um homem muito bonito.

— E tolo o bastante para pensar que poderia confiar em você. — Olímpia deslizou a mão, como quem não queria nada, para o alto e pela lateral da cornija. — Ele pensou que você tivesse aceitado os fracassos que ele

cometeu, que tivesse entendido que ele tinha feito de tudo para matar Germaine e fazer Alethea voltar correndo para casa. Mas você não o tinha perdoado. Nem Claudete. Oh, minha nossa. Isso é interessante. As duas estavam com ele.

— Em que sentido isso pode ser interessante? Como já disse, ele era nosso primo.

Alethea viu um leve sorriso no rosto de Olímpia e soube por que ele estava lá.

Margarite tinha acabado de cometer um deslize. Ela tinha dito *era*, e não *é*. Mas ninguém parecia ter percebido o deslize, por isso, Alethea fez o possível para não expressar o que tinha acabado de perceber. Ela sabia que quebrar a casca de uma noz tão dura quanto Margarite não seria uma tarefa rápida e fácil.

— E muito, muito próximo das duas. — Olímpia meneou a cabeça. — Pobre, pobre tolo. Se ele não tivesse tentado matar Germaine e batido na minha prima, eu até sentiria pena dele. Ele não percebeu que no momento em que falhou em fazer as coisas de acordo com o que você e Claudete queriam, ele já era um homem morto. Laços de sangue não significam nada para vocês.

— Claro que significam. Honramos a nossa família e somos todos muito unidos.

— Bem, você e Claudete certamente estiveram muito próximas dele naquela noite. Ele pensou que tivesse vindo para uma noite especial de prazer. E o fato de ele não ter se surpreendido pelo convite indica que se

tratava de algo que ele já tinha experimentado antes. — Olímpia estremeceu de um modo dramático. — Isso é algo que eu preferia nem imaginar. Estou satisfeita de que o ato nunca tenha se concretizado neste recinto. Não mesmo. Enquanto você, madame, o mantinha zozzo de paixão, a sua irmã sacou o punhal de dentro da manga e cortou o pescoço do pobre idiota. Acredito que se olharmos com mais atenção acabaremos vendo o sangue dele espalhado em um lugar desta sala. Ninguém seria capaz de limpar completamente uma sujeita como aquela.

— Como ousa me acusar de tais coisas!

O protesto foi dito num admirável tom de ultraje, mas Alethea pôde ver o brilho de medo nos olhos de Margarite. Os culpados podiam até não entender como seu segredo tinha sido descoberto, mas o simples fato de ele ter sido exposto bem diante de seus olhos, e em detalhes, normalmente era o suficiente para desestabilizá-los. Mas Alethea nunca tinha visto aquilo ser feito com alguém culpado de tantos crimes horrendos. Foi interessante ver que o controle necessário quando face a face com os próprios pecados era tão difícil de agarrar para os criminosos mais cruéis como para os mais mesquinhos.

— Minha querida, nem tente discutir com Olímpia — Argus interveio.  
— Ela só está dizendo o que está vendo.

— Só de tocar nos objetos? Não sou uma pessoa simplória, caro senhor. Ninguém é capaz de ver coisas só de tocar em algo. — Margarite falou num tom de voz carregado de escárnio, mas sem desviar os olhos de Olímpia por um segundo sequer.

— Oh, mas elas podem. Nossa Alethea é muito boa nisso. Você e Claudete deixaram um lenço na casa de Iago, e o pedaço de pano falou muito.

— Argus fitou a fisionomia assustada de Margarite com um sorriso. — Camponesas. Vocês não passam de duas camponesas que conseguiram atingir uma posição social muito acima da que tinham.

"Essa doeu", Alethea pensou enquanto Margarite encarava seu primo.

— Galinhas — Alethea murmurou, ciente de que estava completando o insulto. — Vocês massacravam galinhas sem motivo, até reduzi-las a quase nada.

Margarite estava começando a sentir medo. Aldus sentou-se no chão para examinar os vários bauzinhos que ele tinha tirado de um buraco sob a tábua que Margarite estava tentando erguer. Os outros visitantes indesejados permaneceram ao seu redor, dizendo coisas que eles não tinham como saber. Alethea surpreendeu-se em constatar que ainda demorou um bom tempo até que a mulher perdesse seu ar de desafio.

Modred se aproximou, e Alethea ficou tensa, curiosa para saber o que ele poderia descobrir e ao mesmo tempo querendo protegê-lo de tanto mal. Ela cerrou os punhos ao lado do corpo, lutando contra a vontade de puxá-lo para trás, para longe do que ela via como um perigo para o coração e a alma dele. Ele era um homem adulto, líder de uma grande família e tinha o direito de se colocar à prova.

— Ela é como Iago disse — murmurou Modred enquanto encarava Margarite, com a cabeça levemente inclinada para o lado. — Fria, vazia.

Margarite olhou para Iago.

— Se fui fria, foi porque você foi um péssimo amante.

— Não, você o queria de volta — disse Modred. — Você o queria para ser o seu próximo marido. — Modred deu uma olhada para Iago. — Você não teria sobrevivido por muito tempo a esse casamento.

— Não estou surpreso. — Iago balançou a cabeça. — Eu não tinha percebido as poucas chances que tinha de escapar até Alethea chegar e me contar sobre o seu sonho. Apesar de a idéia de me casar nunca ter passado pela minha cabeça. Qualquer um iria querer uma esposa um pouco menos experiente do que ela.

— Ela matou o primeiro marido e o homem com quem ela se casou quando veio para a Inglaterra — Modred disse, encarando Margarite com toda calma enquanto despejava todas as acusações diante dela. — O primeiro ela entregou para as autoridades como traidor. O segundo ela envenenou. Ele gostava de beber conhaque antes de dormir. Foi onde ela colocou o veneno. Creio que ele tenha sido o único que ela matou com as próprias mãos. Modred ajeitou distraidamente as luvas.

— Você estava certo quando disse que ela tem a alma de uma assassina fria. Ela enviou os dois homens para a morte por motivos insignificantes. O primeiro ela matou por que ele tentou ser o homem da casa, e o segundo por que ele a irritava. O que mais a incomodava era o modo como ele sorvia a sopa.

Alethea podia ver que Margarite estava atordoada e, a cada palavra que Modred proferia, seu medo aumentava. Modred estava empalidecido: arrancar os segredos da mulher estava lhe custando às forças e a paz de

espírito. Mais do que qualquer um deles, Modred levava uma vida reclusa. Pouco sabia sobre o tipo de maldade que Margarite e Claudete tinham dentro de si.

— A única coisa que ela sentiu quando Pierre foi morto em seus braços foi irritação pelo vestido que foi estragado pelo sangue. E ela sabe exatamente onde a irmã está mantendo Hartley cativo — Modred finalizou e sorriu para ela. — Ela pensa que não precisa nos contar, que basta se manter calada por mais um tempo e que vamos acabar desistindo e indo embora para retomarmos a nossa busca às cegas por toda a Londres.

— Ah, é um belo plano, madame — disse Argus. — Mas saiba que não vai funcionar. Temos Modred bem aqui para arrancar tudo da sua mente. E, se Modred estiver se sentindo um pouco cansado de espiar dentro desse cano de esgoto, então eu farei com que você nos conte tudo que precisamos saber.

— O que é ele? — Margarite sussurrou, ignorando Argus. — Ele estava dentro da minha cabeça. Pude senti-lo lá dentro.

— Pôde? Que intrigante. Agora, conte-me onde Redgrave está.

— Por que eu deveria? — ela rompeu subitamente, encarando Argus. — Não vou ganhar nada com isso. Todos vocês só querem me mandar para a força de qualquer maneira.

— Sim, mas pelo menos você poderia encontrar o seu executor com uma mancha a menos na alma. Eu poderia até ser gentil, ver as coisas como se você nunca tivesse matado ninguém, tirando o seu marido inglês, é claro, que você matou com as suas belas mãozinhas, e apelar para o tribunal deportá-la em vez de enforcá-la.

— Deportação? Para alguma terra fedorenta para trabalhar como escrava de alguém? Para voltar a trabalhar nas terras alheias até que meu corpo se acabe e minha pele fique enrugada como couro velho? Acho que não. Prefiro a força.

— Então, é o que terá. — Argus olhou para Modred. — Você prefere que eu termine?

— Se puder fazer a gentileza — Modred respondeu. — Chloe disse que uma das irmãs era mais fraca... creio que estava se referindo a esta. Mesmo assim, não foi fácil subtrair a verdade. Não no início. Mas, depois que comecei, todos os muros que ela tinha foram tombando rapidamente. Se a irmã for mais forte, no entanto, vou precisar de todas as minhas forças para lidar com ela.

Alethea segurou a mão de Modred quando ele se afastou de Margarite. Ela sentiu o leve tremor em sua mão e sabia que ele não estava tão calmo quanto transparecia. Iago aproximou-se e tirou do bolso do paletó um fino frasco de prata e entregou-o a Modred. Alethea soltou a mão de Modred e observou ele estremeendo enquanto tomava a bebida, mas, após o gole, a cor foi retornando ao seu rosto lentamente. Se uma mulher que quase não tinha matado ninguém causou-lhe aquilo, imagine o que ia acontecer quando ele olhasse dentro da mente de Claudete?

— Modred, talvez isso não lhe faça bem — ela sussurrou.

— Com certeza não será divertido, mas vou sobreviver — ele disse. — Só gostaria que Argus pudesse fazer o mesmo que eu faço. Ele pode fazer com que lhe contem o que ele quer saber só com a força do seu desejo e assim não

precisa ver toda a sujeira que existe dentro das pessoas. — Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente enquanto devolvia o frasco a Iago. — Está feito! Logo saberemos para onde eles levaram Hartley. Já valeu à pena por isso.

— Obrigada.

Não tardou para que Argus tivesse Margarite olhando para ele daquele modo entorpecido que somente ele era capaz de infligir sobre as pessoas e com isso forçá-las a responder a todas suas perguntas. No momento em que a mulher disse para onde Hartley tinha sido levado, o desejo de Alethea era sair correndo dali o mais rápido possível, mas ela lutou para ter paciência. De certo modo, sua visão o tinha alertado sobre o avanço rápido. Fora a chegada súbita de alguém que tinha feito Hartley ter a garganta cortada. Ela ia ter de esperar até que um plano fosse elaborado. E, talvez, se continuasse dizendo isso para si mesma, ela não iria enlouquecer.

— O que você fez? — Margarite disse assim que conseguiu sair do estado de torpor que Argus a tinha colocado para se dar conta de que as suas mãos estavam amarradas para trás.

— Só fiz algumas perguntas, às quais você respondeu. — Argus sorriu para ela, e Alethea agradeceu a Deus por ele nunca ter olhado para ela daquela maneira. — Uma vez que não vejo necessidade de fazer com que você se esqueça disso, saiba que você me contou tudo. E, agora, meu homem aqui irá levá-la para a prisão. — Ele olhou para o homem que segurava Margarite pelas mãos atadas e começava a arrastá-la porta afora. — Tenho certeza de que nossos homens já devem ter reunido todos os capangas dela e

prendido-os na carroça. Ela pode se juntar a eles. Amordace-a se for preciso — ele adicionou quando Margarite começou protestar aos gritos.

Argus voltou-se para Aldus:

— Encontrou alguma coisa interessante?

— Creio que ela estava envolvida em algumas chantagens. Além disso, somente algumas jóias e dinheiro. Uma grande quantia em dinheiro.

— Podemos examinar os papéis mais tarde. Agora que sabemos onde Hartley está, temos que elaborar um plano. Primeiro, precisamos enviar alguns homens para fazerem o reconhecimento da área. Sei que aquele depósito está vazio, mas tenho certeza de que Claudete deve ter colocado guardas ao redor. Precisamos descobrir quantos e onde eles estão posicionados. Eles precisam ser removidos antes de entrarmos.

Alethea caminhou até a janela para ver a carroça com Margarite e seus homens partir. Ela permaneceu ouvindo enquanto Argus dava ordens e os homens escolhidos saíam apressados. A espera prometia ser longa e difícil, mas ela não podia se deixar transtornar por isso. Assim como não poderia permitir que os homens rejeitassem a sua companhia quando ela se juntasse a eles. Ela ia fazer de tudo para ficar fora do caminho, obedecer às ordens dadas, mas ela precisava estar lá quando eles encontrassem Hartley.

— Alethea — Argus disse ao parar ao lado e pousar o braço sobre o seu ombro —, estamos quase terminando. Logo você o terá de volta em casa.

— Mas em que estado? — ela perguntou, dando voz a seu temor, num sussurro trêmulo.

— Vivo. E isso é o que importa. Ela quer algo dele e não vai permitir que ele morra antes de conseguir.

— Mas ela já está com ele por um dia inteiro.

— Ele é um homem grande e forte, minha querida. E ela não ficará com ele por muito mais tempo. Suponho que não vai adiantar pedir que espere em casa até que o levemos para você.

— Não. Preciso estar lá. Juro que farei o que você me disser para fazer, mas preciso estar lá quando ele for encontrado.

— Justo. Agora, vamos sair daqui? Este lugar cheira como elas. Estou precisando respirar um pouco de ar fresco.

Alethea acompanhou-o para fora da casa. Eles pararam próximos da carruagem enquanto Aldus, Gifford e Iago traziam os baús que tinham sido encontrados embaixo do assoalho e os prendiam no bagageiro do veículo. Modred caminhava devagar na calçada em frente à casa, Olímpia ao seu lado.

— Modred está bem? — ela perguntou a Argus.

— Ele está bem — respondeu Argus. — Ele precisa fazer isso, por você, e para provar a si mesmo que merece ser o líder da família. Acredito também que vai ser bom para ele em outro sentido. Esta é a pior situação que ele irá enfrentar, e ele está conseguindo. Isto vai ajudá-lo a sair de Chantiloup com mais facilidade, e parar de se esconder atrás daquelas muralhas imensas. Ele é um homem agora, não é mais um garoto. Precisa parar de se esconder tanto. Isto está servindo também para mostrar a ele que também existem outros lugares, tais como o lar que você compartilha com Hartley, onde ele pode ir e encontrar a paz e até mesmo fazer novas amizades e ter companhia.

— É claro. Fico feliz em ver que ele conseguiu ficar à vontade com Hartley e as crianças. Você tem razão. Ele precisa sair lentamente da sua caverna. Eu só queria que ele não tivesse sido apresentado ao mundo de uma maneira tão assustadora.

— É triste, mas existe muita maldade nesse mundo. Se ele quiser ter algo que se aproxime a uma vida de verdade, uma vida plena, então ele terá que aprender a lidar com isso. Assim como também precisa ver que existem pessoas nesta família mais do que prontas a ajudá-lo a passar por isso.

Alethea assentiu e olhou na direção que os homens tinham ido.

— Você acha que vai demorar muito para eles fazerem o reconhecimento?

— Não muito. Depois vamos planejar como vamos fazer para lidar com os guardas e entrar no lugar sem sermos vistos. E esta, minha querida, é a parte difícil de uma emboscada. Esperar. Planejar. Pensar em cada passo que será dado. Mas é o único modo de ser feito. Entrar correndo pode parecer um ato de heroísmo e ousadia, mas vidas podem ser perdidas por isso. — Ele beijou-a no rosto. — Tenha paciência. Tudo é para garantir a segurança do seu marido, assim como a nossa.

Ela guardou aquelas palavras próxima ao coração. Elas precisavam ficar lá, gravadas na sua mente, por cada segundo até que Hartley estivesse em segurança. Ela sabia que o seu medo poderia facilmente levá-la a cometer alguma tolice. Isso poderia custar à vida de Hartley e colocar as vidas dos seus amigos e familiares em perigo também.

Parecia que já tinham passado horas quando os homens retornaram e pareceu demorar ainda mais para o planejamento ser concluído. Alethea logo entendeu o significado exato de quando alguém dizia que estava com vontade de arrancar os cabelos. A tensão cresceu a tal ponto por dentro que ela chegou a pensar que estava prestes a rachar, como um galho seco.

Quando a ordem para partirem finalmente foi dada, ela quase se atirou dentro da carruagem. Mas ouviu com atenção enquanto Argus dizia que ela ainda iria enfrentar mais espera. Ela não teria permissão para se aproximar do depósito até que os guardas estivessem presos. Depois teria de esperar do lado de fora até que Hartley fosse libertado. Alethea odiou tudo aquilo, mas jurou que iria seguir as ordens que tinham sido dadas. Tudo que pediu foi que, no momento em que Hartley fosse libertado e todos os seus seqüestradores estivessem mortos ou presos, ela pudesse ir até ele.

Olímpia apertou a mão de Alethea quando a carruagem entrou em movimento. Todos os homens, salvo o que estava conduzindo a carruagem e um guarda, já tinham desaparecido pelas sombras da noite, pois trajavam vestes pretas como seus cavalos. Alethea rezou baixinho para que eles conseguissem chegar lá a tempo.

— Vamos conseguir salvá-lo — Olímpia disse.

— Você viu isso?

— Não, mas Argus tem certeza, e ele raramente se engana, homem irritante e arrogante que é. — Olímpia suspirou. — Eu simplesmente *sinto* isso. Lá no fundo, apenas *sinto*. E, lembre, eu a vi feliz.

Alethea se lembrava disso. Infelizmente, uma voz lá no fundo da sua mente lembrava-a de que Olímpia não tinha dito por quanto tempo ela seria feliz.



## CAPÍTULO XVIII

UMA DOR DE GARGANTA ARDENTE SAUDOU HARTLEY À MEDIDA QUE ELE SE arrastava da escuridão da inconsciência. Pelo jeito ele finalmente tinha gritado, apesar de não se lembrar. Seu orgulho foi ferido pelo fato de ter gritado, mas ele disse a si mesmo para não deixar de ser idiota. Que tolo não iria sofrer com a dor da tortura? Sua honra estava preservada. Ele não tinha dito nada.

*Alethea.* Ele sentiu um aperto no coração quando o nome acariciou sua mente, espalhando saudade pelo seu corpo maltratado. Se não fosse encontrado logo, ele sabia que nunca mais voltaria a vê-la, nunca mais poderia abraçá-la e isso foi o suficiente para fazer seus olhos arderem cheios de lágrimas. Nunca mais iria fazer amor com ela ou ver o ventre macio e alvo carregando um filho seu. Assim como nunca iria ouvir a risada daquela criança. Hartley quase ficou feliz por estar firmemente amarrado àquela cadeira, pois temeu que, do contrário, pudesse ter caído de joelhos e lamentado pelo seu destino. Seus raptos sem dúvida teriam visto o gesto como uma fraqueza, em vez de a dor honesta por tudo que ele estava perdendo.

A dor estava deixando-o mórbido, ele concluiu, e lutou contra o rumo funesto que seus pensamentos tomavam. Isto poderia enfraquecê-lo, até

chegar ao ponto de dizer coisas que ele não deveria e assim acabar traindo seu país. Hartley buscou por pensamentos que o fortalecessem, que lhe dessem conforto e esperança. Ele pensou sobre como a família de Alethea iria protegê-la. Reservados, reclusos, abençoados com todos aqueles dons que ele nem sempre compreendera, e aparentemente muito, muito numerosos, eles poderiam protegê-la e ampará-la.

Se ele já tivesse conseguido engravidá-la, eles poderiam ajudar na criação do seu filho, e ele duvidava que pudesse ter escolhido melhor. Ele desejava com todo fervor poder estar lá, mas encontrou conforto no fato de que não a estaria deixando sozinha e desprotegida. Assim como nem Germaine ou Bayard seriam abandonados. Alethea cuidaria disso. E, ele pensou sombriamente, a família de Alethea nunca iria descansar enquanto não encontrasse as malditas irmãs que tinham acabado com sua vida. A idéia quase trouxe um sorriso aos seus lábios, mas sua boca maltratada certamente iria doer com o movimento.

O *toc, toc, toc* dos sapatos de luxo de Claudete ecoando pelo cômodo arrancou-o de seus pensamentos. Hartley ficou um tanto surpreso ao se dar conta do quanto desejava continuar vivo só para ter o gostinho de ver a mulher enforcada. Tinha visto um enforcamento uma vez e jurara que nunca mais assistiria outro. Mas para ver Claudete chacoalhando no laço ele quebraria o juramento sem hesitação. Não apenas porque ele poderia ser o seu executor. Mas porque ninguém estaria seguro enquanto ela continuasse viva, nem mulheres, homens e crianças. Claudete era um ser desprezível, um daqueles que tinha o maior prazer em infligir dor e matar por capricho.

— Você me desapontou, Redgrave — ela disse. — Imaginei que fosse um homem inteligente. No entanto, você não fez nada para se livrar dessa agonia.

Hartley abriu os olhos na medida em que o inchaço permitiu. Os homens de Claudete tinham *amansado-o* para que ela pudesse torturá-lo com muita habilidade. Eles tinham infringido muita dor e causado muitos ferimentos, embora ainda não tivessem quebrado nenhum osso ou causado algum dano que o impossibilitasse de falar. A parte de quebrar ossos veio depois. Ele baixou os olhos para as próprias mãos, seus braços agora estavam amarrados aos braços da cadeira, e franziu a testa ao ver quanto estavam inchados. Quase todos os seus dedos estavam quebrados. Escorria sangue de tantos cortes superficiais ao longo do seu corpo que ele nem se deu ao trabalho de contar. Ele pensou sobre os outros que ela tinha matado da mesma maneira e soube que, com ou sem dedos quebrados, caso conseguisse se livrar das amarras, ele seria capaz de estrangular aquela mulher e apreciar o modo como ela morreria sob suas mãos. Ela não poderia matar a sua alma, mas o estava privando de toda sua noção de civilidade.

Ele olhou para ela e usou uma frase curta, composta por duas palavras apenas, com uma palavra grosseira de quatro letras que ele não usava desde os tempos de adolescente, testando seus limites. E não se surpreendeu quando ela não mostrou nenhum sinal de espanto diante das palavras, somente raiva. Hartley desconfiava que muitos dos pobres-diabos que ela enviara para a morte tinham cuspidos as mesmas grosserias.

— Não restou muita pele em você para cortar, Redgrave, ou ossos para quebrar — ela disse. — Acho que a sua esposinha e a família dela, todos

aqueles bruxos possuídos pelo demônio com quem você tanto contava, o abandonaram.

— A única pessoa possuída pelo demônio é você, sua vadia pervertida e doente. — O ódio que contorceu o rosto dela roubou toda a sua beleza. — Eles a encontrarão. Eles possuem muitos dons extraordinários para ajudá-los a rastrear você e não vão parar até que consigam capturá-la e mandá-la para a forca. Por três longos anos eu procurei por Germaine e Bayard, as crianças que escaparam da terrível carnificina ordenada por você, e não encontrei nada. Assim que Alethea e sua família se juntaram às buscas, duas semanas depois eles já estavam em casa. Não importa quanto dinheiro você tenha conseguido acumular ou quantos tolos estão em suas mãos, você não vai conseguir impedir que eles a encontrem e façam pagar por todos os seus crimes.

— Você *vai* me dizer o que eu quero saber!

— Não. — Ele olhou na direção dos homens e constatou que agora só havia três, apesar de estar certo de que havia mais vigiando do lado de fora do prédio. — E se continuar perdendo seus capangas como está, logo estará fazendo isso sozinha.

— Aqueles desertores já pagaram pela deslealdade. Não tolero fracasso ou traição.

— Ou outra coisa qualquer, a julgar pelo número de amantes seus que morreram ou foram feridos nos últimos dias. Você se revelou uma trilha maldita e perigosa.

— Eles sabiam muito e tinham perdido a utilidade. Tirem as botas dele — ela ordenou aos homens. —Acabo de me lembrar de que ainda restaram alguns ossos inteiros.

Hartley conteve um protesto instintivo. Considerando o quanto era dolorido uma topada contra o dedo do pé, ele sabia que estava prestes a sofrer uma agonia que poderia levá-lo a gritar como uma garotinha. Assim como poderia ficar aleijado. Como poderia voltar para sua esposa todo alquebrado, nada mais que um inválido?

Ele ergueu os olhos para as vigas ao alto enquanto os dois homens de Claudete tentavam remover suas botas e, então, piscou surpreso. Alguma coisa se moveu pela galeria elevada que se estendia de uma ponta a outra do cômodo, algo muito maior do que um rato. Ele tentou discernir o que estava vendo, mas a cabeça latejante e o inchaço ao redor dos olhos dificultavam a distinção de um vulto no teto. Então, enquanto Claudete criticava seus homens com rispidez pela lerdeza, o vulto passou um feixe de luz do luar que penetrava através de um buraco no telhado. Somente por uma fração de segundo, o suficiente para ser visto, antes de se ocultar novamente na penumbra, ele conseguiu ver grande parte do vulto.

Aldus. Hartley rezou que a visão do seu amigo não fosse algum delírio causado pela dor que estava sofrendo. Um dos homens de Claudete tinha um martelo, e o outro estava ocupado amarrando o pé de Hartley a um bloco de madeira. Se não tivesse imaginado ter visto Aldus, se o seu resgate estava realmente próximo, Hartley rezou para que viesse antes que o martelo se encontrasse com seus dedos. Após dar uma olhada no modo como Claudete segurava a faca, ele teve certeza de que os dedos quebrados seriam apenas o

começo. Se seus amigos não corressem, logo não precisariam mais fazer tanto silêncio, pois seus gritos iriam ocultar qualquer barulho que eles pudessem fazer.

Alethea andava de um lado para o outro em frente à porta do local onde Hartley era mantido prisioneiro. Argus usara os homens que tinham vindo junto com eles para silenciar e rapidamente livrarem-se dos guardas de Claudete. Alethea não parava de se surpreender com as diversas habilidades do primo, que tinham ajudado a controlar seus temores por Hartley. Pelo menos tinha manejado o suficiente para impedi-la de fazer alguma tolice ou algo perigoso. Mas, agora, com Hartley tão perto, o medo por ele, e pelo que sem dúvida ele tinha sofrido nas mãos daquela mulher, tinha se transformado em uma fera enraivecida dentro dela. E essa fera estava roubando seus últimos resquícios de força de vontade que a impediam de entrar correndo naquele depósito, gritando o nome de Hartley e destruindo todo o trabalho sacrificado dos demais.

— Chega, Alethea. Você vai acabar abrindo uma trincheira tão funda em frente a essa porta que vamos precisar de uma ponte para poder passar por cima — disse Olímpia, segurando Alethea pela mão.

— Eu sei, eu sei. — Ela esfregou a mão na testa. — Só preciso vê-lo, saber que ele ainda está vivo. Gostaria de ser uma Valquíria para poder ajudar no resgate, bradando alguns gritos de guerra pagãos e balançando uma espada. — Ela soltou um leve sorriso quando Olímpia riu. — Eu queria Hartley em casa. — Respirou e confessou logo em seguida: — E que Deus me perdoe, mas eu queria ver aquela mulher morta.

— Não tema. Creio que Deus a perdoará por isso. Quanto a mim? Eu queria que ela sofresse toda a dor, de corpo e alma, que ela causou a outras pessoas.

— Isso é que seria uma justiça verdadeira, mas só podemos esperar que o que todos os sacerdotes dizem seja verdade: ela já está condenada e pagará por todos seus pecados por toda a eternidade.

— Sim, e o diabo sem dúvida é um torturador muito melhor do que aquela vadia. — Olímpia suspirou quando Alethea recuou. — Sinto muito. Mas, às vezes, falo o que me vem à mente. Logo tudo terá terminado. Só restaram três homens lá dentro com Claudete, de acordo com aqueles que estavam do lado de fora. Argus também é mestre em rastrear pessoas. Aquele bando desprezível que está lá dentro logo será capturado e amarrado para uma viagem direta para a prisão antes mesmo que tenham tempo de piscar e se perguntarem o que era aquele vulto que tinham acabado de ver de canto de olhos.

— Acabou de me ocorrer outra coisa. Quando e como Argus se tornou tão bom neste negócio de espionagem. Eu sempre pensei que ele era simplesmente, bem, simplesmente Argus.

— Ele faz parte daquele grupo secreto há um bom tempo. Muitos dos nossos homens estão lá. Alguns trabalham para o governo em tempo integral, outros apenas ajudam de vez em quando. Eu me preocupo, mas ele está fazendo aquilo que acha que deve fazer e adora o que faz. O mesmo acontece com nosso primo Leopold. Na verdade, eu os invejo por todo o perigo a que

eles se expõem. Mas então me lembro de incidentes como este que está se passando, lá dentro, e chego à conclusão de que eles são todos uns loucos.

— Vai ser muito difícil deixar de exigir que Hartley pare de fazer isso.

— É melhor você engolir a vontade de dizer isso. Enterre-a lá no fundo! Não creio, no entanto, que você tenha de se preocupar muito com isso. Quando Hartley souber que está prestes a ser pai, ele irá se afastar desse jogo perigoso, isso se já não se decidiu a fazer isso por você.

Alethea olhou surpresa para a prima, sua mente confusa, tentando compreender o que tinha acabado de ouvir.

— Não estou esperando um filho de Hartley. Ainda é muito cedo.

— Basta uma vez. Leopold costuma dizer que somos como coelhos.

— Que lisonjeiro. Como você pode saber que estou grávida, ter tanta certeza, quando nem mesmo eu sei?

— Apenas sei. Acabou de me ocorrer, quando segurei na sua mão. Desconfio que o seu ciclo deva estar atrasado, mas você nem deve ter notado, tão envolvida que estava com toda a intriga. Confie no que estou dizendo, você está grávida. Se desejar espere um pouco mais para contar para ele. Prometo não dizer nada.

Ela desejava. Alethea acreditou em Olímpia, pôde até sentir o rubor de exultação e encantamento pela idéia de ser mãe rompendo de dentro do seu corpo. Mas apesar da certeza, era melhor esperar. Hartley ia precisar se recuperar, ganhar forças e dar-lhe algum sinal de que agora ele buscava por algo mais do que o tipo de casamento conveniente que ele tinha proposto

quando pediu sua mão. Ela queria uma união de amor e agora só tinha alguns meses para construir uma.

— Você estudou sobre o tema? Leu os livros dos grandes inquisidores?  
— Hartley perguntou a Claudete enquanto lutava contra o impulso de ficar tenso, para suportar a dor que estava prestes a enfrentar. — Ou este tipo de crueldade brota naturalmente em você?

— Faço o que preciso para atingir meus objetivos — irrompeu Claudete.

— Você faz por dinheiro, ganância e uma sensação de poder distorcida. Pensa que isso a torna mais forte do que a pobre alma que você está tratando de modo brutal. Amarrar um homem a uma cadeira, depois cortá-lo e quebrar seus ossos enquanto ele está impossibilitado de se defender é um ato de covardia. Divertir-se com isso é o ato de alguém realmente perturbado de corpo e alma.

De canto de olhos, Hartley viu os vultos do que ele rezou serem seus salvadores aproximando-se sorrateiros. Ainda que lhe custasse um ou dois dedos, ele ia fazer de tudo para prender a atenção de Claudete. Os três capangas seguiam o comando dela, portanto suas atenções estavam totalmente voltadas para ela. Obviamente estavam imaginando estarem seguros em um local bem vigiado. Hartley só conhecia Sir Argus há pouco tempo, mas já tinha certeza de que o homem era capaz de entrar onde quisesse e exatamente do modo que quisesse.

— Vejo as coisas como elas são. Porque sou uma mulher, você pensa que devo ser terna e submissa. — Claudete riu. — Você não passa de um

homem grande e tolo. Uma mulher é tão capaz de fazer o que precisa ser feito, não importa o quão sangrento ou cruel, quanto qualquer homem. Creio que você nunca chamaria de perturbado um homem que tivesse torturado alguém em busca de informações.

— Certamente eu o chamaria, minha querida lunática malvada.

— Assim como eu — disse uma voz grave ao mesmo tempo em que uma mão torcia o braço que Claudete segurava a sua faca.

O que aconteceu em seguida foi tão rápido que Hartley duvidou que teria conseguido ver tudo mesmo que a sua visão estivesse boa e seus olhos não estivessem tão inchados. Claudete lutou, mas Argus amarrou as mãos dela para trás sem perder tempo. Os três bandidos contratados rapidamente foram dominados por Iago. Aldus, Gifford e mais três homens que Hartley não reconheceu, mas supôs que fossem homens de Argus, e ficou aliviado.

Aldus cortou as cordas que prendiam Hartley à cadeira.

— Maldição, velho amigo, eles estragaram um bocado a sua cara bonita.

— Assim como fizeram com Rogers e Peterson — Hartley disse.

— Exatamente, embora, graças a Deus, não tenham chegado ao extremo.

— Graças a Deus mesmo. — Hartley olhou para Claudete, e, apesar de saber que o que ia dizer era um tanto infantil, a sensação foi boa: — Eu falei.

— Traga Alethea — Argus disse para Gifford — e algo para carregarmos Hartley para fora daqui, pois ele não consegue andar. Vamos precisar também de ajuda com os prisioneiros. — Argus entregou um bilhete

para Gifford que obviamente já tinha sido escrito antes de virem salvar Hartley. — E mande um dos meus homens levar isto até a Toca Wherlocke. Todos estão hospedados lá enquanto a casa da cidade de Radmoor está sendo ampliada. Eles saberão o que fazer.

Modred se aproximou enquanto Gifford saiu e olhou para Claudete, lentamente a cor do seu rosto foi desaparecendo.

— Esta é a que tem a alma mais sombria e vazia. Ela está tão consumida pelo ódio, ciúme, ganância, inveja e ira que é como se estivesse doente e apodrecendo de dentro para fora.

Hartley silvou de dor quando Aldus tentou limpar um pouco do sangue do seu rosto.

— Modred, não polua seu coração e a sua mente olhando dentro dela. Ela já confessou o suficiente para eu mandá-la para a forca. — Ele olhou para seus dedos quebrados e então para Claudete. — Eu gostaria de ter o meu anel de volta. Ela pegou.

— Sim. Uma lembrancinha — Modred disse. — Ela tem outras. Muitas outras. Ela vê cada uma delas como um sinal da sua vitória sobre um homem ou uma mulher ou alguém que ela não gostava ou que a insultou de alguma maneira. — Ele contraiu a testa por um momento. — Estão todas em um baú, um que ela encheu para fugir do país depois que acabasse com você. Está guardado em uma cabina no *Raven*. A partida está marcada para a maré de amanhã à noite. Sairá daqui da cidade.

— O que você está dizendo? — interpelou Claudete, encarando Modred de olhos arregalados. — É tudo mentira! Tudo mentira!

— Não. As jóias que ela pegou naquele dia na praia também estão lá. Se for possível identificar as lembrancinhas dela com cada morto, vocês terão provas o bastante para enforcá-la umas dez vezes. Ah, e documentos. Ela já vendeu algo para os nossos inimigos, Hartley. Ela só estava esperando conseguir mais. E vejo que ela queria muito fazer você sofrer por ter se casado com Alethea. Ela tinha muito planos para ferir Alethea também.

Só de olhar para a fisionomia apavorada de Claudete, Hartley teve certeza de que tudo que Modred estava dizendo era verdade. Era desconcertante vê-lo arrancar com tanta facilidade todos os segredos da mente de Claudete, mas Hartley estava feliz por aquele dom sinistro. Agora eles tinham mais do que o suficiente, mais do que apenas as palavras deles sobre a culpa dela e o que ela tinha sido apanhada fazendo com ele.

— Tirem ele de perto de mim! — ela gritou, tentando buscar proteção em Argus, que fez o possível para se esquivar do toque dela.

Modred olhou para os três homens de Claudete.

— Ela tinha intenção de matar vocês também. Nada de testemunhas. É melhor não beberem aquele vinho que ela deu, a menos que queiram escapar da força envenenando-se.

Os três homens olharam boquiabertos para Modred, afetados pelo medo. Em seguida, os três voltaram-se ao mesmo tempo na direção de Claudete. O caos se instalou enquanto os mercenários lutavam contra os homens de Argus numa tentativa de chegarem até ela. Quatro homens de Hartley chegaram correndo para ajudar a acabar com a briga. Logo atrás deles veio Alethea.

Hartley embebedou-se com a visão enquanto ela se aproximava correndo. O modo como ela parou a apenas alguns poucos metros de distância e toda cor desapareceu de seu rosto indicou que ele parecia tão mal quanto se sentia. Os braços que estavam entendidos para abraçá-lo caíram soltos nas laterais do corpo, e ele viu o brilho das lágrimas nos olhos dela.

— Vou me recuperar, Alethea — ele disse enquanto Aldus se ajoelhava para desamarrar as cordas que prendiam seus tornozelos.

Alethea concordou com um menear de cabeça forçado.

— Claro que vai. Conheço várias pessoas que podem ajudá-lo a se recuperar rapidamente.

— Eles já foram chamados, minha querida — disse Argus, aproximando-se para pousar o braço sobre os ombros dela enquanto um dos homens de Hartley segurava Claudete. — Não tenho dúvida de que logo eles estarão chegando na sua casa. — Ele fez uma careta enquanto Claudete era levada, seus gritos eram uma mistura estranha de negações, xingamentos e ameaças horripilantes. — Modred — ele chamou o jovem duque, que parecia estar prestes a esvaziar o estômago. — Você nos prestou um excelente trabalho hoje. Creio que já tínhamos o suficiente para enforcá-la com a irmã, só pelo que ela fez contra um marquês, mas tudo que você arrancou dela e de Margarite irá responder muitas perguntas. Obrigado. Agora, não se aproxime mais daquela vadia.

— Será um prazer obedecer a esta ordem, primo — Modred disse.

— Obrigada, Modred — foi a vez de Alethea agradecer.

— Fiz por você, Alethea. — Modred inclinou a cabeça, num aceno, e em seguida saiu andando devagar.

— Ele vai ficar bem — Argus assegurou a Alethea enquanto ela observava Modred deixando o prédio.

Um grito de Hartley chamou a atenção de volta para ele. Ela começou se mover na direção dele, mas Argus a reteve. Depois de todo o medo e preocupação que sentira por ele, agora ela nem podia tocá-lo.

Apesar do cuidado com que os homens tiveram para colocá-lo na maca, ela podia sentir a agonia que tinha sido para ele e não se surpreendeu quando uma torrente de lágrimas desceu pelo seu rosto. As mãos e o rosto dele estavam muito inchados e machucados. O peito e os braços estavam cobertos por tantos cortes superficiais que ela duvidava que fosse capaz de contar todos sem passar mal. Assim que ele foi acomodado na maca que os homens tinham trazido, Argus soltou-a, e ela correu para o lado de Hartley. Ele estava pálido, ofegante e coberto de suor. Ela duvidou que ele fosse conseguir se manter consciente por muito mais tempo e considerou a hipótese de uma bênção. Com todo cuidado para não esbarrar na maca ou tocar no corpo maltratado, ela se ajoelhou ao lado, inclinou-se e beijou-o na testa, a única parte do corpo que permanecia ilesa.

— Amo você — ele disse, com a voz rouca, apenas um sussurro do que costumava ser. — Fiquei com medo de nunca poder dizer isso.

Alethea ainda estava paralisada de surpresa com as palavras que tinha acabado de ouvir quando ficou em pé, meio cambaleando, para que os homens pudessem erguer a maca. Com um gemido que continha toda a dor

que estava sofrendo, Hartley se entregou à inconsciência. Ela ficou grata quando Argus voltou ao seu lado e abraçou-a com seu braço forte, pois ela estava prestes a desmaiar.

— Ela o feriu tanto — Alethea sussurrou. — Não acho que tenha uma parte dele que não esteja quebrada, sangrando ou machucada. Como ele vai conseguir se recuperar disso?

— Ele é um homem forte e teimoso — Argus disse. — E, não se esqueça, quase todos os curandeiros da nossa família já devem estar a caminho. Eles trocarão turnos para garantir que seu marido se recupere completamente. Os cortes são superficiais, e, pelo pouco que pude ver, os ossos foram quebrados com precisão. Ele está vivo, Alethea. Agradeça por isso. Encontre forças para tanto.

Ela fez o possível para guardar aquelas palavras. Quando Hartley foi levado para casa, a necessidade imediata de tentar acalmar Germaine e Bayard ajudou-a a recuperar as forças. Alethea deixou-os com Argus e os outros assim que sentiu que podia e correu para o lado de Hartley. Apesar de não ter o dom da cura, ela ajudou a limpar os cortes e a enfeixar os ferimentos mais graves enquanto os curandeiros da sua família trocavam turnos, fazendo tudo que podiam por ele. O mais forte do grupo era o meio-irmão de Penélope, Estefan, que fez dupla com Delmar, o filho do seu primo Felix.

Quando todos se retiraram, a esperança de Alethea pela recuperação de Hartley estava crescendo. Olímpia saiu apressada logo atrás dos curandeiros para se certificar de que todos recebessem toda a comida e bebida necessária para recuperarem às forças perdidas durante o processo de cura. Hartley

ainda não tinha despertado, mas dormia tranquilamente, apesar de só terem conseguido fazer com que ele engolisse uma dose do preparado de Kate. Alethea colocou uma cadeira ao lado da cama e concluiu que, certamente tudo que os curandeiros tinham feito fora para atenuar a dor dele, e era o suficiente.

Já era tarde quando Germaine e Bayard entraram no quarto. Alfred entrou logo atrás e colocou uma bandeja com comida e bebida sobre a mesinha que ficava em frente à lareira. Depois de um olhar severo na direção de Alethea, que a mandava comer tudo, ele se retirou. Alethea levantou-se, endireitou o corpo e então caminhou até a mesa. Só então percebeu que estava com fome, que seu apetite estava voltando à medida que seu medo por Hartley diminuía.

— Alfred entende que agora você é uma marquesa? — perguntou Germaine ao ocupar a cadeira de frente para Alethea, deixando Bayard sentado ao lado da cama para cuidar de Hartley.

Alethea sorriu.

— Claro que sim, mas ainda sou a menina que ele conhece desde que eu mal conseguia andar. E os Merdow têm servido os Vaughn há centenas de anos. Eles são, de certo modo, mais da família do que criados.

Germaine assentiu e olhou na direção de Hartley.

— Meu tio parece estar bem melhor do que quando foi trazido para casa, mesmo com todas aquelas talas, os hematomas, as faixas e os cortes. Ele dorme como se não estivesse sentindo nenhuma dor. Como é possível depois de tudo que fizeram com ele?

— Os curandeiros fizeram isso, mas não sei como explicar. Como os dedos, o braço esquerdo e a perna esquerda estão suportados por talas, nem posso ter certeza do quanto eles conseguiram curá-lo. Mesmo assim, ele dorme sem dor. Isso só pode ser um bom sinal.

— A sua família tem tantos dons diferentes. Tem alguém nessa família enorme que não possua um dom?

— Alguns possuem dons muito fracos e quase inúteis, mas são poucos. Não nos casamos entre nós, ou raramente o fazemos, e não apenas por que a Igreja condena. Mas por que todos nós temos a esperança infinita de que um dia vamos conseguir nos livrar disso, apesar de ainda não ter acontecido.

— Eu pararia de tentar, pois para a maioria de vocês, o dom que lhes foi dado parece estar fazendo mais bem do que mal. Até mesmo para o pobre Modred, cujo azar começou quando escolheram colocar este nome nele. — Germaine sorriu quando Alethea riu, mas rapidamente retomou a seriedade.

— Ele parecia pálido e trêmulo, mas parecia também estar muito satisfeito consigo mesmo. Ele ajudou, e acho que isso significou muito para ele. Fez com que sentisse orgulho de si mesmo.

— Sim, é verdade. Chloe disse que ele precisava fazer isso. Só tenho pena por ele ter feito com duas mulheres tão malvadas. Ele está descansando agora? — Quando Germaine respondeu que sim com um aceno de cabeça, Alethea respirou aliviada. — Só rezo para que ele não tenha pesadelos com tudo que viu na mente de Claudete.

— Oscilo entre o desejo de ver aquela mulher morta e o choque de desejar uma coisa dessas. Durante todo o tempo que estivemos na França, o

pensamento firme de fazer aquela mulher pagar foi o que me manteve forte. Mas agora? Agora me sinto um pouco envergonhada. Apesar de achar que ela deveria pagar pelo que fez ao meu tio, a minha família e a tantos outros.

— Concordo — disse Alethea —, e precisamos acreditar que ela vai pagar.

— No inferno?

Alethea encolheu os ombros.

— Só podemos enforcá-la uma vez. — Ela analisou Germaine. — Você deseja ir ao enforcamento dela?

— Não só desejo como preciso. Ela roubou a minha família de mim, salvo por Bayard e o meu tio. Preciso estar lá pelo meu pai, por Theresa e pelos bebês. Assim como preciso ter certeza de que ela realmente morreu.

Foi difícil não argumentar com a menina contra o plano, mas Alethea simplesmente fez um afago na mão de Germaine e então retomou a missão de terminar sua refeição. Eles poderiam voltar a discutir isso quando chegasse o momento. Por insistência de Bayard e Germaine, Alethea buscou a própria cama. Na verdade, seu desejo era permanecer ao lado de Hartley, pois seu medo de perdê-lo ainda corria, profundo e forte, mas ela sabia que precisava dormir. Ia ser preciso ter muita torça e coragem para cuidar de Hartley durante a recuperação, pois a sua intuição dizia que ele não ia ser um paciente fácil.

Depois de se acomodar na cama, Alethea ainda teve muita dificuldade para pegar no sono, apesar de nunca ter se sentido tão cansada em toda a sua vida. As palavras de Hartley continuavam martelando na sua mente, exigindo

que ela pensasse a respeito. *Amo você*. Ele definitivamente tinha dito aquelas palavras, mas ela não estava certa até que ponto poderia acreditar nelas. Ele estava sob o efeito da dor, atordoado por ela, e, ao mesmo tempo, extasiado pelo seu resgate. Suas emoções estavam à flor da pele, isso podia ter incitado às palavras. Além disso, ele podia não estar se sentindo realmente do modo como ela tanto ansiava.

Alethea fechou os olhos e se esforçou ao máximo para limpar da mente todos os pensamentos assustadores que lutavam para lhe roubar o sono. Ela iria esperar e ver o que ele ia fazer e dizer nos próximos dias. "Se ele não repetir a declaração, que seja", ela pensou. Alethea aceitaria se aquilo tivesse sido dito no calor do momento ou num delírio causado pela dor. Só então ela escolheria acreditar nele e gentilmente colocar seu coração nas suas mãos.



## *CAPÍTULO XIX*

COM ALGUNS FLOREIOS FINAIS, HARTLEY ASSINOU SEU NOME NO ÚLTIMO dos documentos que seu secretário tinha trazido do advogado. Ele tinha sido um tolo por não ter feito um novo testamento assim que se casara com Alethea. Os problemas com os quais estiveram envolvidos não serviam como desculpa para o lapso. Mas agora estava feito, e, se algo acontecesse com ele, ela ficaria financeiramente garantida, todos os seus direitos como sua viúva e mãe dos filhos que eles viessem ter estavam totalmente protegidos. Antes de tudo que acontecera, contemplar a própria mortalidade era algo desconfortável, mas depois de ter encarado a morte, ele tomara consciência do quão rápido e inexplicavelmente ela podia tocar no ombro de um homem.

Ele ergueu a mão direita e mexeu os dedos, depois fez o mesmo com a esquerda. Tinham se passado apenas três semanas desde que fora resgatado das mãos de Claudete e seus homens. Ele já estava quase novinho em folha. Na última semana, somente um pouco de fraqueza e a necessidade de recuperar as forças perdidas que o impediram de estar totalmente recuperado. Hartley podia até não compreender o que os curandeiros tinham feito, mas não tinha palavras para agradecer. Seus braços e pernas também tinham curado rapidamente e estavam ficando mais fortes a cada dia. Ele poderia muito bem ter ficado aleijado. Tudo era um milagre que ele só poderia

agradecer a Deus todos os dias. E, apesar das recusas em receberem quaisquer formas de pagamento, ele tinha enviado uma gratificação para cada um dos Wherlocke e dos Vaughn pelos esforços a seu favor.

Agora ele poderia voltar sua atenção para a esposa, pensou e sorriu. Ela não tinha comentado nada sobre a sua declaração de amor feita naquele dia, pouco antes de ele perder a consciência. Hartley chegou à conclusão de que ela tinha se convencido de que as palavras tinham sido ditas no calor da emoção do momento e que não eram sinceras. Mas ele estava determinado a mostrar quão enganada ela estava. Os agrados já tinham começado com presentinhos e longas conversas a dois no jardim, enquanto ele se recuperava. Agora que já se sentia completamente curado, ele poderia iniciar os agrados na cama e fora dela.

Germaine invadiu seu escritório, e, rapidamente arrancando a sua mente para fora do quarto onde a sua ardente esposa o aguardava com nada mais que um sorriso no rosto, ele sorriu para Germaine. O tempo que tinha passado se recuperando tinha servido também para aproximá-lo de seus sobrinhos. Eles choraram juntos quando as jóias que Claudete tinha roubado do conde naquele dia na praia foram devolvidas. Bayard e Germaine choraram pela madrasta deles, uma mulher que eles tinham aprendido a amar, e pelos seus dois meio-irmãos. Hartley tinha chorado pela irmã que perdera anos atrás, pela morte estúpida do homem que a sua irmã amara, e pela dor que ela teria sentido se tivesse ficado sabendo o quanto seus filhos tinham sofrido. Naquele momento de dor, eles finalmente se tornaram uma família de verdade.

— Claudete e Margerite serão enforcadas hoje — Germaine disse parada diante da escrivania, brincando agitada com uma pedrinha colorida que ela tinha apanhado na praia quando ainda era criança, durante um passeio com o pai.

Hartley amaldiçoou em pensamento, pois esperava que ela não descobrisse isso. Mas ele já deveria ter imaginado. Durante os três anos que passara na França trabalhando e se escondendo, Germaine tinha adquirido algumas habilidades que a maioria das moças da sua idade não tinha. E se tinha uma coisa em que ela era boa, era escarafunchar qualquer informação.

— Eu irei, portanto você não precisa ir — ele disse.

— Eu sei, mas me sinto culpada por isso. É meu dever estar lá em nome do meu pai, de Theresa e dos bebês.

— Mas é exatamente o que farei por você, assim como estarei fazendo pelos outros que aquela mulher matou.

— Alethea vai com o senhor?

— Não. Ela estava preparada para ir, mas foi fácil até mesmo para um homem turrão como eu ver que ela não queria realmente ir a um enforcamento e compreendi. É um modo horrível de morrer. Eu, particularmente, não gostaria muito de ver, mas vou com Iago, Argus, Gifford e Aldus, mais um grupo grande de homens que trabalharam ou eram amigos de Rogers, Peterson e dos outros que ela matou. E, prometo a você, que farei de tudo para me certificar de que ela morreu de verdade.

Germaine contornou a mesa e beijou-o no rosto.

— Obrigada, tio, e Bayard também agradece. Ele nunca quis ir. Já vimos mortes o suficiente na França. — Ela estava indo saindo quando parou a porta. — Oh, e Bayard e eu vamos passar o dia de amanhã na casa de campo dos Radmoor. Vamos partir em breve e só retornaremos no final do dia. Alfred e Kate virão conosco como criada e valete. Está bem assim para o senhor?

— Claro. A casa e a propriedade de Radmoor são muito bonitas. E, é claro, ainda tem todos àqueles jovens. Um pouco de ar fresco do campo vai fazer bem a vocês. Divirtam-se.

— Tenho certeza de que vamos, tio. Espero que o senhor também tenha um bom dia — ela cantarolou enquanto ia embora correndo.

Hartley realmente planejava ter um bom dia. Até poucos dias, ele teria que deixar que Alethea tomasse a frente na relação sexual, isso se tivessem tentado. O que de sua parte não teria nenhum problema, mas ela o vinha tratando como um inválido, e ter uma relação sexual era claramente a última coisa que passara pela cabeça dela. Todos os parentes de Alethea já tinham ido embora. Agora Germaine e Bayard iam ficar fora por um tempinho. Até mesmo Kate e Alfred estariam ausentes. Ele poderia pedir para a senhora Huxley deixar a comida pronta e dar folga para todos os criados, começando por logo depois do jantar e continuando por todo o dia seguinte até que Germaine e Bayard retornassem. Só restaria um assunto desagradável para cuidar, depois ele poderia concentrar todas as suas atenções em seduzir a esposa. Nesta noite, ele já pretendia mostrar que não era mais um inválido.

— E aquele espetáculo pavoroso coloca um fim a toda esta história — disse Argus enquanto ele, Hartley e os outros se afastavam do pátio onde ficava a forca. — Você pode garantir a Germaine, Bayard e sua esposa que aquela mulher morreu de verdade. Ela e a irmã. Acho que eu até contaria para eles o modo horrível como elas morreram.

Hartley fez uma careta. A morte das duas tinha sido horrível. Elas tinham chorado e protestado, chegaram até a se debater e arrastar os pés a cada degrau subido. A multidão vaiou, zombou e atirou comida e carne estragada. Ele ficou feliz que Alethea e Germaine não estivessem lá para verem tudo aquilo. O espetáculo tinha sido o mais pavoroso e grotesco que ele já tinha visto. O fato de Margarite quase ter sido decapitada pela corda só contribuiu para isso. Ele tinha imaginado que conhecer as condenadas e saber de todos os crimes que elas tinham cometido contra ele e sua família tornaria mais fácil assistir à execução. Mas não. Pelo menos agora ele poderia contar aos seus familiares que Claudete e Margarite nunca mais poderiam incomodá-los.

Ele se despediu dos outros homens e seguiu sozinho para casa. Alethea veio recebê-lo no vestíbulo, com uma fisionomia de expectativa no rosto. Depois de entregar o casaco e o chapéu para Cobb, ele conduziu Alethea gentilmente até o escritório. Com a maior delicadeza que pôde, contou sobre o enforcamento, sem mencionar a quase decapitação, pois o detalhe era irrelevante à história, e ele simplesmente não teve coragem de descrever aquela parte grotesca para sua esposa que já estava de olhos arregalados. E então, servindo-se de uma dose de conhaque, ele esperou para ouvir o que ela tinha a dizer sobre tudo aquilo.

— É estranho, não acha? Duas pessoas que mataram tantas outras tivessem tanto medo da própria morte. — Alethea aproximou-se de Hartley e entrelaçou os braços ao redor do seu corpo, recostando o rosto contra o peito largo. — Sinto muito por você ter testemunhado aquilo, mas por outro lado fico feliz por ter certeza de que as duas se foram.

— Fui porque as vítimas dela não podiam ir. Iago disse que as almas que rondavam Claudete estão descansando agora.

— Deus! Tudo terminou, e agora podemos seguir com as nossas vidas. — Ela se afastou, apesar do desejo de permanecer em seus braços. — Um banho foi preparado para você, e depois tem o jantar para ser desfrutado. Será estranho sentarmos somente nós dois à mesa novamente. Isso não acontece desde que tínhamos apenas três dias de casados.

Enquanto subia para seu quarto para se livrar do mau cheiro da prisão, Hartley pensou que seria um prazer ter Alethea só para ele por um tempinho. Os criados iriam embora depois do jantar. Ele poderia perseguir sua esposa pela casa e fazer amor com ela em todos os cômodos que desejasse. Assim como poderia tentar fazer o possível para descobrir exatamente como ela se sentia em relação a ele.

Ele a amava e precisava que ela retribuísse esse amor na mesma medida. Não ia ser fácil despir sua alma quando ainda não tinha certeza da profundidade dos sentimentos que ela nutria por ele, mas sabia que poderia fazê-lo. Depois de tudo que tinha passado parecia tolice alimentar o orgulho, depois daquele momento quando pensou que nunca mais iria vê-la novamente. Sua intuição lhe dizia que ela o amava, mas ele precisava ouvir

aquelas palavras. Hartley sabia que também precisa fazer com que Alethea acreditasse nele quando ele dissesse as mesmas palavras para ela.

Alethea olhou ao redor do seu quarto e suspirou. Era um belo quarto, mas ela queria estar dividindo a cama com Hartley. Desde que tinham se casado foram poucos os momentos que passaram juntos na mesma cama. Ela estava começando a temer que Hartley estivesse gostando das coisas como estavam. "Talvez ele mudou de idéia", ela concluiu. Eles eram marido e mulher, não um casal de pecadores encontrando-se às escondidas quando o tempo e a ausência de outros parceiros permitiam.

Ela analisou cuidadosamente a própria imagem no espelho. Seus cabelos estavam limpos, sedosos e brilhando saudáveis, apesar de ela desejar que eles não fossem tão pretos quanto às asas de um corvo. A camisola e o penhoar que estava vestindo tinham sido confeccionados com puro linho azul e adornados com renda branca, com a intenção de seduzir um homem; pelo menos, tinha sido isso que a costureira afirmara. Os seios pareciam muito expostos para o seu gosto, o decote da camisola mal cobria os mamilos. Alethea não fazia a menor idéia do que os homens gostavam de ver, mas, se fossem seios, Hartley ia encher os olhos.

— É agora ou nunca, mulher — ela murmurou ao se virar e sair marchando na direção da porta que ligava o quarto dele ao seu. — Coragem. Isto é para o resto da sua vida. Está na hora de começar de acordo com o que você espera que continue sendo.

Alethea abriu a porta e deu de cara com Hartley, vestido apenas com um robe, parado com a mão erguida e pronta para tocar na maçaneta. — Oh. Eu ia justamente falar com você.

— Ótimo. — Ele a segurou pela mão e puxou-a para dentro do quarto. — Eu também queria falar com você. Não estou mais precisando de cuidados especiais e nem passar as noites sozinho na minha cama.

— Sim, posso perceber isso.

Hartley não tinha amarrado muito bem seu robe, dava para perceber que ele estava completamente nu por baixo. Ela cruzou as mãos à frente do corpo para impedir que elas entrassem embaixo do robe e deslizassem sobre toda aquela pele lisinha e firme que ela adorava tocar. Ele queria conversar, e, uma vez que ela também queria, era melhor não se deixar levar pelos impulsos mais básicos. Haveria tempo para isso mais tarde.

— Isso é novo? — Hartley parecia não conseguir tirar os olhos dos seios quase à mostra. Todas suas palavras cuidadosamente planejadas estavam escapando. — Não me lembro de ter visto antes. — Ele deslizou a mão, tocando com as pontas dos dedos apenas sobre as elevações dos seios acima do decote da camisola e sentiu que ela estremeceu levemente.

Talvez, na cama, fosse o melhor lugar para conversarem, ele pensou, com a boca salivando de vontade de provar a carne macia que ela estava expondo. Lá, no calor da paixão, poderia arrancar dela as palavras que ele precisava ouvir. Para ele certamente ia ser mais fácil do que dizê-las. Hartley passou o braço ao redor da cintura delicada e puxou-a para perto do seu corpo.

— Pensei que você quisesse conversar — ela disse enquanto enfiava as mãos dentro do robe para acariciar as laterais do corpo forte.

— Podemos conversar na cama — ele disse enquanto tirava lentamente o penhoar e beijava o ponto onde o decote da camisola encontrava o ombro.

O calor daquele beijo suave contra a sua pele fluiu por todo o corpo de Alethea. Ela decidiu que poderiam conversar durante ou depois. Já não se importava mais. Fazia muito tempo desde a última vez que ela o abraçara daquela maneira, beijara-o e tocara nele. Todo seu corpo ansiava por ser possuído.

— Acho que vai ser rápido e arrebatador— ele disse.

— Só não rasgue a camisola. Você pagou por ela.

Ele riu enquanto tirava a camisola por cima da cabeça dela para, em seguida, arrancar o robe. Quando ele puxou-a de volta para seus braços, caíram sobre a cama. A sensação da pele macia em contato com a sua foi uma lembrança dura de quanto tempo fazia desde que ele a tinha provado. Ele beijou-a, mostrando-lhe sua vontade de penetrá-la a cada estocada que dava com a língua enquanto tocava-a por inteiro.

Alethea tentou retribuir cada carícia recebida na mesma proporção. Estava faminta para sentir o calor da pele dele e o gosto dos seus beijos. Seu desejo estava tão intenso e quente que ela não conseguia mais se conter e teve receio de que a ouvissem. Então ele sugou a ponta enrijecida do mamilo ao mesmo tempo em que a penetrava com os dedos. Nesse momento, ela se esqueceu por completo da necessidade de não fazer barulho.

Eles se atracaram num esforço de se tocarem em todos os pontos que dariam mais prazer ao parceiro. Alethea finalmente segurou firme o membro ereto e acariciou toda a extensão quente. Quando ele estremeceu em seus braços, ela conheceu uma sensação de poder sensual que só veio somar ao seu desejo.

— Agora, Hartley — ela exigiu, todo seu corpo tremia de vontade que ele a penetrasse.

— Está me dando ordens agora?

Ele nem se surpreendeu com a rouquidão da própria voz. Cada pedacinho do corpo estava enrijecido, pronto para possuí-la. Já tinha sido um suplício ter de se segurar por todo aquele tempo. Ele ficou de joelhos, segurou-as pelas coxas e afastou as pernas dela. Uma pequena parte da sua mente que ainda estava consciente riu do modo como ela arregalou os olhos. Puxando-a para frente até que as pernas repousassem sobre os seus quadris, ele penetrou-a. O calor do corpo dela fez com que ele ofegasse e perdesse o último fio do pouco controle que ainda tinha.

Alethea ficou chocada quando ele a colocou em uma posição tão indecorosa. Então ele penetrou-a, e seu corpo desejoso revelou que não importava a posição, contanto que ele continuasse fazendo. O prazer explodiu dentro do seu corpo, e ela arqueou o corpo, aproximando-se dele, na ânsia de tê-lo o mais profundamente possível. As mãos de Hartley apertaram quase que de um modo dolorido seus quadris, e então ele deu mais quatro estocadas, até parar por completo e o calor da sua semente banhá-la por dentro. O modo como ele gritara o seu nome foi música para os seus ouvidos.

— De fato, foi rápido e arrebatador — ela disse depois que eles já tinham se limpado e jaziam largados um nos braços do outro. — E barulhento também. Espero que ninguém tenha nos escutado, pois, do contrário, não terei coragem de olhar para ninguém amanhã.

— Ninguém ouviu. — Hartley deleitou-se com a visão de Alethea nua em seus braços, subindo e descendo os dedos ao longo das costas dela. — Todos saíram.

— Bem, sim, sei que Germaine e Bayard, com Alfred e Kate, foram para a casa de campo dos Radmoor, mas... — Ela franziu a testa quando ele posou os dedos sob os seus lábios para silenciá-la.

— Todos saíram. Dei folga para os criados, logo após o jantar, e eles não voltarão até a manhã de depois de amanhã. Temos toda a casa só para nós dois. — Ele deu um tapinha no belo traseiro, gentilmente rolou o corpo dela de cima do seu e se levantou. — E acho que vou até a cozinha comer um pouco da comida que a senhora Huxley deixou para nós.

— Nu? — Alethea sentou, cobrindo os seios com o cobertor enquanto o media da cabeça aos pés. E ficou assombrada que, mesmo depois de uma bela rodada de muito prazer, aquela coceirinha de interesse estava perpassando seu corpo novamente.

— Estou na minha casa. Não tem nenhum criado aqui. Portanto, sim. Vou a cozinha comer algo, nu. Quer vir comigo?

Ela desceu da cama e apanhou o penhoar.

— Vou também, mas não totalmente nua.

Hartley ficou observando ela marchando para fora do quarto na frente dele e sorriu, decidido a não contar que o penhoar pouco escondia. Mas se aquilo lhe dava a sensação de estar decentemente coberta, ele não ia discutir. Afinal, estava adorando a visão. Esfregando as mãos uma na outra, ele começou pensar em todos os modos que ele poderia fazer amor na cozinha.

Para surpresa de Alethea e depois prazer, Hartley fez amor com ela em cima da mesa da cozinha. E, mal ela estava se recuperando disso, quando ele a arrastou para o escritório e fez amor com ela em cima da escrivaninha, dizendo que sempre se lembraria disso e a lembrança iria aquecê-lo nos dias em que estivesse mergulhado no trabalho.

Na sala de estar, ele estendeu-a sobre o canapé que ficava aos pés da janela e fez sexo oral nela. Na sala de café da manhã, ela o empurrou contra a parede e retribuiu o presente que tinha ganhado. Alethea já tinha perdido todo o senso de pudor quando eles fizeram amor na escadaria. Ela não tinha certeza se ia conseguir andar no dia seguinte quando eles voltaram trôpegos para o quarto. Seu último pensamento claro foi que eles ainda não tinham conversado.

Os primeiros raios do novo dia estavam começando a iluminar o céu quando ela despertou com o calor da boca de Hartley em seus seios. Alethea ergueu a mão e passou os dedos entre os cabelos do amado.

— Você é insaciável.

— Somente com você. — Ele deu uma mordidinha na ponta do mamilo que tinha acariciado até enrijecer.

— Hartley, você disse que tinha algo que queria conversar comigo a respeito — ela lembrou-o, contendo as exigências do seu corpo para não ceder à doce sedução.

Ele deslizou para cima e beijou-a.

— Quero que você durma aqui. Todas as noites.

— Oh. Claro. — Ela corou. — Eu ia justamente falar sobre isso com você. Não gosto de dormir sozinha, e não temos feito outra coisa desde que nos casamos.

Hartley beijou-a novamente, aliviado por ela também estar ávida por compartilhar a mesma cama.

— Bem, eu disse algo quando fui salvo, pouco antes de ter perdido a consciência. Você nunca comentou o que eu disse, apesar de eu ter certeza que você me ouviu.

— Está tudo bem, Hartley. Sei que você estava sentindo muita dor e que estava tão eufórico por estar sendo libertado, e eu... eu... — Ela gaguejou quando ele gentilmente pousou a mão sobre a sua boca.

— Pensei que aquele fosse o melhor modo de dizer. Fui sincero, Alethea. Em cada palavra que eu disse, e teria sido mais claro se estivesse em condições de falar. — Ele não tinha certeza se era um bom sinal o modo como ela arregalou tanto os olhos a ponto de parecer que estava doendo, mas mesmo assim prosseguiu: — Eu pensei que ia morrer.

Ela removeu a mão que a silenciava.

— Eu sei, e foi por isso que você sentiu necessidade de dizer aquilo...

Ele colocou a mão de volta no lugar onde estava. — Senti necessidade de dizer aquilo porque eu estava com medo de que, na minha covardia, eu tivesse perdido para sempre a chance de te dizer. Eu estava sentado naquela cadeira maldita, esperando que aquela mulher quebrasse ainda mais ossos do meu corpo, e comecei a pensar em tudo que eu estava perdendo, pois não via como sair dali vivo. Oh, sim, eu disse que você ia chegar, alardeei sobre os diversos dons da sua família e como ela não ia conseguir escapar, mas no fundo eu achava que ia morrer.

— Mas eu só conseguia pensar em você. Que nunca mais eu ia poder abraçá-la outra vez, vê-la, fazer amor com você. Pensei até que nunca iria vê-la esperando o nosso filho ou ouvir a risada dessa criança. Não pensei nos meus amigos, nem mesmo em Germaine e Bayard, exceto quando tive certeza de que você cuidaria bem deles. Nem que meu título ou as minhas terras iriam ficar sem um herdeiro. Só consegui pensar em você e em como eu poderia morrer sem lhe dizer o que você significa para mim. Estou sendo sincero, Alethea. Eu a amo. — Ele franziu a testa quando uma lágrima escorreu pelo rosto dela. — Você está chorando? — Lentamente ele foi afastando a mão.

— Não — ela respondeu e enxugou as lágrimas do seu rosto com as próprias mãos. — Oh, Hartley, sou mesmo uma infeliz. Durante todo este tempo não mencionei isso por que pensei que você nem se lembrava, apesar de esperar que sim. Sinto muito.

— Não há nada para se desculpar. Eu já tinha imaginado isso. Aquele não foi o melhor momento para fazer uma declaração, mas isso tinha sido uma das coisas que pensei que nunca ia poder fazer e me senti compelido a

dizer de imediato, no momento em que a visse novamente. — Ele contraiu as sobrancelhas quando de repente pensou em tudo que ela tinha acabado de dizer. — Você disse que esperava ouvir isso de mim?

— Eu disse isso? — ela perguntou, fitando uma mecha de seu cabelo enquanto ajeitava as madeixas com os dedos, lutando para não sorrir.

Seu coração estava explodindo de alegria. Ele a amava. Ela tinha ouvido aquelas três palavrinhas em seus sonhos desde que ele tinha dito pela primeira vez e rezado em segredo todas as noites para que ele dissesse outra vez e que estivesse sendo sincero. Agora que ele tinha dito, ela estava atordoada de felicidade e mal podia acreditar que estava provocando-o antes de responder com gentileza. As palavras tinham queimado na ponta da sua língua por tanto tempo que ela ficou surpresa que não estivessem marcadas lá.

Ela soltou uma risadinha suave quando ele segurou seu rosto na palma da mão imensa e forçou-a a olhar para ele. Alethea pôde perceber pela falsa fisionomia de raiva estampada no rosto que ele sabia que ela o amava. Se houvera algum momento de dúvida, ele já tinha deixado para trás.

— Alethea, quando um homem faz uma declaração de amor para uma mulher, é esperado que ela diga alguma coisa — ele disse. — Especialmente quando ela diz algo sobre esperar que seja verdade e está deitada nua embaixo dele.

— Ah, então é por isso que você estava com tanta pressa para me levar para a cama. Você esperava que a nudez pudesse me incitar a revelar todos os segredos do meu coração.

— Alethea — ele rosnou.

Ela riu e beijou-o.

— Eu o amo. Eu o amo quase desde o começo. Acho que a semente do amor foi plantada na primeira vez que o vi em uma visão.

— Você nunca disse isso.

— Não? Fui para a cama com você apesar do fato de nunca ter mencionado nada sobre casamento, e eu era virgem. E também aceitei o seu pedido de casamento medíocre.

— O que tinha de errado com o meu pedido?

— Companheirismo, paixão e alguém para ajudá-lo a cuidar de Germaine e Bayard? Hartley, meu único e verdadeiro amor, somente uma mulher loucamente apaixonada diria sim a um pedido como aquele.

Ele riu e aninhou-se no pescoço alvo. Ela tinha razão. Seu pedido tinha sido terrível. Se tivesse percebido o quanto tinha sido ruim, ele saberia que ela o amava no momento em que ela disse sim. Para o conquistador que era, ele sabia muito pouco sobre as mulheres além de levá-las para a cama. Agora que tinha duas morando na sua casa, uma esposa e uma sobrinha, ia ser interessante ver como sua vida iria mudar dali em diante.

Hartley soltou um murmúrio de prazer quando ela acariciou seu abdome.

— Já terminou a conversa?

— Hartley, você deseja ter filhos comigo? — ela perguntou baixinho, pois era difícil ignorar os temores pela sua herança.

— Claro que quero. Por que eu não iria querer ter filhos com a mulher que amo?

— Porque todos os filhos que tivermos terão grandes chances de nascer com algum dom. Sei que já mencionei isso antes, mas você disse que não se importava. Mas fiquei pensando se você ainda pensa o mesmo depois de ter conhecido a minha família.

— Depois de conhecer a sua família, sinto-me ainda mais seguro sobre o que eu disse. Sim, eles possuem dons que eu simplesmente não compreendo e acho que nunca conseguirei entender. Mas aqueles que conheci são muito leais — homens e mulheres encantadores. Uma criança não poderia querer uma família melhor. Se nosso filho nascer com um dom, todos vão nos ajudar na criação para garantir que a criança compreenda o dom e use-o corretamente. Portanto, sim, eu quero ter um filho com você. Não se preocupe sobre o que eu possa dizer se será um dom dos Vaughn ou dos Wherlocke que venha com o nosso bebê. Eu amarei todos os filhos que tivermos, mesmo que eles vejam fantasmas.

Alethea estava quase sem forças, tamanho seu alívio.

— Espero que esta criança não tenha um dom tão sinistro. Você vai precisar se acostumar primeiro a este tipo de coisas antes que venha o segundo.

Hartley apoiou-se sobre os cotovelos e encarou-a.

— Alethea?

Ela pousou a mão dele sobre o seu baixo-ventre.

— No dia que o salvamos, Olímpia me contou que havia uma criança, mas eu ainda não tinha tido nenhum sinal. Sim, Hartley, você será pai daqui a sete ou oito meses.

Ele fitou o ventre, quase completamente coberto pela sua mão. Em seguida, ergueu os olhos para ela. Levou um momento para que a novidade se assentasse na sua mente, e então Hartley sentiu um ardor em seus olhos. Ele piscou rapidamente e com todo carinho beijou o local onde o seu filho crescia. Uma fração de segundo depois ele sentou ereto e encarou-a horrorizado.

— Meu Deus, mulher, você acabou de fazer amor comigo na escada!

— Na mesa da cozinha, na escrivaninha e...

Ele parecia tão apavorado, com medo de que a tivesse machucado de algum modo, que Alethea teve de engolir a risada.

— Isso não machuca o bebê. Você só fez amor comigo em locais estranhos, Hartley, não me jogou escada abaixo ou coisa do tipo. Estou bem. O bebê está bem. E nós dois ficaremos bem, não importa quanto ou onde você fizer amor comigo.

Com um suspiro que era tão cheio de alívio quanto de descrença, ele puxou-a para seus braços. — Eu a amo, e já amo a criança. Suponho que Olímpia não tenha dito o que era?

— Não, ela disse apenas que havia uma criança. Posso estar enganada, pode ser apenas um desejo para satisfazê-lo com um herdeiro, mas acho que é um menino.

— Você tem algum nome que gostaria muito de colocar?

— Não. Mas acho que você deve ter, não tem?

— Sim, eu gostaria de colocar o nome da minha irmã na nossa primeira filha e do meu irmão no nosso primeiro filho. Os dois morreram muito jovens.

— Então assim será. Sempre quis ter um filho, mas, devido aos tipos de nomes que existem na nossa família, só conseguia pensar em colocar nomes simples como Mary ou John. Não vejo a hora de conhecê-lo. Vai ser uma longa espera.

— E valerá cada mês. — Ele beijou-a. — Eu a amo.

— Eu também o amo.

— Acho que precisamos comemorar.

— É mesmo? Como?

Ele pulou da cama, ergueu-a em seus braços e apanhou o cobertor. — Ainda não fizemos amor na adega de vinho.

Alethea entrelaçou os braços ao redor do pescoço dele e riu o tempo todo enquanto eles desciam a escadaria.



## EPÍLOGO

— ALETHEA, ONDE VOCÊ ESTÁ?

— Na sala, Germaine — Alethea gritou de volta. — Percebi aquele tom na voz dela, Justus — ela disse ao filho, que a fitava com os mesmos olhos do pai. — Ela só está muito feliz.

Um segundo depois, Germaine girou dentro da sala. Em seguida, fez uma cortesia para Alethea e depois uma para seu priminho, Justus, que lutava para ficar em pé. "Com somente nove meses de idade já está cansado de ser um bebê", Alethea pensou com carinho.

Ela olhou então para Germaine e quase deixou escapar um gemido. Pelo jeito, Germaine achava que estava apaixonada outra vez. Para uma moça que era tão madura e sensível, Germaine tinha se revelado uma romântica incorrigível que todo mês achava que tinha conhecido o seu verdadeiro amor. Ela se apaixonava por um rostinho bonito, roupas elegantes e bons modos com muita facilidade. Mas nem Alethea e nem Hartley tinham coragem de negar que a menina se divertia, pois tinham certeza de que ela não iria cometer nenhuma tolice tal como fugir para se casar às escondidas no meio da noite ou destruir seu bom nome. Entretanto, Alethea realmente desejava que ela superasse logo o estágio de entrar e sair de um novo amor.

— Quem é o homem de sorte desta vez? — Alethea perguntou.

— Tristan Maccleby. Barão Maccleby. — Germaine pousou as mãos sobre o coração e suspirou de um modo dramático. — Ele é o homem mais lindo, mais elegante, o...

— ... mais pobre e endividado namorador que já vestiu uma calça — Alethea disse, depois de ter investigado com muito cuidado todos os jovens que circulavam pelos salões de baile e pelas salas da alta sociedade, justamente por esse motivo.

Germaine pisou em falso ao parar e olhou horrorizada para Alethea. — Tem certeza?

E esse era, Alethea pensou, outro motivo pelo qual ela e Hartley não faziam nada sobre os muitos vôos românticos de Germaine. A menina escutava quando eles contavam o que sabiam sobre o escolhido do dia. Ela sempre acreditava que eles estivessem dizendo a verdade, e eles tratavam a confiança com todo o respeito merecido.

— Temo que sim. Ele só é recebido em todos os lugares porque o pai é um duque muito poderoso.

Germaine suspirou e se jogou sobre o assento ao lado de Alethea. Infelizmente, o movimento brusco fez com que o pequeno Justus caísse. Ele aterrissou sobre o traseiro bem acolchoado e fez uma careta para Germaine. Alethea soltou uma risadinha, pois ele parecia muito com o pai quando fazia uma careta, apesar de ter os cabelos pretos iguais aos seus.

— Oh, sinto muito, rapazinho — Germaine disse e pegou o garotinho, beijando a sua bochecha, aparentemente sem perceber o fio de baba que pingava sobre o seu vestido elegante.

Alethea viu algo quando Germaine esticou os braços para pegar o menino e colocou a sua costura de lado. Ela ergueu a manga do vestido de Germaine e franziu a testa ao ver o enorme arranhão que havia lá.

— Como você fez isso?

— Oh, eu estava passeando com um grupo pelos jardins de Lady Gideon e tropecei em uma roseira muito, muito grande e contorcida. Foi Lorde Maccleby quem me ajudou a levantar, e ele pareceu tanto com um herói, com o sol reluzindo em seus cabelos. Nunca poderia imaginar, só de olhar, que ele fosse um caça-dotes, traiçoeiro e conquistador. Mas não se preocupe. Foi apenas um arranhão. Só sangrou um pouquinho.

— Mesmo assim acho melhor eu lavar e colocar alguma pomada.

Alethea se levantou ao mesmo tempo em que seu filho colocou a mãozinha direita no arranhão de Germaine.

— Ah, não, meu querido, isso ainda não foi limpo. — Ela ergueu a mãozinha do arranhão e exclamou.

— O que foi? Está sangrando outra vez? — Germaine olhou para o arranhão e contraiu as sobrancelhas. — Não está mais feio e vermelho como estava há um minuto. — O ritmo das suas palavras foi diminuindo até parar à medida que seu olhar voltava-se para Justus, que estava se contorcendo nos braços da mãe para voltar ao chão. — Mas ele é apenas um bebê! Ele não deveria esperar até que ficasse mais velho antes de obter um dom?

Alethea colocou o filho no chão e depois caiu sentada ao lado de Germaine.

— Sei que ele é apenas um bebê, mas isto às vezes acontece dessa maneira. Nosso primo, Paulinho, não tinha cinco anos de idade ainda quando começou receber seus alertas de perigo. Talvez tenha sido o ar fresco que arejou o ferimento, atenuou a irritação que tinha deixado o local vermelho.

— Ela procurou por uma agulha dentro do cesto de costura enquanto Justus tentava ficar em pé outra vez.

— O que você vai fazer com isso?

— Vou tentar ver se era um ferimento de verdade ou apenas uma irritação que já passou. — Alethea furou a ponta do seu dedo com a agulha.

— Ai!

Prendendo o fôlego, ela esticou o braço na direção de Justus. Ele franziu o semblante adorável e segurou o dedo da mãe. Para seu espanto e deleite, o menino lhe deu um beijo barulhento e melado na ponta do dedo. Mas o divertimento acabou quando ela sentiu um calor diferente que não tinha nada a ver com baba de bebê. Ela sabia o que significava aquele calor. Sempre que alguém que tinha o poder da cura a tocava, ela sentia aquele mesmo calor. Lentamente, ela recuou o braço, olhou para o dedo e não viu nada.

— Talvez tenha sido um corte tão pequeno que fechou rápido, e a baba lavou todo o sangue — disse Germaine enquanto olhava fixamente para o dedo de Alethea.

— Pode ser. — Mas Alethea tinha a sensação de que não era nada disso.

— Bem, não podemos sair nos machucando e o fazer tocar nos nossos ferimentos só para termos certeza. Pelo que me lembro dos curandeiros que

ajudaram meu tio, curar outras pessoas pode enfraquecer quem o faz. Não quero enfraquecer o pobre Justus.

— Não. — Alethea olhou para Justus, que tinha conseguido se levantar sozinho e balançava o corpinho para cima e para baixo sobre as perninhas gordinhas. — Ele não aparenta estar sentindo nenhuma fraqueza.

Germaine voltou os olhos para seu braço novamente.

— Se é para ter um dom tão cedo, pelo menos é o da cura. Isso não deve ser um grande problema, não é mesmo?

— Não a menos que ele agarre alguém que não entenda ou que seja supersticioso e cure algum ferimento ou doença. Quando uma criança recebe o seu dom tão cedo, torna-se muito difícil guardar segredo. — Ela carregou o sobrolho. — Talvez fosse melhor mandar chamar Estefan e Darius.

— Você acha que eles podem nos ajudar a dizer se Justus tem mesmo o dom da cura?

— Bem, Estefan também tem, e às vezes um curandeiro pode sentir o outro. E Darius vê as auras e diz que está aprendendo a diferenciar a aura de um vidente da de um curandeiro e assim por diante. Ele acha que isso pode ser útil para a nossa família.

— Então vamos mandar chamá-los o mais rápido possível.

Enquanto se levantava para pegar o sininho para chamar Cobb, Alethea perguntou:

— Mas por que a pressa? Justus não vai a lugar algum.

— Eu gostaria de ter uma resposta, e acho que vai ajudar muito se tivermos uma quando meu tio chegar em casa.

Alethea bateu a cabeça contra a porta.

— Oh, castigo infernal.

Apesar de saber que estava fazendo o possível, Alethea não conseguia parar de andar de um lado para o outro enquanto esperava por Estefan e Darius para lhe dizer o que eles sabiam e o que não sabiam sobre Justus. Desde que Germaine tinha mencionado a chegada de Hartley, ela estava anestesiada. Ele amava o filho, e ela não tinha dúvida de que continuaria amando mesmo que Justus mostrasse ter um dom tão cedo. Mas, mesmo assim, a novidade ia ser um choque.

— Bem — disse Estefan ao colocar Justus no chão e limpar a baba do bebê da sua camisa. — Acho que você tem um curandeiro muito poderoso.

Darius concordou.

— A aura está correta. — Ele ergueu a mão. — E dê uma olhada aqui. Ela olhou.

— Não tem nada aí.

— Exatamente. Quando cheguei, eu tinha um corte aqui. Estava começando a cicatrizar, e então Justus tocou em mim. Senti aquele calor, Alethea. Aquele calor transmitido por alguém que tem o poder da cura. E então olhei e o ferimento tinha desaparecido por completo. Ele vai ser um curandeiro muito poderoso, Alethea. E olhe para ele. Não está nem

cambaleando. O que acha de um menino tão pequeno curar um corte e não ficar nem um pouco sonolento? É maravilhoso.

Alethea passou os dedos entre os cabelos e ignorou o som dos grampos caindo no chão.

— Oh, sim. É maravilhoso. Mas o que vou dizer ao meu marido?

— Eu não sei. O que *você vai* dizer para o seu marido?

Aquela voz grave vindo por detrás paralisou Alethea. Ela notou que Germaine, Estefan e Darius enrubesceram, culpados. Virar, dizer que não era nada e sorrir, obviamente não ia funcionar agora.

Ela virou e viu que Hartley olhava muito sério para o filho. Ele avançou e pegou a criança no colo, que lhe deu um beijo barulhento e babado no queixo. Em seguida, ele olhou o menino por inteiro e então se voltou para Estefan.

— Aconteceu algo com o meu filho? — perguntou. — É por isso que você está aqui, Estefan?

Alethea correu para o lado de Hartley.

— Oh, não, não. Não aconteceu nada. Realmente. Só pedi para Estefan e Darius virem aqui porque achei que Justus já está mostrando alguns sinais de que tem um dom.

— O quê? Mas ele é um bebê.

— Eu sei.

Alethea contou-lhe sobre o arranhão de Germaine e como tinha sido curado e depois sobre o seu dedo furado pela agulha. Ela sabia que estava

falando sem parar, mas não conseguia evitar. Ela se consolou com fato de que pelo menos estava conseguindo contar toda a história. Havia muitos detalhes dispensáveis, mas ela não estava conseguindo raciocinar com clareza suficiente para ir direto aos pontos que deveriam ser contados.

Hartley ouviu sua esposa falar sobre a última paixão de Germaine, sobre os arranhões na roseira, alfinetadas, baba, o chamado por Estefan e Darius e a descoberta da verdade. Quando ela finalmente parou de falar, ele inclinou o corpo para frente e beijou-a. Depois olhou para Estefan.

— Justus não está doente? — ele perguntou.

— Não — Estefan confirmou.

— Então, você está aqui para tentar descobrir algo mais sobre o meu filho. Sobre um dom?

— Sim. — Estefan suspirou. — Uma vez que percebo que as mulheres estão emudecidas pela surpresa, vou lhe contar que temos certeza absoluta de que o seu filho já está dando sinais de ter um dom muito poderoso da cura.

— Entendi. — Hartley olhou para Alethea e depois de volta para os outros. — Talvez, Germaine, você pudesse acompanhar os jovens até a cozinha e ver se a senhora Huxley tem algo para vocês comerem. E agradeço aos dois por terem atendido tão rápido ao chamado da minha esposa.

— Não foi trabalho algum — disse Darius enquanto seguia Germaine e Estefan para fora da sala. — Foi maravilhoso ver a aura de um novo curandeiro tão poderoso. O senhor deveria ficar muito orgulhoso.

Alethea olhou para Hartley, que olhava fixamente para Justus.

— Sinto muito.

Ele pousou o braço ao redor do corpo dela e puxou-a para mais perto, então beijou-a no alto da cabeça.

— Você não tem nada com que se desculpar. Nós dois sabíamos que isso poderia acontecer. — Ele riu. — Eu só não esperava que fosse acontecer com uma criança que nem sabe falar ou andar e que parece ter uma fonte inesgotável de baba.

— Você não está aborrecido?

— Apenas me responda uma coisa: ainda surgirão mais dons?

— Não, duvido. Bem, é muito raro para um curandeiro ter outro dom além do da cura. Pode surgir alguma coisa mais para frente, quando ele entrar na adolescência, por exemplo, mas nada tão forte quanto o primeiro dom revelado.

— Então tenho um filho que pode curar as pessoas, apesar de ainda faltar três meses para ele completar um ano de idade.

— Creio que sim. — Ela fez um afago na cabeça do filho. — Ele vai ser muito poderoso também.

— Eu a amo — Hartley disse e beijou-a.

— Eu também o amo.

— Não se preocupe, meu amor. Não estou aborrecido. Só estou um pouco preocupado por ele ser muito pequeno ainda para manter a discrição, mas não estou nem um pouco aborrecido. — Ele sorriu. — Céus, tenho um curandeiro muito poderoso aqui. Poderia ter sido outro Modred. Apesar de

gostar muito do seu primo, fiquei com muito medo que nosso filho pudesse ter vindo com aquele dom. Mas não, Darius tem razão. Eu deveria ficar muito orgulhoso, e estou. Agora, a senhora Huxley assou bolo de gengibre: acho que poderíamos ir até a cozinha para comemorarmos.

Alethea cruzou o braço ao redor de Hartley, e eles seguiram para a cozinha. Olímpia estava certa a respeito do que tinha visto sobre seu futuro. Alethea era muito feliz.

DIGITALIZADO POR:



Ebooks Grátis

*☪ All Creatures of the night get together After dark ☪*